



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Tecnologia e Ciências
Escola Superior de Desenho Industrial

Daniele Dickow Ellwanger

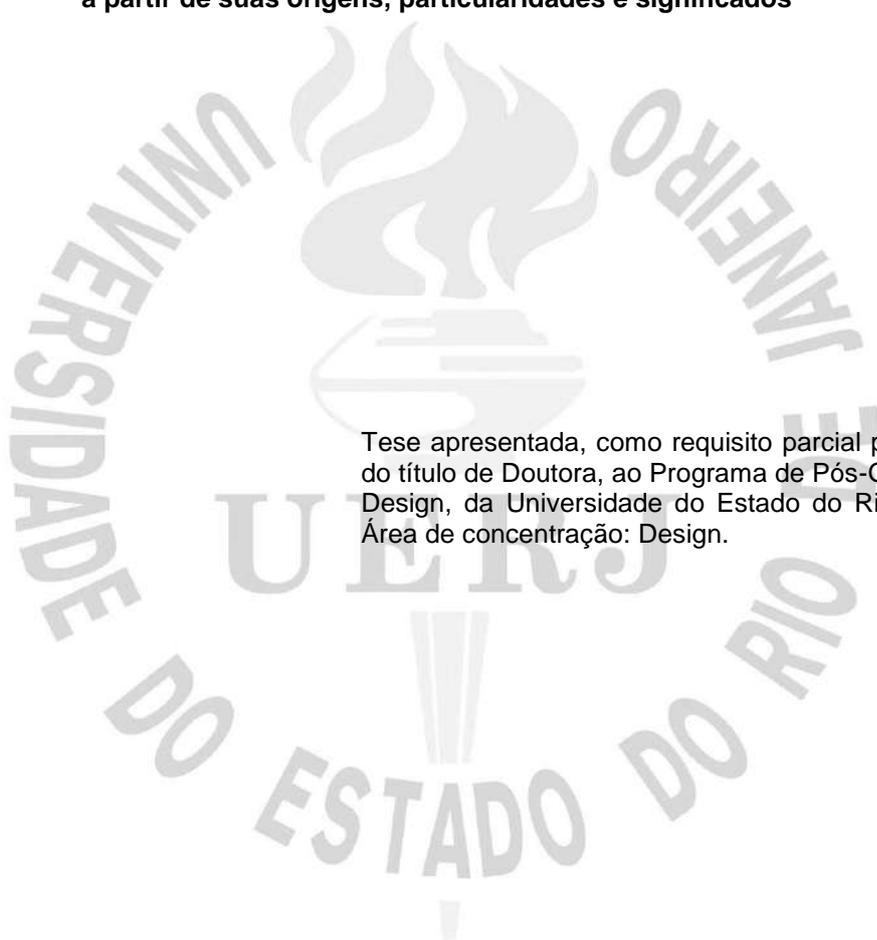
**Design como expressão da capacidade humana:
estudo sobre os artefatos presentes na Quarta Colônia de imigração italiana,
a partir de suas origens, particularidades e significados**

Rio de Janeiro

2016

Daniele Dickow Ellwanger

**Design como expressão da capacidade humana:
estudo sobre os artefatos presentes na Quarta Colônia de imigração italiana,
a partir de suas origens, particularidades e significados**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Design, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design.

Orientadora: Profa. Dra. Lucy Carlinda da Rocha de Niemeyer

Rio de Janeiro
2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CTC/G

E47 Ellwanger, Daniele Dickow.

Design como expressão da capacidade humana: estudo sobre os artefatos presentes na Quarta Colônia de imigração italiana, a partir de suas origens, particularidades e significados / Daniele Dickow Ellwanger. - 2016.

470p. : il.

Orientador: Lucy Carlinda da Rocha de Niemeyer.

Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial.

1. Imigrantes italianos - Brasil - História - Aspectos culturais - Teses. 2. Artes e ofícios - Imigrantes italianos - Rio Grande do Sul - História - Teses. 3. Utensílios domésticos - Imigrantes italianos - Rio Grande do Sul - História - Teses. 4. Imigração italiana - Brasil - História - Teses. 5. Artesanato - Imigrantes italianos - Rio Grande do Sul - História - Teses. I. Niemeyer, Lucy. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Escola Superior de Desenho Industrial. III. Título.

CDU 7.05:314.742(450)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Daniele Dickow Ellwanger

**Design como expressão da capacidade humana:
estudo sobre os artefatos presentes na Quarta Colônia de imigração italiana,
a partir de suas origens, particularidades e significados**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Design, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design.

Aprovada em 21 de dezembro de 2016.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Lucy Carlinda da Rocha de Niemeyer (Orientadora)
Escola Superior de Desenho Industrial – UERJ

Profa. Dra. Ligia Maria Sampaio de Medeiros
Escola Superior de Desenho Industrial – UERJ

Prof. Dr. Sydney Fernandes de Freitas
Escola Superior de Desenho Industrial – UERJ

Prof. Dr. Fernando Betim Paes Leme
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Valdir Ferreira Soares
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2016

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Diogo e Vera, por sempre apoiarem as minhas escolhas.

À minha orientadora, Lucy Niemeyer, por ter me dado mais uma oportunidade de estar ao seu lado e me permitir o usufruto de todo o seu conhecimento.

À minha tia-avó, Sibila, por mais uma vez me acolher em sua casa.

Ao Centro Universitário Franciscano, por proporcionar incentivo à minha qualificação, disponibilizando-me um financiamento para a realização dos meus estudos no Rio de Janeiro, durante o período de afastamento.

Aos Senhores Adrioni Alberti, Aléssio Borin, Elisa Foletto, Jorge e Ivanilde Pauletto, Zeferino Sachet e Claudete Vestena, por terem aceitado participar da minha pesquisa e me contado sobre as histórias de suas famílias.

Às diversas pessoas que, seja de forma material ou emocional, apoiaram-me nessa jornada, ofereço minha eterna gratidão.

A Deus, pela força que me fez chegar ao ponto final deste trabalho.

Só agimos sob a fascinação do impossível.

Emil Cioran (apud Reyes, 2015, p. 119)

RESUMO

ELLWANGER, Daniele Dickow. **Design como Expressão da Capacidade Humana**: estudo sobre os artefatos presentes na Quarta Colônia de imigração italiana, a partir de suas origens, particularidades e significados. 2016. 470 f. Tese (Doutorado em Design) - Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

O presente trabalho visou analisar os artefatos trazidos, confeccionados ou adquiridos pelos imigrantes italianos, os quais se estabeleceram na região da Quarta Colônia, no centro do Estado do Rio Grande do Sul, e como eles se faziam presentes na vida de seus descendentes. Para tanto, foram abordadas questões referentes às características que nortearam a emigração na Itália, a imigração italiana no Brasil e no Rio Grande do Sul e o assentamento na região da Quarta Colônia; ao entendimento do termo “cultura”, atrelado, ainda, à memória, identidade, sociedade, afetividade e design; às relações existentes entre o fazer artesanal e o campo do design; e ao processo evolutivo humano, decorrente das transformações tecnológicas, à definição de artefato e seus semelhantes, aos tipos de artefatos desenvolvidos na região de Vêneto, na Itália, além das unidades produtivas que se estabeleceram no Rio Grande do Sul e do processo de inserção do designer na indústria e no comércio. A partir dessa fundamentação teórica, realizou-se uma pesquisa de campo que abrangeu os depoimentos de seis entrevistados, os quais, posteriormente, foram descritos. Os participantes da pesquisa, então, apresentaram suas coleções e permitiram a realização de registros fotográficos. Tal disponibilidade propiciou a catalogação e a classificação de mais de 300 artefatos por meio das Normas de Inventários de Ciência e Técnica utilizadas pelos museus e palácios portugueses. Após essa etapa, a análise desses artefatos deu-se a partir das dimensões interpretativas. Dessa forma, chegou-se aos resultados apresentados pelo cenário pesquisado, os quais proporcionaram a discussão sobre os artefatos da região e as circunstâncias que os cercam.

Palavras-chave: Design de produto. Colônia italiana. Cultura material. Dimensões interpretativas.

ABSTRACT

ELLWANGER, Daniele Dickow. **Design as Expression of Human Capacity**: study on the artifacts present in the Quarta Colônia of Italian immigration, from its origins, particularities and meanings. 2016. 470 f. Tese (Doutorado em Design) - Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

The following paper aimed at analyzing the artifacts brought in, made or acquired by the Italian immigrants, who settled in the region of Quarta Colônia, in the center of Rio Grande do Sul state, and how they were present in the lives of their descendants. For doing so, some questions about the following topics were considered: the characteristics that guided emigration in Italy, Italian immigration in Brazil and Rio Grande do Sul and the settlement in the region of Quarta Colônia; the understanding of the term “culture”, also linked to memory, identity, society, affectivity and design; the relations existing between the craftsmanship and the field of design; and the human evolutionary process, due to the technological transformations, the definition of artifact and its likeness, the types of artifacts developed in the Veneto region, Italy, besides the productive units that were settled in Rio Grande do Sul and the process of insertion of the designer in industry and commerce. From this theoretical base, a field research, which involved the testimonies of six interviewees, which were later described. Then, the research participants presented their collections and allowed photographic records to be made. This availability led to the cataloging and classification of more than 300 artifacts through the Standards of Science and Technique Inventories used by Portuguese museums and palaces. After this stage, the analysis of these artifacts occurred from the interpretative dimensions. Then, the results achieved presented the researched scenario, which enabled some discussion about the artifacts of the region and the surrounding circumstances.

Keywords: Product design. Italian colony. Material culture. Interpretative dimensions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Vapor italiano <i>Giulio Cesare</i>	27
Figura 2 -	Mapa da Itália com grifo destacando as regiões ao norte do país, representativas da imigração para o Brasil	29
Figura 3 -	Detalhe das regiões ao norte da Itália, de onde os imigrantes partiram para o Brasil: Vêneto, Lombardia, Trentino-Alto Ádige e Friuli-Venezia Giulia	30
Figura 4 -	Localização da região serrana do Rio Grande do Sul	31
Figura 5 -	Zona colonial italiana, na serra gaúcha, em destaque	32
Figura 6 -	Imigrantes italianos, no barracão coletivo, à espera do recebimento das terras	33
Figura 7 -	Abrigo entre raízes de árvore	33
Figura 8 -	Detalhe de casa de pedra	34
Figura 9 -	Interior de casa de pedra usada para armazenamento da uva e produção do vinho, pertencente à família de Inês Strapazon, no centro da imagem	34
Figuras 10 e 11 -	Detalhes da casa	35
Figura 12 -	Casa de pedra rebocada	35
Figuras 13 e 14 -	Relógio e móvel	36
Figuras 15 e 16 -	Dormitórios do casal e dos filhos	36
Figura 17 -	Banheiro	37
Figuras 18 e 19 -	Casas de Antônio Prado	37
Figura 20 -	Casa de Antônio Prado	37
Figuras 21 e 22 -	Representação da religiosidade presente nos dormitórios	38
Figuras 23 e 24 -	Capitéis encontrados em Antônio Prado	39
Figura 25 -	Lidas nos parreirais	41
Figuras 26 e 27 -	Preparo da massa e outras comidas tradicionais, como o pão, o salame e a polenta	42
Figura 28 -	Moinho antigo	42
Figura 29 -	Antiga ferraria da família Ferri	43
Figuras 30 e 31 -	Ferramentas e maquinário da antiga ferraria da família Ferri	43
Figuras 32 e 33 -	Técnicas de macramé e crivo, respectivamente	45
Figuras 34 e 35 -	Chapéus e cestas produzidos por meio de técnicas de trançado ..	45
Figura 36 -	Rede ferroviária	49
Figura 37 -	Estrada geral de acesso à Colônia Silveira Martins, em 1882	49
Figura 38 -	Carreta de imigrantes	50
Figura 39 -	Primeira missa dos colonos, ocorrida próxima do Barracão de Val de Buia, em 1878	50

Figuras 40 e 41 -	Casa construída em tijolo cru e barro, em 1880, propriedade de Rafael Mario, Vale Vêneto; residência em pedra, de Antonio Baggio, Nova Palma; respectivamente	51
Figura 42 -	Ruínas da primeira casa de alvenaria, construída, em 1898, pela família Furlani Zavagna, Nova Palma (foto de 1981)	52
Figuras 43 e 44 -	“Sobradão” representativo da arquitetura rural vêneta, de 1905, construído pela família Rossi, em Arroio Grande; sobrado da família Marcuzzo, construído em 1916; respectivamente	52
Figura 45 -	Colonas italianas fazendo tranças de palha de trigo	53
Figura 46 -	Tamancos de madeira	53
Figura 47 -	Gaspar da Silveira Martins	54
Figuras 48 e 49 -	Moinho d’água, em Silveira Martins; Moinho Carlesso, em Val de Buia, construção de 1895, similar aos existentes na região vêneta, na Itália; respectivamente	55
Figura 50 -	Casa comercial “A Preferida”, de Artemio Cervi, em Silveira Martins	55
Figuras 51 e 52 -	Capela de São Francisco, primeira igreja de Vale Vêneto, 1879; atual Igreja Corpus Christi; respectivamente	56
Figuras 53 e 54 -	Primeira capela de São João do Polêsine; atual Igreja Matriz São João Batista; respectivamente	56
Figura 55 -	Primeiro Seminário Palotino do Brasil	58
Figuras 56 e 57 -	Hotéis Bisognin (1010-1935) e Pippi (déc. 1920-1945), em Silveira Martins, respectivamente	59
Figuras 58 e 59 -	Igreja Matriz de Santo Antônio de Pádua, na década de 1910, e sua torre em construção, em Silveira Martins, respectivamente	59
Figura 60 -	Cidades atuais que compõem a região da Quarta Colônia, localizada no centro do Estado do Rio Grande do Sul	60
Figuras 61 e 62 -	Machados	95
Figura 63 -	Serrote	96
Figura 64 -	Serra	96
Figura 65 -	Cunhas	96
Figura 66 -	Pegador ou pinça	97
Figura 67 -	Roca ou máquina de fiar	97
Figura 68 -	Rebolo ou mó	98
Figura 69 -	Bomba d’água	98
Figura 70 -	Enxada ou picão	99
Figuras 71 e 72 -	Foice e foicinhas	99
Figura 73 -	Gadanha	100
Figura 74 -	Diferentes tipos de forca	100
Figura 75 -	Pá	101

Figuras 76 e 77 -	Partes de arados	101
Figuras 78 e 79 -	Cangas	101
Figura 80 -	Mordaça	102
Figura 81 -	Sino	102
Figura 82 -	Debulhador	103
Figura 83 -	Triturador	103
Figura 84 -	Banco para apoiar e limpar o caldeirão	104
Figura 85 -	Bancos rústicos para sentar	104
Figura 86 -	Cadeira com assento em palha	104
Figura 87 -	Mesa da cozinha	105
Figura 88 -	Cama	106
Figura 89 -	Baú do enxoval	106
Figuras 90 e 91 -	Gaveteiro e roupeiro	107
Figura 92 -	Mesa com o moedor de carnes fixado à mesma	107
Figuras 93 e 94 -	O funil grande e o pequeno, respectivamente	108
Figura 95 -	Modelos de pá	108
Figura 96 -	Escumadeira	108
Figuras 97 e 98 -	Pá e colheres de madeira, respectivamente	109
Figura 99 -	Concha	109
Figuras 100, 101 e 102 -	Faca de matar, <i>masàngo</i> e <i>cortelina</i> , respectivamente	110
Figuras 103 e 104 -	Tábua para cortar carnes e massas e tipos de <i>panàro</i> , respectivamente	110
Figuras 105, 106 e 107 -	Caldeirão com alça, com pés ou apoiado num tripé, respectivamente	111
Figura 108 -	Panela pequena	111
Figura 109 -	Jarro	111
Figura 110 -	Frigideira	112
Figura 111 -	Fôrma decorada	112
Figura 112 -	Bacia	112
Figura 113 -	Cesta de ferro	113
Figuras 114 e 115 -	Cestas de tamanho maior e menor, respectivamente	113
Figura 116 -	Pilão e socador	114
Figuras 117 e 118 -	Barril e batedeira de manteiga	114
Figura 119 -	Barril para armazenar vinho	115
Figura 120 -	Modelos de torneira	115
Figura 121 -	Corrente com ganchos	116
Figura 122 -	Tripé para lareira	116
Figura 123 -	Churrasqueira/grelha	117
Figura 124 -	“Dente de leão”	117
Figura 125 -	Pá	117

Figura 126 -	Torradeira	118
Figuras 127 e 128 -	Moedores de café e de pimenta, respectivamente	118
Figura 129 -	Máquina de sovar massas	118
Figura 130 -	Máquina de fazer macarrão	119
Figura 131 -	Balança para pesar mercadorias	119
Figuras 132 e 133 -	Vassouras de sorgo e de capoeira, respectivamente	120
Figura 134 -	Pega mosca	120
Figura 135 -	Tina pequena	121
Figura 136 -	Tábua de lavar roupas	121
Figura 137 -	Ferros de passar roupas	122
Figura 138 -	Lampião	122
Figura 139 -	Lâmpada a gás	122
Figura 140 -	Armadilha para ratos	123
Figura 141 -	Cesta de palha trançada	123
Figura 142 -	Canal por onde escoava a água	123
Figura 143 -	<i>Ràcola</i>	124
Figura 144 -	Roda de madeira	124
Figura 145 -	Campos de fichamento utilizados pelos museus e palácios portugueses e seleção daqueles pertinentes à pesquisa	136
Figura 146 -	Aspectos selecionados e simplificados para descrição de cada artefato	138
Figura 147 -	Categorias e subcategorias para classificação dos artefatos	139
Figura 148 -	Sobrado da família Alberti	142
Figuras 149 e 150 -	Baú pertencente à família Alberti, e detalhe do mesmo, respectivamente	143
Figuras 151 e 152 -	Baús pertencentes à família Alberti, contendo, o primeiro, a inscrição “Porto Alegre” na sua face frontal	143
Figura 153 -	Detalhes de um baú pertencente à família Alberti	144
Figura 154 -	Armário localizado na cozinha do sobrado pertencente à família Alberti	145
Figuras 155 e 156 -	Mesa disposta numa das salas do sobrado pertencente à família Alberti, e detalhe da mesma, respectivamente	145
Figura 157 -	Cadeira pertencente à família Alberti	145
Figura 158 -	Cama pertencente à família Alberti	146
Figuras 159 e 160 -	Penteadeira pertencente à família Alberti, e detalhe da moldura do espelho, respectivamente	146
Figura 161 -	Ferramentas que eram pertencentes a imigrantes italianos da Quarta Colônia	147
Figuras 162 e 163 -	Fole, que era utilizado para reativar o fogo, e outras ferramentas pertencentes a imigrantes italianos da Quarta Colônia,	147

	respectivamente	
Figura 164 -	Exemplos de tabuinhas que faziam parte da cobertura das casas mais primitivas construídas na região da Quarta Colônia	148
Figura 165 -	Nicho para expor figura religiosa	149
Figuras 166 e 167 -	Detalhes do nicho e parte de trás do cepo esculpido	149
Figuras 168 e 169 -	Pia de lavar louça; e birô usado por médico, a partir de 1902; respectivamente	150
Figuras 170 e 171 -	Galpão onde funcionava a fábrica de móveis dos irmãos Iop; e detalhe da construção; respectivamente	151
Figuras 172 e 173 -	Imagens da lateral do galpão	152
Figura 174 -	Roupeiro transformado em cristaleira	153
Figuras 175 e 176 -	Roupeiro com uma porta e detalhe na face frontal do mesmo, respectivamente	153
Figura 177 -	Roupeiro com três portas	154
Figura 178 -	Bidê que compõe o conjunto de móveis para o dormitório do casal	154
Figuras 179 e 180 -	Milhos descascados, e palhas prontas para a manufatura, respectivamente	155
Figuras 181 e 182 -	Moldes, e artefatos prontos, respectivamente	156
Figuras 183 e 184 -	Suportes para painéis, encostos e assentos de cadeiras, e chapéu confeccionados por Ivanilde Pauletto, respectivamente	156
Figuras 185 e 186 -	Acervo pessoal de Ivanilde Pauletto	156
Figuras 187 e 188 -	Acervo pessoal de Zeferino Sachet	157
Figuras 189 e 190 -	Acervo pessoal de Zeferino Sachet	158
Figuras 191 e 192 -	Altar da Paróquia de Novo Treviso, esta de 1925	159
Figuras 193 e 194 -	Altar da capela do Museu Histórico Geringonça	159
Figuras 195 e 196 -	Área interna do Museu Histórico Geringonça	159
Figura 197 -	Recorte do Quadro 2 para mostrar a imagem 1 com seu código "AB - 2"	161
Figura 198 -	Recorte do Apêndice C para mostrar a ordem em que o artefato encontra-se no mesmo, ou seja, "Foto 2"	161

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Regiões Italianas Representativas da Imigração na Quarta Colônia, em Percentagem	48
Tabela 2 -	Participantes da Pesquisa e algumas Particularidades	134
Tabela 3 -	Possibilidades Interpretativas	302

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Descrição de um Artefato	139
Quadro 2 -	Relação de Ferramentas Artesanais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados	162
Quadro 3 -	Relação de Artefatos Artesanais, utilizados em Atividades Agropecuárias	169
Quadro 4 -	Relação de Móveis Artesanais	176
Quadro 5 -	Relação de Utensílios de Cozinha Artesanais	182
Quadro 6 -	Relação de Utilidades Domésticas Artesanais	190
Quadro 7 -	Relação de Outros Tipos de Artefatos Artesanais	191
Quadro 8 -	Relação de Ferramentas Semi-Industriais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados	194
Quadro 9 -	Relação de Artefatos Semi-Industriais, utilizados em Atividades Agropecuárias	201
Quadro 10 -	Relação de Móveis Semi-Industriais	205
Quadro 11 -	Relação de Utensílios de Cozinha Semi-Industriais	210
Quadro 12 -	Relação de Utilidades Domésticas Semi-Industriais	217
Quadro 13 -	Relação de Outros Tipos de Artefatos Semi-Industriais	219
Quadro 14 -	Relação de Ferramentas Industriais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados	223
Quadro 15 -	Relação de Artefatos Industriais, utilizados em Atividades Agropecuárias	225
Quadro 16 -	Relação de Móveis Industriais	227
Quadro 17 -	Relação de Utensílios de Cozinha Industriais	228
Quadro 18 -	Relação de Utilidades Domésticas Industriais	232
Quadro 19 -	Relação de Outros Tipos de Artefatos Industriais	236
Quadro 20 -	Evolução de Artefato, do Tipo “Plaina”	239
Quadro 21 -	Evolução de Artefato, do Tipo “Debulhador”	240
Quadro 22 -	Evolução de Artefato, do Tipo “Furadeira”	241
Quadro 23 -	Exemplos de Artefatos com Data Exata ou Aproximada, no Período do Final do Século XIX e Início do XX	242
Quadro 24 -	Exemplos de Artefatos com Data Exata ou Aproximada, na Década de 1920 ..	243
Quadro 25 -	Exemplos de Artefatos com Data Exata ou Aproximada, a partir da Década de 1950	243
Quadro 26 -	Comparativo entre Enxós da Itália e do Brasil	245
Quadro 27 -	Comparativo entre Moldureiras da Argentina e do Brasil	245
Quadro 28 -	Comparativo entre Painéis da Itália e do Brasil	246
Quadro 29 -	Artefatos oriundos da Itália	246
Quadro 30 -	Comparativo entre Baús da Itália e do Brasil	247

Quadro 31 -	Comparativo entre Moedores do Distrito Federal e do Rio Grande do Sul	248
Quadro 32 -	Comparativo entre Torradores do Distrito Federal e do Rio Grande do Sul	248
Quadro 33 -	Exemplos de Artefatos advindos de Pernambuco e Santa Catarina	249
Quadro 34 -	Artefatos feitos no Brasil e no Exterior	251
Quadro 35 -	Artefato feito fora do Brasil	251
Quadro 36 -	Artefatos produzidos no Brasil	252
Quadro 37 -	Comparativo entre Artefatos com e sem Inscrição de Procedência	253
Quadro 38 -	Comparativo entre Artefatos com e sem Inscrição de Procedência	254
Quadro 39 -	Comparativo entre Artefatos com e sem Inscrição de Procedência	255
Quadro 40 -	Comparativo entre Artefatos com e sem Inscrição de Procedência	256
Quadro 41 -	Artefato produzido em Cidade do Brasil	257
Quadro 42 -	Comparativo entre Artefatos de <i>Val Leogra</i> e da Quarta Colônia	258
Quadro 43 -	Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul	259
Quadro 44 -	Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul	260
Quadro 45 -	Comparativo entre Artefatos de <i>Val Leogra</i> e da Quarta Colônia	260
Quadro 46 -	Comparativo entre Artefatos de <i>Val Leogra</i> e da Quarta Colônia	261
Quadro 47 -	Comparativo entre Artefatos de <i>Val Leogra</i> e da Quarta Colônia	262
Quadro 48 -	Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul	263
Quadro 49 -	Comparativo entre Artefatos de <i>Val Leogra</i> e da Quarta Colônia	264
Quadro 50 -	Comparativo entre Artefatos de <i>Val Leogra</i> e da Quarta Colônia	265
Quadro 51 -	Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul	266
Quadro 52 -	Comparativo entre Artefatos de <i>Val Leogra</i> e da Quarta Colônia	267
Quadro 53 -	Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul	268
Quadro 54 -	Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul	269
Quadro 55 -	Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul	270
Quadro 56 -	Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul	271
Quadro 57 -	Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul	272
Quadro 58 -	Comparativo entre Artefatos de <i>Val Leogra</i> e da Quarta Colônia	273
Quadro 59 -	Comparativo entre Artefatos de <i>Val Leogra</i> e da Quarta Colônia	274
Quadro 60 -	Comparativo entre Artefatos de <i>Val Leogra</i> e da Quarta Colônia	275
Quadro 61 -	Comparativo entre Artefatos de <i>Val Leogra</i> e da Quarta Colônia	276
Quadro 62 -	Artefatos de Feitio Artesanal com Funções visualmente Indefinidas	279
Quadro 63 -	Artefatos de Feitio Artesanal com Funções visualmente Indefinidas	280
Quadro 64 -	Artefatos de Feitio Artesanal com Funções visualmente Indefinidas	281
Quadro 65 -	Artefatos de Feitio Artesanal com Funções visualmente Indefinidas	282
Quadro 66 -	Artefatos de Feitio Semi-Industrial com Funções visualmente Indefinidas	282
Quadro 67 -	Artefatos de Feitio Semi-Industrial com Funções visualmente Indefinidas	283
Quadro 68 -	Artefato Industrial com Função visualmente Indefinida	283
Quadro 69 -	Particularidades da Serra e do Picador	284
Quadro 70 -	Particularidades do Serrote, do Nicho e do Fuê	285

Quadro 71 -	Particularidades da Serrinha, da Plaina, da Panela e da Furadeira	286
Quadro 72 -	Particularidades da Ornamentação do Altar e da “Trampa”	287
Quadro 73 -	Particularidades da Plaininha e da Galocha	288
Quadro 74 -	Particularidades da Cristaleira e do Roupeiro	289
Quadro 75 -	Particularidades da Televisão	290
Quadro 76 -	Particularidades da Morsa e do Moedor	291
Quadro 77 -	Particularidades do Ferro de Passar Roupas	292
Quadro 78 -	Particularidades da Plaina e da Marreta	293
Quadro 79 -	Particularidades das Pás e da Panela	294
Quadro 80 -	Particularidades do Ralador e do Lampião	295
Quadro 81 -	Particularidades da Tábua e da Base	295
Quadro 82 -	Particularidades do Baú	296
Quadro 83 -	Particularidades da Bigorna e da Serra Tico-Tico	296
Quadro 84 -	Particularidades do Batedor e da Peça Ornamental	297
Quadro 85 -	Particularidades da Machadinha, da Tesoura, da Plaina e do Debulhador	298
Quadro 86 -	Particularidades do Batedor e da Peça Ornamental	299
Quadro 87 -	Particularidades da Balança e do Rádio	300

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Período de Origem dos Artefatos	238
Gráfico 2 -	Países de Origem dos Artefatos Classificados	244
Gráfico 3 -	Estados Brasileiros de Origem dos Artefatos Classificados	247
Gráfico 4 -	Incidência de Artefatos na Quarta Colônia e demais Cidades do Rio Grande do Sul	249
Gráfico 5 -	Incidência de Artefatos em Cidades do Rio Grande do Sul	250
Gráfico 6 -	Categorias dos Artefatos: Artesanal, Semi-Industrial e Industrial	277
Gráfico 7 -	Subcategorias de Artefatos obtidos por Meio Artesanal	277
Gráfico 8 -	Subcategorias de Artefatos obtidos por Meio Semi-Industrial	278
Gráfico 9 -	Subcategorias de Artefatos obtidos por Meio Industrial	278

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONDESUS	Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia
EMATER-RS	Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural
ESDI	Escola Superior de Desenho Industrial
MARGS	Museu de Arte do Rio Grande do Sul
PSM	Pia Sociedade das Missões
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	21
1	CARACTERÍSTICAS GERAIS QUE NORTEIAM A EMIGRAÇÃO NA ITÁLIA, A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL E O ASSENTAMENTO NA REGIÃO DA QUARTA COLÔNIA	23
1.1	Aspectos Socioeconômicos da Itália e a Emigração	23
1.2	Do Descobrimento da América aos Momentos Migratórios no Brasil e o Interesse pela Região Sul: Uma Breve História	25
1.3	Os Italianos no Rio Grande do Sul	28
1.3.1	<u>Habitações e Mobiliário</u>	32
1.3.2	<u>Religiosidade</u>	38
1.3.3	<u>Trabalho</u>	40
1.3.4	<u>Artesanato</u>	44
1.3.5	<u>Outros Costumes e Tradições</u>	45
1.3.6	<u>A Repressão Imposta pelo Estado Novo</u>	46
1.3.7	<u>Reação à Crise em Bento Gonçalves</u>	46
1.4	A Quarta Colônia	47
2	CULTURA E SUAS RELAÇÕES	61
2.1	Processos Culturais	61
2.2	Memória e Identidade	63
2.3	Memória e Construção de Identidade na Região da Quarta Colônia	65
2.4	O Processo de Tentativa de Aculturação e o Renascimento do Sentimento de Italianidade	67
2.5	Os Significados das Coisas	69
2.6	Cultura Material	70
2.7	Design, Cultura, Sociedade e Afetividade	71
3	O FAZER ARTESANAL E SUAS INTERFACES COM O DESIGN	74
3.1	A Formação do Campo do Design	74
3.2	As Corporações de Ofícios na Europa	75
3.3	A Revolução Industrial	77
3.4	O Artesanato no Brasil	79
3.5	Relação do Campo do Design com o Fazer Artesanal	81
4	TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS E REFERÊNCIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE ARTEFATOS NA QUARTA COLÔNIA	83
4.1	Processo Evolutivo Humano	83
4.1.1	<u>A Configuração Territorial: Tempo, Espaço, Técnicas, Objetos, Ações e Significados</u>	87
4.1.2	<u>Processo Evolutivo na Quarta Colônia</u>	91
4.2	Artefatos e seus Semelhantes: Definições	92

4.3	Artefatos Representativos da Região de Vêneto	95
4.3.1	<u>Artefatos para Manufatura ou Trabalho Pesado</u>	95
4.3.2	<u>Artefatos para Atividade Agropecuária</u>	99
4.3.3	<u>Mobiliário</u>	103
4.3.4	<u>Utensílios de Cozinha</u>	107
4.3.5	<u>Utilidades Domésticas</u>	120
4.3.6	<u>Outros</u>	122
4.4	O Desenvolvimento da Indústria no Rio Grande do Sul	125
4.5	O Design, a Industrialização e o Comércio	129
5	METODOLOGIA E TÉCNICAS	132
5.1	Normas de Inventário como Ferramenta para Catalogação e Classificação dos Artefatos	134
5.2	Método para Análise dos Artefatos e das Narrativas	139
5.3	Pesquisa de Campo	140
5.3.1	<u>Descrição das Entrevistas</u>	141
5.3.2	<u>Classificação dos Artefatos</u>	160
5.3.3	<u>Análise dos Artefatos e das Narrativas</u>	238
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	303
	CONCLUSÃO	308
	REFERÊNCIAS	310
	APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Aplicado aos Descendentes de Imigrantes Italianos	316
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, destinado aos Descendentes de Imigrantes Italianos	318
	APÊNDICE C – Descrição dos Artefatos de Aléssio Agostinho Borin (AB)	321
	APÊNDICE D – Descrição dos Artefatos de Zeferino Bridi Sachet (ZS)	380
	APÊNDICE E – Descrição dos Artefatos de Ivanilde Dotto Pauletto (IP)	403
	APÊNDICE F – Descrição dos Artefatos do Museu Histórico Geringonça (MG)	428

INTRODUÇÃO

Conforme a linha de pesquisa sobre Design, Teoria e Crítica, proposta pelo Curso de Doutorado em Design, da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o presente trabalho teve como tema a abordagem sobre as referências culturais advindas dos momentos migratórios ocorridos no Brasil, principalmente no período do final do século XIX até o início do século XX. A delimitação do tema caracterizou-se pelo estudo sobre os elementos representativos da cultura material dos imigrantes italianos, os quais se estabeleceram no Rio Grande do Sul, especificamente quanto àqueles que constituíram a região da Quarta Colônia, a qual, por sua vez, compreende, atualmente, os municípios de Silveira Martins, Ivorá, Nova Palma, Faxinal do Soturno, São João do Polêsine, Dona Francisca, Pinhal Grande, Agudo e Restinga Seca. Tal localidade, situada no centro do Estado em questão, ficou conhecida por Quarta Colônia porque se formou após os três primeiros assentamentos que se deram na região serrana.

Considerou-se relevante a abordagem desse assunto porque pouco se sabe sobre a cultura material que se encontra na Quarta Colônia, ao contrário do que se conhece sobre a serra gaúcha. Existe uma abundante bibliografia sobre a história da imigração italiana no Rio Grande do Sul, entretanto poucos são os estudos que abordam o problema relativo à valoração dos artefatos presentes nessa região em específico, quanto às suas origens, particularidades e significados. Por isso, houve um estímulo de se examinar como se deu a confecção ou a aquisição desses artefatos e quais os usos e os significados que obtiveram no decorrer de suas trajetórias. No mais, ao se estudar algo do passado, não se está necessariamente em busca de um fato novo, mas de se voltar para um determinado momento sob uma nova perspectiva.

A princípio, os artefatos encontrados na região podem ser considerados como modelos originais vindos da Itália para o Brasil, com características culturais italianas ou universalizadas; podem ter sido simplesmente reproduzidos aqui, conforme referências adquiridas por parte dos imigrantes no seu país natal ou a partir de outras origens; ou podem ter sido criados na região de assentamento para suprirem determinadas necessidades locais. Ao atravessar o período inicial de dificuldades que encontraram nas terras desconhecidas, em que o fazer artesanal, com materiais e ferramental disponíveis, supriu as primeiras necessidades, os imigrantes e seus descendentes passaram a adquirir novas tecnologias para a confecção de artefatos ou passaram a comprar utensílios e ferramentas industrializados, por exemplo, que executavam, com maior eficiência, as tarefas desejadas. Como consequência disso, muitos artefatos elaborados inicialmente para certa função, adquiriram diferentes usos e significados para as gerações de descendentes que se sucederam.

Dessa forma, objetivou-se analisar os artefatos trazidos, confeccionados ou adquiridos pelos imigrantes italianos e como eles se fizeram presentes na vida de seus descendentes. Para tanto, pretendeu-se realizar um levantamento sobre os artefatos presentes na Quarta Colônia de imigração italiana, considerando o final do século XIX até o início do século XX; averiguar as origens desses

objetos; distinguir os tipos de tecnologia empregados na sua confecção; estabelecer categorias para os artefatos pesquisados; identificar os seus diferentes usos em suas trajetórias; relatar a relação afetiva existente entre os descendentes e os objetos desenvolvidos até o início do século XX, observando-os nos seus percursos.

Os artefatos resultaram da força de trabalho desenvolvida pelos imigrantes italianos. Tais indivíduos encontraram nessa atividade a motivação para superar as angústias e os anseios de deixar para trás a sua pátria, na tentativa de adquirirem melhores condições de vida numa terra desconhecida. Diante desse contexto, esses artefatos, muito além do aspecto funcional e pragmático, proporcionaram aos descendentes uma relação afetiva com o passado, a qual se revela no presente.

Para discorrer sobre esse assunto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em fontes primárias e secundárias. O problema em questão pediu uma pesquisa qualitativa, tendo em vista a análise dos artefatos trazidos, confeccionados ou adquiridos pelos imigrantes italianos na região estudada, bem como de seus usos e significados no decorrer de seus trajetos. Para isso, realizou-se uma pesquisa de campo, onde a coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de entrevista, sendo esta de característica estruturada, com roteiro previamente estabelecido, a qual, posteriormente, foi descrita. Outro instrumento de coleta deu-se pelo registro fotográfico de todos os artefatos encontrados. Após essa etapa, eles foram catalogados e classificados com base nas Normas de Inventários de Ciência e Técnica utilizadas pelos museus e palácios portugueses, bem como sua análise realizou-se a partir das dimensões interpretativas pormenorizadas no Capítulo 5, o qual tratou sobre a metodologia e as técnicas empregadas para o desenvolvimento deste trabalho.

Os primeiros capítulos compuseram a fundamentação teórica, à medida que o Capítulo 1, com o título “Características Gerais que norteiam a Emigração na Itália, a Imigração Italiana no Brasil e no Rio Grande do Sul e o Assentamento na Região da Quarta Colônia”, abordou assuntos que compreenderam desde aspectos socioeconômicos da Itália até a chegada e o estabelecimento dos italianos ao extremo sul do Brasil. O Capítulo 2, “Cultura e suas Relações”, buscou o entendimento deste termo, relacionado, ainda, à memória, identidade, afetividade e design, para se compreender as transformações ocorridas e as significações manifestadas na comunidade em questão. Quanto ao Capítulo 3, intitulado “O Fazer Artesanal e suas Interfaces com o Design”, visou-se estabelecer uma relação sobre tais áreas e como se deu o desenvolvimento das mesmas na Europa e no Brasil. Tal fundamentação encerrou-se no Capítulo 4, “Transformações Tecnológicas e Referências para a Construção de Artefatos na Quarta Colônia”, em que se discorreu sobre o processo evolutivo humano, decorrente das transformações tecnológicas, a definição do termo artefato e de seus semelhantes, quais os tipos de artefatos desenvolvidos na região de Vêneto, na Itália, além de tratar sobre as unidades produtivas que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, desde seus primórdios até o pleno desenvolvimento do design. O capítulo seguinte, como mencionado acima, descreveu os métodos e as técnicas utilizadas para o desenvolvimento das pesquisas bibliográfica e de campo. Ao final, os resultados da pesquisa foram apontados para que se chegasse, então, às conclusões deste trabalho.

Dessa forma, os achados foram tratados com vistas a cumprir os objetivos mencionados inicialmente.

1 CARACTERÍSTICAS GERAIS QUE NORTEIAM A EMIGRAÇÃO NA ITÁLIA, A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL E O ASSENTAMENTO NA REGIÃO DA QUARTA COLÔNIA

Este capítulo fez-se necessário para se contextualizar a imigração italiana no Brasil, considerando desde os aspectos socioeconômicos da Itália, que incitaram o processo de emigração, até a chegada dos imigrantes na, então, Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em 1875, particularmente em se tratando da região da serra gaúcha. Tal população enfrentou severas calamidades, antes e durante seu estabelecimento nas terras a que foi destinada, dentre outras peculiaridades. Diante da necessidade de povoar a área central da Província, em 1877, muitos imigrantes foram encaminhados e assentados na Quarta Colônia Imperial de Silveira Martins, onde construíram suas casas, constituíram suas famílias e ascenderam por conta do seu trabalho.

1.1 Aspectos Socioeconômicos da Itália e a Emigração

Desde o início da Idade Média (século V), a Itália já era considerada como referência comercial por intermediar o caminho entre a Europa e a Ásia. Antes mesmo dos grandes descobrimentos marítimos, que ocorreram a partir do século XV, as cidades litorâneas desse país, como Veneza, Pisa e Gênova, entre outras, eram reputadas como mercantilistas por excelência, onde houve um desenvolvimento tecnológico consequente da dedicação do italiano ao trabalho artesanal. Comercializava-se o produto (joias, objetos de arte, tecidos, artesanato), fruto deste ofício, no mundo inteiro. Além disso, as renomadas casas bancárias italianas financiavam, a altos juros, os empreendimentos estabelecidos, principalmente, na Europa (PEREIRA, 1974, p. 40-41).

A sociedade italiana possuía hábitos discretos e costumes simples, observados, por exemplo, em suas vestes de tecido grosso, sem enfeites. Nas festas e no luto, participavam pessoas de todos os níveis sociais. Da mesma maneira, unidas, foram responsáveis pelo desaparecimento da aristocracia feudal (final do século XIII) e pelo crescimento político e econômico das cidades (PEREIRA, 1974, p. 40-41).

A dedicação às lides do campo e ao artesanato fez com que os italianos se tornassem grandes agricultores, bem como habilidosos nas artes e ofícios. O advento industrial e da ciência só veio a colaborar com o aperfeiçoamento de tais atividades, as quais eram desenvolvidas por meio de um sistema de trabalho familiar (PEREIRA, 1974, p. 93 e 95). Mas, com o passar do tempo, o sistema

artesanal acabou sendo suprimido pela produção industrial, o que dificultou a vida rural (BATTISTEL; COSTA, 1983, p. 600).

Em suma, a Itália do final do século XIX possuía as seguintes características:

era um país recém-unificado territorialmente, no qual as elites almejavam promover, igualmente, a unificação política e social, e as relações capitalistas de produção ganhavam espaço em determinadas regiões e noutras conviviam com relações de tipo feudal, o que gerava situações de confronto. Da mesma forma, a Revolução Industrial havia, de um modo geral, provocado rupturas e conflitos por intermédio dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos introduzidos na sociedade, o que também havia promovido um quadro de mudanças. Havia tensões entre clericais e liberais, a Igreja estava inquieta com a crescente perda de poder e de fiéis e as desigualdades sociais favoreciam o aparecimento de um quadro de efervescência social. A riqueza era desproporcionalmente distribuída, com um quadro demográfico em expansão concorrendo por recursos naturais limitados. [Dessa forma], o Estado-nacional [...] espelhava as contradições de uma sociedade em transformação para a era do capital (HOBSBAWN *apud* ZANINI, 2006, p. 38).

O espírito migratório do italiano aflorou por conta de problemas como as grandes densidades demográficas estabelecidas nas propriedades de terra, onde as famílias que prestavam serviços aglomeravam-se; a produção agrícola insuficiente para o sustento das numerosas proles; o esgotamento das terras; as péssimas relações entre trabalhadores e grandes proprietários; cobrança de impostos, taxas e arrendamentos das terras; restrição ao livre-arbítrio; o desflorestamento; as doenças que dizimavam vidas humanas, como a malária e a pelagra (esta causada pelo consumo excessivo de milho, um dos poucos alimentos que restaram aos italianos, provocando perturbações no cérebro); as altas taxas de analfabetismo; a desestruturação econômica familiar e a ameaça à moral camponesa (conservadora, familiar e patriarcal); as guerras decorrentes da unificação da Itália, que duraram 50 anos (intento alcançado em 1870), e da anexação da região de Vêneto; o serviço militar; convicções políticas divergentes; o fortalecimento da especulação capitalista, com a consequente proletarização do campesinato, contestada pelo clero ultramontano¹; e o desemprego advindo da era industrial. “Para a implantação de um estado moderno foi necessário abolir fronteiras, suprimir tradições, cobrar violentos impostos”. “A segunda metade do século XIX chegou a ser denominada de ‘o período das desgraças’, em especial para as populações do Norte da Itália”. Assim, a emigração representou uma solução para os italianos, o que, hipoteticamente, proporcionaria o afastamento da miséria, como de outros problemas já apontados, e também a manutenção de suas tradições e modos de vida (ANTONELLO, 1996; BATTISTEL; COSTA, 1983, p. 599; IACocca, 2011, p. 9; PEREIRA, 1974, p. 43-44; POSSAMAI, 2005, p. 64-65; VENDRAME, 2007, p. 25 e 44; ZANINI, 2006, p. 40-41 e 43).

A crise agrária ou “grande depressão” (1873-1895), resultado da oferta de trigo americano e russo a preços inferiores ao custo da produção italiana, degradou ainda mais a situação econômica do campesinato. Por sua vez, a crise agrícola foi responsável pela dissolução das fábricas artesanais, pois no Vêneto essas duas atividades eram complementares e dependentes (POSSAMAI, 2005, p. 60-61).

O Governo desse país “pouco se importou com a emigração. Pelo contrário, sentia-se satisfeito, pois assim aumentava seus privilégios e retirava-se do país boa parte da mão-de-obra

¹ Tal termo, no século XIX, descrevia “uma série de conceitos e atitudes do lado conservador da Igreja Católica e sua reação aos excessos da Revolução Francesa”, [...] passou a ser [divulgado] principalmente após a Unificação Italiana (1870), quando o catolicismo estava perdendo espaço frente aos apelos do mundo moderno” (VIEIRA *apud* VENDRAME, 2007, p. 27).

desqualificada”, o que favoreceu a indústria nacional. Além disso, teve como intuito amenizar os males sociais ao “exportar” os italianos pobres, que não possuíam direitos eleitorais (exceto 2% da população), muitos analfabetos, em que 80% deles “só conheciam o dialeto de origem”, os quais eram considerados, assim, como componentes da renda nacional. Os agentes, que recebiam uma porcentagem por emigrante embarcado, faziam a propaganda da viagem à América, em que exageravam na promessa de “um mundo esplêndido de riquezas”. Os atrativos referiam-se ao oferecimento de terras “à vontade, dinheiro para os primeiros investimentos, ferramentas e um clima semelhante ao norte da Itália”. Assim, partiu do norte deste país, o maior número de imigrantes para os Estados Unidos, Argentina, Uruguai, Brasil e outros países da América Latina, processo este que se deu a partir de 1861 (ANTONELLO, 1996; BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 14; BATTISTEL; COSTA, 1983, p. 600; CENTENÁRIO, 1975, p. 36; POSSAMAI, 2005, p. 58 e 71; ZANINI, 2006, p. 38, 41 e 44).

1.2 Do Descobrimento da América aos Momentos Migratórios no Brasil e o Interesse pela Região Sul: Uma Breve História

Apesar do descobrimento da América, por muito tempo não houve interesse de Portugal e Espanha em explorá-la. Somente mais tarde, com o intuito principal de povoar o território e recolher rendimentos à metrópole, surgiu o desenvolvimento de atividades, como o cultivo de cana-de-açúcar e a criação de gado, mas foi a descoberta de ouro que acabou atraindo milhares de pessoas para se estabelecerem na nova terra (PEREIRA, 1974, p. 47).

Segundo Pereira (1975, p. 48),

o bandeirante que procurava ouro e preava índio, abriu [...] caminhos, tomou conhecimento da terra e muitas vezes topou com o castelhano com quem teve de se bater. Atrás de si vinham os criadores de gado e muito mais tarde, em 1750, [...] Portugal amplia consideravelmente sua colônia, ficando mais ou menos com a configuração de hoje. Dessa maneira o povoamento [...] vai se delineando irregularmente, fruto da aventura, dos interesses pessoais, da ânsia de enriquecimento.

A colonização e o povoamento do Brasil basearam-se na grande propriedade e na mineração, com seus ciclos de abundância e de empobrecimento repentinos, o que condicionou toda a estrutura social e econômica do país. “Primeiro é a fase da cana de açúcar [sic] no Nordeste; depois a das minas em Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso; logo mais o algodão toma a dianteira e as regiões do litoral voltam a prosperar; por fim, nos meados do século XIX começa o ciclo do café”, alimento este que se tornou o principal produto de exportação (ANTONELLO, 1996; PEREIRA, 1974, p. 49).

De acordo com a política real portuguesa de aumentar o povoamento na região sul do Brasil, a fim de garantir a posse deste território e fazê-lo produtivo, coincidindo ainda com a superpopulação dos Açores, no início da segunda metade do século XVIII, os açorianos (de origem portuguesa)

chegaram ao Rio Grande do Sul. A partir do início do século XIX, o governo imperial² incentivou a vinda de alemães e, mais tarde, de italianos e poloneses, além de outros grupos étnicos europeus (ANTONELLO, 1996; BONI; COSTA, 1984).

Conforme Boni e Costa (1984, p. 25), a política de colonização foi dividida em três períodos, principalmente em relação ao Rio Grande do Sul:

- a) a promoção da colonização (1808-1830);
- b) a supressão da colonização devido à estabilização do sistema escravocrata (1830-1848);
- c) incentivo à imigração – não à colonização – como forma de substituir a mão-de-obra africana (1848-1889).

Após a última fase, a imigração passou a ser espontânea (BATTISTEL; COSTA, 1983, p. 599). Pode-se dizer que “o período de maior fluxo de imigração para o Brasil foi de 1879 a 1920. Nesse espaço de tempo, chegaram [neste país] [...] em torno de 1.243.633 indivíduos” (ALVIM *apud* ZANINI, 2006, p. 41).

A intenção do governo, promovendo a imigração, visava, entre outros motivos já citados, ao “branqueamento” da raça, isso como consequência do racismo da época, a fim de garantir a homogeneidade racial e cultural; à recatolização do Brasil; à descentralização da Coroa; à defesa nacional, quando, após a Independência (1822), houve a necessidade da organização de um exército; à extinção do tráfico negreiro (1850) e à abolição gradual da escravatura (intento alcançado em 1888); à criação de uma classe média agrícola de subsistência, dedicada à policultura em pequena propriedade, priorizando o trabalho livre; à formação de uma indústria nativa; e ao favorecimento do comércio (ANTONELLO, 1996; BATTISTEL; COSTA, 1983, p. 599; FLORES, 2004, p. 27; LAZZAROTTO, 1986, p. 43 e 53; PEREIRA, 1974, p. 56; POSSAMAI, 2005, p. 15 e 48; ZANINI, 2006, p. 11). Outro propósito era o de “elevar moralmente a sociedade nacional por meio da ética do trabalho do imigrante e de sua organização social, basicamente assentada na família” (ZANINI, 2006, p. 49).

Em troca, o governo forneceria aos imigrantes “transporte, instrumentos, animais e pequenos lotes de terra”, sementes, assistência médica, auxílio financeiro e sustento por um determinado período, liberdade religiosa e nacionalização imediata, promessas estas que foram cumpridas apenas em parte. A possibilidade de se tornarem proprietários de terras fascinava os italianos. Mesmo com a “suspensão de todos os favores em 1879, eles continuaram chegando” (ANTONELLO, 1996; BATTISTEL; COSTA, 1983, p. 599; PEREIRA, 1974, p. 55).

Ainda,

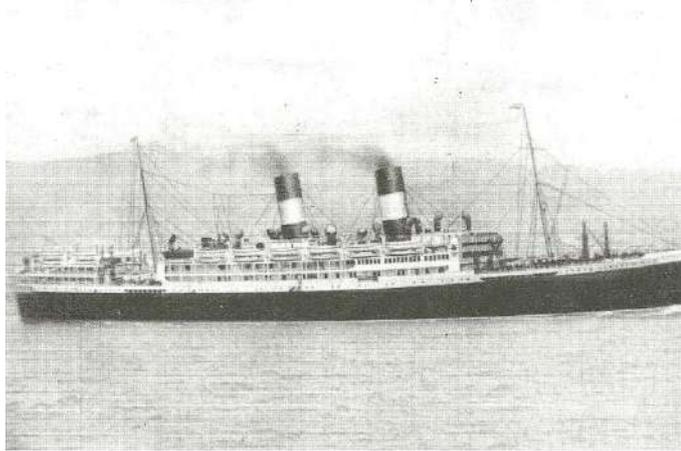
as transformações sociais e econômicas do 3º quartel do século XIX, o alto preço do café, a falta de mão de obra [sic] nacional, a melhoria das estradas, as ferrovias, o processo crescente da urbanização, a introdução, lenta embora, da máquina para o beneficiamento do café e com a qual o trabalhador escravo se mostrava incompatível, tudo isso favoreceu grandemente o surto imigracionista (PEREIRA, 1974, p. 57).

Para a travessia do Oceano Atlântico, as famílias mais abastadas viajavam em navios mercantis confortáveis, com suas roupas e outros pertences acondicionados em baús e caixas de

² Compreende a administração de D. João VI (1808-1822) e, na sequência, de D. Pedro I (1822-1831) e de D. Pedro II (1831-1889).

madeira. Já aquelas menos favorecidas financeiramente realizavam o trajeto em navios sem higiene, abarrotados de pessoas, o que propiciava surtos de epidemias que dizimavam os passageiros, sendo, por este motivo, lançados ao mar. Na Figura 1, exemplo de navio utilizado no trajeto Itália-Brasil (BATTISTEL; COSTA, 1983, p. 600; ZANINI, 2006, p. 87).

Figura 1 – Vapor italiano *Giulio Cesare*.



Fonte: BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 33.

Em 1824, então, colonos alemães chegaram à Província do sul, fato considerado como marco inicial da colonização no Brasil. A necessidade de mão-de-obra nos latifúndios monocultores, principalmente para o trabalho nos cafezais, em São Paulo, e, paralelamente, a crise socioeconômica da Itália promoveram a entrada, no Brasil, de imigrantes italianos somente em 1875 (BONI; COSTA, 1984, p. 27-31).

Daí proveio a espantosa emigração de italianos. Em 1885, entraram no Brasil, 21.765 italianos; em 1887, 40.157; em 1888, 104.353; em 1891, 132.326, não baixando, jamais, dos 30.000 por ano, até o fim do século. Mais de quatro quintos dos imigrantes vindos no [sic] Brasil, dirigiram-se para São Paulo. Entre 1875 e 1935, entraram no Brasil cerca de 1,5 milhões de Italianos (DE BONI; COSTA *apud* BATTISTEL; COSTA, 1983, p. 599).

De acordo com o produtor cultural Fernando Roveda, em depoimento no documentário *Colônias de Imigrantes: Colônia Italiana* (2011), com direção de Belisario Franca, os imigrantes que se estabeleceram em São Paulo, na verdade, tornaram-se escravos brancos, porque “trabalhavam para um senhor que era dono dos cafezais”. Advindos de várias localidades da Itália, eles misturavam-se no mesmo território. Ao contrário disso, no Rio Grande do Sul, os italianos recebiam um lote e tornavam-se proprietários da terra, sendo o conjunto desses terrenos ocupados e construídos por italianos da mesma procedência (ZANINI, 2006, p. 11). Com o passar dos anos, atingiram sua autonomia econômica, organizaram-se em sociedade (considerando-se as capelas) e protegeram sua identidade étnica (BATTISTEL; COSTA, 1983, p. 599).

A imigração italiana passou a diminuir por volta de 1900, com a crise do café, aliada à decisão emanada a partir do decreto Prinetti³, que “proibia o incentivo da imigração para o Brasil, motivada pela queixa dos italianos e respectivos cónsules em relação à situação que o País lhes

³ “Medida que levava o nome do ministro das Relações Exteriores da Itália” (OLIVEIRA, 2010, p. 36).

oferecia. [...] De 1901 a 1930, o contingente caiu para 26%”. Neste momento, ocorria também uma melhora da condição socioeconômica da Itália (OLIVEIRA, 2010, p. 36).

1.3 Os Italianos no Rio Grande do Sul

Os italianos, que partiram de Veneza ou Gênova, chegavam ao Rio de Janeiro e, em seguida, tomavam o rumo até o porto de Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul. Depois, eram enviados a Porto Alegre ou a pequenos portos do Caí e Rio Pardo e, dessas localidades, seguiam para os seus destinos finais, de carroça, para quem poderia pagar pelo serviço, ou a pé, era o que restava aos pobres (BATTISTEL; COSTA, 1983, p. 600).

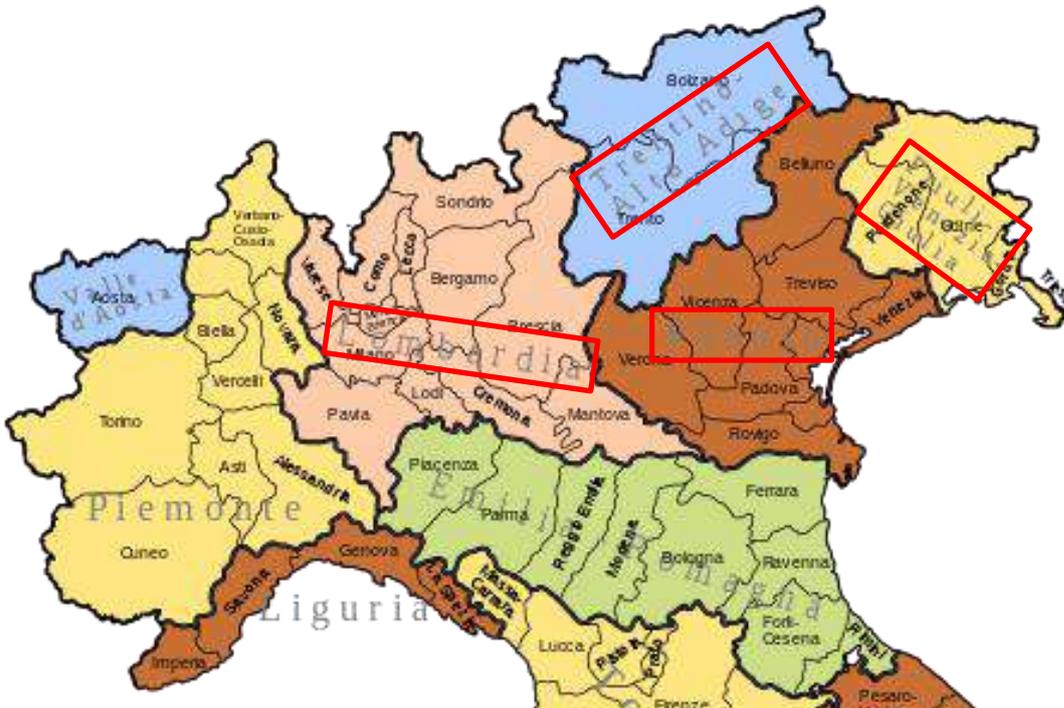
Os imigrantes que chegaram da Itália eram provenientes do norte desse país, região que foi a mais atingida pela crise econômica no momento da unificação e pelo desemprego decorrente da industrialização, entre outros motivos já citados no subitem 1.1. Quanto à proveniência, as Regiões mais representativas foram (ver mapas nas Figuras 2 e 3): Vêneto (54%), Lombardia (33%), Trentino-Alto Ádige (7%), Friuli-Veneza Giulia (4,5%) e outras (1,5%) (FROSI-MIORANZA *apud* BONI; COSTA, 1984, p. 79). “Cada região subdivide-se em províncias que, por sua vez, subdivide-se em cidades, municípios e vilas” (BATTISTEL; COSTA, 1983, p. 600).

Figura 2 – Mapa da Itália com grifo destacando as Regiões ao norte do país, representativas da imigração para o Brasil.



Fonte: WIKIPÉDIA, 2013; grifo meu.

Figura 3 – Detalhe das Regiões ao norte da Itália, de onde os imigrantes partiram para o Brasil: Vêneto, Lombardia, Trentino-Alto Ádige e Friuli-Veneza Giulia.



Fonte: WIKIPÉDIA, 2013; grifos meus.

Quando chegaram ao Rio Grande do Sul, na década de 1870, os italianos encontraram uma região com características consequentes da revolução industrial:

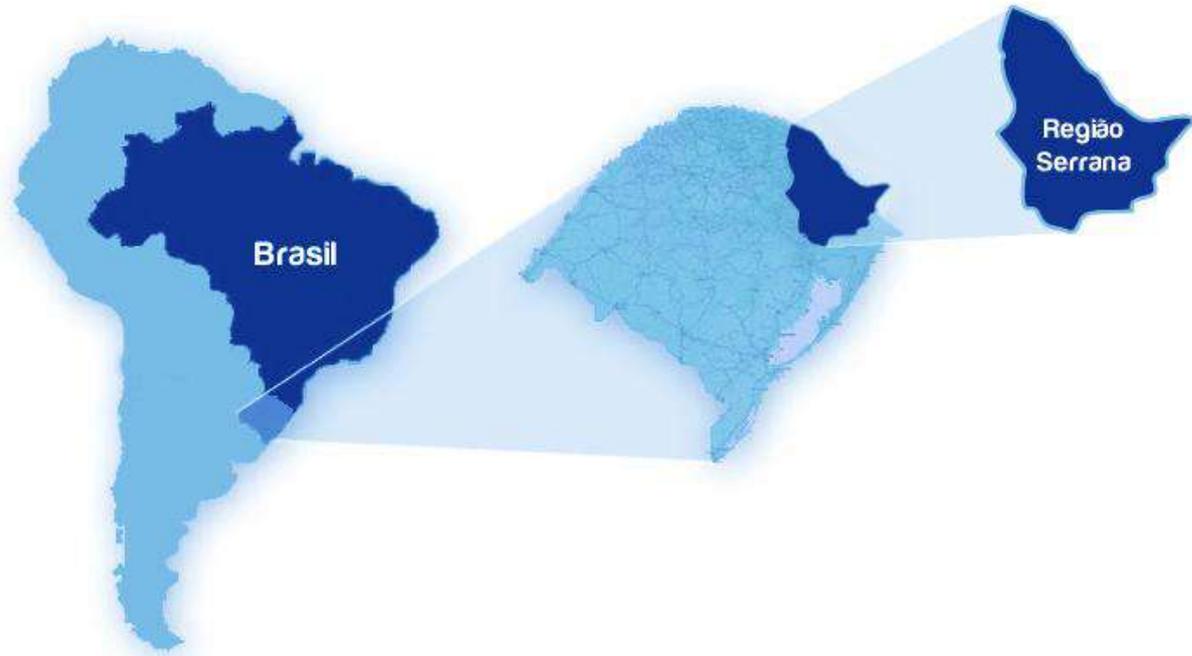
havia já estradas-de-ferro, rede telegráfica, um sistema bancário incipiente e uma organizada navegação fluvial, com barcos a vapor. A Província, embora basicamente marcada pela pecuária, contava já com uma grande produção agrícola, proveniente principalmente das colônias alemãs. A modernização fazia-se sentir também no domínio das letras e na importância que o ensino começava a ganhar na consciência de muitas autoridades. Politicamente, estavam curadas as feridas separatistas provocadas pela Guerra dos Farrapos [ou Revolução Farroupilha, 1835-1845] e o governo voltava a investir em obras públicas na região da Campanha; a Guerra do Paraguai [1864-1870] estava há pouco concluída quando aportaram os primeiros italianos, as campanhas do Prata eram fatos do passado, e a escravidão, proibida nas colônias, agonizava na Província (BONI; COSTA, 1984, p. 62-63).

Nessa época, tal Estado já tinha quadruplicado sua população provincial, ficando em torno de 440 mil pessoas. A maioria localizava-se na Depressão Central, no Litoral e na Campanha, e 1/6 dessa população total residia na zona de colonização alemã. Como as terras planas já estavam ocupadas, sobraram para os italianos e para os poloneses os terrenos acidentados da serra⁴ (ver mapa na Figura 4), com floresta selvagem e animais desconhecidos, “que não interessavam ao latifúndio pecuarista”. Os primeiros “apenas trouxeram roupas e algumas ferramentas: enxadas, foice e facão, para os trabalhos agrícolas” (POSSAMAI, 2005, p. 52; ZANCANARO *apud* COSTA, 1974, p. 101). As demais levadas de imigrantes carregaram consigo sementes de frutas e cereais, utensílios domésticos e instrumentos de carpintaria (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 22-23). A maioria dos italianos dizia-se agricultor para poder entrar no Brasil, já que o interesse do governo era por trabalhadores desta área. Mas, na verdade, muitos deles gostariam de exercer a profissão que

⁴ Região atualmente denominada de “serra gaúcha” (MACHADO; SAAD; SAAD, 2012, p. 58).

desenvolviam na Itália. Alguns já eram aceitos como artífices, comerciantes, etc. (BONI; COSTA, 1984, p. 81).

Figura 4 – Localização da região serrana do Rio Grande do Sul.



Fonte: GENFARMA, 2012.

Então, foram criadas as primeiras colônias para assentamento dos imigrantes, chamadas de Conde d'Eu⁵ e Dona Isabel⁶, atuais municípios de Garibaldi⁷ e Bento Gonçalves⁸, respectivamente (ver mapa na Figura 5). Segundo o empresário Tarcisio Vasco Michelin, em depoimento no documentário *Caminhos de Pedra: Tempo e Memória na Linha Palmeiro* (2007), com direção de Pedro Zimmermann, os colonizadores da Linha Palmeiro, sendo esta um dos assentamentos de Dona Isabel, eram oriundos, cerca de 90% deles, de Belluno, uma Província dos Alpes italianos, ao norte do país, Região de Vêneto (ver mapa na Figura 4). No filme, a historiadora Terciane Ângela Luchese relata que, no começo da imigração, o Major Palmeiro⁹ e sua comitiva, entre engenheiros e outros profissionais, foram quem deram início aos estudos e à demarcação de lotes.

Ainda em 1875, foi criada pelo Governo Geral a terceira colônia, chamada, primeiramente, de “Fundos de Nova Palmira”, a qual foi rebatizada, em 1877, com o nome de “Caxias”, região que

⁵ Nome dado ao local em homenagem ao marido da Princesa Isabel, o Príncipe Conde D'Eu (1842-1922) (E-BIOGRAFIAS, 2012).

⁶ Nome dado ao local em homenagem à Princesa Isabel (1846-1921), a qual foi regente do Império no Brasil e assinou a Lei do Ventre Livre e a Lei Áurea (E-BIOGRAFIAS, 2012).

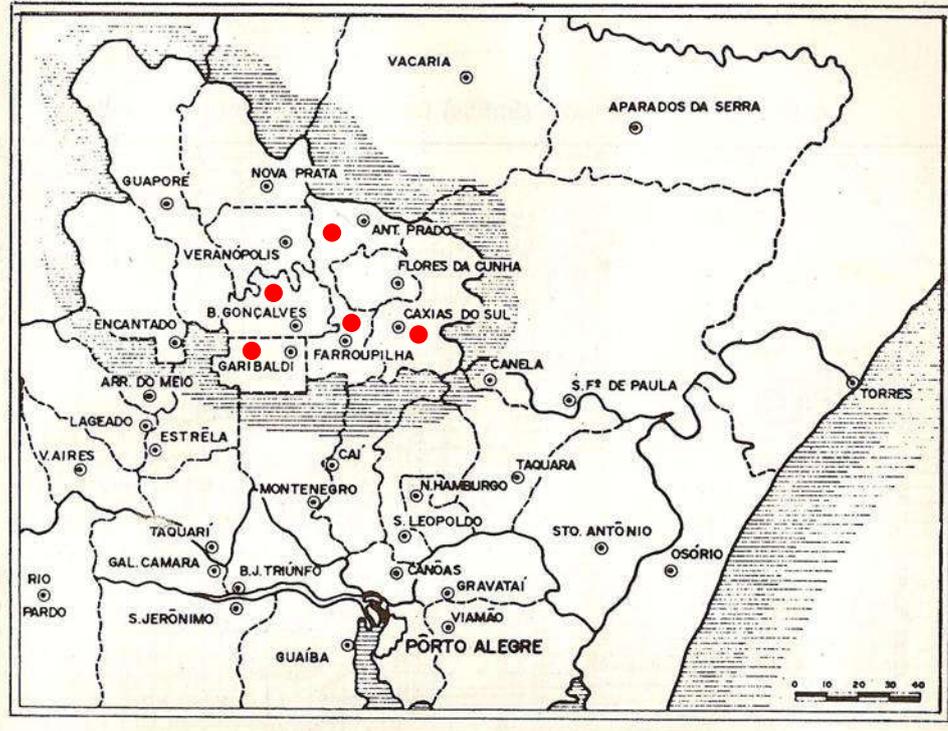
⁷ Nome dado à cidade em homenagem ao “revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi [...] [que] chegou ao Brasil em 1836, aos 28 anos, e teve participação ativa na Guerra dos Farrapos. [...] Lutou [também] pela unificação da Itália” (IACOCCA, 2011, p. 10).

⁸ Nome dado à cidade em homenagem ao italiano que chefiou “a República de Piratini, no Rio Grande do Sul, movimento separatista com ideais republicanos” (IACOCCA, 2011, p. 10).

⁹ Engenheiro Major José Maria da Fontoura Palmeiro, encarregado de medir e demarcar os territórios das primeiras colônias, por solicitação do, então, Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, João Sertório, em 1870 (CAMINHOS, 2013).

compreende atualmente o município de Caxias do Sul (ver mapa na Figura 5) (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 14).

Figura 5 – Zona colonial italiana, na serra gaúcha, em destaque.



Fonte: SÁ *apud* BONI; COSTA, 1984, p. 243, grifos meus.

Ademais, os imigrantes enfrentaram dificuldades ao desembarcarem no Brasil, como falta de habitação, más condições de higiene, fome, ausência de meios de comunicação, falta de assistência médica, desconhecimento sobre o clima, etc.. Mesmo nessas condições, inicialmente, então, foi realizado o desmatamento para depois ocorrerem as primeiras plantações nas propriedades que foram destinadas aos imigrantes, bem como a construção de moradias. Tais terras deviam “ser paga[s] com trabalhos, que consistiam, principalmente, no cuidado e abertura de novas estradas” (LAZZAROTTO, 1986, p. 50; SCALCO *apud* COSTA, 1974, p. 101).

1.3.1 Habitações e Mobiliário

De acordo com José Mario Bertarello, o primeiro acampamento dos seus ascendentes foi num barracão, chamado assim porque os imigrantes faziam barracas para se abrigar (CAMINHOS, 2007). Roveda relatou que, nessa habitação, que era coletiva e localizada na região que, hoje, compreende o município de Antônio Prado (ver mapa na Figura 5), os imigrantes aguardavam o traçado dos lotes e a demarcação das áreas para ocorrer a distribuição das terras e, conseqüentemente, a construção das casas. Esse processo deu-se de 1880 até a década de 1940 (COLÔNIAS, 2011).

Pela superlotação e falta de higiene no barracão (Figura 6), entre outros motivos, muitos colonos faziam “tendas com lençóis a fim de abrigar as famílias”. Enquanto não recebiam suas terras, tanto homens quanto jovens, meninos e mulheres eram contratados para abrir estradas, com remunerações diferenciadas (LORENZONI *apud* ZANINI, 2006, p. 115; ZANINI, 2006, p. 117).

Figura 6 – Imigrantes italianos, no barracão coletivo, à espera do recebimento das terras.



Fonte: COLÔNIAS, 2011.

Conforme o advogado Nério Letti, os primeiros italianos que se estabeleceram nessa região foram os Lombardos (oriundos do norte da Itália, Região da Lombardia), de imigração rural, que vieram para o Brasil de Mântova (Província da Região da Lombardia), partindo do porto de Gênova (Província da Região de Ligúria) (ver mapa na Figura 3). A data de 20 de maio de 1878 é o marco da chegada dos imigrantes em Nova Milano (atual município de Farroupilha; ver mapa na Figura 5) (COLÔNIAS, 2011).

Segundo o padre Izidoro Bigolin, da Paróquia Santo Antônio, de Bento Gonçalves, as famílias de imigrantes italianos eram encaminhadas para pequenas propriedades no interior da colônia, lugares em que só havia mata virgem, sem estradas, sem abrigo. O refúgio era embaixo das árvores ou, até mesmo, entre as suas raízes (Figura 7) (CAMINHOS, 2007).

Figura 7 – Abrigo entre raízes de árvore.



Fonte: CAMINHOS, 2007.

Num primeiro momento, de acordo com Costa (1974, p. 39), as residências eram provisórias, “construídas com bambu ou madeira bruta para as paredes laterais e internas e cobertas de palha, de massegas [sic], ou de um arbusto chamado ‘rabo de burro’”, além da improvisação com lençóis (BATTISTEL; COSTA, 1983, p. 601). Complementando, Boni e Costa (1984, p. 129) relatam que essas casas também poderiam ser cobertas por “folhagem de coqueiros, até chegar-se ao aproveitamento do pinheiro araucária, pela facilidade de trabalhá-lo artesanalmente”.

Houve também a construção de casas de pedra, com formato de chalé, portas e tampos (veneziana) de pinho, lareira e sótão (que servia de quarto para os filhos) (PEREIRA, 1974, p. 97). Conforme Bertarello, elas também eram chamadas de ranchos (Figura 8). Segundo Inês Strapazzon, funcionária pública, a maioria das famílias possuía casas como essas. Com o tempo, tais habitações foram sendo abandonadas ou desmanchadas, pela vergonha que os descendentes tinham delas ao denotarem a pobreza vivida no início da imigração (CAMINHOS, 2007).

Figura 8 – Detalhe de casa de pedra.



Fonte: CAMINHOS, 2007.

O pai de Strapazzon continuou mantendo a casa de pedra para armazenamento da uva e produção do vinho (Figura 9). A rusticidade e obscuridade desse tipo de casas, que podem ser observadas nos detalhes presentes nas Figuras 10 e 11, chegavam, inclusive, a assustar as crianças, que tinham medo de entrar nelas (CAMINHOS, 2007).

Figura 9 – Interior de casa de pedra usada para armazenamento da uva e produção do vinho, pertencente à família de Inês Strapazzon, no centro da imagem.



Fonte: CAMINHOS, 2007.

Figuras 10 e 11 – Detalhes da casa.



Fonte: CAMINHOS, 2007.

Conforme o empresário Tarcisio Vasco Michelin, nas décadas de 1940 e 1950, as casas de pedras passaram a representar demérito para os imigrantes italianos e seus descendentes e, por isso, muitos agricultores rebocavam-nas para que adquirissem o *status* de uma casa da cidade de “gente rica”, como mostra a Figura 12 (CAMINHOS, 2007).

Figura 12 – Casa de pedra rebocada.



Fonte: CAMINHOS, 2007.

Após a primeira década de estabelecimento nas terras gaúchas, surgiram, em maior abundância, as casas de tijolos, como também as casas mistas (BONI; COSTA, 1984, p. 141). Estas últimas possuíam um porão construído de pedra trabalhada, enquanto que sua estrutura era feita de pinho, coberta também por madeira e, posteriormente, por telhas de barro (PEREIRA, 1974, p. 97).

A madeira para a construção das casas era tirada dos pinheiros de copa. Sucessivamente foram empregadas tábuas rachadas, falquejadas, serradas a [sic] mão e, finalmente, em serraria. Simultaneamente apareceram casas de tijolos feitos a [sic] mão, secados ao sol ou cozidos em cova profunda com fogo de nós de pinho. Algumas igrejas que sobreviveram à devastação dos monumentos antigos, salvaram-se por terem sido feitas de tijolos. O barro para o assentamento era pisado com os pés (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 54).

No início, as casas coloniais “conservavam a cor natural de seus materiais”. Mais tarde, passou-se a utilizar a caiçação, “pintura de cal derretido [sic] em água, com cola extraída da fervura de

uma variedade de cactos, abundantes em toda a região italiana”. Da mesma maneira evoluíram as construções das capelas (BONI; COSTA, 1984, p. 142-143).

Sobre os móveis internos de madeira das residências, conforme Costa (1974, p. 41 e 102),

eram fabricados a [sic] mão e beneficiados através de navalhas polidoras. As mesas constavam de uma ou duas tábuas de maior largura. [...] Usavam-se bancos de madeira que qualquer um sabia fabricar. Os que possuíam [sic] maior habilidade fabricavam cadeiras, tipo colonial, revestidas de palhas de massegas [sic]. [...] Com o tempo, estas [sic] peças foram substituídas por móveis mais trabalhados.

Como características gerais, as mesas de pinho eram longas, com bancos ao lado (PEREIRA, 1974, p. 97).

No sótão da casa de Letti, por exemplo, encontram-se os cômodos com objetos, como o relógio e o móvel apresentados (Figuras 13 e 14), que foram preservados desde o tempo em que seus avós e, posteriormente, seus pais habitaram, como o dormitório do casal (Figura 15). Ele relata que havia apenas um dormitório para todos os filhos (Figura 16) (COLÔNIAS, 2011).

Figuras 13 e 14 – Relógio e móvel.



Fonte: COLÔNIAS, 2011.

Figuras 15 e 16 – Dormitórios do casal e dos filhos.



Fonte: COLÔNIAS, 2011.

Já quanto ao banheiro (Figura 17), também chamado de quarto de banho, era considerado como um conforto de que a maioria, cerca de 90% dos imigrantes, não tinha o privilégio de ter. Nesse caso, o que havia era um “quartinho” no lado de fora das casas, que se chamava também de latrina.

Segundo Roveda, hoje, as casas (Figuras 18, 19 e 20) são consideradas patrimônio histórico de Antônio Prado (COLÔNIAS, 2011).

Figura 17 – Banheiro.



Fonte: COLÔNIAS, 2011.

Figuras 18 e 19 – Casas de Antônio Prado.



Fonte: COLÔNIAS, 2011.

Figura 20 – Casa de Antônio Prado.



Fonte: COLÔNIAS, 2011.

A cozinha era separada do restante da casa. Tal medida era usada como precaução contra possíveis incêndios, por conta da utilização do fogo de chão ou do *focolaro*. Este era um

sistema de fogo aberto para cozinha, constando de um quadrilátero de madeira, cheio de terra e elevado do chão, sobre o qual se suspendiam as panelas, foi, no início, nada mais do que um fogo, feito em chão de terra, razão porque [sic] as cozinhas eram puchados [sic], ou construções à parte, separadas da casa de dormir e tinham o lugar para o fogo, de início no chão batido e, depois, no focolaro (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 54).

1.3.2 Religiosidade

Os imigrantes italianos passaram por um processo muito doloroso de adaptação, pois não havia energia elétrica, nem comida, o sistema relativo à saúde era precário, etc.. Por isso, eles apegaram-se à religiosidade, tradição esta trazida da Itália e considerada por Roveda como um dos “tripés” de sustentação das famílias. Essa questão fazia-se presente nos cômodos das casas (Figura 21), nos quadros (Figura 22), etc., como também nos costumes de ir à missa, confessar, comungar, rezar o terço todos os dias, entre outras expressões religiosas. Depois que surgiu a televisão, de acordo com a agricultora Ivete Pontel, tais atividades foram diminuindo na sua frequência (COLÔNIAS, 2011).

Figuras 21 e 22 – Representação da religiosidade presente nos dormitórios.



Fonte: COLÔNIAS, 2011.

O espírito de simplicidade, honestidade e solidariedade era oriundo dessa tradição cristã, o qual se aliava à moral camponesa baseada na estrutura familiar e patriarcal. Tal estrutura possuía um caráter normatizador na vida dos indivíduos, com duras regras de convívio. O papel dos sacerdotes católicos foi fundamental para a manutenção desses valores, além da busca pela preservação da língua e cultura italiana (por intermédio das escolas¹⁰ e da imprensa), mas contrário aos moldes romanos¹¹ e dos ideais do ultramontanismo, que tinham como caracterização padronizar as práticas religiosas. Contudo, outras correntes também existiram, como um movimento anticlerical, marcadas pela ação de “maçons, liberais, anarquistas, socialistas, nacionalistas”, considerados pecadores pelo clero ultramontano por comemorarem a data de 20 de setembro¹², por participarem de bailes e por tratarem de certos assuntos de forma mais liberal, referentes à sexualidade, por exemplo

¹⁰ As escolas italianas extinguiram-se entre as décadas de 1920 e 1930. Neste período, ascenderam-se os colégios católicos, de iniciativa privada, “responsáveis” pelos ensinamentos secundário e superior, ficando o ensino primário a cargo do poder público (POSSAMAI, 2005, p. 191-193).

¹¹ O processo de romanização deu-se somente a partir da segunda metade do século XIX (POSSAMAI, 2005, p. 53).

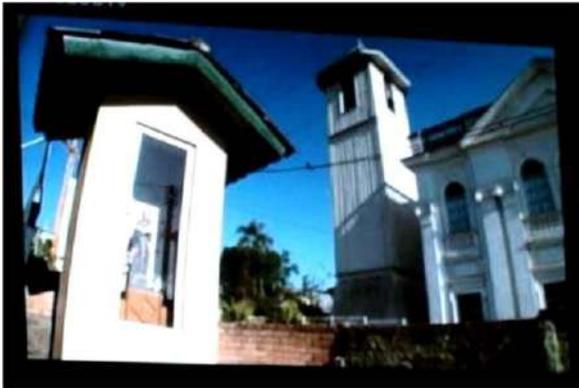
¹² Data representativa do intento alcançado pela Revolução Farroupilha, também conhecida por Guerra dos Farrapos, que resultou na independência da província como estado republicano (1835-1845).

(BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 189; DREHER *apud* POSSAMAI, 2005, p. 8; POSSAMAI, 2005, p. 14, 55, 175, 180 e 188; ZANINI, 2006, p. 49, 65 e 137).

Outra questão relacionada à religiosidade corresponde à crença, que existiu por longo período, de “que famílias mais numerosas contavam com mais auxílio divino”. Na verdade, precisava-se de mais braços para o trabalho agrícola, mas, ao mesmo tempo, as terras eram excessivamente fragmentadas. Assim, a vocação religiosa diminuía o número de herdeiros, mas também servia como “uma tentativa de fuga do trabalho árduo e da pobreza vivida na família”, bem como se acreditava que poderiam ser alcançados poderes sobrenaturais e ascensão social pelo ingresso na vida intelectual (POSSAMAI, 2005, p. 196-198).

Roveda salienta ainda a presença de capitéis (Figura 23) nas ruas de Antônio Prado ou na beira das estradas (Figura 24), construídos para que os membros da Colônia pagassem alguma promessa, por alguma graça alcançada ou, também, simplesmente por devoção (COLÔNIAS, 2011).

Figuras 23 e 24 – Capitéis encontrados em Antônio Prado.



Fonte: COLÔNIAS, 2011.

Destaque também para as igrejas. Estas eram necessárias, principalmente, para a realização dos sacramentos (batismo, comunhão, crisma, casamento, confissão e extrema-unção) e outros rituais religiosos¹³, os quais demarcavam as fases da vida, ordenavam o dia-a-dia das famílias e forneciam “explicações para determinadas situações do seu cotidiano”. Elas foram umas das primeiras construções desenvolvidas nas regiões de colonização italiana e “deveriam aparecer a distância, por isso eram colocadas em colinas, próxima [sic] a uma mata abundante, necessária ao abrigo do sol por ocasião dos encontros e festas” (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 54; VENDRAME, 2007, p. 43, 101 e 294).

As festas, por sua vez, eram organizadas com o intuito de serem arrecadados fundos para as obras das capelas¹⁴ e, com isso, desenvolvia-se a vida social nesses encontros que aconteciam nos salões construídos em anexo. Procissões eram organizadas também. Além disso, muitos dos momentos organizados pelos colonos tinham a ver com seu sentimento de italianidade (BATTISTEL; COSTA, 1983, p. 607; POSSAMAI, 2005, p. 108; VENDRAME, 2007, p. 97).

¹³ As bênçãos realizadas pelos padres, por exemplo, eram interpretadas pelos colonos como um poder sobrenatural, capazes de salvar suas almas e proteger seus corpos (MERLOTTI *apud* POSSAMAI, 2005, p. 116).

¹⁴ Na realidade, consideravam-se as capelas como igrejas sem padres residentes, modelo este inexistente na Itália (POZENATO, 2003, p. 24).

Por ocasião das festas dos centros paroquiais, os colonos vêm a cavalo de lugares distantes – homens, senhoras, crianças... enchem as praças da igreja, vestindo trajes tradicionais da Itália, a tal ponto que se tem a ilusão de estar numa vila vêneta (POSSAMAI, 2005, p. 127).

Essa circulação de pessoas, a que Possamai (2005) refere-se, favorecia o comércio local. Os colonos aproveitavam os festejos religiosos para realizarem negócios e compras. Diante disso, explica-se o duplo interesse das pequenas comunidades pela construção da capela, que nem sempre tinha o apoio do clero, até porque a maioria dos comerciantes eram maçons, os quais divergiam do catolicismo. No meio desse entrave, encontravam-se os colonos, principalmente os agricultores, que procuravam manter uma posição neutra, pois “temiam tanto as maldições dos padres como a perda do crédito e da garantia da compra do excedente agrícola pelos comerciantes”. Inclusive, os sacerdotes começaram a apoiar a criação de cooperativas, porque, assim, os colonos escapariam dos atravessadores, os quais, geralmente, eram maçons (POSSAMAI, 2005, p. 164 e 187).

Conforme Zanini (2006, p. 123), com o passar dos anos, o italiano imigrante foi “se revelando individualista em seus interesses, e as cisões nas entidades, sejam religiosas ou leigas, foram surgindo”. Na verdade, os imigrantes italianos e seus descendentes não eram completamente passíveis e submissos a essas entidades, nem mesmo às autoridades, principalmente pelas “duras condições existentes no campo” e pelo desprezo do trabalho manual, e ainda havia as “disputas entre a população colonial quando da organização dos povoados”; os primeiros vieram da Itália com o propósito de alcançar “maior autonomia e dignidade nas colônias do Rio Grande do Sul”, principalmente por meio do trabalho (POSSAMAI, 2005, p. 78; VENDRAME, 2007, p. 20, 29 e 91).

1.3.3 Trabalho

Logo após a fundação das colônias, tanto as famílias italianas como as alemãs, tornavam-se autossuficientes. “O trabalho tornou-se para o colono, o segredo da fortuna, causa do progresso e prova de honorabilidade. [...] Paralela à ideologia do trabalho corria uma maneira diferente de conduzir-se economicamente: gastava-se o menos possível”. Com isso, algumas famílias enriqueceram (BONI; COSTA, 1984, p. 85).

Segundo Michelin, a riqueza da região colonizada estava ligada à tradição e à habilidade desses imigrantes, os quais se dedicavam ao trabalho com ferro, madeira, em moinhos, na construção. Com o desenvolvimento da ferrovia, que interligava Porto Alegre, Carlos Barbosa e Farroupilha, e de outras estradas, houve o desvio do fluxo comercial, aspectos estes cruciais para que ocorresse a decadência da região (CAMINHOS, 2007).

Como exemplo, Bertarello relata que, desde os seus dezoito anos, já trabalhava com o seu pai. A família possui um moinho, onde sempre se moía o milho, para se ter a farinha e fazer a polenta. Já Leocir Lerin, agricultor, descreve como se dá o cuidado com os parreirais (Figura 25) até a colheita, lidas que passaram de geração a geração. No seu outro trabalho que exerce, de subprefeito do distrito de São Pedro, como mostra o documentário, Lerin segue os mesmos princípios legados por seus ascendentes, referentes à organização e pontualidade. Isso mostra a ligação dos

descendentes de italianos às tradições, as quais mantiveram no decorrer dos anos que se sucederam, por meio da dedicação, principalmente, ao trabalho no campo, a fim de sustentar suas famílias (CAMINHOS, 2007).

Figura 25 – Lidas nos parreirais.



Fonte: CAMINHOS, 2007.

Como no caso das colônias alemãs,

o quadro sócio-cultural [sic] das colônias italianas do RS não era um prolongamento da Itália (...), como também não constituía um perigo político (...). Era simplesmente uma expressão natural, espontânea dos valores culturais dos imigrantes, favorecida pelo isolamento (MANFROI *apud* BONI; COSTA, 1984, p. 118).

Mas, ao imigrar, o italiano “rompeu os laços definitivos com seu país de origem”, mesmo ainda mantendo a maioria de seus hábitos e o seu dialeto. Ele “nacionalizou-se”; a aculturação foi grande (PEREIRA, 1974, p. 119 e 122). Da Itália, ficaram somente sentimentos afetivos e a recordação dos parentes que foram sendo esquecidos com o suceder das gerações (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 17).

No início da colonização, conforme Benedito Pontel Neto, agricultor, o serviço era mais “pesado”: ele e seus familiares tiveram que roçar os morros com enxada e foice. Em seguida, começaram a plantar o milho (além de trigo e abóbora, por exemplo) para sua própria subsistência e para alimentar os animais, como porcos e vacas, que, após o engorde, eram vendidos. Conforme Pontel, as crianças de um século atrás trabalhavam, “pegavam no pesado” desde cedo: capinavam, cozinhavam, faziam limpeza, cuidavam da horta. Ela acrescenta que as comidas mais tradicionais (Figuras 26 e 27) caracterizam-se pela polenta com molho, queijo, salame, massa e pão. Pontel Neto lembra que, desde pequeno, sempre presenciou o cultivo dos parreirais e a produção de vinho, o qual, conforme o agricultor Celso Muzzatto, não pode faltar nas festas da comunidade (COLÔNIAS, 2011).

Figuras 26 e 27 – Preparo da massa e outras comidas tradicionais, como o pão, o salame e a polenta.



Fonte: COLÔNIAS, 2011.

Segundo Roveda, “o moinho [Figura 28] foi uma das primeiras indústrias dos imigrantes”, onde se moía o milho para se fazer a polenta, e o trigo, para se produzir o pão. Com o desenvolvimento da colônia, houve um excedente econômico que gerou um processo de comercialização na região (COLÔNIAS, 2011).

Figura 28 – Moinho antigo.



Fonte: COLÔNIAS, 2011.

O caminhoneiro aposentado Angelo Cavalet diz que seu pai e outros trabalhadores partiam da região, conhecida atualmente por Bento Gonçalves, e iam muito longe para construírem casas, e o meio de transporte dava-se por montaria ou tração de cavalos. Ainda, ele relata que o seu pai trabalhava com a madeira para a fabricação de ferramentas, numa sociedade cooperativa, e construiu barracões para receber as máquinas de produção têxtil vindas da Itália. Com o tempo, a empresa foi à falência (CAMINHOS, 2007).

Já o pai de Wirte Maria Ferri construiu, nas terras do seu sogro, Pietro Merlin, uma ferraria (Figura 29), em 1923. Primeiro, foram produzidas ferramentas (Figura 30) de forma artesanal, como enxada, foice, formão, marreta, e, em seguida, foram adquiridas máquinas (Figura 31) para a sua fabricação. Além disso, o seu pai tratava dos cavalos da região e restaurava carroças. Depois que a estrada, que passava nas proximidades da empresa, foi desviada para outro local, além de outros motivos, foi decretada a falência da ferraria. Ela lembra-se da emoção satisfatória que sentiu quando

a empresa foi inaugurada, ao contrário do sentimento de tristeza advindo do fechamento do negócio (CAMINHOS, 2007).

Figura 29 – Antiga ferraria da família Ferri.



Fonte: CAMINHOS, 2007.

Figuras 30 e 31 – Ferramentas e maquinário da antiga ferraria da família Ferri.



Fonte: CAMINHOS, 2007.

Depois de supridas as necessidades de consumo caseiro, os excedentes eram disponibilizados para o mercado regional e nacional. Suas produções eram caracterizadas pelo cultivo de trigo, milho e uva (cujas mudas desta fruta foram trazidas da Itália), não que estes alimentos nunca tivessem sido cultivados anteriormente no Rio Grande do Sul, mas se destacaram pela larga escala, sendo a produção de vinho a mais importante e perdura até hoje de acordo com as atualizações necessárias para o seu progresso. O trigo e o milho formaram a base da alimentação dos imigrantes e seus descendentes (BONI; COSTA, 1984, p. 86; PEREIRA, 1974, p. 95).

O desenvolvimento agrícola, entretanto, dependia de insumos, utensílios e ferramentas que, quando não podiam ser elaborados artesanalmente, eram importados. As relações comerciais entre as colônias e Porto Alegre criaram uma sólida base para a industrialização da capital, dando-lhe condições de se lançar no processo industrial, substituindo as importações (SOUZA, 2000, p. 44).

Aqueles colonos que se dirigiam para a vila, depois para a cidade, como Caxias do Sul, município este já com a presença de fábricas, onde o progresso industrial e a vida urbana passaram a atrair a mão-de-obra, buscavam trabalhar como artífices, já que esta região era carente deste tipo de profissional. Aos poucos, os artesãos iam aumentando suas fortunas enquanto prestavam serviços

àqueles indivíduos ligados à pecuária, atividade que formava a base econômica da maioria dos municípios da região. Os artesãos, os quais exerciam tarefas como ferreiros, alfaiates, sapateiros, pedreiros, carpinteiros, entre outras, tiveram um aumento em número mais significativo a partir do final da Segunda Guerra Mundial. Deste período em diante, “com o crescimento do comércio e da indústria, a mão-de-obra rural passou a ser exigida, seguindo-se o êxodo rural incontrolável” (BONI; COSTA, 1984, p. 178). A busca pela instrução em escolas existentes somente na cidade, a baixa valorização dos produtos rurais e a força das instituições industriais e comerciais também contribuíram para o abandono do campo (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 7).

Cabe destacar que,

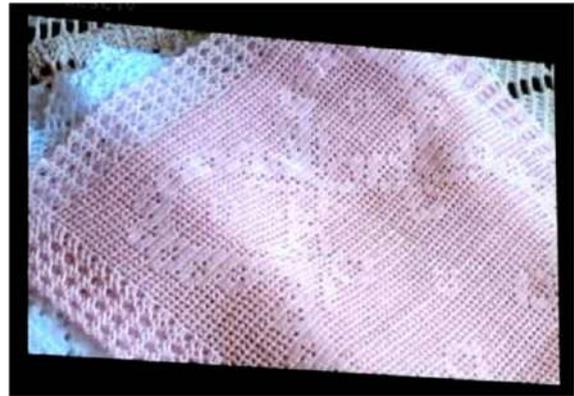
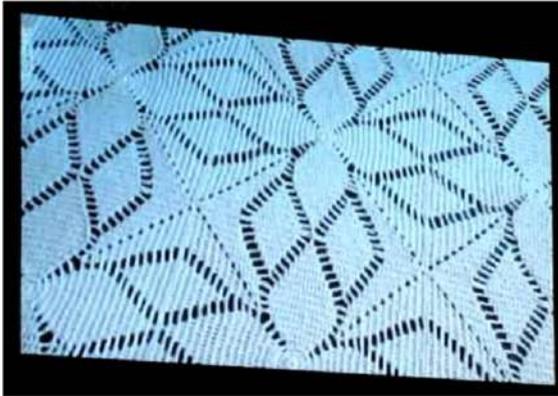
sem negar a importância dos conhecimentos técnicos trazidos pelos imigrantes, e mesmo sabendo de sua vontade de vencer ao chegar à América, não se pode contudo esquecer o acúmulo de capital, dentro do Rio Grande do Sul, que possibilitou o surto de industrialização no eixo entre Porto Alegre e Caxias do Sul e beneficiou diretamente a região das primitivas colônias italianas (BONI; COSTA, 1984, p. 185).

Em função do acúmulo de capital na região colonial italiana, o mesmo pôde ser reinvestido “nos ramos vinícola, madeireiro, tritícola e de produtos suínos” (BONI; COSTA, 1984, p. 216). Como exemplo, a cidade de Caxias do Sul, em 1892, já possuía várias serrarias, moinhos, ferrarias, marcenarias, sapatarias, alfaiatarias, entre tantos outros empreendimentos, atividades que se transformaram em indústrias e se originaram algumas do comércio e outras do artesanato (GALLO *apud* BONI; COSTA, 1984, p. 216-217).

1.3.4 Artesanato

Quanto ao artesanato, Letti diz que as mulheres aprendiam a fazer a renda, o frivolidé, o macramé, o tricô e o crochê com os mais velhos (Figuras 32 e 33). De acordo com Pontel, por muito tempo, os próprios imigrantes filavam a linha para a realização dos trabalhos manuais, como lençóis e toalhas para secar o rosto. Já a trança era elaborada para a fabricação de chapéus (Figura 34) e cestas (Figura 35), além da produção de enfeites de garrafa e de parede, a partir da palha de trigo, enquanto que a palha de milho era utilizada para cigarros (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 55; COLÔNIAS, 2011).

Figuras 32 e 33 – Técnicas de macramé e crivo, respectivamente.



Fonte: COLÔNIAS, 2011.

Figuras 34 e 35 – Chapéus e cestas produzidos por meio de técnicas de trançado.



Fonte: COLÔNIAS, 2011.

1.3.5 Outros Costumes e Tradições

A visita realizada por uma família à outra se chamava “filó”, conforme o que relata Pontel. Naqueles momentos, os homens jogavam baralho e todos comiam pinhão, pipoca, batata doce, entre outros alimentos (COLÔNIAS, 2011). Outras tradições, cultivadas até os dias de hoje, são representadas pelo jogo da mora e o da bocha, o canto e a comida típica italiana (KURTZ, [19--], p. 37). Segundo Roveda, o dialeto ainda é bastante conservado no interior da cidade, conhecido também por dialeto Vêneto, oriundo do norte da Itália. Após a imigração e a instalação de escolas, exigia-se o português; prendia-se aquele indivíduo que falasse em italiano (COLÔNIAS, 2011). Isso fez crescer o sentido de inferioridade dos imigrantes italianos e seus descendentes (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 5). A mistura dos idiomas fez com que o governo federal atual reconhecesse tal língua como patrimônio imaterial do Brasil (COLÔNIAS, 2011).

Outra curiosidade está no cuidado com os bens materiais pelos imigrantes, quando do aproveitamento de produtos que já preencheram a sua finalidade, a fim de alcançarem o bem-estar. “Por exemplo, uma lata de sardinha vai servir para fazer um caneco para tomar água ou para tirar leite” (BATTISTEL; COSTA, 1983, p. 20).

1.3.6 A Repressão Imposta pelo Estado Novo

Durante o período do Estado Novo, que perdurou de 1937 a 1945, as autoridades governamentais e civis da Era Vargas reprimiram toda e qualquer manifestação cultural e política, tanto nos domínios públicos quanto nos privados. Todo estrangeiro que mantivesse “vínculos pátrios e de solidariedade” com o seu país de origem deveria ser punido (prisão, violência à propriedade etc.), de maneira a transformar tais sentimentos por meio de campanhas de nacionalização. Este processo realizou-se através de legislações que interferiram no sistema educativo (exigência da língua portuguesa) e de medidas de repressão, utilizando-se da propaganda e da doutrinação para alcançar o seu objetivo. Por isso, muitas famílias destruíram “objetos e documentos que reportavam aos [seus] antepassados”, o que representou uma fase de grandes ressentimentos (ZANINI, 2006, p. 153-155).

Os objetos do mundo da casa, carregados de afeto, tornavam-se perigosos porque revelavam pertencimento e origem. Era comum destruir documentos, transformar móveis para descaracterizá-los como italianos, queimar fotos, quadros ou bens pessoais que pudessem ser atributos de italianidade. As lembranças das fogueiras ardendo permanecem vivas nas memórias de muitos descendentes idosos que, compreendendo ou não o que se passava, também participaram do processo de autodestruição. Objetos eram guardados em galpões, em árvores, enterrados, permitindo que não o fogo, mas o tempo os consumisse (ZANINI, 2006, p. 162).

Dessa forma, “os colonos italianos, no Brasil, tornaram-se brasileiros no que puderam”, mesmo se sentindo natos no país hospedeiro. Isso fez com que eles mesmos se tornassem repressores, o que acarretou aos seus filhos um sentimento de vergonha do sotaque e dos hábitos e costumes que tinham, além da inferioridade por serem trabalhadores da terra, já que “a industrialização e a urbanização eram processos tidos como modernizantes”, diante do contexto econômico na década de 1930 (ZANINI, 2006, p. 158 e 186).

1.3.7 Reação à Crise em Bento Gonçalves

A descoberta da região da serra gaúcha pelos turistas deu-se, num primeiro momento, no início do século XX, quando as famílias dirigiam-se a tal localidade para veraneio ou para turismo de saúde. A primeira situação caracterizava-se pela “prática social de passar um período, superior a 15 dias, em contato com a natureza e atividades peculiares às propriedades rurais, aos pequenos hotéis e pousadas familiares”. Já quanto ao segundo tipo de turismo, “era entendido como fator benéfico devido, sobretudo, ao ambiente em região de serra, de clima ameno, portanto favorável a quem tivesse problemas ou necessidades de repouso ou tratamentos” (SERRA GAÚCHA, 2013).

Entre as décadas de 1950 e 1970, houve um declínio e uma ruptura relativos às atividades de turismo e lazer, decorrentes do

crescimento da atividade industrial, a decadência gradual da ferrovia, a falta de acessos rodoviários, a mudança conceitual de veraneio de serra para sol e mar – acesso então facilitado pela construção da BR 101 [e] da [...] BR 116, que tangenciam a região, ocasionando o isolamento da maioria dos municípios de interesse turístico (SERRA GAÚCHA, 2013).

Conforme Michelin, ao perceberem que os turistas valorizavam o que havia de representativo da cultura italiana, os descendentes de imigrantes, depois de três a quatro décadas de crise econômico-financeira na região, transformaram aspectos que eram associados à decadência em grande oportunidade de recuperação financeira por terem mantido este patrimônio cultural do imigrante, lançando a proposta de turismo baseado em cultura (CAMINHOS, 2007). Então, a partir da década de 1980, retomaram-se os chamados espetáculos (apresentações de corais, danças folclóricas, etc.) e incentivaram-se as visitas às propriedades rurais (SERRA GAÚCHA, 2013). Assim, os turistas, cada vez mais, passaram a se interessar pela gastronomia, pelo clima do inverno, pelas paisagens, pela arquitetura e pelos eventos da região. Ainda, o sócio do Restaurante Nona Lucia, Jandir Cantelli, revelou que os turistas, além dos brasileiros, provêm da Argentina, do Paraguai e, até mesmo, da Itália, estes curiosos para saber o que aconteceu com os seus conterrâneos no Brasil (CAMINHOS, 2007).

1.4 A Quarta Colônia

A fim de assumir os lotes de terra que lhes eram destinados (também chamados de colônias, medidas por légua de sesmaria, que corresponde a 6.600 m), bem como de alcançar melhores condições de vida, os italianos chegaram à, então chamada, Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a partir de meados do século XIX. Além dos altos da serra, muitos imigrantes foram direcionados às terras da Quarta Colônia Imperial de Silveira Martins¹⁵, em dezembro de 1877¹⁶, região próxima a Santa Maria da Boca do Monte, coração ou centro geográfico da, até então, Província. “Vale Vêneto¹⁷ é a sede¹⁸ baixa da colônia que, pela estrada, em 1884, estava a 33 Km. [sic] de Santa Maria”. Essa ação, tomada pelo governo, na época, tinha como objetivo o povoamento das terras de mata próximas à atual cidade de Santa Maria, além de “proteger fronteiras e dinamizar mercados regionais” (ANTONELLO, 1996; BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 14 e 187; BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 57; VENDRAME, 2007, p. 26; ZANINI, 2006, p. 52).

Os imigrantes que se instalaram na Colônia de Silveira Martins eram provenientes das Regiões da Itália apresentadas na Tabela 1.

¹⁵ O atual município de Silveira Martins é considerado “como o berço da colonização italiana na região”. Inicialmente foi denominado de “Città Nuova” (ZANINI, 2006, p. 18 e 111).

¹⁶ Na região, tal processo prolongou-se até meados da década de 1930 (ZANINI, 2006, p. 122).

¹⁷ Vale Vêneto é considerado o mais antigo distrito do atual município de São João do Polêsine.

¹⁸ Tal sede teve como um de seus fundadores o comerciante Paulo Bortoluzzi (VENDRAME, 2007, p. 92).

Tabela 1 – Regiões Italianas Representativas da Imigração na Quarta Colônia, em Percentagem

Região da Itália	Percentual
Vêneto	62%
Friuli-Venezia Giulia	20%
Tirol (Áustria até 10/09/1919)	8%
Trentino-Alto Ádige	3,5%
Lombardia	3,5%
Piemonte	1%
Toscana	1%
Emilia-Romagna	0,5%
Outras	0,5%
Total =	100%

Fonte: SPONCHIADO *apud* ANTONELLO, 1996.

Através do Rio Jacuí, depois de algumas horas, aportavam em Rio Pardo e, posteriormente, em Cachoeira (ambas situadas à margem esquerda daquele rio) e, finalmente, chegavam à ponte do Jacuí, poucos quilômetros após Cachoeira. Do Jacuí até a Colônia Silveira Martins eram conduzidos por carroças de duas rodas, puxadas por quatro ou cinco juntas de bois e conduzidos por um guia a cavalo. As carroças possuíam cobertura de ervas secas, fechadas também nas laterais, assemelhando-se a cabanas. Cada carreta era destinada a uma família e sua respectiva bagagem. Nos carros foram instalados os idosos, as mulheres e crianças. Os mais jovens iam acompanhando a pé para não sobrecarregarem os animais (BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 57).

Segundo Corte (*apud* BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 40), “a colônia Silveira Martins, que porta o glorioso nome de um dos senadores mais populares e progressistas desta Província, é, dentre as colônias agrícolas italianas, a mais diatante [sic] de Porto Alegre”. Num primeiro momento, foi também a Colônia que mais prosperou, em comparação com aquelas do nordeste do Rio Grande do Sul; inclusive, enviava muito dinheiro à Itália (ZANINI, 2006, p. 125).

Após a finalização da ferrovia Porto Alegre-Uruguaiana¹⁹ (Figura 36), em 1885, o trem passou a ser mais um meio de transporte acessível à Colônia, além da presença de uma estrada geral (Figura 37). Os imigrantes sofriam muito durante o trajeto, principalmente de fome, o qual, de carroça, levava até quatro dias, e de trem, em torno de sete horas, além de ter que percorrer um trecho ainda de carreta (Figura 38), para alcançar o destino (ANTONELLO, 1996; BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 57-58).

¹⁹ Tal ferrovia fez com que Santa Maria tornasse-se o centro ferroviário do Rio Grande do Sul (SOUZA, 2000, p. 41).

Figura 36 – Rede ferroviária.



Fonte: SOUZA, 2000, p. 42.

Figura 37 – Estrada geral de acesso à Colônia Silveira Martins, em 1882.



Fonte: BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 64.

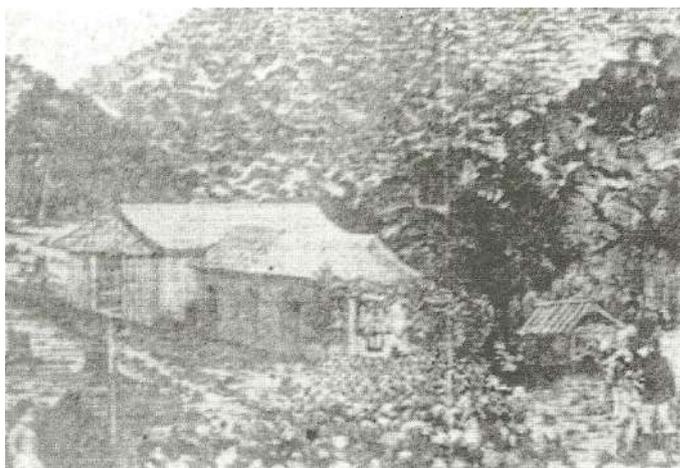
Figura 38 – Carreta de imigrantes.



Fonte: BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 58.

Chegando ao seu destino, os italianos instalaram-se no Barracão de Val de Buia (Figura 39), localizado ao pé da serra local. Este se caracterizava por “uma rústica armação coberta de ramos e com as paredes formadas de lascas extraídas de troncos de coqueiros, não havia repartições internas e o piso era de terra batida, e quanto à água, havia um arroio de águas límpidas”. Mais tarde, eles tiveram que construir outros galpões para abrigar as demais levas de imigrantes que ali chegavam. Além do desolamento pela demora da entrega das terras, os imigrantes sofreram com uma peste epidêmica, que acabou trucidando cerca de 400 italianos em Val de Buia (ANTONELLO, 1996; SANTIN *apud* ANTONELLO, 1996; BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 60; ZANINI, 2006, p. 109).

Figura 39 – Primeira missa dos colonos, ocorrida próxima do Barracão de Val de Buia, em 1878.



Fonte: BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 61.

Em 1878, foi autorizada, pelo governo, a divisão e distribuição dos lotes de terra, bem como foram fornecidas ferramentas necessárias para o plantio, como machado, foice, facão e enxada, além de sementes de feijão, milho e batata. Mesmo assim, tais indivíduos permaneceram, por muito tempo, abandonados e sem assistência médica. Após o recebimento dos lotes, os colonos abriam “uma clareira e armavam uma cabana com paus-a-pique, coberta de folhas de palmeira e que serviria de

primeiro abrigo da família” (BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 60; LORENZONI *apud* ZANINI, 2006, p. 118; ZANINI, 2006, p. 109).

A madeira das árvores derrubadas e as pedras de basalto ou arenito retiradas da região serviam como materiais para a construção das casas (Figuras 40 e 41). Algumas famílias também receberam dinheiro “para [a] construção de suas casas de madeira que mediam 8 m X 4 m” (ANTONELLO, 1996; GUTIERREZ; GUTIERREZ *apud* MACHADO; SAAD; SAAD, 2012, p. 61).

Figuras 40 e 41 – Casa construída em tijolo cru e barro, em 1880, propriedade de Rafael Mario, Vale Vêneto; residência em pedra, de Antonio Baggio, Nova Palma; respectivamente.



Fontes: KURTZ, [19--], p. 52; BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 651; respectivamente.

Entre o período de 1890 a 1915, surgiram, em maior número, os grandes sobrados (Figuras 42, 43 e 44), construídos pelos primeiros italianos estabelecidos na colônia. Dentre as principais características, que se assemelham aos moldes residenciais da época, na Itália, tem-se:

telhados de pouca inclinação, com a aba frontal avançando sobre a fachada, as pequenas e irregulares janelas do andar superior, às vezes substituídas por aberturas circulares, mas sempre muito próximas aos telhados, postigos e portas maciças de madeira de lei, bastante pesadas, fixadas contra os sólidos batentes por meio de grossas dobradiças de ferro. Na maioria das fachadas, as partes superiores das aberturas tomam as formas de arcos, freqüentemente [sic] assimétricos. Paredes de grandes tijolos – fabricados no próprio local da moradia – rejuntados com barro e somente recobertos a cal nas superfícies externas. Na entrada da habitação salta-nos logo a visão dos fortíssimos caibros de madeira de lei, suportando o piso do andar superior e, neste, as suas disposições sob o telhado colonial. Mesmo em nossos dias as famílias descendentes costumam armazenar os produtos domésticos, como salames, presuntos, queijos, suspensos sob o madeiramento do telhado por meio de ganchos e correntes. O acesso ao andar superior é feito por rústica escada de encosto, desprotegida de corrimão. O andar superior sempre foi mais utilizado pelo colono vênето como depósito de cereais, hortaliças e frutas, do que propriamente como dormitório. Tanto que na quase totalidade das moradias o piso superior forma uma ampla e única peça, escura e de pouca ventilação.

As paredes dos sobradões, especialmente as externas, são duplas e, algumas vezes, triplas. Mas, para isso, os improvisados construtores (raramente os velhos imigrantes obtinham os préstimos de pedreiros profissionais) exageravam os espaços entre as paredes, o que facilitava a infiltração das águas pluviais e os conseqüentes [sic] depósitos de lama nos intervalos. Acrescente-se a isso que a “amarração” dos tijolos era habitualmente imperfeita, o que ocasionava o abaulamento das paredes e o lógico aparecimento de rachaduras nas partes externas. [...]

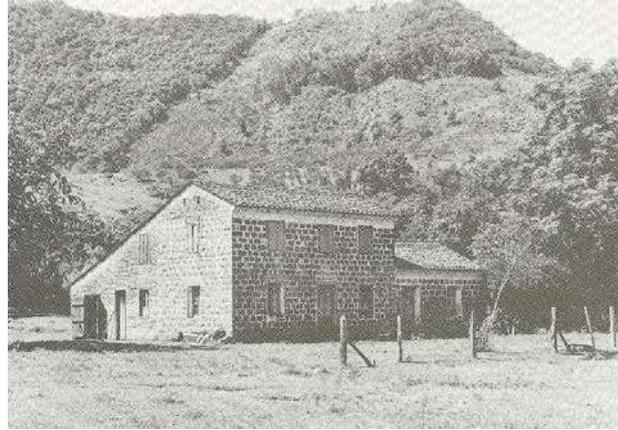
A reprodução dos típicos sobradões rurais à moda dos “paese” do velho Veneto [sic], na antiga Colônia de Silveira Martins, cessou completamente com o advento da Primeira Guerra Mundial. Os velhos imigrantes foram desaparecendo ou perdiam as forças (CENTENÁRIO, 1975, p. 30).

Figura 42 – Ruínas da primeira casa de alvenaria, construída, em 1898, pela família Furlani Zavagna, Nova Palma (foto de 1981).



Fonte: BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 652.

Figuras 43 e 44 – “Sobradão” representativo da arquitetura rural vêneta, de 1905, construído pela família Rossi, em Arroio Grande; sobrado da família Marcuzzo, construído em 1916; respectivamente.



Fontes: BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 648; KUTZ, [19--], p. 53; respectivamente.

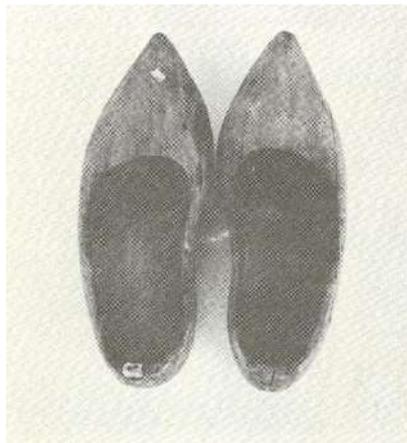
Outra tradição que passou de geração em geração foi o costume de se fazer tranças de palha de trigo, principalmente pelas mulheres (Figura 45). Até hoje, elas servem para compor chapéus, cestas, bolsas e outros objetos. Por muito tempo, tamancos (Figura 46) também foram confeccionados, em madeira e couro, e usados pelos imigrantes.

Figura 45 – Colonas italianas fazendo tranças de palha de trigo.



Fonte: KURTZ, [19--], p. 39.

Figura 46 – Tamancos de madeira.



Fonte: KURTZ, [19--], p. 41.

A ideia de atribuir o nome do político Gaspar de Silveira Martins (Figura 47) à Colônia deu-se após a participação de alguns moradores de tal região a um encontro realizado em Santa Maria, em 1879, com a presença do futuro senador²⁰, “do Partido Liberal, eterno rival do Partido Conservador durante o Segundo Império”. Este sempre defendeu a vinda de imigrantes italianos ao Brasil, o que cativou a simpatia dos mesmos (ANTONELLO, 1996; ISAIA *apud* ANTONELLO, 1996).

²⁰ Eleito Senador do Império em 1880 (CARLESSO *apud* ANTONELLO, 1996).

Figura 47 – Gaspar da Silveira Martins.



Fonte: BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 47.

No final de 1879, havia 1.465 italianos instalados na Quarta Colônia. Já em 1885, esse número subiu para 4.823. Nota-se que, em 1882, a Colônia de Silveira Martins foi emancipada do regime colonial, tornando-se, então, o 5º Distrito de Santa Maria (BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 66 e 68). Ele estava dividido em doze linhas, com 991 lotes, 600 casas de madeira e 170 de pedra e tijolos. “Na sede, as casas são quase todas de material. Existe um moinho a vapor, muitos de água [Figuras 48 e 49], uma fábrica de cerveja, várias casas de comércio [Figura 50], uma farmácia, selarias, sapatarias, ferrarias, serrarias, olarias”. Mas foi por meio da agricultura que o Distrito prosperou. Na região, o solo era propício para o cultivo do algodão, do arroz e do tabaco. A venda dos produtos era mais favorável neste local, porque se encontrava distante de outros centros produtores, o que permitia a comercialização de produtos mais caros diante dos centros consumidores das proximidades e, conseqüentemente, a prática do exercício da poupança e a possibilidade de ascensão social. Por conta desse isolamento, acredita-se que este seja um dos motivos pelos quais as tradições italianas ainda não foram esquecidas nesta região; o processo de aculturação foi mais lento em comparação às colônias do nordeste gaúcho (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 40 e 199; BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 69; ZANINI, 2006, p. 52 e 66).

Figuras 48 e 49 – Moinho d'água, em Silveira Martins; Moinho Carlesso, em Val de Buia, construção de 1895, similar aos existentes na região vêneta, na Itália; respectivamente.



Fonte: BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 646 e 648.

Figura 50 – Casa comercial “A Preferida”, de Artemio Cervi, em Silveira Martins.



Fonte: BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 647.

Pelo apego à religiosidade, os imigrantes de Silveira Martins e Vale Vêneta providenciaram a vinda de dois sacerdotes, no ano de 1881, “para assegurar o seu desenvolvimento”. Mas após a morte por envenenamento do Padre Vitério Arnoffi, de Silveira Martins, e a transferência do Padre Antônio Sório, de Vale Vêneto, para a sede, em 1884, promoveu-se a vinda de padres palotinos da congregação italiana Pia Sociedade das Missões (PSM), representantes do catolicismo ultramontano, no ano de 1886. Na visão dos imigrantes, o desenvolvimento econômico e político “só aconteceria se houvesse uma estruturação do espaço religioso”. Por isso, então, a construção de capelas (Figuras 51 e 52) e o interesse pela presença dos sacerdotes, para que ocorressem as atividades socioreligiosas, o que elevaria o povoado à condição de sede paroquial, e, conseqüentemente, a ascensão do comércio (ANTONELLO, 1996; VENDRAME, 2007, p. 52, 98, 101 e 117).

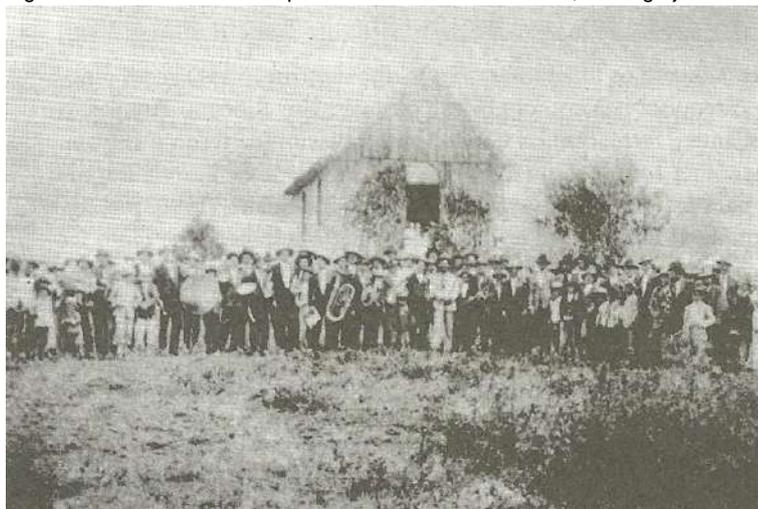
Figuras 51 e 52 – Capela de São Francisco, primeira igreja de Vale Vêneto, 1879; atual Igreja Corpus Christi; respectivamente.



Fontes: BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 90; coleção da autora, 2014; respectivamente.

Tem-se, como outro exemplo, na Figura 53, a “primeira capela de São João do Polêsine, [que foi] edificada em 1898 no terreno doado pelo proprietário Manoel Py. No mesmo local, anos depois, foi construída a nova igreja em alvenaria” (VENDRAME, 2007, p. 100). Na década de 1950, ergueu-se a definitiva Igreja Matriz São João Batista (Figura 54).

Figuras 53 e 54 – Primeira capela de São João do Polêsine; atual Igreja Matriz São João Batista; respectivamente.



Fontes: RIGHI *apud* VENDRAME, 2007, p. 100; coleção da autora, 2014; respectivamente.

Portanto, a presença da Igreja Católica, através dos sacerdotes realizando as funções sagradas, com todos os ritos e símbolos cristãos, cumpria um papel fundamental na vivência dos imigrantes italianos. A religião possibilitava não apenas o “consolo espiritual”, afirma Vitor Biasoli [...], mas “construía núcleos de vida social, em torno dos quais gravitavam as atividades econômicas, sociais e culturais”. Os passos da vida e da morte deviam ser sacralizados [sic] com o batismo, o casamento e o enterro, mas o mesmo também “acontecia com o comércio e a difusão de valores que possibilitavam a disciplina e o trabalho na lavoura e a constituição das famílias” (VENDRAME, 2007, p. 102).

A possibilidade de um povoado tornar-se sede paróquial proporcionaria certa autonomia à comunidade, a qual não precisaria mais se submeter aos núcleos vizinhos, alcançando, com isso, mais privilégios em termos religiosos, políticos e econômicos, estes últimos, inclusive, aconteceriam por haver um aumento de pessoas circulando na região (VENDRAME, 2007, p. 101 e 120).

Mesmo conquistando a permanência de um sacerdote junto do seu grupo social, o que acarretaria em benefícios para ambas as partes, cidadãos comuns e igreja não viviam em completa

harmonia, pois divergiam em certos aspectos. Um deles tratava-se das manifestações de italianidade realizadas pelos imigrantes, as quais não eram aceitas pelas congregações religiosas, já que representavam uma homenagem à unificação italiana, que tomou os territórios papais. A reunião de imigrantes em sociedades de mútuo-socorro, por exemplo, promovia vínculos que reforçavam sua identidade italiana. Na verdade, “os imigrantes trouxeram da velha pátria seus costumes religiosos e sociais, estruturando as comunidades coloniais para poderem vivenciá-los” (VENDRAME, 2007, p. 101, 131 e 141).

Para assentar as demais levas de imigrantes que chegaram à sede da ex-Colônia, em 1883, foram criados dois novos núcleos: Núcleo Norte e Núcleo Soturno. O desenvolvimento do primeiro núcleo “deve-se aos seus dirigentes que, junto com a comunidade, souberam projetar a cultura, os costumes e a forte religiosidade, num esforço ímpar de coragem e trabalho permanente”. Cerca de 90% da população atual da cidade, agora chamada Ivorá, compõe-se de descendentes italianos. Já o segundo núcleo citado, atualmente conhecido como Nova Palma, busca manter os costumes trazidos por seus ancestrais, assim como a religiosidade. A população deste município compreende descendentes de italianos, alemães e mestiços (BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 74-76).

Consideram-se, ainda, outros núcleos, que, atualmente, correspondem às cidades de Cruz Alta, Ijuí, Jaguari, São Vicente do Sul, Toropi, entre outras. A procura por mais terras ocorreu devido à chegada de muitas famílias aos Núcleos Norte e Soturno, o que justifica a criação desses conglomerados para assentamento. Esse processo foi chamado de “Enxameamento”, quando, inclusive, “os próprios imigrantes passaram a comprar terras particulares” (ANTONELLO, 1996; BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 82-83).

Depois do período inicial de prosperidade, houve um declínio no desenvolvimento do 5º Distrito. “Com a queda da Monarquia, proclama-se a República em 1889, [sic] no Rio Grande do Sul há a derrubada dos liberais do poder, seguido [sic] de [sic] exílio de Gaspar da Silveira Martins”. Por conta da escolha do nome da Colônia, tal região tornou-se abandonada pelo governo, já que “apoiava” a oposição (ANTONELLO, 1996). Outra causa que contribuiu para a decadência da região, segundo Sponchiado (*apud* ANTONELLO, 1996), foi a “falta de território de expansão, e o mesmo ter sido esmiuçado em pequenos núcleos distantes, interpondo-se entre eles latifúndios improdutivos que o Império se negou de adquirir”. Esse desmembramento “é considerado um dos motivos de Silveira Martins ter ‘fracassado’ em comparação com Caxias do Sul, considerada a ‘pérola das colônias’”. Isso fragmentou o seu poder de expansão (ZANINI, 2006, p. 18, 112 e 128). Outras razões seriam a falta de direção competente; a “redução da fertilidade da terra, devido ao desmatamento desordenado e as queimadas”; a emigração da população para outras regiões, como Santa Maria, que se tornou “centro ferroviário e militar do Estado”, além do avanço comercial que atraiu os imigrantes e seus descendentes para o trabalho urbano; a rivalidade bairrista; o cerco de populações de outras nacionalidades; a falta de estradas; e as explicações místicas (ANTONELLO, 1996; ZANINI, 2006, p. 112 e 128).

A retomada do progresso deu-se com o apoio dos padres palotinos, juntamente com as irmãs franciscanas. Em Vale Vêneto, aqueles construíram o primeiro Seminário (1892) (Figura 55), e estas fundaram o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, “ambos com seus internatos e externatos

masculinos e femininos”. Juntos, “proporcionaram um incentivo no cultivo dos valores da religião”, tornando Vale Vêneto “o centro religioso da Colônia”, bem como “o centro cultural e educativo da região” (ANTONELLO, 1996; SANTIN *apud* ANTONELLO, 1996).

Figura 55 – Primeiro Seminário Palotino do Brasil.



Fonte: SECRETARIA DO TURISMO DO RIO GRANDE DO SUL, 2015.

Além de Vale Vêneto, que contribuiu avançando na questão religiosa, citamos na região, a Primeira Faculdade de Filosofia e Teologia do Interior do Estado, com o nome de Noviciado Vicente Palotti construído em 1938, e logo transformado em Seminário Maior, com cursos regulares de Filosofia e Teologia em São João do Polêsine (CESCA *apud* ANTONELLO, 1996).

O período de 1915 a 1935 compreendeu o momento de maior prosperidade e euforia da região, que se destacou pelo bom desempenho agrícola (produção de batata, arroz, fumo e videira), comercial (casas comerciais e agências bancárias), artesanal e industrial (vinícola, beneficiamento de arroz e madeira, cutelaria, implementos agrícolas). Tal desenvolvimento foi comparado àquele das três primeiras colônias italianas no Rio Grande do Sul. Conforme Carlesso (*apud* ANTONELLO, 1996), além disso, havia

o excelente atendimento dos dois hotéis, o Bisognin e o Pippi [Figuras 56 e 57], aliado ao ótimo clima de verão, a [sic] beleza da paisagem européia [sic], com destaque para a Igreja Matriz de Santo Antônio de Pádua [Figura 58], com sua fachada vêneta e o “campanile” cilíndrico de linhas bizantino-românicas [Figura 59], sem esquecer a comida italiana, a qual agrada a maioria, tudo isso [sic] [...] atraía turistas de Porto Alegre e de todo o [...] Rio Grande do Sul e outros estados, bem como do Uruguai.

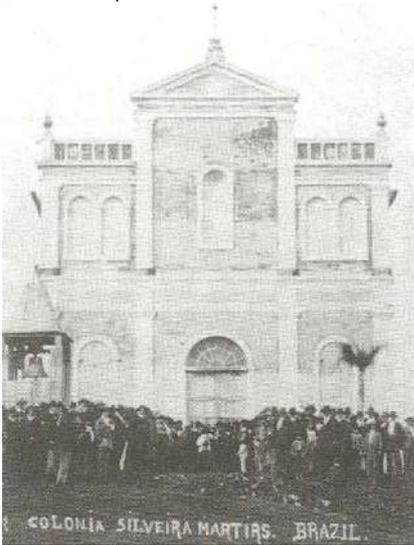
Nada parecia indicar que alguma força pudesse surpreender o processo de crescimento inaugurado pelos valentes e sofridos pioneiros do Barracão de Val de Buia. A prosperidade rural, os empreendimentos comerciais, as iniciativas industriais e a presença eclesiástica mostrava [sic] sua força e apresentavam-se consolidadas, na medida em que os obstáculos iam sendo superados. Diante de tal panorama era só continuar acreditando no futuro (SANTIN *apud* ANTONELLO, 1996).

Figuras 56 e 57 – Hotéis Bisognin (1010-1935) e Pippi (1920-1945), em Silveira Martins, respectivamente.



Fonte: BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 649-650.

Figuras 58 e 59 – Igreja Matriz de Santo Antônio de Pádua, na década de 1910, e sua torre em construção, em Silveira Martins, respectivamente.



Fonte: BISOGNIN; RIGHI; TORRI, 2001, p. 96 e 99.

Mas, passada essa fase de progresso, outra vez o desenvolvimento desacelerou, instaurando um novo período de estagnação na região. “A não elevação de Silveira Martins à condição de município e nem uma outra localidade até 1959, repercutiram [sic] no projeto econômico das mesmas”, o que dificultou também o processo de urbanização, além da decadência na produção agrícola, como já vista noutro período da história destes territórios, e do despovoamento gradativo, quando “diminuiu 50% em relação ao final do século XIX”. Por fim, “a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que teve a Itália como inimiga do Brasil, acabou sepultando os resquícios dos distantes desejos de autonomia do distrito”. Sua emancipação ocorreu somente em 1987, desmembrando-se de Santa Maria e “registrando a partir daí um crescimento acentuado na construção civil e uma revitalização de auto-estima [sic] dos silveirenses, notado [sic] também em outros municípios da região” (ANTONELLO, 1996; ISAIA e SANTIN *apud* ANTONELLO, 1996).

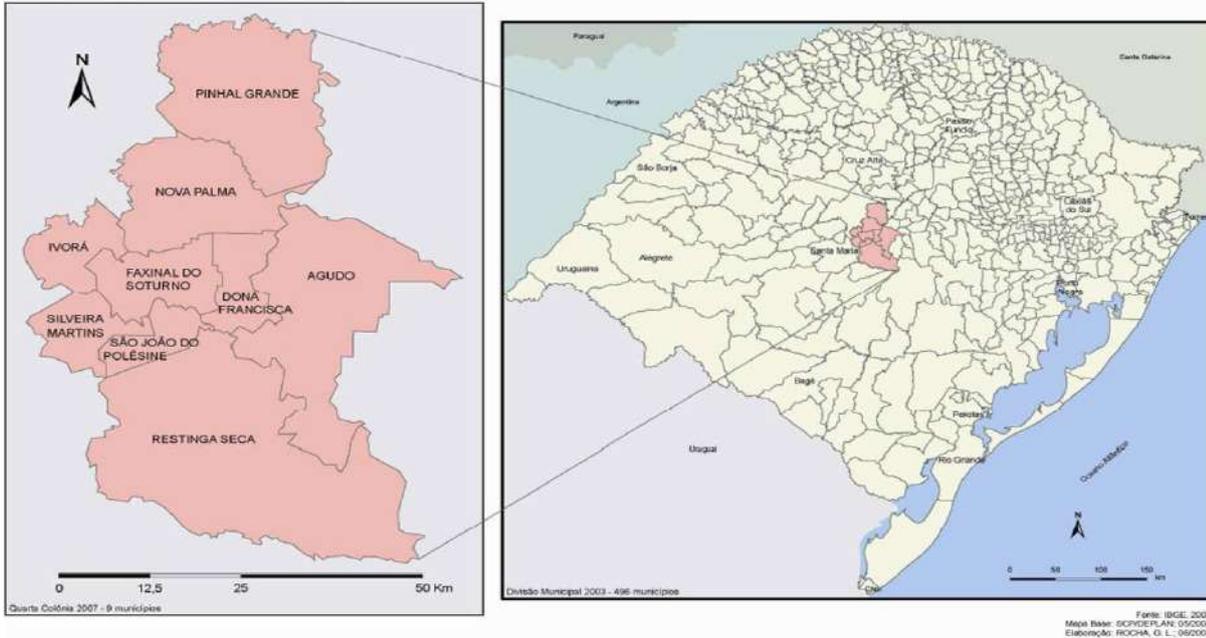
Assim, a Quarta Colônia Imperial abrange, hoje, os municípios de Silveira Martins, Ivorá²¹, Nova Palma²², Faxinal do Soturno²³, São João do Polêsine²⁴, Dona Francisca²⁵ e Pinhal Grande²⁶.

²¹ Ivorá emancipou-se em 1988 (ANTONELLO, 1996).

²² Nova Palma emancipou-se em 1960 (ANTONELLO, 1996).

Atualmente, por questões político-econômicas, Agudo²⁷, com colonização alemã, e Restinga Seca²⁸, com colonização portuguesa, integram tal região, agora também conhecida por Quarta Colônia de Integração (Figura 60) (BENADUCE; MANFIO, 2010, p. 1; MACHADO; SAAD; SAAD, 2012, p. 58-60).

Figura 60 – Cidades atuais que compõem a região da Quarta Colônia, localizada no centro do Estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: IBGE *apud* BIANCHI, 2007, p. 28.

²³ Faxinal do Soturno emancipou-se em 1959 (ANTONELLO, 1996).

²⁴ São João do Polêsine emancipou-se em 1992 (ANTONELLO, 1996).

²⁵ Dona Francisca emancipou-se em 1965 (ANTONELLO, 1996).

²⁶ Pinhal Grande emancipou-se em 1992 (ANTONELLO, 1996).

²⁷ Agudo emancipou-se em 1959 (CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO, 2005).

²⁸ Restinga Seca emancipou-se em 1959 (CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO, 2005).

2 CULTURA E SUAS RELAÇÕES

Neste capítulo, buscou-se o entendimento do termo “cultura”, mas, muito além disso, visou-se relacioná-lo à memória, identidade, sociedade, afetividade e design. Ademais, pôde-se discorrer sobre os processos culturais que se desencadearam, bem como sobre as transformações ocorridas e as significações manifestadas na região da Quarta Colônia.

2.1 Processos Culturais

A noção de cultura já existe há quase três séculos, e um de seus primeiros registros foi num dicionário alemão de 1793. O ser humano vive num meio artificial, criado por ele mesmo, e os vestígios proporcionados por este meio no espírito de cada homem é o que define “cultura”. Este termo carrega tantos valores “que seu papel varia notadamente de um autor para outro e do qual se enumeram [...] [muitas] definições. A própria palavra recobre um conteúdo que varia com o tempo, lugar e tipo de sociedade considerada”. A ideia a ser desenvolvida aqui não tem a pretensão de definir o termo, mas discorrer sobre os processos culturais que se desencadeiam numa sociedade (MOLES, 1974, p. 1 e 9).

Outra questão a se esclarecer refere-se à distinção conceitual existente entre “civilização” e “cultura”. O primeiro termo corresponde ao “nível de produção material da cultura, isso é, o modo de utilização dos meios de produção, incluindo aí o domínio tecnológico de determinados processos, e a organização social decorrente desse modo de produção econômica”²⁹; compreende o domínio prático. Já “cultura” “estaria no âmbito do domínio teórico, da produção intelectual”, caracterizada pelas representações ideais, ou seja, pelo traço distintivo, caráter de uma comunidade (POZENATO, 2003, p. 50-51).

Toda cultura constitui-se de determinados elementos, comportamentos, manifestações que a identificam, porém compõe-se por uma organização caracterizada pelo dinamismo. “Um sistema nunca é um sistema eterno, permanente, ele se transforma continuamente”. Para isso ocorrer, o processo cultural deve estar dentro de um processo de história, não somente relativa à dimensão pura e simplesmente cronológica, mas também no que concerne à experiência concreta. Apesar das transformações, sempre permanecerá uma identidade cultural, presente “no significado que existe por

²⁹ Quando “o vinho deixa de ser um produto para o consumo da família e passa a ser um produto para o comércio, e entra num sistema de troca de mercadorias, muda o sistema de produção, mudam as relações sociais de produção e mudam as manifestações culturais. Depois de passada a história, aquele momento, ficam os sinais do processo” (POZENATO, 2003, p. 55).

trás das manifestações³⁰, mas, ao mesmo tempo, o significado está sempre sujeito à reformulação. Há de convir que essas mudanças ocorrem por conta da interferência da cultura de massa, da era industrial, da tecnologia, do turismo, da política, de uma ideologia, da educação sobre as culturas locais (POZENATO, 2003, p. 27-28, 30, 32-34 e 53-54).

A partir dos conhecimentos já adquiridos por meio da cultura pessoal, o indivíduo, ao perceber os objetos ao seu redor, interpreta-os, atribuindo-lhes determinado valor, significação e importância. Esse repertório, composto pela associação de elementos repletos de significações e de formas, vale também para um subconjunto social (cultura coletiva), como é o caso do grupo de imigrantes italianos que se instalaram na região da Quarta Colônia (MOLES, 1974, p. 22 e 25).

O esquema de relações entre a cultura e o homem que dela participa apresenta-se então da seguinte maneira:

O indivíduo está situado em um ambiente social e físico. Deste ambiente, recebe a cada momento mensagens e assimila-as em uma percepção valorizada para integrá-las em seguida em sua memória, onde constituem o mobiliário de seu cérebro a cada instante.

A sociedade, conjunto social, é titular em sua globalidade de uma certa *cultura social* expressa por uma “rede de conhecimentos” que resulta de uma maneira qualquer do conjunto de materiais culturais que ela fabrica (MOLES, 1974, p. 29-30, grifo do autor).

Considera-se, como valor, um sistema existencial, concreto e empírico de opções ou preferências, adesões ou rejeições; é a expressão do significado estabelecida e legislada pelo próprio grupo cultural. Ao chegar ao Brasil, os imigrantes italianos trouxeram consigo suas tradições e neste país construíram uma nova rede de valores que contribuíram com a cultura sul-rio-grandense, isso por interesse ou por necessidade. Tais indivíduos, portadores desse universo cultural de origem, passaram a selecionar “os elementos a serem agregados ao novo mundo”. Ademais, o processo de nacionalização forçada, do período da Era Vargas, colaborou para que houvesse uma certa ruptura dos hábitos culturais advindos da Itália. Ou seja, a cultura, nas regiões de colonização, nasceu “da convergência de três fatores fundamentais: as condições históricas em que ocorre a ocupação da área das antigas colônias, pelos imigrantes italianos, a partir de 1875; o patrimônio cultural, incluindo o tecnológico, trazido por esses imigrantes e o processo de aculturação conseqüente [sic]”, que começou a ocorrer entre 30 a 40 anos após o início da imigração (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 46; MARTINS, 2011, p. 21; POZENATO, 1990, p. 7; POZENATO, 2003, p. 23, 61, 82 e 108; ZANINI, 2006, p. 26 e 124).

Com a modernização dos centros urbanos, por exemplo, principalmente considerando o sistema capitalista como propulsor desta transformação, muitos produtores rurais tiveram que se adaptar aos novos processos de produção. Todo o ferramental artesanal deu lugar a produtos com novas tecnologias. Aos poucos, o homem do campo foi se adequando às mudanças e isso acabou interferindo nas manifestações do cotidiano dele, não somente na produção agrícola, como também na organização familiar, na construção das casas etc.. A partir da década de 1950, todas essas transformações aceleraram-se e, depois dos anos de 1970, pode-se dizer que já havia uma mescla de culturas na região da imigração. Portanto, nas comunidades pré-capitalistas, viu-se a troca do

³⁰ Tem-se, como exemplos, as transformações ocorridas nas casas, que, de pedras, passaram a ser construídas em madeira e, posteriormente, de tijolos, mas as cozinhas espaçosas permaneceram invariáveis por muito tempo, significando que há uma identidade, por existir a “necessidade de um espaço para a convivência familiar” em torno do fogão e da mesa de comer (POZENATO, 2003, p. 29-30).

valor de uso, valor em si, pelo valor de mercadoria, o que passou a ocorrer com o avanço do sistema capitalista (POZENATO, 2003, p. 63, 95, 97 e 105-106).

Entretanto, após a conquista do capital econômico, muitas famílias procuraram pela valorização cultural, mesmo sabendo que a Itália imaginada não condizia com a realidade deste país. Hoje, os descendentes de imigrantes italianos identificam-se com suas origens sociais e buscam se conhecer e se autovalorizar através delas. Em tal busca, “muito elementos se mesclam: econômicos, simbólicos, psicológicos, políticos”. Alguns descendentes, inclusive, tentam reaprender a língua e outras características da cultura italiana. Ainda, hortas e parreirais são recriados nos pátios das casas urbanas. A glorificação do passado assegura a ordem cultural presente. “O compartilhar das representações que surgem a partir do momento em que, a cada geração, os mitos de origem se atualizam, refazem-se e novas imagens vão se esboçando coletivamente e adquirindo, individualmente, sentido, sentimento e força”. Sendo assim, sempre há de surgirem novos elementos e novos significados a partir das transformações que ocorrem numa cultura, mudanças estas que vão sendo reinterpretadas e reclassificadas num fluxo contínuo. Nenhum elemento cultural é definitivo e imutável, tudo se transforma (POZENATO, 2003, p. 20; ZANINI, 2006, p. 68-71, 89, 91, 120, 204 e 226-227).

Diante disso, a fim de se considerar a cultura como um sistema de sinais com significado, certas peças devem ser preservadas. Para além da preservação da obra física, isso pode ocorrer também pela preservação da memória. Ademais, quanto à comunidade que está num processo de mudança, deve-se ter cuidado para que ela não perca sua identidade (POZENATO, 2003, p. 47-48 e 58).

2.2 Memória e Identidade

Nas últimas décadas, precisamente a partir de 1970, intensificaram-se os estudos sobre a memória, dentro de uma perspectiva psicossocial, a qual abrange variadas disciplinas, como psicologia cognitiva (rememorações autobiográficas, memórias *flash* e testemunhos), sociologia (representações sociais), história (história da memória, história oral e lugares de memória) e antropologia. A partir desses recortes proporcionados pelo amplo campo da memória social, pode-se chegar a determinados assuntos que condizem com o tema aqui proposto. A memória diferencia-se da história à medida que se caracteriza por determinados acontecimentos ou personagens destacados de um contexto mais amplo, recobertos “com um véu afetivo, permeável a projeções nostálgicas e mecanismos de sacralização” (FERREIRA; ORRICO, 2002, p. 7; RAMOS; SILVA FILHO, 2011, p. 8; SÁ, 2005, p. 63-64).

Cabe acrescentar que se adota o termo “memória social” porque “a memória humana não é uma reprodução das experiências passadas, e sim uma construção, que se faz a partir daquelas, por certo, mas em função da realidade presente e com o apoio de recursos proporcionados pela

sociedade e pela cultura”. Tais “determinações socioculturais operam na construção da memória, através da modelação de interesses, afetos e sentimentos em um dado conjunto social” (SÁ, 2005, p. 65 e 69).

A memória pode ser considerada como fator de identidade, à medida que elementos culturais são resgatados. A identidade de um indivíduo, um grupo ou uma sociedade articula-se a partir da relação entre memória do passado e percepção do presente, associa-se uma nova experiência ao que já se conhece; assim, permanece em constante processo de construção. “Origem cultural, estratificação social, sistema de produção, linguagem, religião, organização, hierarquia e tantos outros elementos consagrados nesse processo são definidos, delimitados, investigados, interpretados, estruturados e articulados” (ESPERANÇA, 2007, p. 12; MARTINS, 2011, p. 22; RODRIGUES, 2015, p. 72).

Segundo Pollak, citado por Esperança (2007, p. 17, grifo do autor citado), a identidade

relaciona-se à imagem que o sujeito elabora a respeito de si mesmo, ao longo da vida: a imagem de si que a pessoa apresenta aos outros e a si mesma não só por acreditar nela, “mas também por ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”. Como fator imprescindível ao sentimento de continuidade e de coerência de um ser humano ou de um grupo, “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva”.

Mesmo com os esforços em se delinear identidades, “a aceleração da história, a veemência nova da pós-modernidade, a conversão repentina ao individualismo, tudo contribuiu para o descrédito em relação aos tipos e modelos [...] do que cada um busca ser” (MOSCOVICI, 2005, p. 41).

A memória, por sua vez, compõe-se de três elementos, representados pelos acontecimentos, personagens e lugares. “Podem ser memórias por tabela, parte de um repertório cultural, ou até mesmo a projeção de lembranças relacionadas a outras vivências” (ESPERANÇA, 2007, p. 17-18).

Pode se considerar também dois tipos de memórias: a social e a individual, conhecidas igualmente por coletiva e pessoal, respectivamente. A primeira “é sustentada e nutrida pela exigência dos que dependem dos interesses dos grupos sociais”. Já a segunda, “ligada aos fundamentos lógicos da cultura, pode ser informativa (quando determina os fazeres de determinado grupo social) ou normativa (quando transmite as exigências éticas desse mesmo grupo)”. Da correlação existente entre esses tipos de memórias, tem-se “um sistema de símbolos, valores e significações, que passou por um processo de internalização (indivíduo a indivíduo) e que se reflete na estruturação das relações sociais mantidas pelos indivíduos”. Tal sistema opera-se “pelas rotinas da lembrança intencional” (GIRON; POZENATO, 2007, p. 138; MARTINS, 2011, p. 14-15).

O termo “lembrar”, de acordo com Martins (2011, p. 16-17), pode ser entendido por meio de um conjunto de três aspectos semânticos: o primeiro refere-se à memória subjetiva individual, em que aquilo que foi lembrado pelo agente não será evocado da mesma forma por outras pessoas; o segundo sentido caracteriza-se pela lembrança que é provocada por documentos e monumentos, os quais fazem as pessoas recordarem de “alguma coisa, algum evento, alguma pessoa, alguma concepção do tempo, da sociedade, da cultura”; o terceiro aspecto “aparece no termo comemoração [...] em qualquer formato” (comemoração de um fato).

Conforme Esperança (2007, p. 18), “o trabalho de solidificação de uma identidade e de um passado comum passa pelo processo de enquadramento da memória”. Para Pollak, citado pela referida autora, isso acontece com o intuito de não somente tentar manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, à medida que se “reinterpreta [...] o passado em função dos combates do presente e do futuro”.

Nessa tentativa de reforçar sentimentos, os grupos sociais, que compõem a sociedade, “alimentam-se de referências culturais, literárias ou religiosas”. Isso também se dá pela “reação e reavaliação das práticas do passado ou, contrariamente, como resistência de um passado mais confortável, estável, previsível”, ou pela percepção de temporalidade e consciência da fragmentação da memória, por conta da sua crescente disponibilidade através dos recursos da mídia. Essas são maneiras de escapar do esquecimento (POLLAK *apud* ESPERANÇA, 2007, p. 27; FERREIRA; ORRICO, 2002, p. 8).

O resgate do passado, efetuado pelas gerações que se sucedem, é uma forma de resistência e isso tem se tornado algo cada vez mais frequente na contemporaneidade, representado pelos “inúmeros esforços de preservação de vestígios e manifestações de épocas precedentes”. Ademais, epistemologicamente, o passado não pode ser tachado como “verdadeiro” ou “falso”. Isso ocorre porque os agentes “memorizadores” interpretam os fatos a sua maneira, e “tais interpretações [...] orientarão as ações que gerarão novas interpretações e assim sucessivamente”. Como campo simbólico e semântico, o imaginário reflete processos de produção de sentidos que regulam o comportamento e a identidade, e o grupo acaba interpretando as práticas sociais como algo verdadeiro. Isso mostra que, quando o assunto trata de memória e de identidade, discorre-se sobre interpretação (ESPERANÇA, 2007, p. 27; FERREIRA; ORRICO, 2002, p. 9, 64-65 e 67; MARTINS, 2011, p. 20-21; RAMOS; SILVA FILHO, 2011, p. 7).

Para este trabalho, as construções imaginárias são fundamentais na percepção de “indícios importantes para a interpretação do processo cultural decorrente da experiência imigratória”. Elas devem estar aliadas às construções de caráter empírico e conceitual (POZENATO, 2003, p. 146-147).

2.3 Memória e Construção de Identidade na Região da Quarta Colônia

Os grupos de imigrantes italianos que chegaram à região da Quarta Colônia constituíram uma comunidade imaginada, semelhante àquela à qual pertenciam na Itália, ao passo que “compartilhavam simbolicamente de um sentimento de coletividade, de pertencimento e de origem”. Isso foi sendo construído através das memórias. Um exemplo de pertencimento traduz-se pela forma como as coisas são distribuídas no espaço “seja na disposição arquitetônica, paisagística ou dos objetos”. Isso pode ser verificado nas casas dos descendentes, em que “efetuaram a elaboração de sua italianidade” a partir daquilo que identificam como algo “autêntico e originalmente italiano”. A imagem espacial nativa adquire, então, significado (ZANINI, 2006, p. 15, 75 e 116).

Mesmo recriando no Brasil o seu ambiente natal, alguns imigrantes logo se adaptaram e absorveram os costumes do Rio Grande do Sul, como uso de roupas do gaúcho e montaria a cavalo, o que os lembrava da nobreza europeia, bem como a criação de gado e o churrasco como alimento. Ao invés de viverem do saudosismo, tais imigrantes romperam com o passado e buscaram se adequar às novas circunstâncias. Outros não renunciavam aos hábitos italianos, pois conseguiram se tornar proprietários de terras como seus patrões na Itália. “Os principais símbolos de pertença à nação italiana para os imigrantes eram a bandeira tricolor, o culto aos heróis nacionais e à família real”. Diante de desavenças com brasileiros, imigrantes e descendentes de outras regiões da Itália e de outros grupos europeus, criou-se ou reascendeu-se o sentimento de italianidade, estimulado também por Francesco Crispi, após sua ascensão ao poder, em 1887, na Itália. Isso se desenvolvia, em parte, nas sociedades recreativo-culturais ou de mútuo-socorro. O objetivo era de passar uma imagem de união do grupo aos demais membros da sociedade (POSSAMAI, 2005, p. 23, 84-85, 93, 96 e 212).

Nas últimas décadas, os descendentes de italianos voltaram a valorizar a sua história familiar, transformada num patrimônio, o que lhes permitiu alcançar “uma nova forma de auto-expressão [sic] e autoconhecimento”. Muitos deles ainda possuem artefatos, livros, roupas, móveis, fotografias, cartas, documentos, bem como rezas e canções materializadas, enquanto outros possuem somente suas memórias, o que reforça a tradição, sempre reinventada. Suas histórias são carregadas de emoção e possuem um tom de romance, tornando-se, assim, sagradas. “Os objetos por eles usados, as músicas, e ser italiano passa a ser ponto de referência de como se relacionar com o mundo”. Zanini (2006, p. 22 e 72) considera-os como “guardiões da memória”, enquanto que “arquivos pessoais”, também levados em conta como “reliquias”, representam-se pelos mais variados “objetos”, estes carregados de valor sagrado e reputados como símbolos de pertencimento e como pontos de referência identitários. “A memória se faz e refaz a cada nova possibilidade de transmissão e partilha, fato que a reivindicação identitária e a busca das origens têm possibilitado entre os descendentes”, tanto no domínio doméstico quanto grupal. Dessa forma, eles refazem “o vínculo do passado com o presente” e novas imagens e contornos vão surgindo, por meio de uma trajetória de continuidade (ZANINI, 2006, p. 14, 16, 18-19, 77, 86, 89, 96 e 166).

Segundo Zanini (2006, p. 23), “a memória e a construção da identidade caminham juntas”. O que é lembrado depende do grupo, dos compartilhamentos efetuados e do valor que se dá às narrativas, mesmo que muitas segmentações influenciem “nesse processo identitário, tais como: a questão do gênero, das faixas etárias geracionais, da formação das classes sociais e das ascendências por regiões de origem na Itália e que tem conduzido a criação de muitas entidades”. A partir do fomento da memória coletiva, reforça-se a identidade social e individual, neste caso, especificamente quanto à identidade étnica. Isso se deu, principalmente, após a hierarquia católica ter se engajado com afinco na romanização do catolicismo brasileiro, e também como uma forma de autodefesa, pois os imigrantes eram vistos pelo restante da sociedade sul-rio-grandense “como deserdados a quem não se devia dar muita consideração”, além da inveja causada pelo apoio do Estado aos estrangeiros, quando do período da colonização. Por esses motivos é que houve demora no rompimento dos laços com a terra natal (POSSAMAI, 2005, p. 17, 20, 77 e 83).

A construção da identidade dessa região toma “por base relatos locais tidos como oficiais, pelo trabalho de religiosos para valorizar a cultura italiana ou mesmo pela leitura de memórias familiares e genealogias” (ZANINI, 2006, p. 92). Por exemplo, conforme Pozzobon, citado por Zanini (2006, p. 179), em 1913, inaugurou-se, na localidade de São Marcos³¹, atual município do Estado do Rio Grande do Sul, um “Monumento em homenagem aos italianos mortos na guerra contra a Líbia”. Pessoas de vários lugares compareceram ao evento que, “em suma, era um monumento em homenagem à Itália e aos italianos”. No período do Estado Novo, tal construção foi demolida, ou seja, destruíram um dos lugares de memória coletiva, o qual era considerado como uma marca do grupo. Tomando o acontecimento como emblema de desrespeito e humilhação, em 1998, inaugurou-se o monumento novamente, agora em homenagem aos antepassados, com um sentido mais amplo. A partir disso, percebe-se a simbologia dos lugares, representativos de valores e características de um determinado grupo, além de serem considerados como marcos de referência e identidade (ZANINI, 2006, p. 180).

Isso também pode ser levado em conta em relação aos objetos. Nas últimas décadas, aquela vergonha sentida pelos imigrantes e seus descendentes, caracterizada pela precariedade vivida e por consequências da Segunda Guerra Mundial, foi substituída, a partir da década de 1990, por “outra forma de vivência do pertencimento, mais prazerosa e portadora de valor, afeto e dignificação”. Vários objetos passaram a ser doados às escolas, ou juntados e expostos nas próprias casas, as quais se tornaram lugares de memória, repletos de referência e valor. Todas essas experiências promoveram o autoconhecimento e a valorização da cultura italiana, quando, então, o passado passou a ser visto sob a ótica do presente (ZANINI, 2006, p. 190-191, 212 e 251).

2.4 O Processo de Tentativa de Aculturação e o Renascimento do Sentimento de Italianidade

Por seu descomprometimento em relação ao Estado italiano, a hierarquia católica passou a vincular os colonos ao Estado brasileiro, isso no início do século XX. Essa campanha de nacionalidade, realizada pela igreja perante as autoridades civis, em momento oportuno, teve como motivadores “a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial e as comemorações do centenário da independência” (POSSAMAI, 2005, p. 224). Quanto ao centenário,

ele foi comemorado solenemente em toda a ex-Colônia Silveira Martins, com placas comemorativas, nome de ruas, inaugurações de torres e procissões cívicas e religiosas. A missão patriótica dos colonos era consolidar a independência política conquistada por dom Pedro I com a independência financeira através do incremento da produção agrícola e pecuária (POSSAMAI, 2005, p. 224).

A partir da década de 1920, o governo de Benito Mussolini, na Itália, passou a investir numa política de emigração tutelada, em que “técnicos em vitivinicultura, agrônomos, enólogos,

³¹ Nome dado em homenagem ao padroeiro da cidade de Veneza, na Itália (POZENATO, 2003, p. 22).

professores, médicos e jornalistas” foram enviados ao Rio Grande do Sul, com o intuito de difundir o ideário fascista. Para atrair os imigrantes italianos e seus descendentes, tal poder executivo buscou controlar as sociedades italianas estabelecidas no Estado, promover atividades culturais³² e esportivas e criar jornais de divulgação do fascismo, o que se fazia nas escolas também (POSSAMAI, 2005 p. 229-230).

Mas nada se compara ao empenho da igreja católica na divulgação da “nova” Itália. Isso se deu principalmente após a assinatura dos acordos de Latrão por Mussolini, em 1929, “que reconheciam o Estado do Vaticano, indenizavam a Igreja pela anexação dos territórios pontifícios à Itália e declaravam o catolicismo a religião oficial do estado italiano”. Assim, o governo conquistou a igreja como uma grande aliada na divulgação dos seus ideais. Mesmo com tal engajamento, “houve pouca adesão dos colonos ao regime” (POSSAMAI, 2005, p. 232-234 e 237).

A partir do final da década de 1920, iniciou-se a campanha de nacionalização brasileira, principalmente entre os jovens, que se entusiasmaram com a nova imagem da pátria e com a possibilidade de participação na política. Tal empreendimento tomou força com o Estado Novo, regime fundado por Getúlio Vargas, em 1937. As práticas religiosas e o ensino nas escolas passaram a ser feitos exclusivamente em língua portuguesa. A nação dever-se-ia compor por uma única cultura (POSSAMAI, 2005, p. 241-243).

A escola pública contribuiu para o processo de aculturação dos imigrantes e seus descendentes, por meio do ensino do Português, da História e da Geografia do Brasil, da celebração de datas nacionais e “da apresentação de símbolos nacionais e estaduais, como brasões, bandeiras, mapas e hinos”. Apesar dos esforços do governo, em muitas localidades, as diferenças persistiram com maior ou menor vigor. Quanto aos imigrantes italianos, isso poderia ser identificado na preservação da cultura camponesa e dos dialetos. “O regionalismo foi sempre muito forte no Rio Grande do Sul por causa da peculiaridade do processo socioistórico [sic] sul-rio-grandense” (POSSAMAI, 2005, p. 205-206, 212 e 217).

A repressão aos estrangeiros italianos e seus descendentes tornou-se maior a partir da década de 1940. Em Vale Vêneto e em Dona Francisca, por exemplo, as casas eram invadidas pela polícia e ocorreram mortes. Como consequência disso, surgiu entre eles uma inferioridade psicológica, por não serem capazes de utilizar o português corretamente; passaram a adotar nomes “que não fizessem referências à Itália”. Nesse período, houve um aumento na busca de documentos para a naturalização, bem como na negação de sua origem (POSSAMAI, 2005, p. 243-245).

A comunidade ítalo-rio-grandense voltou a se manifestar culturalmente somente após o fim da guerra e do Estado Novo, quando da comemoração do 75º aniversário da imigração italiana, na cidade de Caxias do Sul, em 1950. Nesse evento, ela procurou “valorizar o trabalho do imigrante na agricultura, na indústria e no comércio”. Já nas comemorações do centenário, além da busca pela integração com a “nova pátria, notou-se o renascimento do interesse pela preservação da cultura trazida da Itália pelos antepassados”, agora de uma maneira mais positiva. “Na data, foram

³² Como exemplo, realizou-se uma exposição industrial móvel dos produtos italianos nos principais portos do Brasil, de norte a sul, no ano de 1924, com o intuito de “demonstrar a eficiência do regime e os efeitos de progresso que [...] produzira” (POSSAMAI, 2005, p. 231).

promovidos festejos e publicações literárias que começaram a dar voz ao sentimento de italianidade que estava latente” (POSSAMAI, 2005, p. 246; ZANINI, 2006, p. 54 e 197).

O processo de construção identitária complexo se desdobrava mais e mais na medida em que se enraizavam, davam significado, cores e afetos às coisas do lugar. Transformavam matos em casas, dando-lhes cores e formas e roças em alimentos que produziam de acordo com suas regras culinárias e eram partilhados de acordo com regras de convivência da cultura de origem. Ao mesmo tempo, com o passar dos anos, batizavam seus filhos com nomes regionais e nacionais e consumiam alimentos não existentes na culinária de origem. Enfim, viviam numa cultura de origem que se mesclava a novas formas culturais circundantes, regionais e nacionais. Reproduziram, dessa forma, o universo italiano de origem, no que lhes era possível e se adaptavam ao que era considerado, no conjunto de seus interesses, necessário (ZANINI, 2006, p. 144).

Havia uma mistura entre os elementos identificados como tradicionalmente italianos, com os hábitos e valores familiares em terras brasileiras, o que contribuiu para a configuração da comunidade ítalo-brasileira ou, especificamente, ítalo-rio-grandense. Isso se reflete no processo de construção da identidade dos descendentes, por gerações e gerações que se sucedem (ZANINI, 2006, p. 13 e 38).

2.5 Os Significados das Coisas

Como já mencionado, após o período inicial de adaptação às novas terras, caracterizado por certo acanhamento consequente da situação precária pela qual os imigrantes italianos e seus descendentes passaram, no século XX, as “coisas”, que os rodeavam, passaram a ser interpretadas sob um novo olhar. Num primeiro momento, as casas, os objetos, os alimentos, as músicas etc. tinham um sentido e, com o passar do tempo, mantiveram-no ou adquiriram um novo significado.

A simbologia presente nessas “coisas” fornece regras de significação, o que favorece a interpretação delas pelos membros do grupo. O simbolismo manifesta-se desde a travessia, representada pela ruptura que “expressa o desejo de uma nova situação de vida e é, em essência, um momento carregado de sentimentos, [...] mas, que denota, acima de tudo, a coragem dos antepassados”. Por conta disso, alguns atributos foram delegados aos primeiros imigrantes, como “pioneirismo, audácia, coragem, abnegação, força de trabalho”, etc.. Os descendentes passam a impor significados às ações de seus antepassados e estas tipificações fazem-se presentes na vida deles como aspectos comportamentais de conduta no seu cotidiano (ZANINI, 2006, p. 66, 68 e 76).

A própria paisagem nativa foi modificada, adquirindo, assim, significado. Isso se deu porque os imigrantes transformaram o novo espaço num *habitat* com determinada ordem, familiar a eles, onde as memórias passaram a se localizar. Nesse lugar, os símbolos da cultura em questão “puderam repousar, criar laços, reproduzirem-se, expandirem-se, legitimarem-se e serem compartilhados” (ZANINI, 2006, p. 116, 125 e 143).

Nas primeiras décadas pós-imigração, muito colonos sofreram com o preconceito da sociedade quanto a sua origem; eram tratados, pejorativamente, como gente atrasada e grossa;

tinham vergonha do seu sotaque. Hoje, o sotaque é questão de orgulho, considerado como um patrimônio, uma herança (ZANINI, 2006, p. 229).

Desprezava-se o dialeto, as expressões italianas, certas comidas eram evitadas, se ainda eram usadas pelo menos era evitada sua pronúncia nos meios <<sociais>>, como <<polenta, gnocchi, minestrone>>, porque tudo isso estava ligado ao <<colono>> e a vida do colono era motivo de mofa, ele falava mal, continuava comendo <<polenta, e radício>> e já fazia parte de um outro mundo (PEREIRA, 1974, p. 121).

Quanto aos alimentos, por exemplo, em Silveira Martins, “o plantio da batata é utilizado nos desfiles como componente vital da saga imigrantista local. A uva também aparece, não porque possua peso econômico na região, mas sim como referência de gosto e estilo de vida”. A “mesa farta foi construindo uma auto-imagem [sic] positiva e de bem-estar, bem como um reconhecimento pela sociedade envolvente de que eram gente progressiva e trabalhadora”. Além disso, “a comida simbolicamente demarcou a passagem do imigrante para a de colono proprietário, aquele que civiliza, produz e come bem, muito bem. Imagem que é, nos dias atuais, um dos símbolos mais fortes do turismo para as zonas de colonização italiana de todo o Estado” do Rio Grande do Sul (ZANINI, 2006, p. 17 e 122).

Nas últimas décadas, relativa à arquitetura, houve também a busca “por um estilo que os identificasse como italianos, através da ornamentação com pedras, no paisagismo dos jardins, utilizando objetos que remetessem à colonização, como painéis de ferro, por exemplo”. Já quanto aos objetos expostos nas casas, eles possuem significados que estão em constante reelaboração, elementos estes que rememoram as experiências familiares. Com o tempo, tornaram-se coisas sagradas (ZANINI, 2006, p. 22, 201 e 218).

2.6 Cultura Material

De acordo com Menezes, citado por Barcelos (2009, p. 34, grifo do autor), define-se cultura material por

aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem. Por apropriação social convém pressupor que o homem intervém, modela, dá forma a elementos do meio físico, segundo propósitos e normas culturais. Essa ação, portanto, não é aleatória, casual, individual, mas se alinha conforme padrões, entre os quais se incluem os objetivos e projetos. Assim, o conceito pode tanto abranger artefatos, estruturas, modificações da paisagem, como coisas animadas (uma sebe, um animal doméstico), e, também, o próprio corpo, na medida em que ele é passível desse tipo de manipulação (deformações, mutilações, sinalações) ou, ainda, os seus arranjos espaciais (um desfile militar, uma cerimônia litúrgica). Para analisar, portanto, a cultura material, é preciso situá-la como suporte material, físico, imediatamente concreto, da produção e reprodução da vida social. Conforme esse enquadramento, os artefatos – que constituem [...] o principal contingente da cultura material – têm que ser considerados sob duplo aspecto: como *produtos* e como *vetores* de relações sociais. De um lado, eles são o resultado de certas formas específicas e historicamente determináveis de organização dos homens em sociedade (e este nível de realidade está em grande parte presente, como informação, na própria materialidade do artefato). De outro lado, eles canalizam e dão condições a que se produzam e efetivem, em certas direções, as relações sociais.

Dessa forma, a cultura material caracteriza-se pelas relações entre pessoas e objetos. Estes podem ser considerados como signos que auxiliam “na comunicação entre as pessoas, além de formar e de expressar suas identidades” (HILBERT, 2009, p. 11).

Segundo Hilbert (2009, p. 16-17), “objetos, percebidos como signos, formam seus significados muito menos por suas qualidades materiais e individuais e muito mais pelos contextos, pelas situações sociais nas quais estão inseridas [sic] e em quais foram usadas [sic]”. Os signos “adquirem seus significados por serem diferentes dos outros signos”. Até mesmo a ausência material obtém características significativas. Os signos também podem sofrer transformações, fazendo parte de um sistema dinâmico. “Tanto o signo quanto seus signos referenciais e diferenciais estão sujeitos a constantes significações”. Todos esses preceitos vão além dos aspectos materiais do objeto. A ideia central caracteriza-se pela busca do sentido das coisas.

Por outro lado, tem-se o ato perceptivo, ou seja, a percepção consciente que as pessoas têm das coisas, quando as tocam, veem, ouvem, cheiram. “Esse ‘mundo vivido’ está relacionado com a questão da experiência vivida. [...] [E isso] abre a possibilidade de recuperar [...] [suas] próprias experiências”. Tais objetos contam histórias, incorporam histórias das pessoas, como também influenciam as suas vidas (HILBERT, 2009, p. 19).

Para reivindicar suas memórias, histórias e identidades, as comunidades aproveitam-se de “elementos materiais que ainda têm significados no tempo presente, [...] cujas referências remetem a um passado”, para promoverem o resgate cultural. Tais “aspectos simbólicos operam com força na contemporaneidade” (BARCELOS, 2009, p. 38-39).

2.7 Design, Cultura, Sociedade e Afetividade

O design, conforme Heskett (2008, p. 13), “pode ser definido como a capacidade humana de dar forma ao ambiente em que vivemos de maneira nunca antes vista na natureza, para atender às nossas necessidades e dar sentido à vida”. Isto significa que, em qualquer ambiente, sempre haverá uma modificação, uma intervenção humana. “A vida é totalmente condicionada a aspectos que passaram pelo processo de design de uma maneira ou de outra”.

Nesse contexto, cabe mencionar que o design é mais do que um atraente mundo de objetos. Ele configura a comunicação e cria identidades, ou seja, faz parte da cultura de uma sociedade (SCHNEIDER, 2010, p. 9).

A identidade, atrelada ao design, de acordo com Bonsiepe (2011, p. 64 e 77), pode se materializar da seguinte maneira:

1. Em forma de um grupo de características formais ou cromáticas [...].
2. Na estrutura da taxonomia dos produtos, vale dizer, os tipos de produtos característicos de uma cultura, por exemplo, uma cuia de cabaça que foi criada na cultura guarani.
3. No uso de materiais locais e métodos de fabricação correspondentes.
4. Na aplicação de um método projetual específico (empatia por uma tradição e uso desses atributos arraigados em determinada região).

5. Na temática (necessidade) específica do contexto.

Segundo Heskett (2008, p. 40), quando a cultura refere-se aos valores compartilhados numa sociedade, ela representa

o modo de vida característico dos grupos sociais – os padrões de comportamento assimilados que são expressos por meio de vários elementos, como valores, comunicações, organizações e artefatos. Essa ideia abrange a estrutura da vida cotidiana e a maneira como ela é vivida em todos os seus aspectos, permitindo que se considere uma gama mais variada do design e seu papel na vida das pessoas.

Cada grupo social possui hábitos e valores culturais peculiares, que não devem ser menosprezados. Cabe ao designer, diante de suas atribuições, planejar o projeto de produto “para garantir a adequada adaptação a condições locais” (HESKETT, 2008, p. 44).

Por outro lado, não somente os produtos culturais devem ser evidenciados, mas também “os mecanismos técnicos e sociais de sua produção, aí incluídas as relações existentes entre esses mecanismos e as estruturas socioeconômicas da sociedade em questão” (FALCON, 2002, p. 83).

Desde o advento da era industrial, com início no século XVIII, o design, em vários momentos da sua evolução, teve a forma condicionada à função. Esta, por sua vez, passou a ser interpretada com o sentido de praticidade, omitindo os sentidos que poderiam ser expressos pelas formas (HESKETT, 2008, p. 34).

Mas os produtos que rodeiam as pessoas, além dos aspectos funcionais e utilitários, compreendem elementos significativos. Os indivíduos adquirem tais produtos não somente pelas funções imediatas a que servem, mas também por relações emocionais e afetivas que eles proporcionam, a partir de referências culturais e sociais que possuem. Nesse contexto, podem-se considerar duas situações: as “pessoas procuram produtos que já possuem uma identidade e que, por possuírem esses produtos, esperam que a identidade seja vista como deles próprios”, como também “o fato de que pessoas querem comunicar sua identidade, valores intrínsecos e crenças através dos produtos” (GOVERS *apud* HEKKERT; RUSSO, 2008, p. 41). Nota-se que o significado das coisas pode variar de acordo com o contexto em que estão inseridas (HESKETT, 2008, p. 39).

A partir disso, “os designers podem influenciar o apego entre pessoas e produtos ao incentivarem a associação de memórias”, à medida que traduzem “conceitos intangíveis para características visuais/materiais reconhecíveis”, ou seja, “o design trata da materialização de significados e emoções” (MUGGE et al *apud* HEKKERT; RUSSO, 2008, p. 40; GOVERS *apud* HEKKERT; RUSSO, 2008, p. 41; NIEMEYER, 2008, p. 49).

Segundo Bomfim, citado por Faggiani (2006, p. 66-67), listaram-se

alguns tipos de mensagens que podem ser comunicadas pelos objetos [...]: suas características próprias (material, cor, textura, processo de fabricação, tecnologia); suas funções práticas (para que é usado); seus modos de utilização (estabelecidos através do aprendizado e da memorização de estereótipos); seus valores estéticos (percebidos sensorialmente e interpretados segundo julgamento e opinião de gosto ou de normas vigentes); seus significados enquanto signos visuais culturalmente estabelecidos (uma figura redonda parece menos agressiva do que uma pontiaguda); seus significados ideológicos (ideais políticos e religiosos).

Os bens são carregados de valores simbólicos, os quais são capazes de transportar e comunicar significado cultural. Para tanto, o design tem papel importante nesse sistema, pois é capaz de transpor aos produtos características socioculturais dos grupos sociais. Tais signos, por sua vez, são formadores da identidade desses grupos e, conseqüentemente, colaboram para a construção da personalidade dos indivíduos, como também informam sobre as particularidades destes.

Durante o processo projetual, o designer deve considerar alguns valores e significados específicos, como o valor cultural e histórico. Este está diretamente ligado à tradição, à medida que busca “valorizar e sustentar raízes, origens, peculiaridades e estilos, valores culturais, memórias do passado, herança dos ancestrais, reconhecimento e preservação das tradições históricas e, portanto, dar valor ao tradicional. Exemplos: coisas antigas ou de valor para a sociedade”. Isso pode ocorrer a partir do estudo das características comportamentais que cercam as relações entre o sujeito e o objeto (FAGGIANI, 2006, p. 75).

Além disso, podem-se considerar outros valores, como o simbólico e o afetivo. O primeiro significa valor agregado e dimensão cultural, “que servem como maneira de identificação, diferenciação ou afirmação social”. Os produtos adquirem tal valor quando são associados a memórias do passado. Já o valor afetivo caracteriza-se pela “carga emotiva que o objeto leva consigo e lembranças que consegue proporcionar” (FAGGIANI, 2006, p. 93). Conforme Hekkert e Russo (2008, p. 40), “produtos que contêm memória afetiva são insubstituíveis, manipulados com mais cuidado, limpos com mais freqüência [sic], e até seu uso é evitado (para preservá-los)”.

Assim, o design vem acompanhando a evolução humana, considerando necessidades e valores dentro de diferentes contextos históricos, econômicos, sociais e culturais dos indivíduos. Da mesma maneira, os significados, tanto subjetivos quanto objetivos, materializam-se por meio do designer e, posteriormente, do consumidor, a fim de representar uma determinada cultura material (FAGGIANI, 2006, p. 119).

3 O FAZER ARTESANAL E SUAS INTERFACES COM O DESIGN

O presente capítulo objetivou estabelecer uma relação entre o fazer artesanal e o campo do design, além de discorrer sobre como se deu o desenvolvimento dessas áreas na Europa e no Brasil. O design originou-se da Revolução Industrial, o que proporcionou uma mudança de hábitos e costumes na sociedade europeia do século XIX, cujos reflexos chegaram ao Brasil, provocando, conseqüentemente, a imigração em massa de alemães, italianos e de outras etnias. Essas dimensões, embora distintas, têm aspectos que se entrelaçam, ao mesmo tempo em que se influenciam pelas culturas estabelecidas e miscigenadas neste país.

3.1 A Formação do Campo do Design

Conforme Bourdieu (2007a e 2007b), a teoria do campo caracteriza-se por uma estrutura formada entre pessoas ou grupo de pessoas, a qual permite a análise desse determinado espaço social específico. Essas partes constitutivas possuem propriedades de posição ou poder e de peso funcional, relativo às suas ações, que estruturam o comportamento humano e contribuem para a construção do campo.

A motivação para se fazer algo, que surge a partir de preferências e disposições de cada parte, compreende um dos princípios da teoria de campo, conhecido como *habitus*. A ação das partes vai depender da capacidade e da habilidade que elas têm para realizar alguma coisa (SAMPAIO, 2011). O *habitus* pressupõe a busca da separação entre os opostos objetivo/subjetivo fundamentados nas ações coletivas, que compreendem um sistema de relações estruturais, às vezes, invisíveis aos olhos dos sujeitos envolvidos. De acordo com Bourdieu (2007a e 2007b), o social é constituído por espaços de relações objetivas, que possuem uma lógica própria, irredutível à lógica que rege outros campos. Tais estruturas constituem-se tanto em campos de forças, quanto em campos de lutas, onde os sujeitos atuam de acordo com suas relativas posições no espaço, conservando ou transformando a sua estrutura.

A partir de outros campos, viu-se a necessidade da formação de uma estrutura que atendesse a demanda conseqüente da Revolução Industrial. Trata-se do campo do design. Esta área originou-se de campos como o das corporações de ofícios, e posteriormente, da engenharia, da arquitetura, em se tratando de Europa, e, por outro viés, talvez, até de certas particularidades que se instauraram em alguns países, como aconteceu no Brasil. Das relações estabelecidas entre essas

estruturas, extraíram-se as partes com propriedades comuns que nelas se exprimiram, para que se tomasse proveito das ações que tiveram resultados positivos. Em suma, a partir de outros campos pôde-se pensar sobre o design.

No Brasil, o campo do design começou a se estruturar a partir da instituição da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), no Rio de Janeiro, em 1963, mesmo com algumas tentativas anteriores, dadas infrutíferas, como o curso criado no Museu de Arte de São Paulo, em 1951, e a inserção do design no curso da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-SP), em 1962. Tais iniciativas tinham como propósito atender à demanda industrial que surgia, principalmente, em São Paulo e no Rio de Janeiro. “A difusão do design no Brasil, fenômeno que não desponta como simples casualidade, desenvolve-se, como em outros países periféricos, de maneira proeminente no âmbito acadêmico em detrimento da sua aplicação na esfera produtiva industrial” (MORAES, 2006, p. 30).

Mesmo com a institucionalização do design, esse país continuou recebendo “referências, modelos, métodos, conceitos e teorias provenientes” de países como Alemanha, Itália e Suíça. Todas essas influências vieram a se relacionar com as características locais e, com o tempo, foram absorvidas e interpretadas. A ESDI, por exemplo, seguiu os conceitos adotados pela Escola de Ulm (1946-1968), da Alemanha (MORAES, 2006, p. 30).

Percebe-se, então, que a atividade de design no Brasil foi promovida, desde a época do seu estabelecimento oficial, como uma espécie de nexos contínuo, isto é, o encontro entre pioneiros locais e atores europeus do design de então. Este fato proporcionou um contínuo confronto entre as particularidades locais brasileiras e os modelos internacionais no âmbito do design (MORAES, 2006, p. 31).

Todas as áreas, como esta em questão, permanecem num processo contínuo de construção. Suas partes articulam-se para que períodos de transição sejam transpostos e mudanças aconteçam. Dentre tantas formas de pensamento, percepção e ação, sempre haverá certas especificidades que poderão vir à tona sob um novo olhar. Isso pode ser evidenciado a partir da tentativa de se relacionar o fazer artesanal e suas interfaces com o campo do design, áreas estas intimamente interligadas.

O dualismo artesanato e design, embora linguagens distintas, encontram-se intimamente vinculadas no saber-fazer, pois a criatividade permeia em todas elas. A inventividade é canalizada com sensibilidade para um produto pleno de aspectos identitários e simbólicos, entre outros, o que agrega valor e estabelece uma relação colaborativa entre ambas as áreas. Assim, pode-se entender essa unidade entre os dois campos de conhecimento.

3.2 As Corporações de Ofícios na Europa

Considera-se o artesanato como um “exercício individual, ou em pequenos [e] médios autônomos, de uma atividade manual vinculada a uma arte popular ou a um ofício tradicional” (ARTESANATO, 1981, p. 32). Além disso, o artesanato funciona enquanto ferramenta facilitadora da

compreensão do destino, atua junto à memória e na melhoria de problemas sociais, econômicos e políticos, como alternativa sustentável de desenvolvimento, podendo interligar vários agentes, como preconiza Bourdieu.

Para que se chegasse à tal definição, muitas ações foram desenvolvidas, desde os primórdios da humanidade, as quais se mantêm, sob diversas aplicações práticas, até os dias de hoje. Como critério de esclarecimento, vale expor que, neste trabalho, não se teve a pretensão de distingui-las.

A associação do artesanato à educação remete às corporações de ofícios. “A [própria] palavra artesanato vem da palavra ‘arte’ equivalente de Corporação” (BARDI *apud* MORAES, 2006, p. 66). Na Europa, concentradas principalmente na Itália, essas foram escolas preocupadas com a formação dos seus continuadores e dotadas de um patrimônio cultural e pedagógico caracterizado por particularidades técnicas de transmissão, que serviram de base para o desenvolvimento industrial (RUGIU, 1998, p. 2, 4 e 25). De acordo com Rugiu (1998, p. 1), elas

tiveram um forte desenvolvimento a partir do século XII, atingiram o seu apogeu no século XIV entrando, a partir daí, num lento mas contínuo enfraquecimento até serem formalmente extintas em fins do século XVIII e inícios do século XIX. [...] Efetivamente, o artesanato evoluiu do “sistema familiar”, quando se produziam os instrumentos rudimentares necessários à subsistência suprida através do trabalho agrícola, para o “sistema de corporações”, quando o artesão se desloca para a cidade e passa a produzir para um mercado pequeno e estável constituído pelos habitantes urbanos.

No primeiro sistema, “as verdadeiras virtudes se herdavam, não se aprendiam”, eram passadas de pais para filhos. Já no segundo, os ensinamentos eram repassados de mestres para aprendizes, considerando o “olhe como eu faço”, sem o estudo de textos, conforme o processo “aprender fazendo”, comum às artes mecânicas até o século XVII (RUGIU, 1998, p. 36, 38, 43 e 73).

A origem das corporações deu-se em escolas diversas (pescadores, açougueiros, sapateiros, carpinteiros, etc.) e em oficinas de mosteiros na Itália. Estas últimas eram caracterizadas por um “*trabalho organizado e racionalizado*, [...] [onde] vigorava uma divisão técnica e social [...], segundo um rigor antes desconhecido e que [...] constituía um [...] modelo formativo, [...] com estruturas e funções em certos aspectos, não diferentes daquelas da sucessiva organização das Corporações” (RUGIU, 1998, p. 27, grifo do autor).

Com a crise do feudalismo e o êxodo rural, os artesãos também migraram para as cidades, onde o mercado e o consumo ampliavam-se por conta do aumento do nível de vida que se deu aos poucos. Isso favoreceu o crescimento da produção em quantidade e qualidade, mas exigiu “*novas modalidades produtivas e reprodutivas, implicando, por sua vez um aumento da taxa de instrução básica e especializada*”. Assim, as associações começaram a ser institucionalizadas, acompanhadas pela difusão das universidades (RUGIU, 1998, p. 29, grifo do autor).

A partir disso, houve também a separação entre as artes liberais (produção de pensamento) e as artes mecânicas (produção de mercadorias) e o aparecimento do mercador (mediador comercial e fornecedor de matérias-primas, o que mantinha o artesão em suas mãos – apenas a Revolução Industrial pôde inverter tal situação). O artesão, então, dedicou-se inteiramente à produção, sempre mantendo o segredo do seu ofício. O termo artesão passou a ser utilizado a partir do século XV (RUGIU, 1998, p. 33-34 e 36-38).

O declínio das corporações ocorreu a partir do momento em que se passou a dar mais importância à formação universitária, sendo aquelas marcadas “pelo esvaziamento progressivo da sua função pedagógico-didática”, relacionada à insuficiência dos conteúdos e à má qualidade dos métodos adotados. Outro motivo foi a valorização dos artesãos-artistas perante o trabalho dos baixos artesãos (carroceiros, marceneiros, ferreiros, sapateiros, etc.), quando os primeiros passaram a ser “procurados pelos senhores e pelos grandes homens de negócios, pela fama individual”. Sobressaiu-se a invenção estética diante do trabalho puramente braçal. Este passou a seguir “alguns padrões comerciais, já standardizados”, ainda submetido aos “pedidos” do mercador, enquanto aquele desvencilhou-se deste intermediário, além de ser mais instruído, em termos de fazer contas e saber ler e escrever. Para se destacar, o artesão das artes mecânicas deveria ter um dom nato, além de ser altamente criativo, principalmente para inovar em termos projetuais e operativos (RUGIU, 1998, p. 87, 90, 92-93 e 105).

Com isso, surgiram as academias, destinadas ao ensino de formas do pensamento e modos de expressão a aspirantes artistas, bem como ofereciam a oportunidade de confrontá-los “com outros valores e com outras orientações metodológicas”. Suas atividades, que persistiram até o final do século XVIII, eram similares às dos cursos universitários, o que propiciou a evidente união futura de tais instituições. “Foi, em resumo, o primeiro exemplo de uma escola superior de aperfeiçoamento que rompeu os estreitos limites da tradicional formação artesã” (RUGIU, 1998, p. 106 e 113-114).

O fim das corporações veio com a difusão “da manufatura já na fase embrionária da revolução industrial, [...] além do aparecimento de novos ofícios e de relativos novos perfis profissionais”. Com isso, as modalidades formativas do artesanato, apesar de todos os esforços, praticamente extinguíram-se, e a cultura artesanal foi cada vez mais desvalorizada. Na Itália, por exemplo, a supressão das corporações em nível nacional ocorreu em 1864, por meio de uma lei imposta pelo governo. “O artesão e o artesanato, no século XIX, sobreviverão somente nos espaços e nos nichos deixados intactos, ou pouco atingidos pela produção e pela comercialização da grande indústria”. Nesse momento, retornou, com mais força, o sistema familiar ou as então chamadas escolas primárias, de nível inferior, prevalecendo, neste contexto, o controle de todo o processo de desenvolvimento do objeto, desde a “idéia [sic] originária até a realização final”. Outras tipologias pedagógico-didáticas foram representadas pelas escolas técnicas e profissionais (formação de peritos), de nível intermediário, e as faculdades universitárias técnico-científicas “(engenharia, arquitetura, cirurgia, farmácia, veterinária, etc [sic])”, consideradas como o mais alto grau de tradição cultural (RUGIU, 1998, p. 128-129, 131, 145, 156 e 167).

3.3 A Revolução Industrial

No início do século XVIII, viram-se novas circunstâncias surgirem, as quais antecederam a revolução tecnológica do capitalismo industrial. Novas evidências em termos de gosto, demanda e

moda fizeram com que despontasse uma cultura materialista focada no desenvolvimento de produtos e bens. As tradições de fabricação, por exemplo, mudaram “em reação a imposições comerciais e estéticas ou a ímpetus de escalas mais largas e, algumas vezes, a consumidores distantes” (APPADURAI, 2008, p. 56 e 67).

A revolução que se via acontecer, conhecida também por “revolução mundial”, “revolução cultural”, “revolução científica”, “revolução da esperança”, tornou-se causa “de um processo social de vanguarda, impulsionado pela industrialização”, e que se deu no período de 1785 a 1860 (HILL, 2006, p. 28 e 31). No século XVIII, segundo Hill (2006, p. 21 e 31), em vários países da Europa, houve um “aumento vertiginoso da densidade demográfica e do crescimento da produção”, sendo este último aspecto identificado a partir de duas faces: “a artesanal, medida e equilibrada, procurando a aceitação e a beleza, e a mecanizada, consequência [sic] das invenções tecnológicas da época, fabricadas em grande quantidade e com melhor preço”, o que possibilitou a expansão do mercado. Do outro lado da produção encontrava-se a sociedade de consumo, a qual era cada vez mais motivada a consumir produtos taxados pela ideologia do “bem-estar”. Ao mesmo tempo em que produzia, o homem sofria também as consequências do uso indiscriminado desses objetos, estimulado principalmente pelos investimentos das empresas em publicidade. Além disso, o organismo humano serviu como referência para a construção de máquinas e aparelhos, os quais o superaram e a ele tornaram-se hostis, visto que a produtividade era o foco, caracterizada principalmente em termos quantitativos, o que fez surgir a chamada cultura de massa, e pelo baixo custo, consequente de maior oferta (HILL, 2006, p. 22-23, 28, 30-31 e 33).

Ao adentrar o século XIX, o progresso apoiou-se na tríade ciência, técnica e indústria. Os dois primeiros termos não poderiam estar dissociados. “A tecnologia será o meio que permitirá à ciência experimentar os fatos; os recursos tecnológicos estarão sempre se renovando. E se estabelece um círculo vicioso” (HILL, 2006, p. 32).

O caráter espiritual do homem cedeu lugar ao materialismo, tanto por conta da própria produção quanto pela circulação de formas simbólicas que passaram a fazer parte do sistema de mercantilização e transmissão. Ele deixa de ser pertencente a Deus e passa a pertencer a outro homem (HILL, 2006, p. 33-34 e 116).

A partir do século XX, acentuou-se a sobrecarga de trabalho, da vida cotidiana urbana e da vida privada. Viram-se, como maneiras de escape desse mundo opressor, as famílias frequentarem clubes de férias, ou entregarem-se à utopia da felicidade ou, como Morin chama, à utopia concreta, calcada na busca pela aquisição da casa própria, do carro e da televisão. Criam-se os produtos, mas criam-se também os consumidores. A inter-relação que existe entre esses dois grupos dá-se pela necessidade, a qual também é “produzida”. Então, “está-se num círculo vicioso: deve-se consumir porque se produz, deve-se produzir porque se fabricam ‘necessidades’” (HILL, 2006, p. 26, 38, 42-43 e 45).

Esse sistema faz com que diferentes comunidades desenvolvam estratégias competitivas para o local, o que pode levá-las a atingirem certa vantagem perante as demais, se possuírem uma percepção mais aguçada. “Cria-se um produto, com pequenas variações de características específicas, ligando-se o global ao local e ao diverso” (HILL, 2006, p. 96-97).

No embate global *versus* local, há de se encontrar um caminho para que ambas as partes possam interagir mutuamente, pois o produto multinacional pode encontrar “resistências provindas das peculiaridades contextuais e culturais. [...] A identidade do lugar e das pessoas está em constante transformação e, também, se beneficiará das influências estrangeiras, sem abrir mão de suas características essenciais” (HILL, 2006, p. 100).

3.4 O Artesanato no Brasil

Diferentemente do que ocorreu na Europa, as corporações de ofícios no Brasil não tiveram a mesma formalidade, nem tampouco o corpo social presente em associações europeias. Entretanto, talvez o desenvolvimento industrial³³ possa ter se originado do artesanato, pelo menos em se tratando da criação de um “design” ou de uma tecnologia nacional, embora outro ponto de vista sustente que a industrialização veio para substituir o objeto feito à mão, representativo do passado de atraso, pobreza e insignificância cultural (ARTESANATO, 1981, p. 3; BARDI *apud* MORAES, 2006, p. 66; BORGES, 2011, p. 31 e 41; RUGIU, 1998, p. 2).

A experiência secular de pesquisa e manipulação das matérias-primas, a técnica de reprodução igualmente estruturada e, principalmente, a inventividade identificada com as tradições e a cultura do país são elementos que podem facilmente ser incorporados à produção industrial, com benefícios não apenas culturais, mas também econômicos, na medida em que podem criar um estilo próprio capaz de substituir os padrões importados (ARTESANATO, 1981, p. 3).

Um exemplo disso trata-se da criação da empresa Carraro, detentora das linhas Comódite e Criare, que, desde 1961, atua no mercado com a produção de móveis, em Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, cidade considerada como um dos polos moveleiros mais importantes do Brasil. A empresa teve, como fundadores, Nelson Carraro e amigos, os quais trabalhavam anteriormente como artesãos de madeira. Percebe-se aqui a evolução do fazer artesanal para o processo industrial. “Esse salto da [...] indústria artesanal [...] à fabril foi possibilitado pelo conhecimento por parte dos colonos de técnicas produtivas européias [sic] singelas, porém mais complexas que as dominadas pelos outros núcleos brasileiros” (ELLWANGER, 2008, p. 213; RIBEIRO *apud* MORAES, 2006, p. 73).

Especificamente sobre o artesanato, este evoluiu à medida que apresentou uma produção genuína de várias formas artesanais, representada pela riqueza das tradições indígena e africana, complementada por aquelas dos diversos grupos de imigrantes que se instalaram a partir do final do século XIX, as quais foram inseridas às práticas populares das várias regiões do país. No Brasil, tal história passou a ser contada no momento em que a Europa já apresentava o declínio definitivo das corporações e a crise na agricultura, com o conseqüente aumento populacional das cidades (RUGIU, 1998, p. 4 e 12).

³³ Portugal e Inglaterra assinaram um acordo que consistia na proibição do desenvolvimento industrial no primeiro país e, conseqüentemente, nas suas colônias (1500-1808) (MORAES, 2006, p. 67).

O artesanato no Brasil, por sua extensão, beneficiou-se das potencialidades dos materiais encontrados em cada região. Mas um dos materiais mais utilizados na artesanaria brasileira foi e ainda é a madeira, principalmente pela variedade e quantidade de espécies disponíveis por todo o país. Ela dá forma à cultura material do Brasil, aplicada na composição de itens que vêm ganhando cada vez mais notoriedade no âmbito das artes e das técnicas populares, com destaque para a arquitetura, móveis, utensílios, ferramentas, meios de transporte, etc.. Às vezes, pode ser combinada com outros materiais, como a fibra trançada para os assentos, por exemplo. Tais objetos seguem as características locais e destinam-se ao uso doméstico, até mesmo para um consumo mais imediato, como critério de subsistência; para venda, acompanhando os contextos sociais; ou também para fins lúdicos ou religiosos. Eles são feitos pelas próprias famílias, por grupos comunitários ou em âmbito empresarial. No caso do mobiliário, muitas peças podem ser simples e rústicas, outras seguem modelos e técnicas mais modernas, mas sempre executadas manualmente por meio da utilização de instrumentos básicos específicos para cada ofício, sendo estes considerados como uma continuidade da própria mão do homem (BORGES, 2011, p. 79; FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE, 1980, p. 12-13, 16-17, 55-57 e 71; LODY; SOUZA, 1988, p. 11, 69 e 155).

A convivência do homem com a utilidade e funcionalidade das madeiras é visível nas habitações, onde as predileções dos tipos de casas e dos materiais acrescidos às madeiras estão assentadas nos padrões étnicos, por sua vez ajustados às realidades sócio-econômicas [sic]. As casas, as coberturas, os puxados, detalhes das construções, lambrequins, enfeites das fachadas, além dos interiores [sic] com o variado mobiliário, dizem dos hábitos e maneiras de morar e viver. [...]

As casas dos colonos imigrantes seguem, geralmente, estilos e materiais similares aos de origem, fazendo aparecer, notadamente na região sul do país, construções polonesas, italianas, alemãs, onde as madeiras serão fundamentais nas estruturas e em alguns casos na totalidade da habitação.

Ao acompanhar os tipos de habitação, os móveis exemplificam condições sociais e identificam os seus usuários. Os móveis podem seguir estilos regionalistas, tradicionais: oratórios, variedade de bancos, mesas, cadeiras, camas, arcas, cabides, tulhas, caixas, malas. Outros seguem as tendências do consumo, como os conjuntos de sala, quarto, copa-cozinha, já padronizados pelos modelos em fórmica ou móveis de estilo (LODY; SOUZA, 1988, p. 12-13).

Ainda, a produção de móveis resulta do trabalho de artesãos ou, até mesmo, dos próprios usuários, por meio do “aproveitamento de toras, cascas, veios e desenhos das próprias madeiras”, o que imprime, geralmente, rusticidade a tais artefatos. Estes partilham espaço com móveis industrializados, podendo ser a aquisição dos últimos considerada como um sinal de ascensão social (LODY; SOUZA, 1988, p. 75 e 77).

Já os meios de transporte desenvolvidos pelos colonos, por exemplo, representam-se pelas carroças dos mais variados modelos e nomes. Elas têm utilidade nas atividades agropastoris e no transporte de mercadorias ou de passageiros (LODY; SOUZA, 1988, p. 103).

O trabalho com a madeira exige um grande esforço físico. Por isso, tal atividade é, geralmente, exercida pela força masculina, a fim de “atender funções determinadas pelos usos e representações simbólicas”. No Brasil, diferentemente da formação nas corporações da Europa, a transmissão dos conhecimentos encontrou soluções próprias, mas seguindo a hierarquia das corporações (aprendiz, oficial e mestre) e desenvolvendo-se em âmbito doméstico ou oficinas (LODY; SOUZA, 1988, p. 12 e 39).

3.5 Relação do Campo do Design com o Fazer Artesanal

Cabe ressaltar que a institucionalização das associações de artesãos na Europa, principalmente na Itália, foi fundamental para que se gerasse um contexto propício para a fundação de universidades. O crescimento da produção em quantidade e qualidade, com a difusão da manufatura, decorrente da Revolução Industrial, passou a exigir um aumento de instrução especializada que se concretizou com o advento da academia. A criação do campo do design derivou desses investimentos educacionais, bem como empresariais, mercadológicos e econômicos.

No Brasil, diferentemente do que ocorreu no continente europeu, a formação do campo do design não se deu a partir do trabalho artesanal, mas, talvez, encontrou nesta área referências para a sua construção, como a relação com as matérias-primas, as técnicas de produção, as tradições e cultura do país. Em termos institucionais, a criação de cursos de design teve, como modelos, as escolas europeias; eles não se originaram do artesanato. Já o desenvolvimento industrial brasileiro até pode ter evoluído do trabalho de artesãos, muitas vezes familiar, mas há pontos de vista que defendem que ele veio para substituir o fazer artesanal.

Em meio a tantas transformações, há produções praticamente genuínas de formas artesanais que ocorreram em regiões peculiares brasileiras, como é o caso daquela desenvolvida na Quarta Colônia, do final do século XIX até as primeiras décadas do século seguinte. O fazer artesanal dessa região tem, como base, a tradição do imigrante italiano, pois se beneficiou da habilidade que alguns imigrantes já possuíam, por talvez terem mantido contato com mestres artesãos na Itália ou com uma tecnologia mais avançada, combinada com a abundância de material à disposição. Suas produções, num primeiro momento, foram fundamentais para a sua sobrevivência, de maneira a suprirem necessidades básicas de consumo próprio.

Frente à situação que se impôs ao imigrante, cabe evidenciar que os artefatos por ele confeccionados resultaram de uma produção artesanal, porém o design surgido com a necessidade da produção industrial, no Brasil, serviu de referência para a criação de modelos e distintas tipologias. Nesse sentido, a relação social preconizada por Bourdieu trata das diferentes posições que os grupos ocupam no espaço, diferenças estas presentes nas condições de existência. Assim, o campo do design, enquanto área de conhecimento específico, beneficia-se dos saberes artesanais, ainda fortemente vinculados às atividades projetuais, e vice-versa. Essas áreas, tais como a das artes, arquitetura, engenharia, entre outras, visam “dar existencia [sic] concreta e autónoma [sic] a ideias abstratas e subjetivas” por meio de projetos. Observa-se, então, que o desenvolvimento projetual perpassa pelos diferentes campos, visto como algo comum a todos eles (DENIS *apud* RODRIGUES, 2015, p. 20).

Ainda, vale destacar que, antes de se cogitar qualquer uma dessas possibilidades, deve-se considerar a capacidade projetual como algo inerente a todo o ser humano, à medida que detém certas competências básicas em design para que possa se relacionar com os artefatos. Além das

próprias características dos indivíduos, leva-se também em consideração as “características dos contextos socioculturais em que os objectos [sic] emergem”, o que proporciona a identificação de “uma reciprocidade entre o ser humano como produtor de artefactos [sic] e estes como produtores de comportamentos”. Nesse âmbito, “o design tem sido, desde a pré-história, um ‘agente de mudança’ que torna acessível a evolução científica, tecnológica, política e cultural” (BONSIEPE; BUCHANAN; DUNIN-WOYSETH; RAWSTHORN; ROBOREDO *apud* RODRIGUES, 2015, p. 17, 21 e 34).

Ou seja, torna-se

pertinente estabelecer a diferença entre Design enquanto actividade [sic] humana – a capacidade de fazer coisas era já um dos atributos do *homo habilis* (Friedman, 2000) que depois se confirma no ser humano como ser projectual [sic] (Bonsiepe, 1992), – e Design enquanto área profissional e disciplinar recente (Bertola, et al., 2004). De facto, nos anos 30 do século XX era ainda comum a indústria recorrer a uma série de profissionais, artistas, artesãos, engenheiros, para delinear os objectos [sic] a produzir (Molotch, 2003): o processo de afirmação do design enquanto actividade [sic] profissional foi lento, persistindo a necessidade de regulamentar a profissão, criar associações profissionais e consolidar o estatuto do designer (RODRIGUES, 2015, p. 34).

Enquanto materialização de conceitos em artefactos [sic], o design esteve ligado à prática artesanal das artes e ofícios e, na sequência da Revolução Industrial, afirmou-se progressivamente, à medida que ocorreu a “transição de uma prática para uma profissão” sendo “o design como profissão” instituída e reconhecida [como uma] “uma inovação do século XX” (FRIEDMAN *apud* RODRIGUES, 2015, p. 110).

Dessa forma, deve-se considerar “o ser humano como ser projectual [sic]”, “capaz de criar, materializando a sua capacidade de imaginar”, “e os designers enquanto especialistas nesse âmbito”, somando-se a experiência e conhecimento tácito destes, “a sua capacidade de observação do que o[s] rodeia[m]”. Assim como em Rodrigues (2015), o presente trabalho tem, como foco, o artefato, não fazendo sentido erguer barreiras entre o fazer artesanal e o design e discutir a fundo tal problemática, à medida que se considera evidente a correlação entre essas áreas. Então, aqui foram considerados os artefatos elaborados de acordo com diferentes formas de confecção, já que se entende o design como uma capacidade intrinsecamente humana (BONSIEPE *apud* RODRIGUES, 2015, p. 49; RODRIGUES, 2015, p. 26, 43, 51 e 198).

4 TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS E REFERÊNCIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE ARTEFATOS NA QUARTA COLÔNIA

Neste capítulo, versou-se sobre assuntos considerados distintos, mas que contemplam algo em comum: o artefato. Na primeira parte, discorreu-se sobre o processo evolutivo humano, decorrente das transformações tecnológicas; na sequência, buscou-se a definição do termo “artefato” e de seus semelhantes; em seguida, tratou-se sobre os mais variados tipos de artefatos desenvolvidos na região de Vêneto, na Itália; e, nos dois próximos subitens, pesquisaram-se as unidades produtivas, bem como o seu histórico, desde os seus primórdios até o pleno desenvolvimento do design em âmbito sul-rio-grandense. Acredita-se que os três últimos textos abordaram tópicos que serviram como referências para a construção de artefatos na Quarta Colônia.

4.1 Processo Evolutivo Humano

Conforme Ribeiro (2000, p. I-XXIII e 198), a evolução sociocultural das sociedades humanas deu-se a partir das transformações revolucionárias tecnológicas ou militares. Tal autor considerou a tecnologia como o motor da evolução da humanidade. Diante dessas referências, puderam-se definir as fases que compõem tal processo civilizatório, a começar pelas “comunidades humanas que experimentavam desde um processo de aculturação da condição mais primitiva à integração em uma nação moderna até a ascensão de sociedades nacionais da condição agrária à industrial” (RIBEIRO, 2000, p. XIV). Esses modos diferenciados de ser enquadram-se em três ordens de imperativos, a destacar:

primeiro, o caráter acumulativo do progresso tecnológico que se desenvolve desde formas mais elementares a formas mais complexas, de acordo com uma seqüência [sic] irreversível. Segundo, as relações recíprocas entre o equipamento tecnológico empregado por uma sociedade em sua atuação sobre a natureza para produzir bens e a magnitude de sua população, a forma de organização das relações internas entre seus membros, bem como das suas relações com outras sociedades. Terceiro, a interação entre esses esforços de controle da natureza e de ordenação das relações humanas e a cultura, entendida como o patrimônio simbólico dos modos padronizados de pensar e de saber que se manifestam, materialmente, nos artefatos e bens, expressamente, através da conduta social, e, ideologicamente, pela comunicação simbólica e pela formulação da experiência social em corpos de saber, de crenças e de valores (RIBEIRO, 2000, p. 6).

As sociedades humanas, no decorrer dos períodos, experimentaram

dois processos simultâneos e mutuamente complementares de autotransformação, um deles responsável pela diversificação, o outro pela homogeneização das culturas. Por força do primeiro processo, as sociedades tendem a multiplicar seus contingentes populacionais, a desdobrar as entidades étnicas em que estes se aglutinam e a diversificar seus respectivos patrimônios culturais. Por força do segundo processo, porém, essa diversificação, em lugar de conduzir a uma diferenciação crescente dos grupos humanos, conduz à homogeneização de seus modos de vida através da fusão das entidades étnicas em unidades cada vez mais inclusivas e da construção de seus patrimônios culturais dentro de linhas paralelas, tendentes a uniformizá-las (RIBEIRO, 2000, p. 8).

A criatividade e a difusão são aspectos responsáveis pela inovação e a introdução de novos traços culturais e, somando-se às compulsões sociais decorrentes da dominação externa, tornam-se “capazes de alterar o curso do desenvolvimento evolutivo de uma sociedade”. A rapidez da difusão fez com que, por exemplo, “as inovações técnicas introduzidas nos vinte anos após a segunda guerra mundial se espalha[ssem] duas vezes mais rapidamente do que aquelas introduzidas depois da primeira guerra mundial e três vezes mais do que as introduzidas entre 1890 e 1919” (RIBEIRO, 2000, p. 11; SANTOS, 2006, p. 116).

Cada etapa do processo evolutivo humano caracteriza-se pelos elementos que nela possam estar presentes, como aqueles

referentes a atividades produtivas (caça e coleta, pastoril, agrícola, rural-artesanal, regadio, industrial); a elementos concernentes à estratificação social e às relações de trabalho e propriedade (indiferenciada – em oposição à estratificada –, coletivista, privatista, escravista, mercantil, capitalista, socialista); a termos descritivos de unidades políticas (tribal, horda, aldeia, chefia, estado, império, colônia) e, finalmente, a qualificativos do perfil ideológico e de atributos especiais de certas formações (teocrático, salvacionista, despótico, revolucionário, evolutivo, modernizador) (RIBEIRO, 2000, p. 17).

Nesse processo, então, reconhecem-se oito revoluções tecnológicas, as quais são: Agrícola (8000 a. C.), Urbana (7000 a. C.), do Regadio (2000 a. C.), Metalúrgica (1000 a. C.), Pastoril (600 E. C.), Mercantil (1500), Industrial (1800) e Termonuclear (1900) (RIBEIRO, 2000, p. 183-185).

a) Revolução Agrícola → com esta revolução, motor do primeiro processo civilizatório, introduziram-se o cultivo de plantas e a domesticação de animais no sistema produtivo, fazendo com que o ser humano, então, passasse de apropriador da natureza a organizador ativo da produção. Além disso, as aldeias agrícolas indiferenciadas surgiram como uma nova formação sociocultural, e foram substituídas, mais tarde, pelas hordas pastoris nômades (RIBEIRO, 2000, p. 20 e 22).

O grupo deste período dividiu-se em famílias e as atividades produtivas distribuíam-se segundo o sexo (às mulheres, atribuíam-se as funções rotineiras; e aos homens, as tarefas cansativas) e a idade; todos se conheciam e se tratavam por igual; dedicavam-se às tarefas, como caça, pesca, coleta, cultivo e pastoreio, com o objetivo de suprir sua própria subsistência; os esforços coletivos induziram ao crescimento das sociedades. “Os excedentes alimentares ou de outro tipo [...] são destinados a gastos supérfluos, com atos de fé, ou ao consumo festivo” (RIBEIRO, 2000, p. 44 e 46).

Segundo Ribeiro (2000, p. 45),

amplia-se [...] o número de especialistas no trato com o sobrenatural, que são chamados ao exercício de funções mais complexas, como a salvaguarda do grupo contra variações

estacionais e a garantia da fertilidade do solo e das sementes, junto aos povos agricultores, e da saúde e da multiplicação dos rebanhos, junto aos pastores.

Quanto aos progressos produtivos, tem-se, como exemplos, a substituição da enxada pelo arado puxado por animais e o uso de fertilizantes. Surgiram ferramentas para fiação e tecelagem, e uma multiplicidade de utensílios domésticos (RIBEIRO, 2000, p. 45-46).

b) Revolução Urbana → fundou-se a partir de novos progressos produtivos, como a agricultura de regadio, a metalurgia e a escrita, o que teve como consequências a dicotomia interna das sociedades, representada pelas condições rurais e urbanas, e a sua estratificação em classes sociais, além de outras mudanças relativas à vida social e ao patrimônio cultural. Surgiram, assim, os estados rurais artesanais, divididos em dois modelos diferenciados: o coletivista, caracterizado pela propriedade estatal da terra e por uma estratificação social baseada na função; e o privatista, representado pela propriedade privada e pela escravização da força de trabalho (RIBEIRO, 2000, p. 20 e 22).

As plantas cultivadas aumentaram em número e foram aprimoradas geneticamente; as técnicas agrícolas foram aperfeiçoadas a partir da adoção de novos métodos de trabalho e de instrumentos mais eficazes, tanto para o preparo das lavouras, quanto para o transporte e a estocagem; os rebanhos também foram aprimorados geneticamente, para se obter animais de montaria e de tração, bem como para o provimento de carne, leite e lã; surgiram novas técnicas de fabrico de tijolos e ladrilhos para o advento das primeiras cidades; originaram-se formas mais complexas de divisão social do trabalho por meio da especialização artesanal e do comércio; as classes sociais ampliaram-se; os especialistas no trato com o sobrenatural tornaram-se dominadores, institucionalizaram a igreja e impuseram suas crenças; o Estado exercia as funções de defesa e de promoção da guerra, e garantiam as condições de estabilidade e ordem para o comércio (RIBEIRO, 2000, p. 49-50, 52, 56 e 64-65).

c) Revolução do Regadio → deu-se a partir da implementação de inovações na construção de grandes canais de irrigação, nos barcos para navegação, nos sistemas de estradas, nas edificações ciclópicas, em desenvolvimentos científicos, principalmente no campo da Matemática e da Astronomia, entre outras aplicações prodigiosas. Neste momento, surgiram as primeiras civilizações regionais, representadas pelos impérios teocráticos de regadio (RIBEIRO, 2000, p. 21-22).

d) Revolução Metalúrgica → nesta revolução, aprimoraram-se a tecnologia do ferro forjado e a manufatura de ferramentas. Houve também o desenvolvimento da cunhagem de moedas, o que viabilizou o comércio externo, além do alfabeto fonético e a notação decimal. Surgiram “máquinas hidráulicas, moinhos movidos a [sic] água, o aqueduto, a nora, a mó rotativa, cabrestantes e gruas, bem como os faróis marítimos”; multiplicaram-se as manufaturas, como “serrarias, carpintarias e marcenarias; estaleiros, metalúrgicas e caldeirarias; olarias e cerâmicas; vidrarias, curtumes, e oficinas de ourives, seleiros, correeiros, sapateiros, onde dezenas e até centenas de artesãos, na sua maioria escravos, produziam artigos padronizados para comércio”. Todos esses avanços

proporcionaram uma nova formação sociocultural, chamada de impérios mercantis escravistas. Distanciaram-se as classes abastadas daquelas miseráveis, subalternas (RIBEIRO, 2000, p. 21, 22, 87, 89 e 90).

e) Revolução Pastoral → em tal período, houve o aperfeiçoamento de equipamentos por tração animal e para a cavalaria de guerra, o que multiplicou a eficiência dos animais, bem como para o emprego de energia hidráulica e eólica. Os moinhos movidos a tais energias eram “aplicáveis a elevações de água, à moagem de cereais e à presença de sementes oleaginosas, e mais tarde ao martelamento de minérios e de metais, ao acionamento de serras e de foles, bem como a outros dispositivos”. Assim, surgiram os impérios despóticos salvacionistas, responsáveis por atacarem áreas feudalizadas de antigas civilizações (RIBEIRO, 2000, p. 21, 23 e 98).

f) Revolução Mercantil → durante esta revolução, considerada como o maior movimento expansionista da história humana, evoluíram as tecnologias relacionadas à orientação e navegação oceânica e às armas de fogo (canhões, morteiros, espingardas). Houve também o aperfeiçoamento de moinhos, “instalação de fábricas de papel, de tipografias para a impressão de livros com tipos móveis, bem como na produção de instrumentos óticos” (RIBEIRO, 2000, p. 21, 109-110 e 126).

Baseava-se, por igual, na descoberta de procedimentos mecânicos, [...] e numa nova metalurgia revolucionada com a descoberta de processos industriais de fundição do ferro, de laminação do aço, de trefilação de arames, de fusão de novas ligas metálicas e de produção de artefatos com tornos de rosca e mandril e com máquinas de talandrar, afiar e polir metais (RIBEIRO, 2000, p. 109).

Tal período foi responsável pela ruptura com o feudalismo europeu. Naquele momento, expandiram-se as primeiras civilizações mundiais na forma de impérios mercantis salvacionistas, o que fez surgir as colonizações escravistas, como é o caso do Brasil (1550), primeiramente, com o domínio dos indígenas locais e, mais tarde, dos negros originários da África, o que fez aumentar a capacidade de produção em plantações e minas. A partir disso, originaram-se as formações capitalistas mercantis e de povoamento (RIBEIRO, 2000 p. 21, 23, 35 e 115-116).

Cidades europeias adotaram novos procedimentos técnicos e institucionais que fomentaram, primeiramente, o mercado interno e, mais tarde, o externo. Esse crescimento fez com que as manufaturas se transformassem; os profissionais passaram de simples artesãos a trabalhadores assalariados, desenvolvendo suas atividades, agora, num ambiente administrado pelo empresário, proprietário dos meios de produção. Essas e outras atividades tornaram-se a principal fonte de rendas públicas, o que fez com que os governos dessem-lhes todo o apoio, derogando antigas normas que dificultavam o aliciamento de mão-de-obra, a comercialização, dentre outros interesses. Em contrapartida, houve várias rebeliões e lutas de classes subalternas em busca de seus direitos (RIBEIRO, 2000, p. 117-118).

Mais tarde, houve a transladação de populações europeias para além-mar, as quais

se destinavam, essencialmente, a aliviar a Europa dos excedentes populacionais gerados no próprio processo de integração da economia agrícola em padrões capitalistas. Em consequência [sic], os pequenos núcleos de colônias de povoamento [...] entram a crescer,

tendo por objetivo menos prover lucros do que ocupar gente desenraizada e marginalizada, cuja presença começava a representar um risco permanente de insurreição. [...] [Com isso], as matrizes raciais mais díspares foram caldeadas e os patrimônios culturais mais divergentes foram afetados e remodelados. As conquistas culturais, principalmente tecnológicas, de todos esses povos começaram a confluir, lançando as primeiras bases de uma reordenação unificadora do patrimônio cultural humano (RIBEIRO, 2000, p. 121-123).

Nesse momento, todos os continentes do mundo interligaram-se por meio do sistema econômico (RIBEIRO, 2000, p. 126).

g) Revolução Industrial → em tal período, desenvolveram-se “conversores de energia inanimada para mover dispositivos mecânicos, responsável também por novas alterações fundamentais na estratificação social, na organização política e na visão do mundo de todos os povos”. Quanto às tecnologias, os conversores passaram a ser movidos a carvão para produção de vapor, bem como a petróleo, a exemplo dos elétricos e à combustão interna, aperfeiçoaram-se os processos produtivos agrícolas e pastoris, substituiu-se o ferro pelo aço, despontaram-se as máquinas operatrizes, desenvolveu-se a indústria química e criou-se uma infinidade de bens industriais. Tais inovações originaram-se na Europa Ocidental e espalharam-se pelo mundo, permitindo a multiplicação produtiva do trabalho humano. Naquele momento, estruturaram-se os imperialismos industriais e o neocolonialismo, e, na sequência, surgiram as primeiras formações socialistas revolucionárias, socialistas evolutivas e nacionalistas modernizadoras (RIBEIRO, 2000, p. 20, 23, 130, 132 e 161).

A mão de obra tornou-se assalariada, principalmente para que fossem atribuídas novas funções aos trabalhadores, como também liquidadas as formas de produção artesanal. Por conta disso, houve uma intensificação do êxodo rural-urbano, o que desencadeou os movimentos migratórios, para além-mar, induzidos pelas autoridades governamentais, “a fim de se livrarem dos ‘excedentes’ populacionais”. Diante da miscigenação racial e da aculturação que se sucederam na América, como é o caso do Brasil, por exemplo, surgiram figuras étnicas inteiramente novas (RIBEIRO, 2000, p. 131, 134 e 142).

h) Revolução Termonuclear → surgiram inovações nas áreas de eletrônica, energia atômica, automação, raios *laser*, etc., ou seja, tal revolução emergiu “com suas imensas potencialidades de transformação da vida material de todos os povos da Terra que ela já encontra unificados num mesmo sistema de interação, [devendo] agir como um acelerador da evolução dos povos atrasados na história”. Segundo Ribeiro (2000, p. 21, 23 e 182), a tendência seria de se cristalizar uma “civilização da humanidade”.

4.1.1 A Configuração Territorial: Tempo, Espaço, Técnicas, Objetos, Ações e Significados

Diante de todo esse processo evolutivo, ligado, essencialmente, às transformações tecnológicas, o desafio deste trabalho “está em separar da realidade total um campo particular, susceptível de mostrar-se autônomo [sic] e que, ao mesmo tempo, permaneça integrado nessa realidade total”. A partir de um fenômeno técnico, pode-se entender “a produção e a transformação

de um meio geográfico”, como também as “condições de organização social e geográfica, necessárias à introdução de uma nova técnica”. Ainda, “num mesmo pedaço de território, convivem subsistemas técnicos diferentemente datados, isto é, elementos técnicos provenientes de épocas diversas”, e cada etapa tecnológica impactou de forma diferente as diversas civilizações. Ao se ter uma combinação desses subsistemas, pode-se entender como as ações humanas realizam-se. Por outro lado, os objetos do passado podem ser considerados como obstáculos “à difusão do novo ou juntos encontram a maneira de permitir ações simultâneas”. Assim, “o uso dos objetos através do tempo mostra histórias sucessivas desenroladas no lugar e fora dele, [...] onde vão mudando ao longo do tempo” (SANTOS, 2006, p. 11, 23, 25, 29 e 126).

A vida das técnicas é sistêmica [sic] e sua evolução também o é. Conjuntos de técnicas aparecem em um dado momento, mantêm-se como hegemônicos [sic] durante um certo período, constituindo a base material da vida da sociedade, até que outro sistema de técnicas tome o lugar. É essa a lógica de sua existência e de sua evolução (SANTOS, 2006, p. 114).

Consideram-se as técnicas, isto é, as formas de fazer, como elos de união entre o tempo e o espaço. Elas são datadas e são uma medida do tempo, que distinguem as épocas, tempo do processo direto de trabalho, da circulação, da divisão territorial do trabalho e da cooperação. Além disso, a principal forma de relação entre o homem e o meio é dada pela técnica. “As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”. Este não existe sem a materialidade, e é ele que determina os objetos. Ou seja, o espaço é formado de objetos técnicos, organizados e utilizados segundo uma lógica, sistema este, portanto, indissociável de sistemas de ações (SANTOS, 2006, p. 12, 16, 24, 33-34 e 115).

É o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica. E, num determinado lugar, não há técnicas isoladas, de tal modo que o efeito de idade de uma delas é sempre condicionado pelo das outras, [sic] O que há num determinado lugar é a operação simultânea de várias técnicas, por exemplo, técnicas agrícolas, industriais, de transporte, comércio ou *marketing*, técnicas que são diferentes segundo os produtos e qualitativamente diferentes para um mesmo produto, segundo as respectivas formas de produção. Essas técnicas particulares, essas “técnicas industriais”, são manejadas por grupos sociais portadores de técnicas socioculturais diversas e se dão sobre um território que, ele próprio, em sua constituição material, é diverso, do ponto de vista técnico. São todas essas técnicas, incluindo as técnicas da vida, que nos dão a estrutura de um lugar (SANTOS, 2006, p. 36).

Quanto a uma das classificações possíveis para os objetos, estes se distinguem das coisas por elas representarem as formas advindas da natureza, enquanto que se consideram, como objetos, as formas artificiais, artefatos resultantes do trabalho humano. No princípio, tudo eram coisas. Elas, ao serem utilizadas pelo homem, tornaram-se também objetos (outras classificações podem ser conhecidas no decorrer deste capítulo) (SANTOS, 2006, p. 40-41).

Concebe-se o objeto técnico a partir de uma produção metódica, em que o homem busca suprir uma determinada necessidade por meio da materialização de um instrumento compatível com a sua função. “No passado, o material determinava como o objeto seria fabricado. Mas, hoje, é a forma do objeto, criado na mente do homem, produzido no laboratório antes do que pela técnica, e a função que dele se espera, que vão determinar o material com o qual esse objeto imaginado será

construído”. Além disso, atualmente, os objetos são criados antecipadamente, para exercer uma função predeterminada, mediante uma intencionalidade científica e tecnicamente produzida, para que gerem os resultados esperados e sejam eficazes ao que se propõem, diante do espaço a que se destinam. Isso é possível por meio do design (SANTOS, 2006, p. 23 e 143).

A complexidade dos objetos revela-se pelos seus aspectos funcionais e estruturais. O primeiro nível relaciona-se com o repertório de funções que podem ser combinadas no seu uso: [...] o que podemos fazer com o objeto, o que ele nos pode oferecer, como podemos usá-lo”. Já a complexidade estrutural se dá pela variedade de seus elementos, os quais foram reunidos por quem os fabricou. Pelo entendimento de sua estrutura, ou em outras palavras, pela leitura que se realiza a partir de sua estrutura, a funcionalidade do objeto revela-se. Quanto mais clara a finalidade do objeto, mais aceita será a sua ação pela sociedade, bem como ativa também. Com a rapidez que surgem as inovações, os indivíduos têm que estar “munidos” de um saber competente para acompanhar, reinterpretar ou aprender com os objetos que os cercam e as ações de que não podem escapar. Tal velocidade faz também com que alguns objetos, diante da competitividade, envelheçam rapidamente “e sejam declarados incapazes ou insuficientes para fornecer novos esforços úteis” (SANTOS, 2006, p. 43, 147 e 150-151).

O mesmo objeto, ao longo do tempo, pode variar em termos de significação, o que depende da sua participação num determinado lugar. “Se as suas proporções internas podem ser as mesmas, as relações externas estão sempre mudando. Há uma alteração no valor do objeto, ainda que materialmente seja o mesmo, porque a teia de relações em que está inserido opera a sua metamorfose, fazendo com que seja substancialmente outro”. Isso se dá, por exemplo, quando novos objetos substituem os velhos para atenderem novas funções, enquanto que os velhos permanecem e mudam de função. Às vezes, a mudança é intencional, quando se quer fazer do objeto uma outra coisa. Outro ponto a ser destacado refere-se à utilização atual que os objetos possuem, conseqüente dos usos combinados que se deram a partir dos “grupos humanos que os criaram ou que os herdaram das gerações anteriores” (SANTOS, 2006, p. 46, 62, 64 e 86).

Já quanto ao ato, ele é um comportamento orientado, que parte de um esforço ou de uma motivação para atingir fins ou objetivos. Tanto as necessidades naturais quanto as criadas geram ações. Ademais, se o desenvolvimento de um projeto e o seu resultado forem satisfatórios, a ação torna-se eficaz também. Isso leva ao entendimento de que ela baseia-se, da mesma forma que os objetos, na ciência e na técnica. Cabe destacar que “ato”, além de representar ação, atividade ou processo, refere-se também à própria relação intencional, a qual leva o agente na direção das coisas, à medida que os desejos implicam um objeto. Com o decorrer do tempo, o homem tornou-se “capaz de gerar eventos naturais e de produzir fatos físicos ou então de mudar, por sua ação, a significação, o alcance, as conseqüências dos fenômenos naturais” (SANTOS, 2006, p. 50, 53, 58-59, 106 e 148).

A interação entre esses sistemas se dá pela seguinte maneira: “de um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma”. Nele, “as novas ações substituem as ações passadas. É ele, portanto, presente, porque passado e futuro”; é uma situação única (SANTOS, 2006, p. 39 e 67).

Em todos os lugares habitados, houve a substituição de um meio natural por outro mais artificializado, e assim sucessivamente. Os recursos da inteligência humana e da natureza, combinados, permitiram a emergência de novos modos de fazer. Entretanto, em cada espaço, essas transformações deram-se de maneira particular, tanto em relação à parte do “natural” e do “artificial”, quanto às modalidades de seus arranjos. A natureza mudou com a interferência do homem, ação esta que já poderia ser considerada como técnica. A sociedade local era criadora das técnicas utilizadas, comandava os tempos sociais e os limites de sua utilização, e as trocas entre os grupos acabaram impondo a certas localidades as técnicas de outras, o que gerou a sua reprodução e a sua difusão, ao mesmo tempo em que objetos semelhantes eram criados em lugares e tempos distintos, por também diferentes grupos étnicos. Assim, determinadas técnicas foram sendo incorporadas a determinados espaços, o que fez com que antigos equilíbrios se modificassem e elementos externos às suas histórias fossem acrescentados. “A partir do século XVI, com a expansão do capitalismo, cria-se a possibilidade de trocas intercontinentais e transoceânicas, de plantas, de animais e de homens, com seus modos de fazer e ser. As técnicas particulares tendem a se contaminar mutuamente” (SANTOS, 2006, p. 42, 123-124, 126 e 156-158).

Com a evolução das técnicas, o espaço mecanizado emergiu, e os objetos deixaram de ser apenas culturais para se tornarem também técnicos. “Mas o número e a qualidade de artefatos varia” entre o componente material “natural” e o “artificial”. Os espaços, assim, passaram a se distinguir em função da extensão e da densidade da substituição. Cada novo subsistema emergiu por se mostrar mais eficaz que os demais (SANTOS, 2006, p. 125 e 156-158).

O final da Segunda Guerra Mundial coincidiu “com a emergência de uma técnica capaz de se universalizar”, e, quando a técnica aliou-se à ciência, principalmente a partir dos anos de 1970, é que o mercado tornou-se global, onde os objetos, então, passaram a ser técnicos e informacionais ao mesmo tempo, formando um espaço chamado de meio técnico-científico-informacional, caracterizado, agora, não somente pelas cidades, mas pelo mundo rural também. O meio geográfico passou a funcionar como uma unidade, passou a ser universal. Assim, uniram-se o natural, o social, o global e o local. O movimento de unificação, então, acelerou-se, o que levou ao predomínio de um sistema técnico comum a todas as civilizações (SANTOS, 2006, p. 124-125, 159-160 e 189).

De acordo com Santos (2006, p. 213), “cada lugar é, à sua maneira, o mundo. [...] Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade”, ou seja, “levando o universal ao Lugar, cria[-se] uma particularidade”. Com isso, a realidade e as eventualidades que ocorrem em cada lugar acabam assegurando a impossibilidade da homogeneização, apesar do movimento existente entre o universal e o particular, que se fertilizam mutuamente, por meio das ações. A cada momento histórico, os recursos totais do mundo ou de um país “são distribuídos de diferentes maneiras e localmente combinados, o que acarreta uma diferenciação no interior do espaço total e confere a cada região ou lugar sua especificidade e definição particular”. A questão do lugar foi reposta a uma posição central, em que houve a necessidade de se encontrar seus novos significados, e isso depende das variáveis relativas aos objetos, às ações, à técnica e ao tempo (SANTOS, 2006, p. 27, 73, 80 e 108).

Todas essas variáveis contribuem para a configuração do território que, a cada período, tem suas funções definidas e deixam suas marcas de ocupação. Os italianos, no seu país de origem, estavam submetidos “a uma convivência longa e repetitiva com os mesmos objetos, os mesmos trajetos, as mesmas imagens, de cuja construção participava[m]: uma familiaridade que era fruto de uma história própria, da sociedade local e do lugar, onde cada indivíduo era ativo”. Com a imigração, eles se depararam com um novo lugar, novos artefatos, novas ideias, e o velho lugar, o passado, ficou para trás. No novo lugar, precisou-se encarar o futuro. Suas lembranças do meio anterior cederam espaço para o entendimento do novo território, onde a nova residência obrigou a se viver novas experiências. “O homem busca reaprender o que nunca lhe foi ensinado, e pouco a pouco vai substituindo a sua ignorância do entorno por um conhecimento, ainda que fragmentário”. Muda o homem, muda a cultura, muda o território. As marcas vão compondo as histórias, lembradas pela memória quando olha para o passado, mas o impulso proporcionado pelo novo faz com que a consciência olhe para o futuro, fazendo do presente, ao mesmo tempo, momento concluído e inconcluso (REYES, 2015, p. 51; SANTOS, 2006, p. 22-224).

4.1.2 Processo Evolutivo na Quarta Colônia

Antes de discorrer sobre o processo evolutivo que se desencadeou na região da Quarta Colônia, considerou-se relevante o conhecimento de alguns conceitos que serviram como aportes para o entendimento do mesmo. Tais conceitos referem-se aos de atualização e de aceleração histórica, como também de estagnação cultural, de atraso ou regressão histórica, de acordo com Ribeiro (2000, p. 27-30).

Por aceleração evolutiva, designamos os processos de desenvolvimento de sociedades que renovam autonomamente seu sistema produtivo e reformam suas instituições sociais no sentido de transição de um a outro modelo de formação sociocultural, como povos que existem para si mesmo. Por *atraso histórico*, entendemos o estado de sociedades cujo sistema adaptativo se funda numa tecnologia de mais baixo grau de eficácia produtiva do que o alcançado por sociedades contemporâneas. Por *atualização* ou *incorporação histórica*, designamos os procedimentos pelos quais esses povos atrasados na história são engajados compulsoriamente em sistemas mais evoluídos tecnologicamente, com perda de sua autonomia ou mesmo com a sua destruição como entidade étnica. [...]

O conceito de *aceleração evolutiva* será utilizado para indicar os procedimentos diretos, intencionais ou não, de indução do progresso, com a preservação da autonomia da sociedade que o experimenta e, por isso mesmo, com a conservação de sua figura étnica e, por vezes, com a expansão dessa como uma *macroetnia* assimiladora de outros povos. [...]

Resta-nos definir os conceitos de *estagnação cultural* e de *regressão histórica*. O primeiro indica a situação das sociedades que, através de longos períodos, permanecem idênticas a si mesmas, sem experimentar alterações assinaláveis no seu modo de vida, enquanto outras sociedades progredem. [...]

As situações de regressão cultural são explicáveis por vários fatores, como o resultado do impacto de uma sociedade de alto nível sobre povos mais atrasados, em que estes conseguem sobreviver pelo recuo, evitando, assim, sua descaracterização étnica, mas compelidos a acoitar-se em áreas inóspitas ou nas quais seu antigo sistema adaptativo não pode atuar com eficácia.

Relacionando tais conceitos à evolução ocorrida na Quarta Colônia, pode-se ressaltar que, num primeiro momento, os imigrantes italianos, que tiveram como destino a região central do Estado do Rio Grande do Sul, enfrentaram um regresso tecnológico descomunal. Na Itália, mesmo que a maioria desses indivíduos trabalhasse em propriedades rurais, e, por mais que algumas de suas

ferramentas e demais equipamentos e utensílios fossem confeccionados de maneira artesanal, ainda assim, tiveram contato anterior com um sistema mais evoluído tecnologicamente do que aquele encontrado no sul do Brasil. Nesta região, especificamente em se tratando da Quarta Colônia, as famílias efetuaram o desmatamento das florestas, com ferramental muito rudimentar, doado pelo governo ou trazido consigo, para a construção de habitações e demais artefatos imprescindíveis para satisfazer as necessidades mínimas de sobrevivência, de igual ou inferior feitura e eficácia.

Por conta do isolamento em terras de difícil acesso e pouco habitadas, os primeiros grupos de imigrantes que se instalaram na colônia em questão, durante décadas, permaneceram idênticos e estagnados, em relação a aspectos socioculturais, ao modo de vida, etc.. Isso fez com que eles mantivessem suas características étnicas intactas.

A partir do momento em que os cultivos agropecuários começaram a proporcionar excedentes, tal montante passou a ser comercializado, o que fez florescer um acúmulo de capital propício para a região prosperar. Esse progresso fez com que os imigrantes e seus descendentes pudessem renovar seus sistemas produtivos, como também passar de um modelo de formação sociocultural para outro, de rural para urbano, por exemplo. A revolução tecnológica tanto poderia resultar da própria criatividade desse povo, quanto por conta do contato com agentes externos e/ou aquisição de inovações tecnológicas alcançadas por outras sociedades. Tais adaptações e obtenção de bens propiciaram o crescimento dessa comunidade, à medida que esta entrou em contato com povos mais avançados. Nesse caso, considerou-se tal evolução inevitável. Consequentemente, houve também renovação cultural que ampliou a capacidade humana de produzir e criou formas de organização social crescentemente inclusivas.

4.2 Artefatos e seus Semelhantes: Definições

Dos fenômenos que ocupam os seres humanos, primeiro consideram-se as relações de cunho social, que se dão com os outros, para, depois, ocorrerem as interações com os objetos. Estes incorporam o saber-fazer de seus autores e modelam a interação que ocorre entre as partes. Não há somente um mundo físico, mas se devem considerar também os fatos subjetivos resultantes das relações (SÁ, 2005, p. 14-15).

Ao se analisar os percursos das coisas por intermédio das suas relações com as pessoas é que elas tornam-se vivas. “Assim, embora de um ponto de vista *teórico* atores humanos codifiquem as coisas por meio de significações, de um ponto de vista *metodológico* são as coisas em movimento que elucidam seu contexto humano e social” (APPADURAI, 2008, p. 17).

Por serem essas coisas tão importantes na vida dos seres humanos, à medida que estabelecem relações com um ou mais indivíduos, além das funções que decorrem dessas interações, sejam elas práticas, estéticas e/ou simbólicas, cabe entendê-las melhor a partir de suas definições. Desse modo, segundo Appadurai (2008, p. 89), compreendem-se “coisas” como

quaisquer objetos materiais, físicos, que se dão tanto pela natureza quanto por um determinado processo de manufatura, seja ele artesanal ou industrial. De acordo com Löbach (2001, p. 31-34), tais coisas podem ser classificadas em quatro categorias de objetos que servem para satisfazer as necessidades humanas, a destacar: objetos naturais, objetos da natureza modificados, objetos artísticos e objetos de uso.

Os objetos naturais abrangem toda e qualquer coisa resultante da ação da natureza, sem a intervenção do homem, como as aves, os insetos, as plantas, as árvores, bem como a própria espécie humana. A natureza intacta torna-se essencial para a saúde psíquica do ser humano, mas a sua transformação é necessária para a subsistência física do mesmo. Quanto aos objetos da natureza modificados, eles representam-se por alterações realizadas pelo homem à natureza, consequentes de processos criativos, podendo ser considerados como manifestações estéticas e ter também um significado para o equilíbrio psíquico humano. Exemplos são os montes de feno, amontoados pelo agricultor, para a alimentação dos animais. Já os objetos artísticos transmitem uma informação em sua totalidade, por intermédio de elementos estéticos, como forma, cor, material, superfície, etc., os quais exercem um certo efeito na percepção do observador, ou seja, são necessários para a saúde psíquica humana. É o caso das esculturas, por exemplo. Os objetos de uso servem para eliminar as tensões provocadas pelas necessidades, durante a sua própria utilização, quando o usuário desfruta de suas funções. Eles constituem uma parte importante da estrutura econômica de uma sociedade e retratam as condições da mesma. Esses objetos podem ser obtidos por meio de processos manuais ou industriais e geram relações que se estabelecem entre o usuário e os objetos. Os objetos de uso também são conhecidos por artefatos, já que esta denominação refere-se aos objetos produzidos pelo ser humano (LÖBACH, 2001, p. 34-36; RODRIGUES, 2015, p. 19).

Os últimos objetos citados subdividem-se, então, em produtos artesanais e produtos industriais. Os produtos artesanais, até a metade do século XIX, eram fabricados, principalmente, à mão. O artesão tinha o controle sobre todo o processo de produção, podendo haver variações de uma peça para a outra, o que as tornavam personalizadas. Tal característica visava atender as expectativas e os desejos individuais dos clientes, ao mesmo tempo em que isso fazia aumentar o preço dos produtos. Já aqueles industriais igualam-se por conta de sua produção ser em série, fazendo com que a liberdade dos usuários limite-se à escolha somente entre diferentes fabricantes. Tal produção atinge milhares de pessoas e tem, como foco, o lucro. Por esses motivos, nem sempre os produtos resultantes desse processo satisfazem as necessidades psíquicas do indivíduo (LÖBACH, 2001, p. 36-40).

Dentre os produtos industriais e considerando-se os tipos de relações entre usuário e produto, têm-se as seguintes categorias: produtos ou bens de consumo, produtos para uso individual, para uso de determinados grupos ou para uso indireto. As três últimas categorias compreendem os chamados bens duráveis. No primeiro caso, o produto deixa de existir ao ser consumido. São representativos deste tipo de produto os de gênero alimentício, bem como de limpeza e higiene. O que passaram a se destacar nesses produtos foram as embalagens, que surgiram por conta da concorrência que se instaurou entre os fabricantes ou distribuidores, a fim de diferenciá-los por meio

de etiquetas e imagens corporativas. Isso fez com que se chamasse a atenção do consumidor por meio da configuração da mesma, bem como da própria marca da empresa (LÖBACH, 2001, p. 42-46; MANZINI; VEZZOLI, 2008, p. 110-111).

Os produtos para o uso individual estabelecem uma relação forte entre a pessoa e o objeto, o que desencadeia um processo de identificação, no qual o usuário adapta-se ao produto, fazendo com que este se torne parte daquele. São exemplos deste tipo de produto os óculos e os relógios de pulso (LÖBACH, 2001, p. 46-49).

A categoria referente ao uso por determinados grupos engloba produtos que se encontram à disposição de várias pessoas, até porque o uso torna-se mais econômico e favorece as relações entre elas, como ocorre com o mobiliário e os eletrodomésticos, por exemplo. Mas há produtos que são utilizados por indivíduos que nem se conhecem, como as instalações públicas (LÖBACH, 2001, p. 50-52).

Quanto aos produtos para uso indireto, denominam-se aqueles que os consumidores não possuem contato direto. Eles são representados por transformadores, peças de máquinas, turbinas etc. (LÖBACH, 2001, p. 52).

Os objetos de uso ou artefatos podem ser considerados como mercadorias, ao passo que estas “são um tipo especial de bens manufaturados (ou serviços), que se associam somente aos modos de produção capitalista” e devem ser transferidos para outrem, servindo de valor de uso social por meio de troca como fonte de valor econômico equivalente (há também trocas de mercadorias em economias não monetárias); há a possibilidade de haver mercadorias, mesmo de uma forma primitiva, em vários tipos de sociedade; todas as coisas possuem um potencial mercantil; são consideradas como uma das alterações que ocorreram na passagem das sociedades de caça e coleta para aquelas com formas de governo, mais complexas, passagem esta decorrente de mudanças tecnológicas consequentes, muitas vezes, de fatores sociais e políticos (APPADURAI, 2008, p. 20-22, 27, 52 e 95).

De acordo com Baudrillard (*apud* APPADURAI, 2008, p. 46), considera-se o consumo “como um aspecto geral da política econômica das sociedades”. Há aquelas capitalistas modernas, em que se apropriam de produtos de alta rotatividade, enquanto que há sociedades baseadas em formas de tecnologia e trabalho mais simples, com alterações menos frequentes nos sistemas de regulamentação, apesar de que, em ambas, a demanda, ou seja, o consumo caracteriza-se por um impulso gerado e regulamentado socialmente (APPADURAI, 2008, p. 50).

Às vezes, certas famílias desfazem-se de objetos que foram transmitidos por diversas gerações por conta de adversidades econômicas. Por outro lado, algumas coisas tornam-se relíquias, “sagradas”, com o intuito de se resguardar uma determinada parte do ambiente, o que elimina qualquer tipo de valor de troca. Há aquelas que, com a passagem do tempo, “começam a transitar para a categoria de antiguidades e passam a ganhar valor com cada ano que passa”. Às vezes, isso pode ocorrer num intervalo de tempo que separa uma pessoa da geração dos seus avós, dentro de pequenos grupos (APPADURAI, 2008, p. 43, 100 e 109).

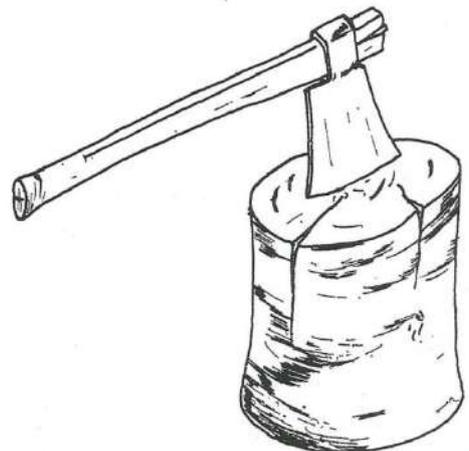
4.3 Artefatos Representativos da Região de Vêneto

Os artefatos aqui apresentados são representativos da civilização rural que viveu no *Val Leogra*, um vale localizado na Província de Vicenza, Região de Vêneto, na Itália. Tais artefatos, até o início do século XX, eram basicamente os mesmos, nem ao menos se influenciaram, significativamente, pela Revolução Industrial. Para compreendê-los melhor, esses modelos foram agrupados conforme suas afinidades e semelhanças, dentre tarefas a que se destinavam, a destacar: artefatos para manufatura ou trabalho pesado, para atividade agropecuária, mobiliário, utensílios de cozinha, utilidades domésticas e outros.

4.3.1 Artefatos para Manufatura ou Trabalho Pesado

4.3.1.1 Machado → ferramenta utilizada para cortar a madeira em pedaços menores, como lenhas, por exemplo (Figura 61). “Sua lâmina, uma sólida cunha de ferro, era fixada num cabo longo de um pouco menos de um metro”³⁴, conforme a Figura 62. Havia modelos menores, com cerca de 40 cm, que, geralmente, eram utilizados por mulheres na cozinha (BARSIN, 1986, p. 63 e 144).

Figuras 61 e 62 – Machados.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 63 e 144.

4.3.1.2 Serrote → utilizava-se para cortar troncos pesados e grossos de madeira. Era constituído de “uma lâmina com dentes grossos, tendo nas extremidades duas pegas de madeira”³⁵. Geralmente adotado por homens, tal instrumento (Figura 63) era manipulado por duas pessoas, que o manejavam alternadamente (BARSIN, 1986, p. 143).

³⁴ O texto em língua estrangeira é: “La sua lama, un solido cuneo in ferro, è infissa in un manico lungo poco meno di un metro”.

³⁵ O texto em língua estrangeira é: “una lunga lama dai grossi denti, portante alle estremità due macini di legno”.

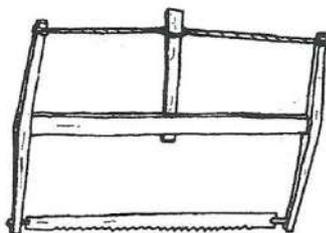
Figura 63 – Serrote.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 143.

4.3.1.3 Serra → tinha por finalidade cortar ramos para o fogo, como também preparar e reparar ferramentas, sendo estas últimas ações realizadas por homens. A serra (Figura 64) possuía “uma lâmina denteada mantida tensa por uma corda enrolada e em equilíbrio, por meio de duas barras transversais, em um eixo central”³⁶ (BARSIN, 1986, p. 143).

Figura 64 – Serra.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 143.

4.3.1.4 Cunha → geralmente de três tamanhos diferentes, as cunhas (Figura 65), feitas de ferro, “serviam para dividir troncos ou pedaços grandes de madeira ao longo de seus veios”³⁷ (BARSIN, 1986, p. 144).

Figura 65 – Cunhas.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 144.

4.3.1.5 Pegador → para “agarrar o bronze, o carvão ou outras coisas que eram quentes para serem colocadas perto do fogo”³⁸, utilizava-se o pegador (Figura 66). Constituíam-se de “ferro, com cerca de cinquenta centímetros, feito de dois braços ligados por uma junta flexível; no final dos dois braços, havia dois pequenos anéis”³⁹ (BARSIN, 1986, p. 62).

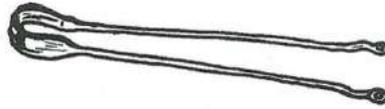
³⁶ O texto em língua estrangeira é: “una lama tenuta tesa da uno spago arrotolato che poggia a bilancia, per mezzo di due traversi, su un asse centrale”.

³⁷ O texto em língua estrangeira é: “servono a spaccare i tronchi o i grossi pezzi di legna lungo la loro vena”.

³⁸ O texto em língua estrangeira é: “afferrare le brónse, i carboni o le altre cose che scottavano per essere state vicine al fuoco”.

³⁹ O texto em língua estrangeira é: “un attrezzo in ferro, di cinquanta centimetri circa, fatto di due braccia unite da una giuntura flessibile; all'estremità delle due braccia due piccole appendici prensili”.

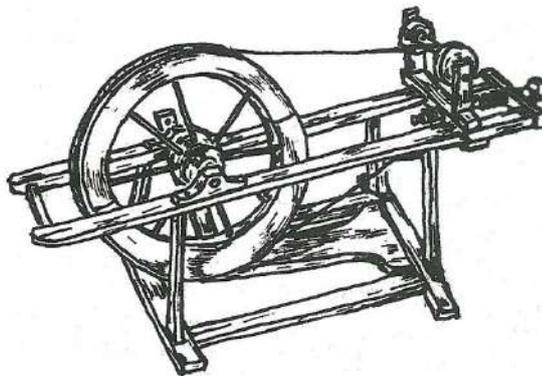
Figura 66 – Pegador ou pinça.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 62.

4.3.1.6 Roca → tal máquina tinha como intuito fiar a lã de ovelhas, torcendo-a e envolvendo-a em torno de um eixo, cuja grande roda propulsora operava-se pelos pés (em outras regiões, pelas mãos). Considera-se a roca (Figura 67) como uma ferramenta quase obsoleta, ainda preservada mais por sua “função estética, mantendo-se como sinal de um negócio de família e de uma época”⁴⁰ (BARSIN, 1986, p. 388).

Figura 67 – Roca ou máquina de fiar.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 388.

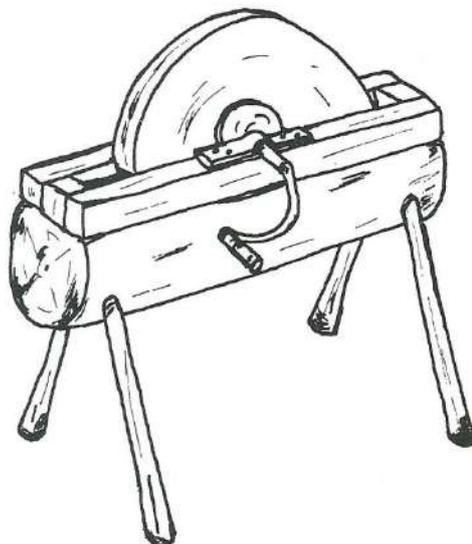
4.3.1.7 Rebolo → para afiar facas e lâminas, utilizava-se o rebolo (Figura 68), instrumento este

formado por uma pedra redonda com borda plana ou arqueada, era sustentada sobre quatro pernas que apoiavam um grosso tronco de madeira, tendo na parte superior um encavo, onde a pedra entrava. Nele era colocada água para afiar as ferramentas. Para ativá-la, era preciso de uma manivela de ferro que atravessava o centro. Às vezes era colocado num tripé, encostado a uma parede (BARSIN, 1986, p. 145)⁴¹.

⁴⁰ O texto em língua estrangeira é: “funzione estetica, è rimasta il segno di un’attività familiare e di un’epoca ormai tramontate”.

⁴¹ O texto em língua estrangeira é: “formata da una *pria* (pietra) rotonda dal bordo piatto o arcuato, è sostenuta da un cavalletto a quattro gambe al quale è attaccata una vaschetta piena d’acqua in cui la *pria pòcia*, cioè si bagna. Per farla girare, ci si serve di un ferro a manovella che la attraversa al centro. A volte la *pria* è posta anziché su un cavalletto, su due bastoni che si appoggiano a un muro”.

Figura 68 – Rebolo ou mó.

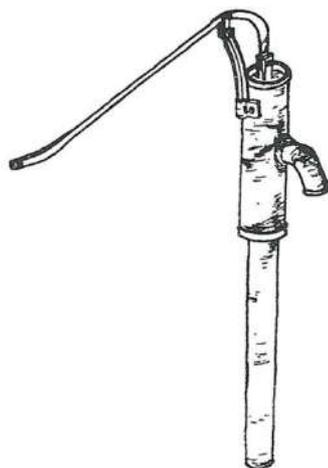


Fonte: BARSIN, 1986, p. 145.

4.3.1.8 Bomba d'água → ferramenta

rudimentar adotada para fazer sair líquidos à superfície, [...] de alguma cisterna ou tanque subterrâneo, e às vezes [...] de poços. A bomba (trompete) [Figura 69] era constituída, por um tubo cilíndrico em ferro, [que] [...] era colocado verticalmente no tanque de água. Na parte superior do tubo, um êmbolo de sucção, acionado manualmente com uma alavanca com movimentos alternados, faz sair o líquido, que então flui para fora através de uma boca situada quase na parte superior da ferramenta⁴² (BARSIN, 1986, p. 147).

Figura 69 – bomba d'água.



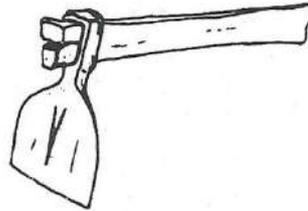
Fonte: BARSIN, 1986, p. 147.

⁴² O texto na língua estrangeira é: "rudimentale pompa adoperata per far salire in superficie dei liquidi, [...] da qualche cisterna o vasca sotterranea, e talora anche [...] acqua dai pozzi. Il *mato* (tromba) è costituito da un tubo cilindrico in ferro, [...] è piantato verticalmente dentro alla vasca dell'acqua o del *pisso*. Nella parte superiore del tubo, uno stantuffo aspirante, azionato a mano con una leva a movimenti alternati, fa risalire il liquido, che fuoriesce poi attraverso una bocca posta quasi alla sommità dell'attrezzo".

4.3.2 Artefatos para Atividade Agropecuária

4.3.2.1 Enxada → ferramenta apropriada para capinar, com apenas uma lâmina, como no exemplo da Figura 70 (BARSIN, 1986, p. 224-225).

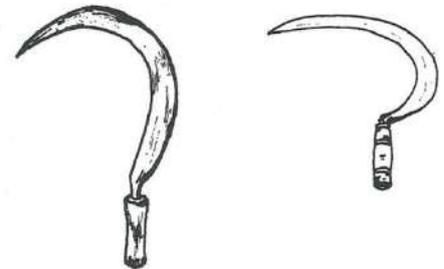
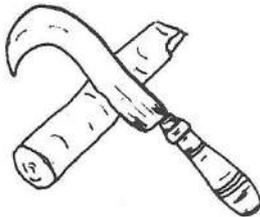
Figura 70 – Enxada ou picão.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 224.

4.3.2.2 Foice e foicinha → a foice serve para podar ramos mais leves, descascar varas ou cortar madeiras não muito consistentes. Na região de *Val Leogra*, ela tinha uma arcada pronunciada e não era muito pesada, contendo, às vezes, um gancho na extremidade da peça para ser pendurada (Figura 71). Já as foicinhas eram usadas para cortar espigas e sorgo (Figura 72). Constituíam-se por uma lâmina curva e uma pega reta (BARSIN, 1986, p. 142 e 199).

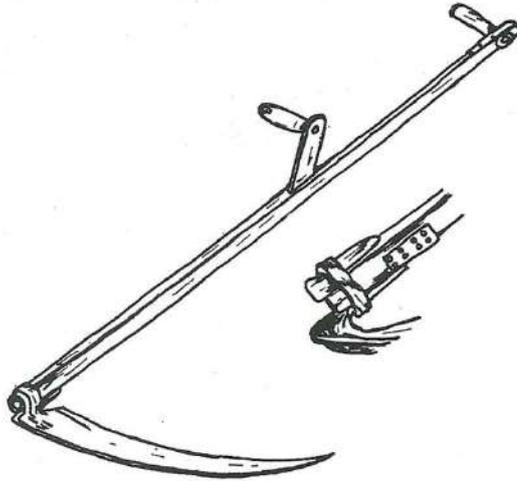
Figuras 71 e 72 – Foice e foicinhas.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 142 e 199.

4.3.2.3 Gadanha → com o passar dos anos, a gadanha (Figura 73), conhecida também como foice, está sendo substituída por cortadores mecânicos, ferramenta utilizada para o trabalho no campo. Ela possui uma lâmina curva de ferro fixada à haste de madeira apenas com um anel também de ferro. Nessa haste, há duas pegas em madeira (BARSIN, 1986, p. 184).

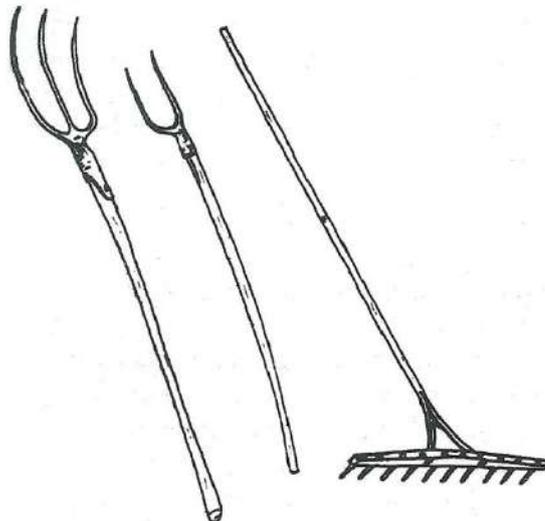
Figura 73 – Gadanha.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 184.

4.3.2.4 Forca → instrumento usado na agricultura, ultimamente tem sido encontrado sob diferentes formas, cada uma adaptada a um uso particular, podendo conter dois, três ou mais dentes. Nas montanhas, a forca (Figura 74) continha dois dentes, toda ela de madeira (BARSIN, 1986, p. 184).

Figura 74 – Diferentes tipos de forca.

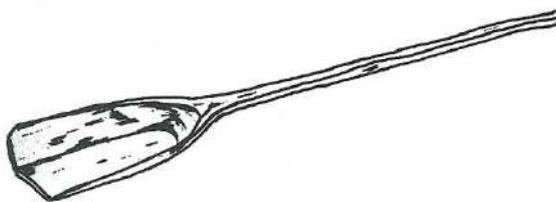


Fonte: BARSIN, 1986, p. 185.

4.3.2.5 Pá → “no celeiro, para mover e recolher trigo, sorgo ou outros grãos, [...] [usava-se] a pá [Figura 75], uma ferramenta de origens antigas, feita inteiramente de madeira, longa um metro e meio ou muito mais”⁴³ (BARSIN, 1986, p. 201).

⁴³ O texto em língua estrangeira é: “in granaio, per smuovere e raccogliere frumento, sórgo o altre granaglie, si usava la *pala*, un attrezzo dalle origini antichissime fatto tutto in legno, talora di un sol pezzo, lungo un metro e mezzo e più”.

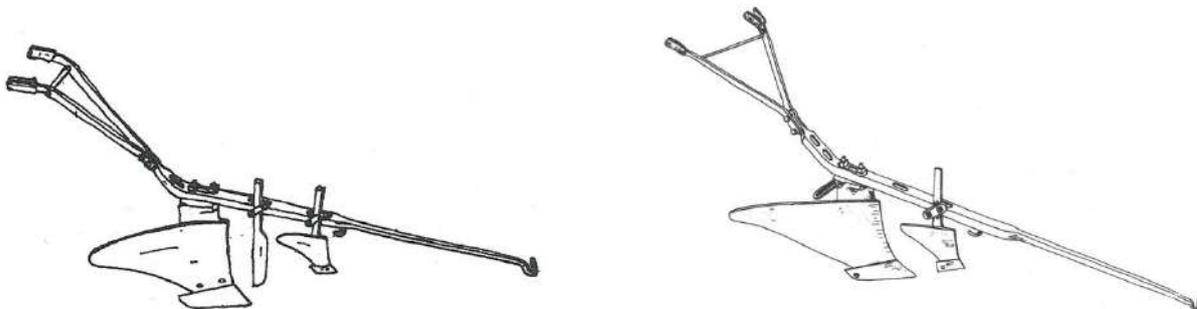
Figura 75 – Pá.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 201.

4.3.2.6 Parte do arado → com o intuito de lavrar a terra, para se trabalhar com carreiras longas de plantas, usava-se o arado (Figuras 76 e 77) puxado por bois ou cavalos, instrumento este onde se apoiava a lâmina que cortava o solo. Ele era formado por duas rodas, ligadas ao timão por um eixo (BARSIN, 1986, p. 120-121).

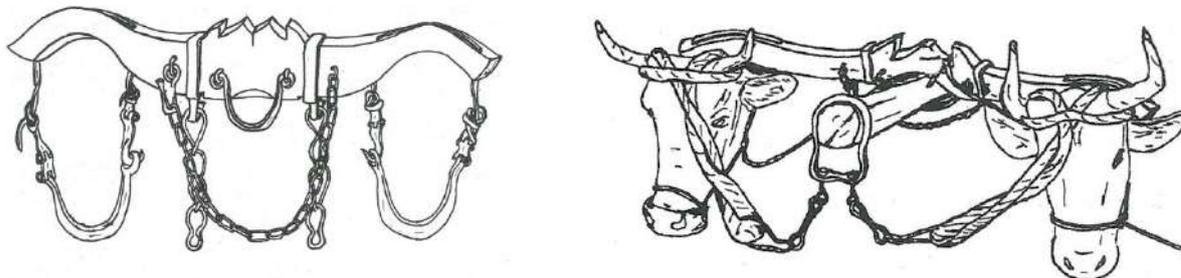
Figuras 76 e 77 – Partes de arados.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 120 e 121.

4.3.2.7 Canga → para prender os bois à carroça, com o objetivo de movê-la, havia os arreios e, parte deles era a canga (Figuras 78 e 79), formada por uma peça de madeira resistente, com cerca de um metro de comprimento, contendo duas cavas com corte anatômico para assentá-la bem aos pescoços dos bois (BARSIN, 1986, p. 107-108).

Figuras 78 e 79 – Cangas.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 108.

4.3.2.8 Mordaça → instrumento colocado sobre o focinho do boi para o animal não comer durante o trabalho de lavrar a terra. Seu formato de vaso arredondado constituía-se por um fio de ferro tramado,

que formava uma malha com formas hexagonais. A mordça (Figura 80) era presa atrás da cabeça (BARSIN, 1986, p. 110).

Figura 80 – Mordça.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 110.

4.3.2.9 Sino → sinos com formas e sons diferentes eram colocados nos pescoços das vacas para distingui-las, como também naquelas do grupo que tinham uma posição de guias. Um exemplo de sino encontra-se na Figura 81 (BARSIN, 1986, p. 110).

Figura 81 – Sino.

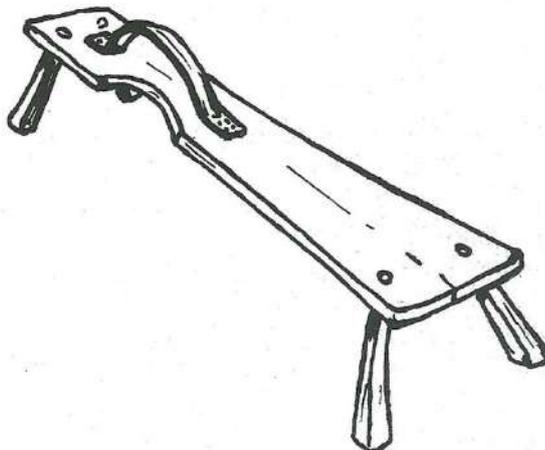


Fonte: BARSIN, 1986, p. 110.

4.3.2.10 Debulhador → instrumento “constituído por uma lâmina simples em forma de arco fixada num banco. [O trabalhador], ao sentar-se no banco, [passava] o sorgo [...] várias vezes na lâmina puxando-o; os grãos saíam de forma gradual a partir dos ramos. Em tempos mais recentes, se vale das máquinas descascadoras ou ceifas”⁴⁴. Um exemplo de debulhador pode ser observado na Figura 82 (BARSIN, 1986, p. 225).

⁴⁴ O texto em língua estrangeira é: “formata da una semplice lama ad arco fissata su una panca. Stando seduti sulla panca, si fa passare a varie riprese sulla lama la *panòcia* tirandola a sé; i grani si staccano così via via dal *tórso*”.

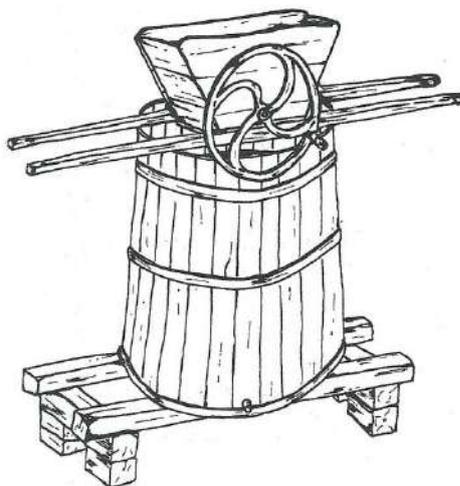
Figura 82 – Debulhador.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 225.

4.3.2.11 Triturador → servia para triturar as uvas recém-colhidas. O triturador (Figura 83) continha dois cilindros escalonados que eram movidos por uma manivela aplicada a um volante (BARSIN, 1986, p. 229).

Figura 83 – Triturador.



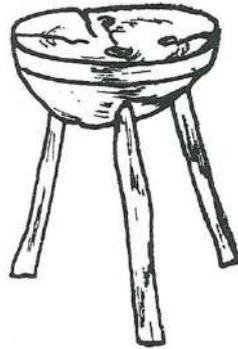
Fonte: BARSIN, 1986, p. 229.

4.3.3 Mobiliário

4.2.3.1 Banco para limpar o caldeirão → ao esfregar o caldeirão, tarefa árdua, a dona de casa, para não ficar inclinada e prejudicar a coluna, “valia-se de um pequeno banco [Figura 84] de madeira rústico, um tripé, com uma cavidade no centro para apoiá-lo”⁴⁵ (BARSIN, 1986, p. 300).

⁴⁵ O texto em língua estrangeira é: “si serviva del sóco *del caliéro*, un ripiano montato su un treppiede, con una cavità o un largo foro rotondo, in cui il *caliéro* alloggiava”.

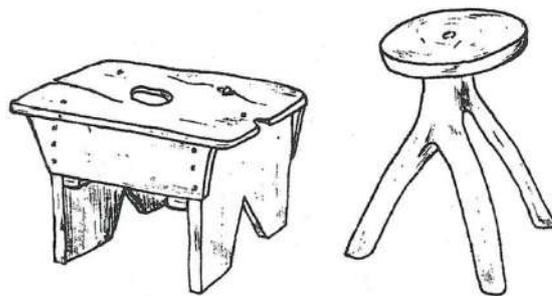
Figura 84 – banco para apoiar e limpar o caldeirão.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 300.

4.3.3.2 Bancos → usados como assentos fora da cozinha e da casa, geralmente em varandas, estábulos ou casas alpinas, os bancos (Figura 85) eram mais rústicos, suportados por três ou quatro pés (BARSIN, 1986, p. 459).

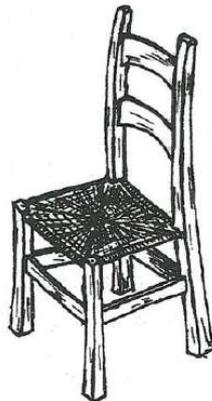
Figura 85 – Bancos rústicos para sentar.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 459.

4.3.3.3 Cadeira → o modelo tradicional (Figura 86) possuía uma estrutura sólida em madeira e assento composto por palha trançada, a qual poderia ser substituída por material novo quando desgastada (BARSIN, 1986, p. 459).

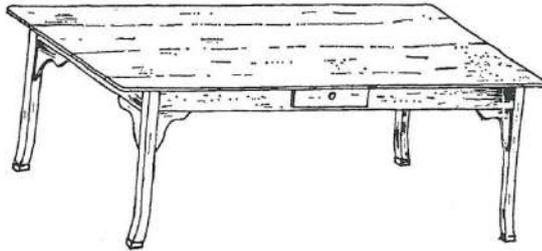
Figura 86 – Cadeira com assento em palha.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 459.

4.3.3.4 Mesa da cozinha → sempre muito grande e confeccionada de madeira robusta (geralmente, cerejeira), a mesa (Figura 87) servia para comer (mas só raramente, quando se recebiam visitas), quando havia convidados, para apoiar um recipiente de vinho e copos, ou para o trabalho. Neste caso, a mulher usava-a para costurar ou cozinhar, enquanto que o homem para preparar a munição para a caça. “A mesa continha sempre os sinais do trabalho realizado e as marcas que cada geração deixava sobre a superfície”⁴⁶ (BARSIN, 1986, p. 458).

Figura 87 – Mesa da cozinha.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 458.

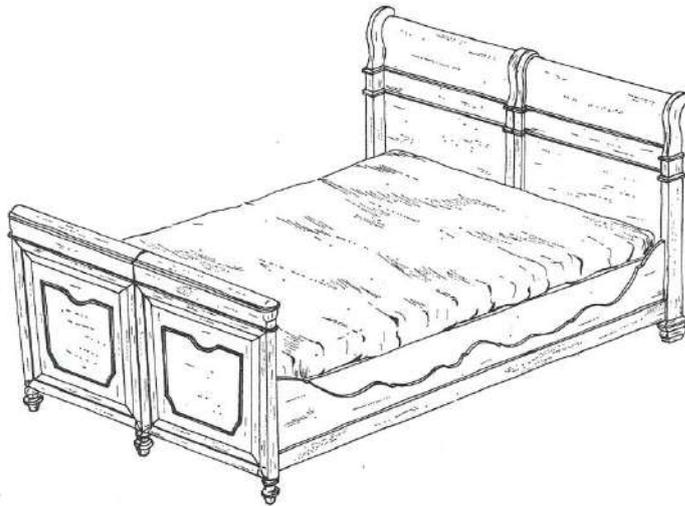
4.3.3.5 Cama → conforme Barsin (1986, p. 456),

a cama [Figura 88] em que se dormia no passado sempre foi bastante elevada e monumental, feita de madeira maciça, geralmente nogueira, com duas cabeceiras, muitas vezes adornada com baixos-relevos. O grande saco preenchido com palha de milho que servia de colchão acabou sendo substituído por colchões industrializados. Às vezes, descansavam diretamente sobre as placas de madeira, ou, mais frequentemente, em uma base de molas fortes que eram fixadas na parte superior da cama como uma ampla tela⁴⁷.

⁴⁶ O texto em língua estrangeira é: “essa portava sul suo ripiano non del tutto liscio e regolare i segni dei lavori e spesso l'impronta delle generazioni che l'avevano adoperata”.

⁴⁷ O texto em língua estrangeira é: “il letto su cui si dormiva in passato era sempre piuttosto alto e monumentale, fatto di legno robusto, in genere di noce, con le due testate spesso abbellite da qualche motivo a rilievo. I *pajóni*, che sostituivano i materassi, poggiavano talora direttamente su delle assi di legno oppure, più di frequente, su una base di robuste molle che erano fissate in basso sulle assi e nella parte superiore ad ampie cinghie di canapa.

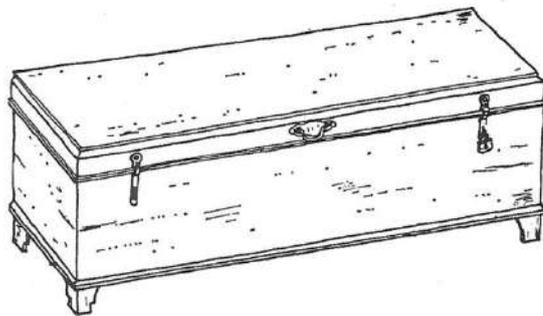
Figura 88 – Cama.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 456.

4.3.3.6 Baú do enxoval → “a mulher que se casava, levava para a nova casa um baú [Figura 89], o baú do enxoval. [...] Era muitas vezes transmitido de geração em geração”⁴⁸. Havia baús com tamanhos variados, fechados por uma tampa, e, muitas vezes, continham esculturas e decorações nos cantos exteriores (BARSIN, 1986, p. 455-456).

Figura 89 – Baú do enxoval.



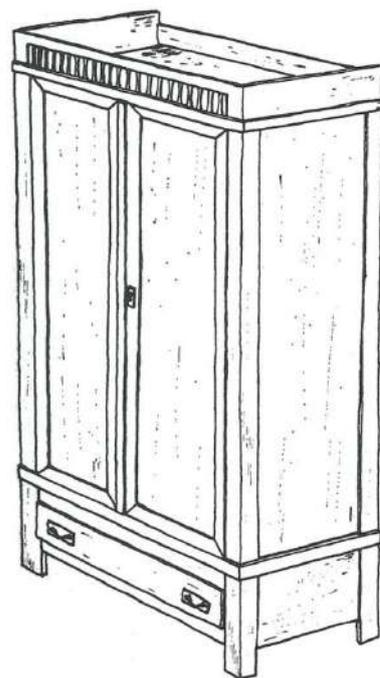
Fonte: BARSIN, 1986, p. 456.

4.3.3.7 Gaveteiro/roupieiro → segundo Barsin (1986, p. 457), “nem todos tinham no quarto uma cômoda [Figura 90] ou um roupeiro [Figura 91]. Quando havia, estes eram de tamanho pequeno, sempre em madeira maciça (geralmente de madeira de nogueira ou de amoreira), com um padrão ornamental simples”⁴⁹.

⁴⁸ O texto em língua estrangeira é: “la donna che si sposava portava nella nuova casa la sua *dòta* dentro una cassa, la *cassa da dòta*. [...] Era tramandata spesso di generazione in generazione”.

⁴⁹ O texto em língua estrangeira é: “non tutti possedevano in camera l'*armàro* o *cassetón* (cassetone), e l'*armarón* (armadio). quando questi c'erano, erano di dimensione piuttosto ridotta, sempre in legno massiccio (di solito di noce o gelso), con qualche semplice motivo ornamentale”.

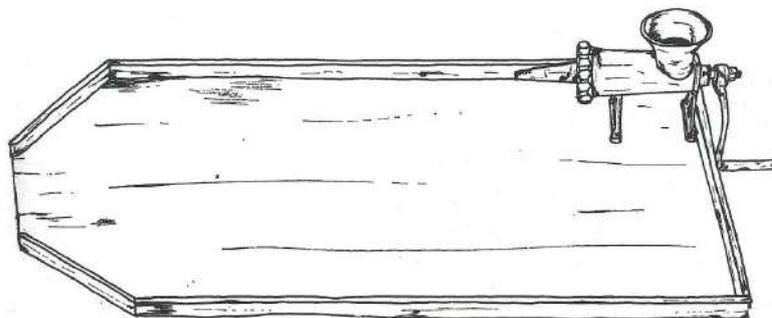
Figuras 90 e 91 – Gaveteiro e roupeiro.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 457.

4.3.3.8 Mesa para fixar a máquina de moer → para moer a carne e fazer os embutidos, bem como preparar as massas, usava-se uma mesa (Figura 92) sobre cavaletes ou sobre a própria mesa da cozinha. Ela tinha 1 m de largura e 2 m de comprimento, uma borda alta e um afunilamento num dos lados para escorrer a água (BARSIN, 1986, p. 249).

Figura 92 – Mesa com o moedor de carnes fixado a mesma.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 249.

4.3.4 Utensílios de Cozinha

4.3.4.1 Funil → usado para despejar o vinho em baldes, a partir dos barris, o funil (Figura 93), geralmente, era grande, de diversas formas, constituído de cobre, latão ou outro metal, sendo encontrado também em madeira. Uma rede colocada acima do canal do próprio funil servia para

aparar grãos ou outros sólidos. Havia modelos menores, como o exemplo da Figura 94, com um anel, para serem pendurados (BARSIN, 1986, p. 230 e 286).

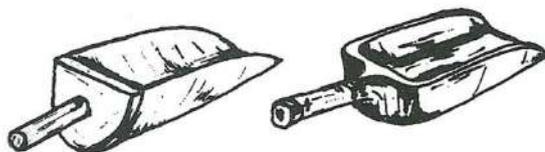
Figuras 93 e 94 – O funil grande e o pequeno, respectivamente.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 230 e 286.

4.3.4.2 Pá → as pás (Figura 95) adotavam-se para mover farinha ou outros alimentos a granel; constituíam-se de madeira e possuíam uma pega curta semicilíndrica (BARSIN, 1986, p. 299).

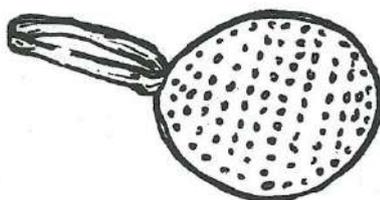
Figura 95 – Modelos de pá.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 299.

4.3.4.3 Escumadeira → às vezes, semelhante a um coador, esta era usada para lavar a nata do leite. De aspecto rudimentar, ela “era geralmente composta de uma grande placa de cobre perfurada com furos grandes e cabo curto, ou mesmo inexistente [...]. A escumadeira [Figura 96] [poderia ser] [...] de madeira plana, muito grande e com bordas ligeiramente elevadas”⁵⁰ (BARSIN, 1986, p. 207).

Figura 96 – Escumadeira.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 207.

4.3.4.4 Pá e colheres de madeira → a *méscola*, como era conhecida a pá (Figura 97), servia para mexer o purê macio que resultaria na polenta, mas também era usada pela patroa como uma sólida arma para persuadir as crianças a ouvi-la. Esta se compunha de madeira (espinheiro), com cerca de

⁵⁰ O texto em língua estrangeira é: “era di solito formata da un ampio e piatto minestro in rame forato, a larghi buchi, con breve manico, o anche senza [...]. [...] La *spanaróla* era invece una specie di piatto in legno, molto ampio e dai bordi poco rilevati”.

70 cm, tendo, às vezes, formas curvas na parte inferior ou uma seção triangular. Já as colheres de madeira (Figura 98), tempos atrás, eram feitas à mão; no entanto, hoje, são fabricadas por intermédio de máquinas, às vezes, substituídas também por conchas de metal (BARSIN, 1986, p. 286 e 300).

Figuras 97 e 98 – Pá e colheres de madeira, respectivamente.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 300 e 286.

4.3.4.5 Concha → a concha (Figura 99), geralmente de cobre e com uma longa alça, era um utensílio de cozinha que ficava sempre pendurada próxima à pia, a qual “detinha cerca de um litro de água, necessária para retirar a água do balde e derramar na bacia [...], em vasos ou onde fosse necessário; com ela também se colhia água do balde diretamente para beber. O contato da boca com o metal dava uma sensação de frescor que fazia o gosto da água melhor”⁵¹ (BARSIN, 1986, p. 340).

Figura 99 – Concha.

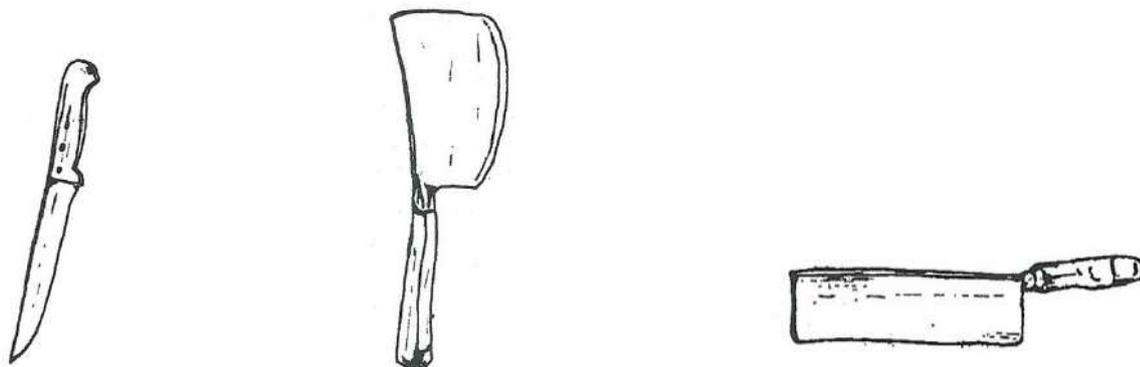


Fonte: BARSIN, 1986, p. 340.

4.3.4.6 Facas → havia vários tipos de facas que ficavam sob os cuidados do açougueiro; uma delas, a faca de matar o porco (Figura 100), tinha a ponta bem afiada e era mantida numa bainha; já o *masângo* (Figura 101) continha uma lâmina retangular (15 X 20 cm) e cabo bastante longo, o qual servia para cortar o porco e dividir em pedaços onde havia ossos. Outro exemplo consistia na *cortelina* (Figura 102), esta se constituía por uma lâmina muito fina, dobrada 1 cm para a direita, anteriormente parte de uma foice; usava-se tal faca para se obter a folha de massa processada (BARSIN, 1986, p. 248 e 301).

⁵¹ O texto em língua estrangeira é: “che contiene circa un litro d'acqua, serviva ad attingere dai séci l'acqua che si doveva travasare nel *basin* [...], nelle pentole o dove ce ne fosse bisogno; con essa si attingeva anche dal secchio direttamente per bere. Il contatto della bocca col metallo dà una sensazione di freschezza che fa gustare maggiormente l'acqua”.

Figuras 100, 101 e 102 – Faca de matar, *masàngo* e *cortelina*, respectivamente.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 248 e 301.

4.3.4.7 Tábua → hoje produzidas industrialmente, há tempos atrás, as tábuas eram formadas de madeira com uma pega, tendo um furo que servia para pendurá-las (também são adquiridas assim atualmente). Dentre os tipos existentes, encontrava-se uma tábua (Figura 103) com borda saliente para cortar carnes e massas. Outra variação constituía-se de várias ripas unidas por uma travessa ou inteira; o *panàro* (Figura 104), como era chamado, servia para se despejar a polenta; no furo da pega, fixava-se a linha de pesca para cortar tal alimento (BARSIN, 1986, p. 286 e 300).

Figuras 103 e 104 – Tábua para cortar carnes e massas e tipos de *panàro*, respectivamente.

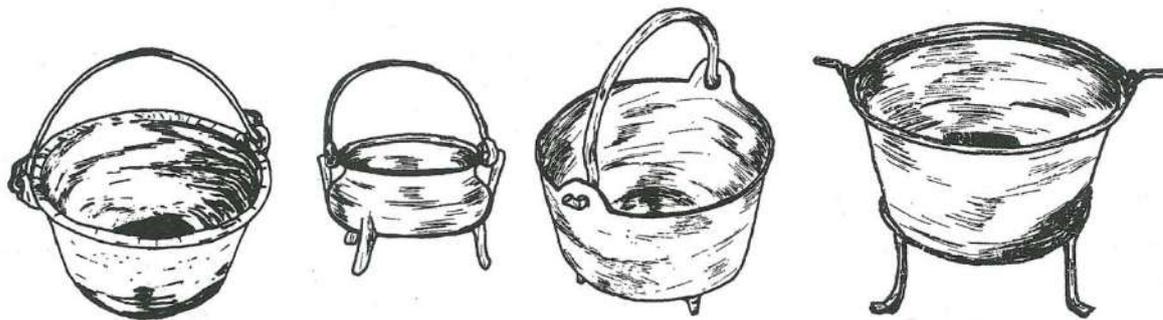


Fonte: BARSIN, 1986, p. 286 e 300.

4.3.4.8 Caldeirão → o caldeirão (Figura 105) pode ser considerado como o símbolo da civilização veneziana, já que tal utensílio foi vital na economia da casa, à medida que a alimentação essencial era a polenta. Ele compunha-se de cobre ou bronze fundido e encontrava-se em variados tamanhos. Alguns modelos continham três curtos pés (Figura 106) ou eram dependurados por meio de correntes ou apoiados num tripé (Figura 107) sobre o fogo. “Ele servia primeiro para cozinhar a polenta e, em seguida, para fazer, com as crostas e com a adição de semolina, o macarrão para as galinhas”⁵². Ainda, nele, poderia se fazer também sopa ou cozinhar grandes quantidades de alimentos líquidos, bem como esquentar o porco e aquecer a água para ferver a roupa (BARSIN, 1986, p. 299 e 310).

⁵² O texto em língua estrangeira é: “serve prima a cuocervi la polenta e poi a farvi, con le *gróste* rimastevi e con l'aggiunta di *sémole*, il *pastà* per le galline o la *lavaùra* per il *màs-cio*”.

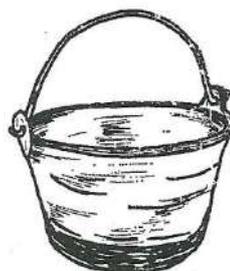
Figuras 105, 106 e 107 – Caldeirão com alça, com pés ou apoiado num tripé, respectivamente.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 299 e 310.

4.3.4.9 Panela → a *raminèla* (Figura 108) era uma panela de cobre com o mesmo formato do caldeirão, porém menor. Ela servia para cozinhar qualquer alimento sobre o fogo, exceto a polenta (BARSIN, 1986, p. 310).

Figura 108 – Panela pequena.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 310.

4.3.4.10 Jarro → recipiente parecido com uma chaleira, largo, contendo um gargalo em forma de bico de um lado e uma alça de outro, o jarro (Figura 109) era utilizado para conservar e servir líquidos, como água, café, leite, etc., principalmente quentes. Não o colocava diretamente ao fogo (BARSIN, 1986, p. 341).

Figura 109 – Jarro.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 341.

4.3.4.11 Frigideira → para fritar alimentos, utilizava-se a frigideira (Figura 110), a qual se constituía de ferro, possuía uma borda baixa e uma pega longa geralmente feita de madeira (BARSIN, 1986, p. 320).

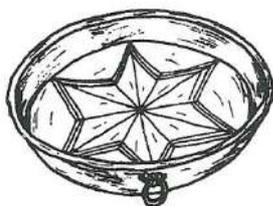
Figura 110 – Frigideira.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 320.

4.3.4.12 Fôrma → as fôrmas de cobre, pesadas, encontradas em diferentes tamanhos, serviam para cozinhar bolos. Elas eram quase sempre decoradas, como o exemplo na Figura 111 (BARSIN, 1986, p. 320).

Figura 111 – Fôrma decorada.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 320.

4.3.4.13 Bacia → tal recipiente, feito em cobre, de 30 a 35 cm de diâmetro, com cerca de 10 cm de profundidade e com um anel para ser pendurado quando não utilizado, não faltava junto de uma pia. A bacia (Figura 112) servia para reter a água, a fim de se lavar as mãos e o rosto (BARSIN, 1986, p. 95).

Figura 112 – Bacia.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 95.

4.3.4.14 Cesta → a cesta de ferro (Figura 113) era composta por fio de arame com malha larga e uma alça para transportar frutas e verduras, bem como servia para agitá-la, com o intuito de drenar a salada. Ela poderia, simplesmente, armazenar tais alimentos também (BARSIN, 1986, p. 294).

Figura 113 – Cesta de ferro.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 294.

4.3.4.15 Cestas de vime → as cestas constituíam-se a partir de uma estrutura de vime ou de outra madeira, suportada por uma alça, com 60 cm de largura e 40 cm de altura, como o exemplo da Figura 114. Havia modelos menores (Figura 115). Suas finalidades eram: auxiliar na colheita; recolher sorgo; armazenar e/ou transportar pães, frutas, ovos, etc.; manter a choca com os ovos; entre outras. “Os cestos são menos usados hoje do que eram no passado, porque eles são, muitas vezes, substituídos por caixas, ou tornam-se menos necessários com os novos meios de transporte e as novas técnicas de trabalho”⁵³ (BARSIN, 1986, p. 159).

Figuras 114 e 115 – Cestas de tamanho maior e menor, respectivamente.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 159.

4.3.4.16 Pilão e socador → o pilão de madeira (Figura 116) servia para tornar o sal grosso, assim encontrado no mercado, em fino. Depois de triturado pelo socador, também de madeira, o sal era colocado sobre uma tábua para secar e, na sequência, ser armazenado (BARSIN, 1986, p. 286-287).

⁵³ O texto em língua estrangeira é: “le *séste* (ceste) sono oggi meno usate di quanto non lo fossero in passato, perché spesso vengono sostituite da cassette, o diventano meno necessarie con i nuovi mezzi di trasporto e le nuove tecniche di lavoro”.

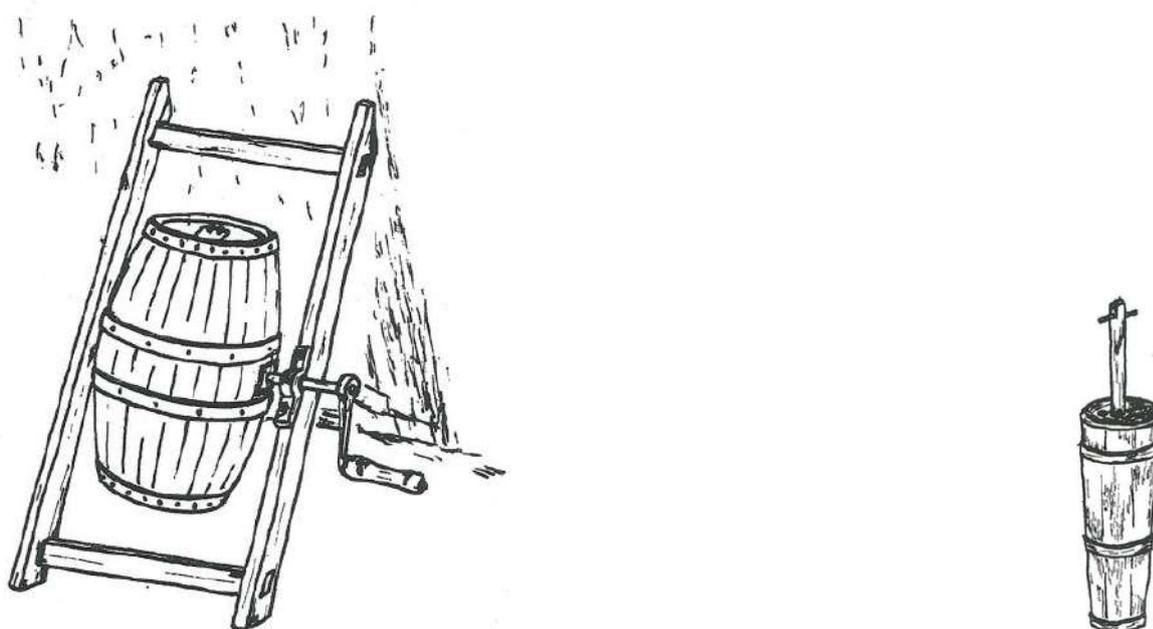
Figura 116 – Pilão e socador.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 287.

4.3.4.17 Barril/batedeira → o barril de madeira (Figura 117) era encaixado sobre dois pinos que o possibilitava girar por meio de uma manivela operada à mão. Pela abertura, despejava-se o creme de leite, que, após batido, transformava-se em manteiga. Onde havia eletricidade, o uso de tal ferramenta era facilitado com o auxílio de um motor. Para o mesmo fim, utilizava-se também a batedeira de madeira (Figura 118), com o formato de um copo, mas mais alongado. No seu interior, havia um êmbolo, provido de furos, uma pega e uma tampa que fechava o topo. Ao pressioná-lo, com movimentos repetitivos, obtinha-se a manteiga (BARSIN, 1986, p. 208 e 287-288).

Figuras 117 e 118 – Barril e batedeira de manteiga.

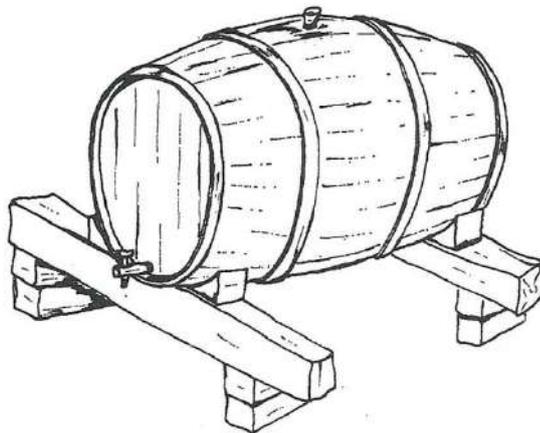


Fonte: BARSIN, 1986, p. 208 e 287.

4.3.4.18 Barril → com diferentes capacidades, os barris tinham formato de um cilindro largo, em madeira, com dois furos, um na parte inferior e outro no centro da “barriga” do recipiente, e ficavam dispostos no porão da casa. Devia-se mantê-los sempre fechados para não mofarem; se isso acontecesse, os barris passavam a ter outras finalidades, pois poderiam repassar um sabor desagradável ao vinho. O uso principal do barril (Figura 119) consistia em armazenar o vinho; em

outros casos, auxiliar na colheita, transportar e/ou depositar água e outros líquidos (BARSIN, 1986, p. 230).

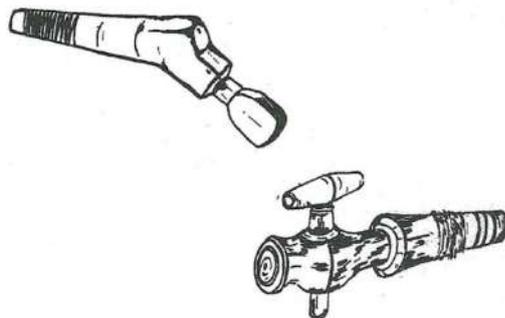
Figura 119 – Barril para armazenar vinho.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 230.

4.3.4.19 Torneira → feita de madeira ou de madeira e latão, a torneira (Figura 120) servia para extravasar o vinho do barril, a fim de suprir as necessidades diárias. As torneiras do passado, encontradas em variados formatos, eram conhecidas por sua vedação ineficiente, problema talvez decorrente do mau uso (BARSIN, 1986, p. 231).

Figura 120 – Modelos de torneira.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 231.

4.3.4.20 Corrente → a *caéna del camin* (Figura 121) era “uma corrente forte feita de anéis redondos, por vezes tratados, o comprimento de um ou dois metros, com dois ganchos nas extremidades”⁵⁴, na qual se pendurava, na extremidade inferior, o caldeirão ou outra panela sobre o fogo para cozinhar alimentos. Um gancho da parte intermediária poderia ser engatado em algum anel da parte superior para afastar o recipiente do calor (BARSIN, 1986, p. 61).

⁵⁴ O texto em língua estrangeira é: “una robusta catena fatta di anelli tondi, talora lavorati, della lunghezza di un metro o due, che porta alle estremità due rampini”.

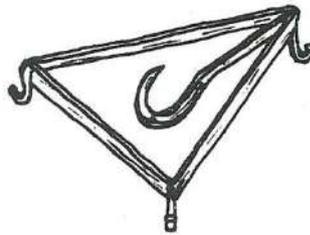
Figura 121 – Corrente com ganchos.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 61.

4.3.4.21 Tripé → alguns tipos de janelas podiam ser colocadas na lareira “sobre um tripé [Figura 122] triangular baixo, de ferro resistente ou ferro fundido, abaixo do qual eram espalhadas as brasas”⁵⁵ (BARSIN, 1986, p. 62).

Figura 122 – Tripé para lareira.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 62.

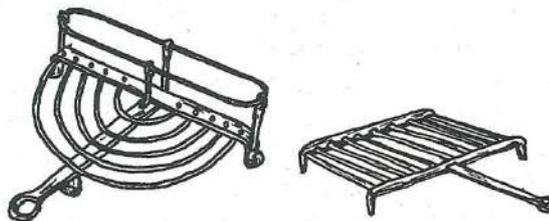
4.3.4.22 Churrasqueira/grelha →

é pouco provável que o uso de churrasqueira [Figura 123] ao ar livre desapareça; hoje ainda é muito usada e é um complemento importante, enquanto que, no passado, era uma ferramenta essencial e indispensável. Era adotada para assar a polenta sobre as brasas do fogo e, com menos frequência, para cozinhar costeletas e outros alimentos. De tamanho variável, era formada por pequenas barras de ferro, distantes uma da outra cerca de dois a três centímetros,⁵⁶ presas em dois estandes cerca de cinco centímetros de altura; de um lado possuía uma pega (BARSIN, 1986, p. 320-321).

⁵⁵ O texto em língua estrangeira é: “sopra un *trapie*, un basso treppiedi triangolare fatto di ferro robusto o di ghisa, sotto il quale erano state allargate delle braci”.

⁵⁶ O texto em língua estrangeira é: “sarà difficile che l'uso della *gradèla* (graticola) scompaia; tuttavia ora se ne fa un uso piuttosto complementare e quasi ricercato mentre, nel passato, essa era un utensile essenziale e indispensabile. Era sdoperata per *brustolàre* la polenta sulle *brónse* del *fogolàre* e, meno spesso, per cucinare braciòle e altri cibi. Di varia grandezza, è formata da piccole sbarre di ferro, distanti tra loro circa due-tre centimetri, infisse su due cavalletti alti circa cinque centimetri; da un lato è munita di un manico”.

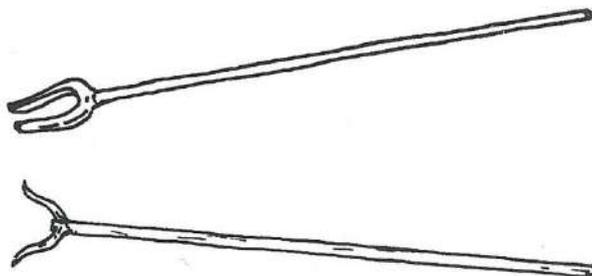
Figura 123 – Churrasqueira/grelha.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 321.

4.3.4.23 Dente de leão → tal instrumento era usado para mexer nas brasas, a fim de reavivar o fogo, sem se aproximar dele. O “dente de leão” (Figura 124) compunha-se de um ferro comprido, em torno de 1 m (BARSIN, 1986, p. 61).

Figura 124 – “Dente de leão”.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 61.

4.3.4.24 Pá → com o intuito de recolher as cinzas da lareira e do forno, utilizava-se a pá (Figura 125), um utensílio feito de ferro, com 50 cm de comprimento ou mais (BARSIN, 1986, p. 62).

Figura 125 – Pá.



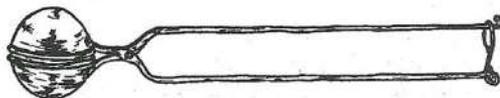
Fonte: BARSIN, 1986, p. 62.

4.3.4.25 Torradeira →

para torrar café, soja, cevada, trigo, talos de radicci enraizados ou de outros ingredientes que seriam usados mais tarde para fazer o café, usava-se o torrador [Figura 126], uma engrenagem composta por dois hemisférios de metal, o diâmetro de quinze centímetros, mantida fechada por duas longas alças, tendo no final um gancho. A torradeira era suspensa sobre o fogo do fogão [...]; tinha de ser continuamente agitada até o seu conteúdo ser torrado, o que era detectado pela cor de baforadas de vapor que saíam ocasionalmente⁵⁷ (BARSIN, 1986, p. 321).

⁵⁷ O texto em língua estrangeira é: “per tostare caffè, soja, orzo, frumento, *cóe de radico* o altri ingredienti che sarebbero serviti poi a fare il caffè, si ricorreva al bruşin (tostino), um attrezzo costituito da due semisfere in lamiera, del diametro di una quindicina di centimetri, tenute chiuse da due lunghi manici incrociantsi a tenaglia e fermati all'estremità da un gancio. Il bruşin si adoperava sospeso sopra il fuoco del focolare (a volte lo si faceva reggere dal gancio delle catene); doveva essere

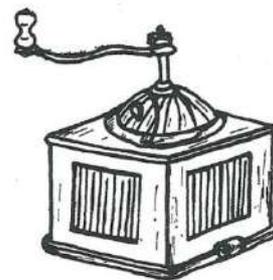
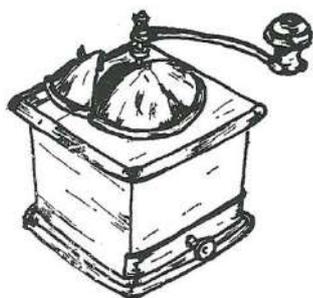
Figura 126 – Torradeira.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 321.

4.3.4.26 Moedor → o moedor (Figura 127) servia para moer, além do café, cevada, trigo, etc.. Seu formato parecia com um tubo, tendo uma manivela apoiada no topo. Os grãos, despejados por uma cavidade na parte superior, eram moídos quando passavam pela engrenagem localizada no centro do equipamento. O café moído ficava depositado numa gaveta na parte inferior. Em particular, o moedor de pimenta (Figura 128), um pouco menor que o do café, às vezes, era posto à mesa, já que a mesma poderia ser moída diretamente sobre a comida (BARSIN, 1986, p. 287).

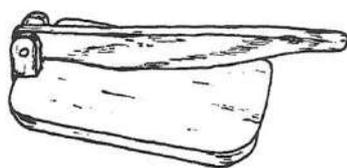
Figuras 127 e 128 – Moedores de café e de pimenta, respectivamente.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 287.

4.3.4.27 Máquina de amassar → tal máquina (Figura 129), para sovar as massas em casa, como a do pão, era formada por uma base plana, geralmente de madeira, tendo numa extremidade um tipo de alavanca de mesmo material. “A massa era sovada pressionando a alavanca que era continuamente abaixada e erguida em movimentos contínuos”⁵⁸ (BARSIN, 1986, p. 300).

Figura 129 – Máquina de sovar massas.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 300.

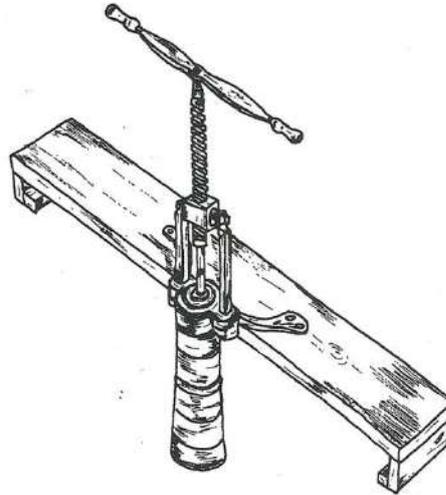
4.3.4.28 Máquina de fazer macarrão → ao introduzir a massa na máquina (Figura 130) fixada à mesa da cozinha, apertava-se a espiral por meio das alças, para, então, o macarrão sair do molde interior. Havia vários tipos de moldes. Esta ferramenta estava dentre as que mais caracterizavam a culinária

continuamente agitato finché il suo contenuto non fosse tostato al punto giusto, ciò che si rilevava dal colore degli sbuffi di vapore che se ne facevano uscire di tanto in tanto”.

⁵⁸ O texto em língua estrangeira é: “la pasta si *dòma* premendola sotto la leva che viene continuamente abbassata e alzata”.

do passado. Um dos centros de fabricação encontrava-se em Marano, de onde a produção partia para outros países distantes (BARSIN, 1986, p. 301).

Figura 130 – Máquina de fazer macarrão.

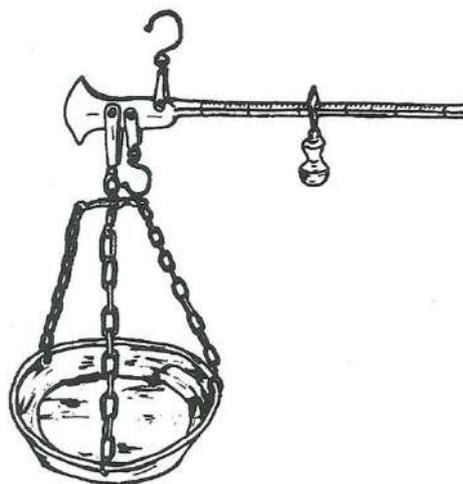


Fonte: BARSIN, 1986, p. 301.

4.3.4.29 Balança → conforme Barsin (1986, p. 174),

a balança [Figura 131] que se tinha em casa para o pequeno comércio, era um modelo formado por um único prato, onde eram colocadas as mercadorias, apoiado por três correntes; o prato é suportado na parte superior com um gancho e a medição do peso é lida na alavanca, que é feita para deslizar o contrapeso. A balança geralmente tem dois campos que correspondem às duas escalas gravadas nos bordos opostos do braço; pode-se usar uma ou outra, invertendo o braço, operação esta que modifica e ajusta adequadamente o braço da alavanca⁵⁹.

Figura 131 – Balança para pesar mercadorias.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 174.

⁵⁹ O texto em língua estrangeira é: "la *balànsa*, che si teneva in casa per i piccoli commerci, era una stadera formata da un unico piatto, su cui si mette la merce, retto da tre catene; il piatto viene sostenuto in alto con un gancio e la misura del peso si legge sulla leva, su cui viene fatto scorrere il contrappeso. La *balànsa* ha in genere due portate che corrispondono a due scale incise sugli spigoli opposti del braccio; si può utilizzare l'una o l'altra portata capovolgendo il braccio, operazione questa che modifica opportunamente il braccio di leva".

4.3.5 Utilidades Domésticas

4.3.5.1 Vassoura → a vassoura (Figura 132), que servia para limpar o estábulo, compunha-se de sorgo, o qual se cortava quando estava seco, retiravam-se as sementes e amarravam-se os ramos, técnica esta realizada pelos homens. Havia também a vassoura de capoeira (Figura 133), mais resistente, utilizada para limpar o quintal e a varanda (BARSIN, 1986, p. 95-96).

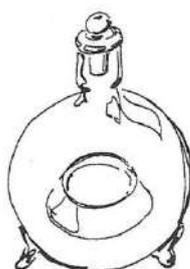
Figuras 132 e 133 – Vassouras de sorgo e de capoeira, respectivamente.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 96.

4.3.5.2 Pega-mosca → usado especialmente na cozinha, o pega-mosca (Figura 134) era uma espécie de armadilha em vidro, apoiada por três pés curtos. “As moscas, atraídas por um pouco de açúcar ou mel na abertura do vidro, quando novamente em voo, ficavam presas dentro dele e, debatendo-se, caíam e se afogavam na água contida em uma borda circular”⁶⁰ (BARSIN, 1986, p. 97).

Figura 134 – Pega mosca.

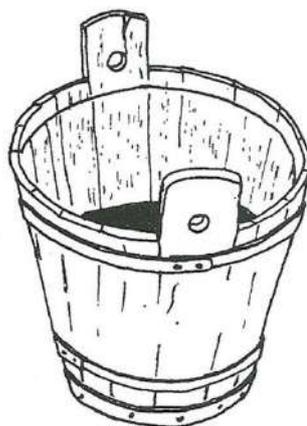


Fonte: BARSIN, 1986, p. 97.

4.3.5.3 Tina → utilizada para auxiliar na lavagem do material ou da roupa do dia, a tina pequena (Figura 135) poderia conter de três a quatro baldes de água. Em sua estrutura, havia duas pegas salientes (BARSIN, 1986, p. 150).

⁶⁰ O texto em língua estrangeira é: “le mosche, attirate da un po' di zucchero o miele sparso sotto l'attrezzo, si ritrovavano, quando ripartivano in volo, prigioniere dentro di esso e, nel dibattersi, cadevano e annegavano nell'acqua contenuta in un bordo circolare della *moscaróla*”.

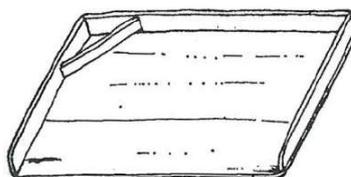
Figura 135 – Tina pequena.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 150.

4.3.5.4 Tábua de lavar roupas → de acordo com Barsin (1986, p. 150-151), “todas as roupas sujas eram lavadas numa tábua apoiada sobre uma tina. [...] A tábua de lavar [Figura 136] era simples, tendo ripas em três lados e, num dos cantos, uma caixa para guardar o sabão. Era essencial para a mulher nos trabalhos domésticos”⁶¹.

Figura 136 – Tábua de lavar roupas.



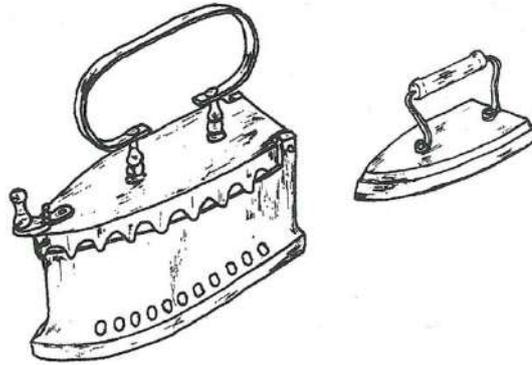
Fonte: BARSIN, 1986, p. 151.

4.3.5.5 Ferro de passar roupas → antigamente, o ferro de passar roupas (Figura 137) constituía-se de ferro fundido bruto, alto, com buracos nas laterais para as brasas “respirarem” e com uma tampa para facilitar o seu abastecimento. “Internamente, havia uma pequena grade que deixava caírem as cinzas”⁶². Existia outro tipo de ferro, que também pode ser observado na figura a seguir, menor e inferior ao primeiro. Eles eram utilizados alternadamente e eram colocados sobre a chapa do fogão para aquecerem. Os dois modelos já caíram em desuso (BARSIN, 1986, p. 389).

⁶¹ O texto em língua estrangeira é: “tutti i panni sporchi venivano lavati sulla *tòla da lavàre* che si adoperava appoggiata al *mestèlo*. [...] La *tòla da lavàre* è una semplice tavola, avente dei bordi su tre lati e, ad un angolo, un riquadro per riporvi il sapone. Su questo strumento fondamentale per la pulizia degli indumenti e per il lavoro di casa”.

⁶² O texto em língua estrangeira é: “all'interno le *brónse* erano rette da una piccola griglia che lasciava cadere sotto di sé la cenere”.

Figura 137 – Ferros de passar roupas.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 389.

4.3.5.6 Lampião → como o lampião (Figura 138) continha um vidro que mantinha a chama acesa, poderia ser usado fora de casa por carroceiros. Ele funcionava com a queima do óleo de noz por intermédio de um pavio (BARSIN, 1986, p. 97).

Figura 138 – Lampião.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 97.

4.3.5.7 Lâmpada a gás → esta lâmpada (Figura 139) era utilizada dentro das casas e foi precursora da lâmpada elétrica, ainda em uso em alguns lugares fora da Itália (BARSIN, 1986, p. 97).

Figura 139 – Lâmpada a gás.

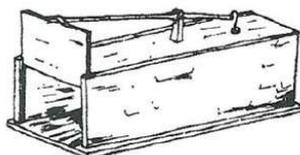


Fonte: BARSIN, 1986, p. 97.

4.3.6 Outros

4.3.6.1 Armadilha para ratos → nos celeiros, utilizava-se uma caixa alongada de madeira, feita artesanalmente, contendo uma isca para atrair os grandes ratos. Ao adentrar na armadilha (Figura 140), o animal deixava cair um anteparo que fechava a porta e o aprisionava (BARSIN, 1986, p. 147).

Figura 140 – Armadilha para ratos.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 147.

4.3.6.2 Cesta → a cesta (Figura 141) era confeccionada por uma palha trançada, oriunda do trigo plantado em Marostica. Seus ângulos e bordas reforçavam-se com tiras de estopa. Ela servia para ir às compras e para levar comida aos homens no campo. Não se encontra mais tal modelo devido à quantidade de tempo necessário para fazê-lo (BARSIN, 1986, p. 173-174).

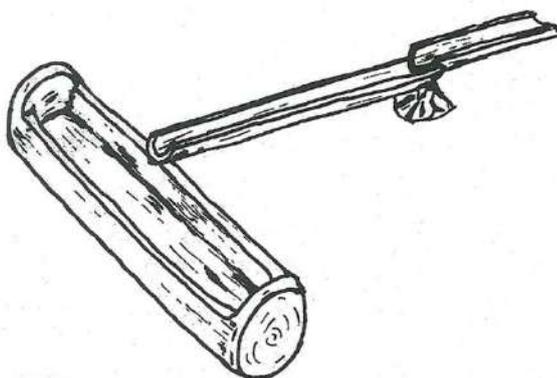
Figura 141 – Cesta de palha trançada.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 174.

4.3.6.3 Canal → este canal (Figura 142) confeccionava-se a partir da metade de um tronco de árvore esculpido, com diâmetro relativamente pequeno, mas longo, por onde escoava o fluxo de água de reservatórios e fontes (BARSIN, 1986, p. 467-468).

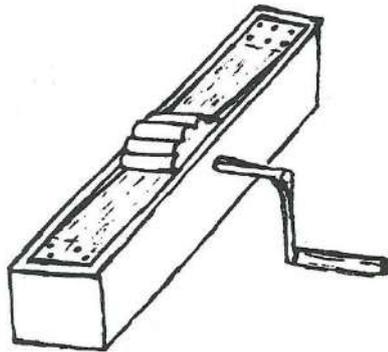
Figura 142 – Canal por onde escoava a água.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 468.

4.3.6.4 *Ràcola* → também conhecida por chocalho, a *ràcola* (Figura 143) era um instrumento de madeira utilizado pelos rapazes (questão de orgulho) durante a Semana Santa promovida pela igreja. Uma peça presa à estrutura, ao passar por cada dente da engrenagem girada pela manivela, produzia um barulho estrondoso (BARSIN, 1986, p. 171).

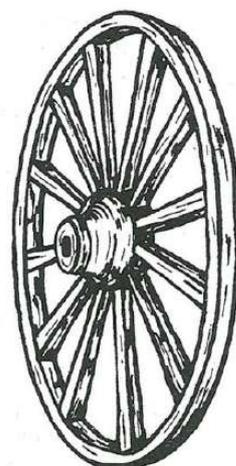
Figura 143 – *Ràcola*.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 171.

4.3.6.5 Roda → “a roda [Figura 144], uma das mais importantes conquistas técnicas feitas pelo homem nos primórdios da civilização, teve subitamente uma grande transformação”⁶³. A madeira foi substituída pelo ferro e pela borracha, porque sua construção dependia de muita dedicação e sabedoria técnica do artesão (BARSIN, 1986, p. 114).

Figura 144 – Roda de madeira.



Fonte: BARSIN, 1986, p. 114.

⁶³ O texto em língua estrangeira é: “la *rua* [...], una delle più importanti conquiste tecniche fatte dall'uomo ai primordi della sua civiltà, ha subito una grande trasformazione”.

4.4 O Desenvolvimento da Indústria no Rio Grande do Sul

Ao se tratar sobre o desenvolvimento industrial gaúcho, abordou-se o estudo já apresentado em Ellwanger (2008, p. 135-136), sendo complementado aqui por novos aportes. Mas, antes de se prosseguir com tal assunto, cabe salientar, conforme Pesavento (1983), as unidades produtivas que se desenvolveram no Rio Grande do Sul.

Por muito tempo, as chamadas “indústrias” não passavam de unidades artesanais, ao passo que empregavam mão-de-obra familiar e operavam com precária tecnologia. Na verdade, o parque industrial sul-rio-grandense apresentava-se muito variado, caracterizando-se por três unidades de produção, a destacar: artesanato, manufatura e indústria. Todas estas representam “uma forma de transformação da matéria-prima para obtenção de mercadorias”, mas a primeira unidade citada não se constitui como forma histórica de produção capitalista, pois “não há separação completa entre o trabalhador e os meios de produção”. O artesanato surgiu no campo, quando os camponeses passaram a dividir suas tarefas de cultivo da terra com essa “nova” forma de assegurar seus meios de subsistência e de abastecer o mercado local e regional. “A tecnologia utilizada é a ferramenta, prolongamento da força-trabalho do artesão”. Diante da empresa manufatureira e da indústria, em muitos casos, as unidades artesanais operaram em condições de desvantagem, sendo destruídas ou incorporadas por essas (PESAVENTO, 1983, p. 13-15).

Já a chamada manufatura, de acordo com Pesavento (1983, p. 16), entende-se por aquele estabelecimento comandado pelo seu proprietário, o qual supervisiona as atividades a serem desenvolvidas por um grande número de trabalhadores num mesmo local, os quais realizam suas tarefas com ferramentas simples para produzirem um mesmo tipo de mercadoria. Em troca, os operários recebem um salário. Tais tarefas seguem uma sequência de operações conexas até se chegar ao produto acabado. “A manufatura, contudo, pode utilizar também o trabalho de operários assalariados a domicílio e de pequenas indústrias artesanais, atuando estas como fornecedoras da matéria-prima com reduzido grau de elaboração, que terá seu processo de beneficiamento acabado depois”. Cada trabalhador responsabiliza-se por determinada atividade dentro do processo global de produção, o que o torna especialista no que faz e reduz o tempo necessário para a finalização desta (PESAVENTO, 1983, p. 16-17).

Quanto à indústria, esta, por sua vez, representa-se, fundamentalmente, pela introdução da máquina no sistema da empresa, oportunizando uma produção em larga escala, por conta do encurtamento do tempo de trabalho necessário para o fabrico de uma mercadoria, o que barateia o seu custo, bem como o próprio valor do trabalho. Paralelamente, aprofunda-se a separação existente entre o proprietário e os meios de produção (PESAVENTO, 1983, p. 17-18).

Conforme Boni e Costa (1984, p. 211), no século XIX, a industrialização passou a se desenvolver principalmente na zona de colonização alemã e, mais tarde, na italiana, isso por consequência de um acúmulo de capital e pela existência de um mercado consumidor nessas áreas, as quais se localizavam distantes do centro do país. Já na campanha, ao contrário, nunca se

“conseguiu acumular o capital necessário para o financiamento de um projeto industrial”, pois havia pouca densidade demográfica, além da produção extensiva (pecuária tradicional). Mesmo no século XX, “quando se pensou em partir para a construção de frigoríficos, os campos descapitalizados necessitaram de recursos do exterior”.

No final do século XVIII, na região de Pelotas, devido à localização do único porto marítimo gaúcho, surgiu a indústria saladeira com a produção do charque, o qual era exportado para o centro do país e para outros países.

É ponto pacífico que o capital acumulado nas charqueadas possibilitou o surgimento de indústrias em Pelotas e Rio Grande. Nesta localidade, em 1874, surgiu o que se pode chamar de primeira fábrica gaúcha, a “União Fabril”, tendo como proprietários os alemães Vater e Rheingantz. A localização junto ao porto, fez com que as indústrias riograndinas estivessem desde cedo em contato com o resto do país, o que as levou a disputar mercado com outras concorrentes. Devido a isto [sic], sobreviveram naquela localidade as indústrias de maior porte e que, desde logo, partiram para uma maior especialização. Até 1920, Rio Grande foi um pólo [sic] industrial mais importante que Porto Alegre. [...] Nesta cidade, porto e confluência da produção da zona colonial, as primeiras indústrias surgiram mais no fim do século, tendo como proprietários indivíduos de origem alemã. Eram, geralmente, firmas de menor porte, e voltadas mais para satisfazer às [sic] necessidades regionais. As dificuldades de transporte protegiam-nas da concorrência de outros centros, e seu mercado baseava-se fundamentalmente no poder aquisitivo da zona de colonização (BONI; COSTA, 1984, p. 212).

Há controvérsia sobre como surgiu a indústria sul-rio-grandense. Alguns autores defendem que ela se desenvolveu a partir do artesanato realizado pelos imigrantes; outros dizem que o artesanato foi liquidado antes mesmo do surgimento da industrialização, quando passou a perder espaço perante a importação de bens de indústrias estrangeiras.

Com isto [sic], salienta-se a importância do comerciante nos primórdios da colonização e no início da industrialização. Sua “casa de negócio” diferia muito de uma firma comercial moderna, assemelhando-se mais a um misto de super-mercado [sic], banco, transportadora e manufatura de produtos agropecuários. Na casa de negócio o colono encontrava tudo o de que necessitava, provindo da grande cidade, ou mesmo do exterior, e a ela entregava sua produção, já que as dificuldades de transporte impediam-no de levá-la até os centros consumidores. [...] As grandes firmas comerciais acabavam localizando-se em Porto Alegre, ou ao menos tendo lá uma filial. Muitas tinham linhas de navegação e quase todas, suas tropas de transporte. [...] “O intercâmbio comercial gerou acúmulo de capital nas mãos dos comerciantes, proporcionando condições de investimentos em empreendimentos comerciais ainda maiores e em indústrias. Dinastias econômicas germano-rio-grandenses, como Trein, Ritter, Renner, Mentz, Bromberg, Dreher, Sperb, etc., originaram-se em atividades comerciais e instalaram fábricas importantes posteriormente” (MOURE *apud* BONI; COSTA, 1984, p. 213).

Conforme Pesavento (1983, p. 75-76), “na realidade, a produção agropecuária colonial só se efetivava enquanto valor de troca através da intermediação do comerciante, [...] [ao passo que este] acumulava em cima da diferença entre os preços de compra e venda e no custo do frete dos produtos até o mercado”, e, assim, passou a investir em indústrias, o que alterou “progressivamente a estrutura econômica gaúcha”.

Já segundo Delhaes-Guenther, citado por Boni e Costa (1984, p. 214), o qual desenvolveu um histórico sobre as indústrias teuto-brasileiras no Estado, constatou que os comerciantes não foram os únicos a partirem para a industrialização, defendendo que houve quatro grupos fundadores, representados por “artesãos nascidos no Brasil; [...] empresários que trouxeram da Europa conhecimentos artesanais ou industriais; [...] empresários que adquiriram conhecimentos no ramo devido ao comércio interno ou externo; [...] [e] empresários sem nenhum conhecimento no ramo”.

Inicialmente, a atividade mais desempenhada no Rio Grande do Sul estava ligada ao setor agrícola, com o desígnio de garantir a subsistência do produtor e sua família, além de reproduzir as condições de produção. Esse panorama passou a mudar a partir da segunda metade do século XIX, como o que aconteceu com a indústria do vinho, por exemplo.

Desde a vinda dos primeiros imigrantes [...], o pequeno produtor se apresentava como fornecedor de gêneros de subsistência ou de artigos resultantes de um beneficiamento simples a partir da matéria-prima local. Assim, o pequeno proprietário assume, além do papel do agricultor, o de fabricante que, em nível artesanal doméstico, colocava seus produtos no mercado.

Progressivamente, parte da colônia italiana se especializou na produção de um artigo de boa aceitação no mercado regional e nacional: o vinho.

Sobre este produto, de fabricação doméstica, exercia-se a já mencionada ação do capital comercial, intermediário entre a produção colonial e o mercado.

A partir da década de 20 [1920], acrescentou-se a este [sic] panorama o capital industrial, originado freqüentemente [sic] do próprio capital comercial.

A presença da industrialização do vinho incide sobre o processo de trabalho colonial-imigrante de forma a aniquilar a indústria doméstica, reduzindo o colono à função de plantador de uva e, conseqüentemente [sic], fornecedor de matéria-prima para a indústria (PESAVENTO, 1983, p. 23-24).

De maneira semelhante, isso também se deu com a fabricação de banha⁶⁴, cerveja, farinha de trigo e de mandioca⁶⁵, e com o cultivo e beneficiamento do fumo, em algumas empresas localizadas nas zonas coloniais alemã e italiana (PESAVENTO, 1983, p. 71, 125, 153 e 192).

Na passagem do século XIX para o século XX, a economia regional transformou-se em direção ao capitalismo e sua classe dominante assumiu uma conotação burguesa, a qual se afirmou como empresariado industrial gaúcho. O setor secundário sul-rio-grandense, num primeiro momento, representou-se por “um grande número de pequenas empresas, com reduzido capital, caracterizadas pela presença do trabalho artesanal predominante frente a um quase inexistente uso de máquinas”. Por “fábrica”, na época, eram chamados os estabelecimentos que se utilizavam de operários para produzir, e não pela presença de maquinaria, levando em consideração o seu número, como também a utilização de relações assalariadas de trabalho. “A rigor, o montante do capital seria o indicador mais preciso da existência da fábrica, forma histórica plenamente configurada de produção capitalista, e que evidenciaria a maior utilização de tecnologia”. Predominaram as empresas beneficiadoras da matéria-prima de origem agropecuária, seguidas daquelas de ramo metalomecânico. Entretanto, estas últimas foram as que lideraram o processo de industrialização no Estado (PESAVENTO, 1983, p. 31 e 77; PESAVENTO, 1988, p. 16 e 19-20).

Segundo Pesavento (1983, p. 89 e 135; 1988, p. 20-21, 30, 32, 37, 40, 42 e 64), “a consolidação da indústria ocorreu através do processo de organização e racionalização da produção, [...] [com] a introdução da tecnologia no processo produtivo [...] tanto em função dos seus aspectos propriamente econômicos [...] quanto em relação aos seus aspectos sociais e políticos”. O surto industrial sul-rio-grandense deu-se no período da Primeira Guerra Mundial. “O período deflacionário que se seguiu no pós-guerra, na década de 20, contribuiu para acentuar o processo de concentração industrial”. Relativa aos aspectos econômicos, a busca pelo “bom produto” fez com que as empresas com capital disponível investissem em maquinário avançado, principalmente importado da Europa,

⁶⁴ Isso proporcionou um aumento da produção de milho e da criação de suínos, o que fez emergir um importante ramo manufatureiro no Rio Grande do Sul, referente a refinarias de banha (PESAVENTO, 1983, p. 71 e 79).

⁶⁵ Tanto a farinha de trigo quanto a de mandioca eram produzidas, inicialmente, em moinhos, considerados como unidades artesanais (PESAVENTO, 1983, p. 160).

para atingirem artigos de melhor qualidade, bem como no estudo de seus descendentes no exterior, a fim de adquirirem experiência profissional e conhecimentos. Tais empresas também ofereciam boas condições de trabalho aos seus operários, onde se acentuava a divisão manufatureira do mesmo. Entretanto, tal parcelamento do trabalho desqualificou-o e permitiu a incorporação de mão-de-obra de mais baixa remuneração, como mulheres e crianças. Diante dessa e de outras situações, o processo de industrialização no Rio Grande do Sul foi marcado por várias greves e reivindicações operárias, principalmente em termos de higiene, salubridade, salário, férias, segurança, duração da jornada e proteção das mulheres e dos menores.

Com o intuito de “mascarar” a sua dominação sobre os operários e a sua falta de atendimento às reivindicações, as empresas passaram a investir em atividades ligadas à educação, assistência social, habitação e lazer. A escola, por exemplo, surgiu como um anexo à fábrica, na realidade, para “formar mão-de-obra habilitada às necessidades da empresa”. Já o lazer caracterizou-se pela “organização de locais para reuniões, bibliotecas e salas de bilhar”, o que, na verdade, tinha como intuito manter o operário o maior tempo possível no ambiente fabril, à medida que lhe oferecia formas sadias (e controladas) de recreação. As casas construídas pelas empresas, próximas a estas, e alugadas aos trabalhadores, tinham como propósito reter a mão-de-obra perto das mesmas (PESAVENTO, 1988, p. 57, 71 e 81).

Ao longo da República Velha (1889-1930), a economia gaúcha constituiu-se por uma espécie de modelo fechado, em que

a agropecuária fornecia a matéria-prima para a indústria natural, e ambas ofereciam gêneros *in natura* ou beneficiados para o mercado regional e nacional. Acoplada a esta articulação, justapunha-se uma modesta porém eficiente indústria artificial, que fornecia máquinas para a agropecuária, bem como repunha peças e elaborava aparelhos para a indústria natural (PESAVENTO, 1988, p. 115; grifo da autora citada).

Algumas dessas máquinas passaram a ser fabricadas em Caxias do Sul, principalmente, a partir da década de 1930. Mesmo assim, várias empresas dependiam de insumos importados do centro do país e do exterior. O que prejudicava a produção regional, efetivamente, não era os manufaturados estrangeiros, mas sim a entrada dos artigos do Rio de Janeiro e São Paulo no Estado. Nota-se que, nesse período, também se designavam por indústria aquelas empresas que desenvolviam atividades agrícolas ou pastoris, ou seja, algumas empresas eram nitidamente manufatureiras, sem ou com pouco maquinário, as então chamadas indústrias “naturais”. O crescimento do setor industrial fez florescer alguns centros urbanos, como Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, seguidos de alguns núcleos da zona colonial, a destacar Caxias do Sul e São Leopoldo. A cidade de Porto Alegre, por exemplo, urbanizou-se e converteu-se “no centro escoadouro da produção colonial, constituindo-se no núcleo de exportação gaúcha de gêneros agropecuários fornecidos pelos colonos imigrantes para o centro do país” (PESAVENTO, 1983, p. 130, 148 e 152; PESAVENTO, 1988, p. 118-119, 152 e 203).

Com o prenúncio da República, poderia se dizer que a indústria atingiu certa estabilidade, caracterizada pelo progresso e bem-estar. Ao mesmo tempo, foram surgindo algumas escolas técnicas profissionalizantes, como o Instituto Benjamin Constant (1906), da Escola de Engenharia de Porto Alegre, entre outras no interior do Estado (PESAVENTO, 1988, p. 143 e 176).

Os comerciantes, além de especialistas na exportação de produtos coloniais e da pecuária e na importação dos produtos estrangeiros, operavam também como banqueiros, tendo como exemplo a organização do Banco da Província do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no ano de 1858. Já o governo do Estado proporcionou “iniciativas para associar os representantes dos diferentes setores da economia”, como a fundação do Centro Econômico do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no ano de 1904, o qual não exigia maiores requisitos além do pagamento das mensalidades por seus sócios, representados por pecuaristas, comerciantes e industriais. A fim de defender os interesses dos industriais, tanto de Porto Alegre quanto do interior do Estado, dentre outros objetivos, foi criado o Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul, em 1930. Este teve, como sócios-fundadores, representantes dos mais variados ramos, a destacar: “metalurgia, alimentação (doces e chocolates, banha, beneficiamento do arroz, cerveja), têxtil (fiação, tecidos e vestuário), móveis, couro e calçados, vidros, papel, artes gráficas, fumo, material de construção”, muitos deles ligados ao complexo colonial-imigrante (PESAVENTO, 1988, p. 241-243, 259-260 e 262).

Diante do processo de descapitalização do colono, houve reações como o movimento cooperativista, no início da década de 1910, além do apoio do governo, “interessado em incentivar as exportações do estado e em desenvolver globalmente as forças produtivas do Rio Grande. Da mesma forma, cabe [...] reforçar aqui a necessidade política de englobar, pelo consenso, as populações coloniais”. Duas décadas mais tarde, “o Rio Grande do Sul reconfirmou a sua posição de estado ‘celeiro do país’, ou seja, região especializada na produção de gêneros agropecuários destinados ao abastecimento do mercado interno”. O apoio às “indústrias naturais” permitiria, então, a conciliação entre a estrutura agrária predominante e o esforço industrial substitutivo de importações (PESAVENTO, 1983, p. 83-84, 173 e 213).

4.5 O Design, a Industrialização e o Comércio

Segundo Bozzetti (2004, p. 32), os antecedentes históricos do design gaúcho foram representados, num primeiro momento, pela necessidade de nativos e imigrantes, mesmo que pouco preparados, em criar soluções próprias em pequenas produções, referentes a ferramentas, móveis e utensílios diversos. Com as colonizações mais recentes, era evidente o predomínio de padrões alemães e italianos, além de influências estéticas francesas e espanholas, desde o fim do século XIX e início do século XX.

Já no período entre as duas Guerras Mundiais (1919 a 1939), a indústria gaúcha começou a se desenvolver, buscando soluções para produtos realizadas, muitas vezes, por “práticos”, os quais viviam num círculo artístico formado pelas Escolas de Belas Artes, juntamente com as influências europeias daquele tempo.

No decorrer das décadas de 20, 30, 40 e 50, do século XX, houve uma relativa consolidação da indústria no Rio Grande do Sul, a qual, além de soluções estéticas, buscava soluções técnicas,

conforme ocorria a evolução tecnológica produtiva no mundo desenvolvido. A partir da expansão da comunicação por meios como o cinema, o rádio, as revistas e, mais tarde, a televisão, a informação chegava a todos os lugares e estimulava a imaginação de muitos.

Com os obstáculos decorrentes das Guerras Mundiais, como as dificuldades financeiras e de importação, as fábricas da época defendiam-se com a construção de máquinas por elas desenvolvidas. Mesmo com limitações de todo tipo, a criatividade local tratou de gerar produtos viáveis naquelas condições técnicas. “Essa demanda por uma criatividade local, focada na tecnologia possível, conduziu à formação de um pólo [sic] de Design, nas escolas técnicas e na engenharia” (BOZZETTI, 2004, p. 33).

As correntes que, no Brasil, influenciaram os designers, a partir da década de 1950, foram os modelos norte-americano e europeu: aquele com a decoração do tipo “pé de palito” em móveis, por exemplo; e este com a predominância das características da Bauhaus e de outras escolas tradicionais. Assim, houve um relativo distanciamento entre os profissionais de criação, em que o diretor de arte passou a manter um estilo mais “americanizado”, e o designer, mais “europeizado”.

O mercado, no início dos anos de 1960, era um pouco resistente diante dessa nova profissão que surgia. Algumas indústrias copiavam os produtos de outros países, ou os profissionais das mesmas, como os próprios donos ou os chefes das famílias fundadoras, bem como alguns contratados, muitos sem qualquer formação específica, desenvolviam e adaptavam projetos de produtos. Ainda havia aquelas empresas que contavam com o serviço de designers (ou desenhistas industriais), assim se identificavam, mas acabavam trabalhando junto à engenharia e projetavam em função da tecnologia disponível. Porém, outras indústrias buscavam inovar por meio do trabalho de bons designers. E estes, providos de conhecimentos teóricos e de um bom nível de comunicação, passaram a divulgar e propagar a sua profissão.

Após a abertura das indústrias para esse novo profissional, este passou a analisar as melhores oportunidades para que seu projeto se concretizasse.

Conhecendo melhor o seu cliente e sua concorrência, identificando tendências do mercado, estudando as características do problema a resolver, alguns Designers [...] ousaram propor inovações em negócios e em empreendimentos, chegando a causar mudanças de rumo que afetaram positivamente a vida de algumas empresas gaúchas (BOZZETTI, 2004, p. 39-40).

Diante do cenário econômico gaúcho, o setor que mais investia no design era o privado, ligado ao comércio e à indústria. Essas áreas buscavam fortalecer suas marcas. As indústrias procuravam sempre aumentar sua produtividade e, conseqüentemente, o seu porte como empresa, de pequeno para médio, de médio para mais, mesmo que, no período inicial da segunda metade do século XX, ainda não existiam empresas gaúchas que pudessem ser chamadas de grandes. Mas com o desenvolvimento progressivo que vinham alcançando, passaram a arriscar em outras regiões do Brasil e até em outros países. O designer, além da própria elaboração do projeto de produto, por exemplo, passava também por se envolver com outras atividades ligadas à geração de embalagens, marcas, *stands* em exposições, sinalizações e outras. No comércio, por sua vez, nos anos de 1970, começaram a emergir redes de lojas, como também houve o surgimento dos primeiros hipermercados e, logo, dos *shopping centers* (ou centros comerciais, como eram chamados na época). Nesse setor

de serviços, o designer também encontrou o seu lugar e, assim, o design passou a fluir mais naturalmente no Rio Grande do Sul (texto extraído de ELLWANGER, 2008, p. 136-139).

5 METODOLOGIA E TÉCNICAS

Para o presente trabalho, utilizou-se de uma articulação de técnicas, como estudo de documentários (apresentado no primeiro capítulo), revisão de literatura, documentação por meio de fotografias e áudio, análise visual, etc., a fim de se atingir os objetivos propostos. Tais procedimentos foram descritos no decorrer deste capítulo. Ao se adotar uma variedade de técnicas, entendeu-se que se fez uso de uma metodologia semelhante à iniciada por Lévi-Strauss e desenvolvida por Denzin e Lincoln, a qual combina métodos originários das ciências sociais, humanas e naturais, que podem se adequar à investigação em design, à medida que atende à natureza indeterminada da disciplina (BREMNER; GRAY; MALINS; PIRIE; YEE; *apud* RODRIGUES, 2015, p. 169).

Assim, conjugaram-se procedimentos da metodologia qualitativa, caracterizada por experiências subjetivas (percepção, memória, afetividade, atividade social, etc.) e interpretações intuitivas, com procedimentos específicos, que resultaram no material empírico coligido, provindo do trabalho de campo, os quais foram apresentados a seguir. Desse modo, o estudo deu-se de forma indutiva, partindo do raciocínio particular ao geral, à medida que correlaciona os elementos estudados a fim de se entender o fenômeno.

Conforme consultas em Cruz e Ribeiro (2004), Gil (2012) e Lakatos e Marconi (1991), num primeiro momento, analisou-se o tema a partir de um levantamento preliminar de dados. Posteriormente, realizou-se pesquisa bibliográfica, fundamentada em fontes primárias, como *sites* da *internet* e documentários, e fontes secundárias, representadas por livros, artigos, monografia, dissertação e tese, por exemplo, para a elaboração da fundamentação teórica e demais capítulos. Essa pesquisa partiu de características gerais que nortearam a emigração na Itália, a imigração italiana no Brasil e no Rio Grande do Sul e o assentamento na região da Quarta Colônia; passando pelo entendimento do termo cultura, atrelado, ainda, à memória, identidade, sociedade, afetividade e design; além de se referir às relações existentes entre o fazer artesanal e o campo do design; para, então, discorrer sobre o processo evolutivo humano, decorrente das transformações tecnológicas, a definição de artefato e seus semelhantes, quais os tipos de artefatos desenvolvidos na região de Vêneto, na Itália, além de tratar sobre as unidades produtivas que se estabeleceram no Rio Grande do Sul e o processo de inserção do designer na indústria e no comércio.

O estudo foi realizado, então, por meio da metodologia qualitativa, como já mencionado, à medida que se analisaram os artefatos trazidos, confeccionados ou adquiridos pelos imigrantes italianos que se estabeleceram na região da Quarta Colônia, localizada no centro do atual Estado do Rio Grande do Sul, bem como seus usos e significados para as gerações que se sucederam. Nesse procedimento exploratório, a análise de dados compreendeu três etapas, conforme Huberman e Miles (*apud* GIL, 2012, p. 175-176): redução, exibição e conclusão/verificação. A primeira consistiu “no processo de seleção e posterior simplificação dos dados”, conforme os objetivos da pesquisa; definiu-

se “como codificar as categorias, agrupá-las e organizá-las para que as conclusões se [...] [tornassem] razoavelmente construídas e verificáveis”. A segunda fase permitiu “a análise sistemática das semelhanças e diferenças e seu inter-relacionamento”, o que pôde proporcionar “uma nova maneira de organizar e analisar as informações”. A última etapa consistiu numa “revisão para considerar o significado dos dados, suas regularidades, padrões e explicações”.

Para dar início à pesquisa de campo, entrou-se em contato com as secretarias dos sete municípios principais que compreendem a região da Quarta Colônia, a destacar: Silveira Martins, Ivorá, Nova Palma, Faxinal do Soturno, São João do Polêsine, Dona Francisca e Pinhal Grande. A pesquisa não se estendeu às cidades de Agudo e Restinga Seca, porque a primeira formou-se a partir do assentamento de imigrantes alemães e, a segunda, de portugueses. Das sete secretarias contatadas, obteve-se retorno de quatro (Ivorá, Nova Palma, Faxinal do Soturno, São João do Polêsine). Destas, num primeiro momento, deu-se atenção à dirigente Maria Claci Bortolotto, da Secretaria de Educação, Cultura, Desporto e Turismo, que disponibilizou informações para se estabelecer contato com famílias em São João do Polêsine.

As aproximações bem sucedidas culminaram nos depoimentos do Sr. Adrioni Antonio Alberti, com entrevista realizada na região central de São João do Polêsine, o qual abriu as portas de um sobrado da família, que contém vários artefatos antigos, principalmente móveis; do Sr. Aléssio Agostinho Borin, morador da Vila Ceolin, que possui um acervo particular com mais de 500 peças antigas; e da Sra. Elisa Grigoletto Foletto, no distrito de Vale Vêneto, que apresentou alguns móveis antigos da família. Na entrevista com o Sr. Aléssio Borin, este indicou o nome de Ivanilde Dotto Pauletto, também moradora do centro do mesmo município, o que proporcionou o quarto relato da pesquisa, em que a entrevistada revelou o seu acervo pessoal com centenas de peças antigas.

Do contato com o dirigente da Secretaria de Indústria, Comércio, Turismo, Cultura e Habitação da cidade de Faxinal do Soturno, Ubirajá Falcão da Rocha, conheceu-se o Sr. José Itaqui, até então secretário executivo do Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (CONDESUS). Este contactou Guilherme Godoy dos Santos, funcionário da Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-RS), que, por sua vez, indicou o nome de Zeferino Bridi Sachet, o que teve como consequência a entrevista realizada na cidade de Ibarama-RS.

Em conversa com Ivanilde Pauletto, esta sugeriu uma visita ao Museu Histórico Geringonça, localizado em Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno. Tal Museu tem, como zeladora, a Sra. Claudete Vestena, que concedeu a sexta e última entrevista realizada no período da pesquisa de campo.

A coleta de dados, então, deu-se pela aplicação de entrevista, com modelo no Apêndice A, a seis descendentes de imigrantes. Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual se encontra no Apêndice B. Cabe destacar que a elaboração do roteiro de entrevista tomou como base um questionário disponibilizado em Zanini (2006, p. 273). O instrumento de coleta de dados caracterizou-se pela entrevista estruturada e, segundo Lakatos e Marconi (1991, p. 197), “o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas”. Consideram-se as narrativas como importantes meios para se conhecer as

experiências e os valores de determinados grupos. Elas circulam dentro da cultura, tratam sobre a própria cultura e, por conseguinte, sobre os objetos (WOODWARD *apud* RODRIGUES, 2015, p. 235).

Os participantes da pesquisa apresentaram, então, os artefatos pertencentes as suas famílias, todas de descendência italiana, alguns sob a forma de acervo pessoal (coleção). Além disso, teve-se acesso ao acervo do Museu Histórico Geringonça, o qual possui peças que foram doadas, a maioria, por famílias descendentes de imigrantes italianos. Em geral, os artefatos foram fotografados com uma câmera digital semiprofissional, apoiada num tripé, de propriedade da própria autora (alguns foram fotografados por Pablo Zambeli, profissional de fotografia); colocados sobre um pano de fundo rústico e fazendo-se uso de uma régua de 30 cm como referência para se fixar a proporcionalidade entre os mesmos. A catalogação dos artefatos teve, como base, as Normas de Inventários de Ciência e Técnica utilizadas pelos museus e palácios portugueses, bem como sua análise deu-se a partir das dimensões interpretativas, propostas por Rodrigues (2015), as quais foram apresentadas nos subitens a seguir.

Como mostra a Tabela 2, em julho de 2014, um piloto foi realizado com três descendentes de imigrantes italianos, no município de São João do Polêsine, a fim de se validar o roteiro de perguntas. Após a alteração ou a inclusão de questões no roteiro, este foi aplicado aos demais participantes. A obtenção das respostas ocorreu por entrevista pessoal à autora, registrada em forma de vídeo, com o mesmo equipamento utilizado para fotografar a maioria dos artefatos, conforme data estabelecida. Aos entrevistados, foram solicitadas suas assinaturas que comprovariam o aceite de participação na pesquisa, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todos assinaram o documento.

Tabela 2 – Participantes da Pesquisa e algumas Particularidades

ENTREVISTADO(A)	CIDADE	PARTICIPANTE DO PILOTO	DATA	QUANTIDADE DE ARTEFATOS FOTOGRAFADOS	QUANTIDADE DE ARTEFATOS CATALOGADOS
1. Adrioni Alberti	São João do Polêsine	Sim	02/07/2014	21	---
2. Aléssio Borin	São João do Polêsine	Sim	07/07/2014	120	120
3. Elisa Foletto	São João do Polêsine	Sim	09/07/2014	10	---
4. Jorge e Ivanilde Pauletto	São João do Polêsine	Não	21/01/2015	58	58
5. Zeferino Sachet	Ibarama	Não	28/01/2015	49	49
6. Claudete Vestena (Museu Histórico Geringonça)	Faxinal do Soturno	Não	27/08/2015	91	91
TOTAL				349	318

Fonte: pesquisa de campo, 2014-2015.

5.1 Normas de Inventário como Ferramenta para Catalogação e Classificação dos Artefatos

Por conta da infindável diversidade de material identificado a partir da pesquisa de campo, sentiu-se a necessidade de se realizar uma seleção e uma catalogação dos mais variados utensílios, ferramentas, etc.. As dificuldades residiam na definição e estruturação dos campos do fichamento de cada item selecionado. Para tanto, recorreu-se à Maria Tereza Silveira de Medeiros, historiógrafa do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), que indicou os nomes de Carine Soares Turelly, diretora do Acervo Municipal de Artes Plásticas, e de Elenira Inês Prux, diretora do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, ambas as entidades localizadas na cidade de Caxias do Sul. Apesar de ter sido solícita, a primeira pesquisadora contatada informou que, na sua instituição, trabalhava-se com uma catalogação simplificada (autor, data, suporte e técnica) e aprofundá-la não era o foco de interesse central no momento. Já a diretora do Arquivo Histórico sugeriu outras entidades a serem contatadas.

Como os primeiros contatos foram infrutíferos, decidiu-se solicitar apoio à cientista social Maria Catarina Chitolina Zanini, professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que indicou o nome de Giane Vargas Escobar. Esta pesquisadora, doutoranda em Museologia pela UFSM, por fim, recomendou como referências para o desenvolvimento da catalogação e da classificação dos artefatos as Normas de Inventários de Ciência e Técnica adotadas pelos museus e palácios de Portugal. A adoção por tais instituições deu-se a partir da “introdução do sistema Matriz nos museus do Instituto dos Museus e da Conservação (IMC)”, em 1993, a fim de se refletir “sobre as especificidades conceptuais e terminológicas do património [sic]” dos mesmos. Esse sistema tem como intuito o fichamento padronizado, em formato digital, das coleções dessas entidades, por meio de tecnologias da informação. Desde 2000, via motor de pesquisa *MatrizNet*, pode-se ter acesso aos inventários pela *internet*. Já o *MatrizPix*, lançado em 2008, consiste num sistema de informação *on-line* que disponibiliza imagens produzidas e/ou geridas pelo IMC (COSTA; COSTA, 2010, p. 15, 24, 28 e 30-31).

Para inventariar suas coleções, os museus e palácios portugueses empregaram os campos de fichamento, os quais foram apresentados na Figura 145, a seguir. Desses, selecionaram-se e descreveram-se aqueles mais relevantes e pertinentes à pesquisa em questão.

Figura 145 – Campos de fichamento utilizados pelos museus e palácios portugueses e seleção daqueles pertinentes à pesquisa.

→ IDENTIFICAÇÃO X
Número de inventário ✓
Classificação X
Propriedade ✓
Denominação ✓
Título X
→ DESCRIÇÃO ✓
→ MARCAS E INSCRIÇÕES ✓
→ AUTORIA ✓
→ PRODUÇÃO X
→ DATAÇÃO ✓
→ INFORMAÇÃO TÉCNICA ✓
→ DIMENSÕES ✓
→ CONSERVAÇÃO ✓
Recomendações X
→ ORIGEM/HISTORIAL X
Função inicial/Alterações ✓
Historial ✓
→ RECOLHA X
→ INCORPORAÇÃO X
→ LOCALIZAÇÃO X
→ BIBLIOGRAFIA X
→ EXPOSIÇÕES X
→ MULTIMÍDIA X
→ DOCUMENTAÇÃO ASSOCIADA X
→ OBSERVAÇÕES X
→ VALIDAÇÃO X
→ RELAÇÕES X
Conjuntos/Elementos do conjunto X
Informação associada X

Fonte: COSTA e COSTA, 2010.

a) Número de inventário → “para sua inequívoca identificação, a cada objecto [sic] deverá ser atribuído um número de inventário único e irrepetível” (COSTA; COSTA, 2010, p. 65);

b) Propriedade → “registo da designação completa, por extenso, da entidade proprietária do bem a inventariar” (COSTA; COSTA, 2010, p. 66);

c) Denominação → “deverá permitir identificar de forma clara e imediata a função que desempenha, correspondendo, em simultâneo, à sua designação mais generalizada” (COSTA; COSTA, 2010, p. 67);

d) Descrição → “visa primordialmente a identificação formal do objecto [sic], mas também, sempre que necessário, a descrição do modo como o mesmo opera, individualmente ou em conjunto com outros”, ao mesmo tempo em que, “quando existentes, deverão ser referidas [...] as suas componentes estéticas ou decorativas, bem como, quando perante objectos [sic] compósitos, dos demais elementos que o constituem (ex: estojo, caixa, suporte, etc.)” (COSTA; COSTA, 2010, p. 73-74);

e) Marcas e inscrições → aconselha-se “a sua documentação através da associação da respectiva imagem”; caracterizam-se por “placas, inscrições e/ou gravações do fabricante (relativas à Marca, Modelo, Número de Série), do representante/distribuidor [...], [como] é também neste campo que deverá ser registada qualquer Assinatura que seja possível documentar na peça, tal como do respectivo artífice” (COSTA; COSTA, 2010, p. 76);

f) Autoria → “informações relacionadas com os contextos de concepção, como as relativas ao autor de um instrumento científico original, mas também de um protótipo ou modelo, ao fabricante de um equipamento de utilização generalizada, entre os inúmeros exemplos possíveis” (COSTA; COSTA, 2010, p. 77);

g) Datação → “a datação da produção do bem, exacta [sic] ou aproximada, deverá ser efectuada [sic] através da utilização dos campos para tal disponíveis (Ano(s), Data(s), Século(s) e Época/Período cronológico)” (COSTA; COSTA, 2010, p. 84);

h) Informação técnica → deve-se identificar a marca, o número de série, os materiais que constituem o bem, as técnicas utilizadas no seu fabrico, a montagem dos elementos constituintes do conjunto (COSTA; COSTA, 2010, p. 85-87);

i) Dimensões → “deve estabelecer-se uma lógica de medição única, adoptando [sic] o centímetro ou outra unidade mais adequada em função das suas características, atendendo-se sempre às medidas máximas e ao registo das dimensões mais pertinentes que permitam dar conta do seu volume, área e/ou capacidade: *altura, largura, comprimento, profundidade, diâmetro, espessura e capacidade*” (COSTA; COSTA, 2010, p. 88);

j) Conservação → “a avaliação e registo do estado de conservação do bem, no momento do seu inventário, deve corresponder à observação da integridade dos materiais que o constituem, uma vez que todos os materiais, em maior ou menor grau, estão sujeitos a um processo de degradação”; o estado de conservação pode ser descrito de maneira pormenorizada, “identificando qual o tipo de

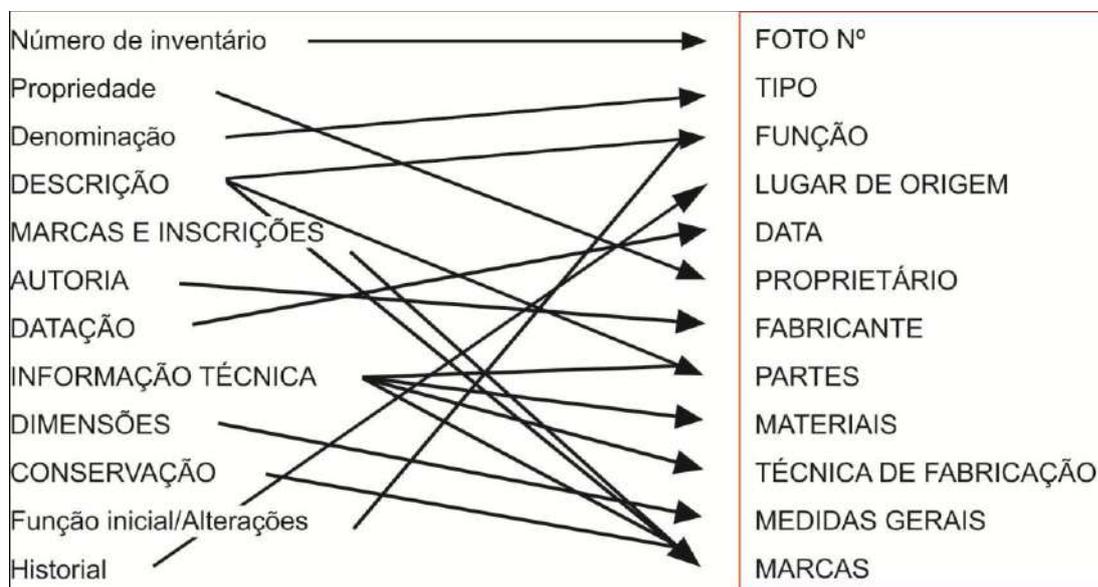
danos verificado, tais como corrosão generalizada ou parcial, falta de uma ou várias partes componentes, etc.” (COSTA; COSTA, 2010, p. 89);

k) Função inicial/alterações → deve-se registrar, “em primeiro lugar, a função desempenhada pelo objecto [sic] no seu contexto de origem, e seguidamente, todas as alterações nele verificadas [sic] entretanto, do ponto de vista morfológico ou funcional, em resultado de novas utilizações, deficiências de funcionamento parciais, ou quaisquer outras” (COSTA; COSTA, 2010, p. 91);

l) Historial → “deve ser registado o percurso do objecto [sic] desde o seu momento de fabrico até ao momento em que deu entrada no Museu ou na entidade sua actual [sic] detentora”; também “compreende a sucessão de possuidores, [...] as vendas ou trocas comerciais ou sucessórias” (COSTA; COSTA, 2010, p. 91-92).

A partir disso, pôde-se realizar uma descrição detalhada dos artefatos, conforme a simplificação apresentada na Figura 146, contemplando os seguintes campos: foto nº, tipo, função, lugar de origem, data, proprietário, fabricante, partes, materiais, técnica de fabricação, medidas gerais e marcas. Tais aspectos tomaram por base as definições dos campos seleccionados a partir das Normas de Inventário.

Figura 146 – Aspectos seleccionados e simplificados para descrição de cada artefato.



Fonte: coleção da autora, 2016.

Assim, desse estudo resultou a catalogação apresentada nos Apêndices C, D, E e F, com um total de 318 artefatos descritos, relacionados aos seus atuais proprietários. No quadro 1, tem-se a descrição de um artefato como exemplo.

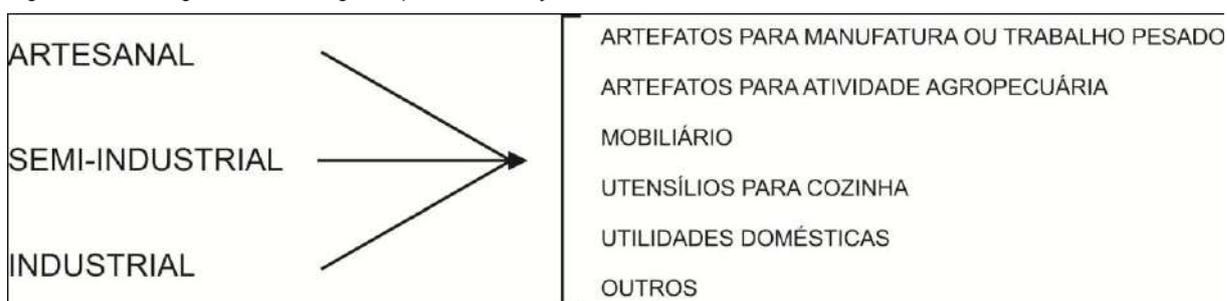
Quadro 1 – Descrição de um Artefato

Foto 15	Descrição do artefato
	Tipo: serrinha
	Função: proporcionar cortes pequenos
	Lugar de origem: adquirida em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Alexandre Marquezan (falecido), adquirida por intermédio do filho Pascoal Valídio (falecido)
	Partes: quatro = cabo, lâmina (adaptada de outro artefato pelo proprietário), parafuso e porca
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 20 x 2,5 x 13,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim, furo para pendurar e inscrição de número ("35") na cabeça do parafuso (imagem em detalhe)	

Fonte: coleção da autora, 2015.

Após o término dessa primeira etapa, verificou-se a necessidade de se classificar essa diversidade de artefatos, conforme suas afinidades e semelhanças. As Normas de Inventário forneceram subsídios para que se identificasse, por meio de uma macroanálise, que tal material poderia ser classificado em categorias, de acordo com o seu principal meio de obtenção: artesanal, semi-industrial ou industrial. A partir disso, realizou-se uma microanálise, em que se puderam definir subcategorias, sendo as mesmas para cada categoria, segundo a principal utilização do artefato, as quais correspondem a: artefatos para manufatura ou trabalho pesado, artefatos para atividade agropecuária, mobiliário, utensílios para cozinha, utilidades domésticas e outros. Tal classificação pode ser observada na Figura 147. Essa etapa desenvolveu-se no subitem 5.3, referente à pesquisa de campo.

Figura 147 – Categorias e subcategorias para classificação dos artefatos.



Fonte: coleção da autora, 2016.

5.2 Método para Análise dos Artefatos e das Narrativas

A partir de Rodrigues (2015, p. 212-213), buscou-se analisar os artefatos e as narrativas por meio das Dimensões Interpretativas, mas sob uma ótica diferenciada. A referida autora adotou em

sua tese as seguintes dimensões: funcional, operativa, semântica, emocional/evocativa, sensorial/experimental, social, onírica/superação de limites. Aqui, optou-se por considerar a dimensão funcional, associada à operativa, chamada, então, de Dimensão Funcional/Usual/Indicial; a dimensão emocional/evocativa, neste trabalho entendida por Dimensão Afetiva/Evocativa; e a Dimensão Temporal/Espacial, criada para complementar este estudo. As Dimensões Temporal/Espacial e Funcional/Usual/Indicial referem-se às interpretações relativas aos artefatos. Já a Dimensão Afetiva/Evocativa direciona-se à relação entre os artefatos e os indivíduos, no caso, entre os objetos pertencentes ou sob os cuidados dos participantes da pesquisa em questão.

A Dimensão Temporal/Espacial refere-se às origens dos artefatos, em quais países foram confeccionados ou onde foram adquiridos, e em que época tais situações sucederam-se. A Dimensão Funcional/Usual/Indicial contempla as particularidades dos artefatos pesquisados, sob uma perspectiva exclusivamente instrumental e física, em termos de funções, usabilidade, bem como de marcas de fabricantes, autorais ou acarretadas pelo uso e/ou pelo tempo. Já a Dimensão Afetiva/Evocativa descreve o que os artefatos fazem lembrar os indivíduos, os quais evocam memórias e/ou etapas marcantes da vida pessoal, e despertam emoções, além dos significados que foram adquirindo no decorrer dos anos, diferentemente dos papéis aos quais tinham sido destinados (RODRIGUES, 2015, p. 20, 64 e 213).

Essas dimensões interpretativas permitem “considerar e comunicar de forma integrada diversos tipos de conhecimento implícito nos artefatos”. Assim, eles “podem ser vistos como respostas a questões de investigação, como argumentos e como métodos para coligir e preservar informação e compreensão”, à medida que são entendidos como repositórios de conhecimento(s), pois “há evidência do conhecimento e saber envolvido na sua concepção e produção armazenadas no objecto [sic]”, bem como de valor(es). Além disso, os artefatos também podem incorporar a identidade individual e o conhecimento pessoal do ser humano, o qual foi adquirido por meio da relação com a dimensão material da vida (MÄKELÄ *apud* RODRIGUES, 2015, p. 239; RODRIGUES, 2015, p. 244).

Atendendo a [...] sua vertente cultural compreende-se porque em diferentes locais e diferentes épocas surgem soluções diversas para responder a necessidades práticas equivalentes; olhar o artefacto [sic] implicará ver para além dos objectos [sic] “definidos por uma só função ou pela tecnologia”, na verdade trata-se de “segmentos de um universo humano feito de relações materiais e imateriais, cujo conhecimento ainda foi pouco investigado” (BRANZI *apud* RODRIGUES, 2015, p. 48).

A seguir, apresenta-se a pesquisa de campo, com a descrição das entrevistas, a classificação dos artefatos e sua análise. Acredita-se que, com a metodologia e as técnicas utilizadas, puderam-se apontar os resultados relacionados aos artefatos em questão, bem como às circunstâncias que os cercam, segundo suas origens, particularidades e significados.

5.3 Pesquisa de Campo

Como já mencionado no início do Capítulo 5, a pesquisa de campo restringiu-se às cidades de São João do Polêsine, Ibarama e Faxinal do Soturno. Por meio de indicações, foi possível chegar a nomes de seis descendentes de imigrantes italianos, o que culminou nos depoimentos de Adrioni Antonio Alberti, Aléssio Agostinho Borin, Elisa Grigoletto Foletto, Jorge e Ivanilde Foletto, Zeferino Bridi Sachet e Claudete Vestena, descritos no subitem a seguir. O roteiro de entrevista, que se encontra no Apêndice A, abordou assuntos referentes a dados pessoais; informações sobre o processo de imigração e o estabelecimento no Rio Grande do Sul, bem como sobre a cultura e os artefatos; informações atuais sobre a cultura e os bens; e especificamente sobre os artefatos.

Após a entrevista, cada participante da pesquisa apresentou os artefatos pertencentes as suas famílias, alguns sob a forma de coleção, ao passo que também se teve acesso ao acervo do Museu Histórico Geringonça. Todas as peças foram fotografadas, catalogadas, classificadas e analisadas conforme as informações apontadas no capítulo já referenciado. Cabe observar que todas as fotografias deste subitem foram realizadas pela autora.

5.3.1 Descrição das Entrevistas

5.3.1.1 Depoimento de Adrioni Antonio Alberti

Talvez sem ligação com as corporações de ofícios da Europa, nem com a artesanaria que já existia no Brasil, desenvolveram-se, no interior do Rio Grande do Sul, artefatos praticamente genuínos, vistos como questão de sobrevivência daqueles que vieram em busca de uma vida melhor. Quando os imigrantes italianos chegaram ao país e foram dirigidos à região central da, até então, Província, no final da década de 1870, o governo brasileiro comprometeu-se com a doação de alguns itens básicos necessários para o plantio dos primeiros alimentos, por exemplo, como sementes e ferramentas, entre outros, mas tal promessa foi cumprida apenas em parte (BATTISTEL; COSTA, 1983; PEREIRA, 1974).

O depoimento de Adrioni Alberti, industrial e morador de São João do Polêsine, vem a corroborar com a afirmativa acima apresentada. Segundo Alberti (2014), foi por intermédio de seu tio, o qual pesquisou sobre a árvore genealógica da família, que se soube como o seu bisavô Giusepe (no caso, bisavô do entrevistado) chegou ao Brasil. Na Itália, as famílias eram numerosas e, por isso, alguns filhos resolviam emigrar, dentre outras dificuldades. Assim, seu bisavô e um irmão vieram para o Brasil, em 1886/87, partindo de Lonigo (comuna), Província de Vicenza, Região de Vêneto, como vários outros imigrantes, em busca de uma vida melhor. O primeiro estabeleceu-se em solo brasileiro, enquanto que o segundo seguiu para a Argentina. Desde então, os dois perderam o contato um com o outro.

Por alguns anos, Giusepe trabalhou na construção de estradas de ferro na região de Silveira Martins, até retornar à Itália. O retorno ao seu país de origem ocorreu para que pudesse receber uma herança a que tinha direito, notícia que ficou sabendo pelo recebimento de uma correspondência chegada da Itália. De posse do seu patrimônio, o bisavô de Alberti (2014) voltou ao

Brasil, já que havia gostado muito da região onde se instalou anteriormente, considerando que não fazia tanto frio quanto na Itália. Após um período de tempo trabalhando em Silveira Martins, Giusepe mudou-se para São João do Polêsine, no final da década de 1900, onde percebeu a oportunidade de construir e montar uma casa comercial, em que se vendia de tudo, “do botão até o fogão”. Tal estabelecimento chamava-se de “bodegão”.

Depois de muito tempo solteiro, o que, na época, não era comum, em torno dos seus 35 anos, Giusepe casou-se com Catarina Del Rosso, também imigrante, viúva e com filhos. A família ampliou-se e Alberti (2014) acredita que se somavam catorze filhos, no total. Muitos destes acabaram partindo para outras localidades, praticamente todos ligados à agricultura. Tal ocupação veio a se desenvolver na família porque, além da casa comercial, Giusepe foi adquirindo terras e, juntamente com seus filhos, começou a plantar. Com o tempo, os negócios foram se expandindo. O avô de Alberti (2014), nascido em 1901, construiu um engenho de arroz e um moinho de milho, além de ter montado uma serraria, por exemplo.

Na época da mudança para São João do Polêsine, em que a vila possuía em torno de dez/doze casas, Giusepe construiu um sobrado de alvenaria, com base feita de pedras, que perpetuou na família por meio das gerações subsequentes. Algumas modificações foram realizadas na casa (Figura 148) com o decorrer do tempo.

Figura 148 – Sobrado da família Alberti.



Para a construção das igrejas, realizavam-se mutirões, em que várias pessoas da comunidade participavam. Com o passar dos anos, as famílias foram ficando mais afastadas umas das outras. Conforme Alberti (2014), de uns 30 anos para cá, começaram a surgir organizações voluntárias para festas, a fim de se reviver a cultura italiana, pelo menos em relação a aspectos ligados à alimentação. Esta, por sua vez, cultivava-se por meio das comidas típicas, como o risoto, a sopa de *agnolini*, as cucas, o pão, a polenta, o salame e o presunto, trazidas da Itália pelos imigrantes.

A religiosidade sempre foi muito forte entre os ascendentes de Alberti (2014), assim como a união para o trabalho. O artesanato não era muito desenvolvido, mas as mulheres faziam croché,

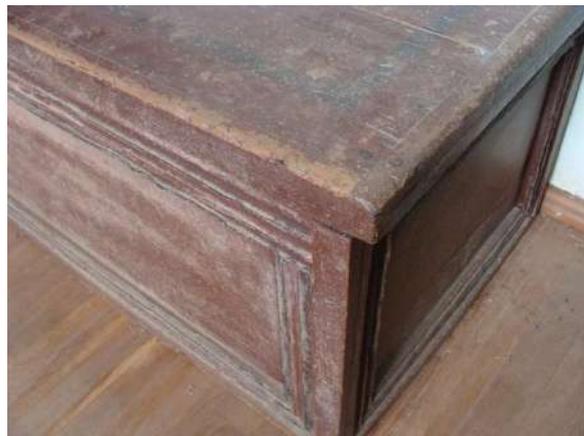
bordados, etc., passando o aprendizado de geração em geração. Atualmente, tal produção está se extinguindo na família.

Sobre a época da repressão de Getúlio Vargas, Alberti (2014) lembra-se que não se podia falar em italiano. Conforme comentários de seu pai, muitos artefatos e documentos foram consumidos pelos descendentes de italianos neste período. Alguns indivíduos foram presos e torturados, mas eram moradores de outras localidades.

Quanto aos artefatos, Alberti (2014) acredita que muito deles foram feitos pelos próprios imigrantes, com a ajuda mútua entre eles e com o auxílio daqueles que tinham o domínio da técnica de marcenaria e carpintaria. Com o tempo, muitos produtos passaram a ser comprados ou eram trocados entre as famílias. Os agricultores, por exemplo, trocavam suas produções por utensílios, móveis, etc.. As camas eram feitas, praticamente, a machadinho, de forma manual, com as ferramentas básicas que trouxeram da Itália.

E, dessa forma, os imigrantes iam se acomodando, sobrevivendo. Assim como aconteceu com o avô de Alberti (2014), os imigrantes e seus descendentes utilizavam-se muito de baús (Figuras 149, 150, 151, 152 e 153) para guardar lençóis e cobertores. Somente décadas mais tarde, é que passaram a ser fabricados roupeiros, isso contado pelas tias do entrevistado a ele próprio.

Figuras 149 e 150 – Baú pertencente à família Alberti, e detalhe do mesmo, respectivamente.



Figuras 151 e 152 – Baús pertencentes à família Alberti, contendo, o primeiro, a inscrição “Porto Alegre” na sua face frontal.



Figura 153 – Detalhes de um baú pertencente à família Alberti.



Muitas famílias, segundo Alberti (2014), tinham vergonha do período inicial de dificuldades, o qual foi vivenciado pelos seus ascendentes, mas, com o tempo, adquiriram coisas novas e melhores. Aos objetos antigos não se dava mais importância, não se tinha o pensamento de guardá-los, eram descartados. Já outras famílias, que trabalharam mais, “suaram mais”, valorizavam os artefatos adquiridos e guardavam-nos.

Conforme o referido entrevistado, se os imigrantes soubessem das dificuldades que encontrariam no Brasil, talvez não tivessem migrado, porque, depois de se encontrarem em tal situação, “não tinha mais volta”, não havia dinheiro para o retorno à Itália, arriscaram suas vidas em busca de um futuro melhor. Além do mais, neste país, a tecnologia era mais avançada; no Brasil, tiveram que “começar do zero”.

De acordo com Alberti (2014), algumas maneiras de se preservar a cultura italiana seriam por meio da dança, da culinária, da língua italiana, da história ensinada nas escolas, de investimentos municipais em pesquisas, etc.. Ele mantém objetos guardados para que, futuramente, possa doá-los a um museu, o que muitas pessoas da comunidade pensam em não fazer. O seu filho aprecia coisas antigas desde pequeno; tem curiosidade em saber para que serviam, como funcionavam. As informações, de um modo geral, passaram de geração em geração, o que acarretou na diminuição da veracidade das mesmas.

Ao pensar sobre os artefatos antigos, como os móveis apresentados nas Figuras 154, 155, 156, 157, 158, 159 e 160, a seguir, Alberti (2014) comentou que eles são representativos de uma época, da vida de seus antepassados, demonstram como eles viviam, tudo produzido manualmente, resultados de um trabalho árduo. Enfim, eles remontam ao passado, em que, apesar das dificuldades, vivia-se mais em paz.

Figura 154 – Armário localizado na cozinha do sobrado pertencente à família Alberti.



Figuras 155 e 156 – Mesa disposta numa das salas do sobrado pertencente à família Alberti, e detalhe da mesma, respectivamente.



Figura 157 – Cadeira pertencente à família Alberti.



Figura 158 – Cama pertencente à família Alberti.



Figuras 159 e 160 – penteadeira pertencente à família Alberti, e detalhe da moldura do espelho, respectivamente.



5.3.1.2 Depoimento de Aléssio Agostinho Borin

Em entrevista à autora, Borin (2014), agricultor e marceneiro, morador da Vila Ceolin, em São João do Polêsine, contou que seu bisavô, Virgílio Burin⁶⁶, e dois irmãos vieram da Itália por conta da superpopulação do país e pela falta de alimentação. Os irmãos ficaram em São Paulo e Virgílio estabeleceu-se na região de Novo Treviso, atual distrito do município de Faxinal do Soturno. Na verdade, como Borin (2014) afirma, somente alguns italianos receberam o que foi prometido pelo governo. Seu bisavô teve que “inventar” suas ferramentas de trabalho, por exemplo. No início, pedaços de ferro eram forjados e temperados a fogo e martelo, para se obter a foice, a pá, a enxada e outros instrumentos, como a cavadeira (ferramenta para plantar o milho, o arroz, etc.), que podem ser observados nas Figuras 161 e 162. O fole artesanal, presente na figura 163, servia para reativar o fogo do ferreiro. Depois, surgiu a prensa, que moldava o metal, o que facilitou o fazer artesanal. As ferramentas foram necessárias, num primeiro momento, para derrubar as matas e capoeirões

⁶⁶ Na linha genealógica do pai de Borin (2014), Nicolau Narciso Borin, o sobrenome “Burin” teve o seu registro trocado erroneamente em cartório por “Borin”, e, assim, seguiu pelas gerações que se sucederam.

existentes na região, bem como, posteriormente, para o plantio do alimento destinado ao sustento da família.

Figura 161 – Ferramentas que eram pertencentes a imigrantes italianos da Quarta Colônia.



Figuras 162 e 163 – Fole, que era utilizado para reativar o fogo, e outras ferramentas pertencentes a imigrantes italianos da Quarta Colônia, respectivamente.



Cabe destacar aqui que, tanto na família de Borin quanto nas demais espalhadas pela Quarta Colônia, houve pessoas que recriaram artefatos já conhecidos de uma tradição anterior e inseriram-nos na nova realidade a que se submeteram e começaram a dominar. Isso se deu pela necessidade primordial de busca pela sobrevivência num lugar, até então, desconhecido.

Segundo Borin (2014), “os italianos quando vieram o que eles mais tinham era a fé, porque eles partiram sem remédio, vieram com o corpo e não sabiam o que iam encontrar aqui. Então, eles

tinham fé de encontrar terra boa, trabalhar e progredir na vida, produzir alimentação, mas remédio para a saúde era a fé”. Assim, os primeiros italianos construíram suas moradias e a igreja, onde nesta reuniam-se com o intuito de angariar forças para que tivessem alimento, saúde e energia para o trabalho.

As casas, geralmente, tinham dois pisos, além do sótão, e eram construídas próximas de sangas ou riachos. À noite, os imigrantes acomodavam-se no segundo piso, principalmente para se protegerem dos animais selvagens. No sótão, guardavam os alimentos, os cereais para consumo próprio. Tais habitações eram feitas de madeira, proveniente do pinheiro (araucária), abundante na região, naquela época. Esse material era macio e durável. Todas as atividades tinham como base o serviço braçal, com a ajuda de boi ou mula, se necessária ou conveniente. As tábuas eram desdobradas à mão, a partir das toras. As colunas eram falquejadas e esquadrejadas a machado. A cobertura das casas era feita de uma armação com ripamento, coberta de tabuinhas (*scandolle* = telhas) (Figura 164). Estas, por sua vez, eram ordenadas e possuíam furos, onde se colocavam pinos de madeira para prender umas às outras. O limo formado na superfície externa das tabuinhas não era removido, pois ele era responsável pela vedação das frestas existentes entre as peças. Principalmente as cozinhas eram cobertas desse material, ambiente este, muitas vezes, separado do restante da casa (com cobertura de capim), por conta da possibilidade de acontecer um incêndio. Para que tudo isso fosse possível, os imigrantes montavam suas próprias serrarias.

Figura 164 – Exemplos de tabuinhas que faziam parte da cobertura das casas mais primitivas construídas na região da Quarta Colônia.



Quanto aos móveis e utensílios, de acordo com Borin (2014), muito imigrantes vindos da Itália já eram profissionais especializados no fabrico de tais artefatos, sabiam trabalhar a madeira, até mesmo para a construção de casas. Utilizava-se martelo e formão para a elaboração do que necessitavam. Como exemplo, o trabalho artesanal do nicho para expor figura religiosa pode ser observado a seguir (Figuras 165, 166 e 167).

Figura 165 – Nicho para expor figura religiosa.



Figuras 166 e 167 – Detalhes do nicho e parte de trás do cepo esculpido.



Outros exemplos representam-se pela pia de lavar louça e pelo birô, nas Figuras 168 e 169, que apresentam caráter rústico e simples, isso como resultado dos meios de produção e materiais disponíveis na época, citados anteriormente. A ideia consistia em recriar algo que atendesse, essencialmente, questões funcionais. O primeiro móvel citado foi elaborado e produzido pelo avô da esposa de Borin (2014), pai da sogra dele que tem 98 anos, na época carpinteiro. Já o segundo exemplo foi usado por um dos primeiros médicos que assumiu na região, em 1902. São peças que, com certeza, possuem mais de 100 anos de existência.

Figuras 168 e 169 – Pia de lavar louça; e birô usado por médico, a partir de 1902; respectivamente.



Conforme Borin (2014), adquirir ferramentas e máquinas não era muito fácil. Ele, ainda na década de 1960, trabalhava com as ferramentas que eram do seu avô. Mas a família foi acumulando certas economias para adquirir novos equipamentos, até porque via no novo material mais utilidade, praticidade e rentabilidade no trabalho a partir do seu uso. E, assim, as ferramentas e máquinas foram se modernizando. Os instrumentos antigos deixaram de ser usados, isso com relação às funções a que se destinavam inicialmente, e os novos produtos para a cozinha e outros ambientes, bem como o maquinário para a plantação, por exemplo, começaram a ter mais valor.

5.3.1.3 Depoimento de Elisa Grigoletto Foletto

Em entrevista degravada, a Sra. Elisa Foletto (2014), dona de casa, relatou que os avós de seu marido, agricultor, partiram da região de Lonigo, na Itália, para o Brasil. Já o avô dela, Antonio Foletto, nasceu em terras brasileiras, mas com descendência italiana também. Os familiares do marido dela chegaram a Val de Buia, atual distrito de Silveira Martins, por meio de carreta de boi, desde Cachoeira do Sul. Com a distribuição de terras pelo governo, sua família adquiriu propriedade em Ribeirão, atual distrito de São João do Polêsine. Então, os pais dele o tiveram e seus irmãos nesta localidade. Posteriormente, adquiriram terras na região de Vale Vêneto, distrito do mesmo município, onde o casal mora atualmente.

As primeiras casas, segundo Foletto (2014), eram feitas de taipas de taquara, cobertas com barro, emparelhado à mão, além do uso do capim para a cobertura. Esses materiais eram usados para a construção das cozinhas; o restante da casa em madeira.

As famílias imigrantes ajudavam-se uma às outras, principalmente nas lavouras. Então, realizava-se uma espécie de mutirão. À noite, após o trabalho, reuniam-se no sótão para cantarem. Enquanto os homens jogavam baralho, as mulheres faziam crochê ou tranças para a confecção de chapéus. Por exemplo, a sua mãe e a segunda esposa do seu sogro desfiavam o tecido de toalhas para fazerem tranças. Colocavam-se os animais no ambiente inferior para aquecer o sótão.

Conforme Foletto (2014), a religiosidade fazia-se presente nas famílias e era mantida, principalmente, pela influência significativa do padre, sendo este chamado por ela de “prefeito” do lugar.

Quanto ao trabalho, a entrevistada comentou que seu pai possuía algumas ferramentas, como enxada, pá e machado, além de serrote, que era utilizado para cortar as pranchas/tábuas de madeira, com a finalidade de construir casas. Tanto seu pai quanto seu sogro eram agricultores e plantavam arroz, batata, amendoim, bem como cultivavam parreiras. A polenta e as verduras, como o *radicci*, eram alimentos típicos presentes na culinária desenvolvida pelos imigrantes e seus descendentes.

No período da repressão do governo de Getúlio Vargas, Foletto (2014) lembra que, quando viajaram para curar uma coqueluche, porque era necessário “mudar de ares”, sua avó falou muito em italiano durante a viagem, realizada de trem. Por tal motivo, ela acabou sendo presa; somente foi solta porque havia uma criança (a própria Foletto) como acompanhante.

Sobre os artefatos, muitos foram feitos pelo pai de Foletto (2014), como é o caso do fogão a lenha. A chapa grossa de ferro e a base de tijolos foram confeccionadas por ele, sem ter um modelo como referência. Já os móveis foram produzidos pelos Tomazi, de Nova Palma, ou pelos lop, de Vale Vêneto. A fábrica dos lop, por exemplo, era administrada por irmãos, hoje já falecidos. Restam apenas ruínas do antigo galpão (Figuras 170, 171, 172 e 173). As gerações que se sucederam tinham orgulho dos artefatos desenvolvidos pelos primeiros imigrantes, porque eram verdadeiras “engenhocas”; eram mostrados com orgulho aos parentes que realizavam visitas.

Figuras 170 e 171 – Galpão onde funcionava a fábrica de móveis dos irmãos lop; e detalhe da construção; respectivamente.



Figuras 172 e 173 – Imagens da lateral do galpão.



De acordo com Foletto (2014), os elementos mais representativos da cultura italiana, que perduram até hoje entre os descendentes, são os cantos e a culinária. Ela valoriza a cultura italiana, principalmente, pelos ensinamentos passados de geração em geração, em termos de moral, de respeito ao próximo, de se ter boa conduta, etc., o que não acontece mais com os jovens de hoje, como seus próprios descendentes. Foletto (2014) sempre busca reunir a família, pelo menos em datas especiais, como no Natal e no fim do ano, quando aproveitam para recordar episódios do passado. Um de seus filhos, Almir, tem tanto apreço pela cultura italiana, que passou a trabalhar com a madeira, esculpindo portas, além de guardar livros antigos, por exemplo.

Particularmente, Foletto (2014) não gosta dos móveis antigos, porque são muito pequenos e pesados, isto por serem de madeira maciça, como o roupeiro herdado de seus antecessores. Na verdade, este modelo era de Tereza Nogara, madrastra de seu marido. Nele, só cabiam poucas roupas do casal, além do enxoval, até porque não tinham muitas coisas para serem guardadas mesmo. Tal móvel foi fabricado, em torno do ano de 1917, pelos Tomazzi, que talvez tivessem adquirido conhecimento das técnicas de marcenaria ainda na Itália. O roupeiro foi encomendado pelo seu sogro, na época, noivo prestes a se casar. Era o noivo que deveria adquirir os móveis para a casa. Antes disso, para se guardar os pertences pessoais, utilizava-se a caixa-banco, uma espécie de baú com uma repartição para se depositar o dinheiro.

Este roupeiro foi doado à Romilda, amiga da família, bem como restaurado para ser utilizado no restaurante da nova dona como cristaleira (Figura 174), para dispor louças e copos. Para tanto, acrescentaram-se prateleiras e portas de vidro, estas últimas ao invés das antigas “almofadas” de madeira, e retiraram-se os pés torneados porque estavam estragados por conta dos cupins. Foletto (2014) acredita que, assim, se fará bom uso do móvel.

Figura 174 – Roupeiro transformado em cristaleira.



Outros móveis antigos foram apresentados, como os roupeiros (Figuras 175, 176 e 177) e o bidê (mesa de cabeceira; Figura 178) adquiridos na época do casamento de Foletto (2014). A propósito, o roupeiro com três portas era destinado à mulher, por possuir mais coisas que o homem.

Figuras 175 e 176 – Roupeiro com uma porta e detalhe na face frontal do mesmo, respectivamente.



Figura 177 – Roupeiro com três portas.



Figura 178 – Bidê (mesa de cabeceira) que compõe o conjunto de móveis para o dormitório do casal.



5.3.1.4 Depoimento de Jorge e Ivanilde Pauletto

Questionados sobre seus antepassados, o casal Jorge, agricultor, e Ivanilde Pauletto (2015), artesã, relataram que seus avós partiram da Itália, em navio, com destino ao Brasil; seus pais nasceram em terras brasileiras. A família de Ivanilde estabeleceu-se em Vale Vêneto, distrito do atual município de São João do Polêsine, em campos doados pelo governo. Depois de algum tempo, os pais dela mudaram-se para São Rafael, distrito de Restinga Seca, onde ela nasceu.

As primeiras casas eram pequenas, construídas com tijolos e cobertas por tabuinhas, materiais estes confeccionados pelos próprios membros da família, com a ajuda de outros imigrantes, assim como acontecia nas plantações. Todos se reuniam para produzir vinho. Em outras ocasiões, conhecidas por “serão” ou “filó”, encontravam-se para cantar; os homens bebiam vinho e jogavam baralho, as mulheres faziam tranças. Tais encontros aconteciam nos galpões ou nos porões das casas, ambientes estes que eram iluminados por “lâmpião de lanterna”. Segundo os entrevistados, mantinha-se a religiosidade por se frequentar, regularmente, as missas aos domingos; caminhava-se por horas ou usavam-se carroças para se chegar às capelas. Quando se realizava o trajeto a pé, ao se aproximar do destino, trocavam-se os chinelos pelos sapatos, que eram carregados nas mãos

para não sujar e gastar; os chinelos eram colocados no meio das macegas. Todo o cuidado destes últimos tinha como intuito conservá-los para serem repassados aos irmãos, diante do pouco poder aquisitivo da família na época. Ganhava-se uma muda de roupa por ano.

Desde pequenos, com uns oito-dez anos, os entrevistados contaram que já trabalhavam na roça. Com a enxada, ajudavam a capinar, plantar milho, mandioca, batata e arroz. As únicas coisas que se comprava eram o café e o açúcar branco, a granel; este último destinava-se às mães com recém-nascidos ou às visitas. Aqueles irmãos que não iam para a lavoura, ficavam em casa, tratando dos bichos ou juntando gravetos para acender o fogo, com o intuito de cozinhar a polenta; os mais velhos cuidavam dos menores. Fazia-se “chimia” (geleia) de tacho, com açúcar de cana, abóbora, melancia ou laranja. Os alimentos representativos da cultura italiana são a *menestra* (mistura de arroz com feijão batido), polenta, salame, queijo, *radicci* e outras verduras. Quando se abatia um boi, distribuía-se carne entre as famílias da vizinhança, pois não havia energia elétrica, muito menos “freezer” para conservá-las. Como forma de lazer, as famílias tinham por costume pescar.

Conforme Ivanilde Pauletto (2015), a habilidade de fazer artesanato, foi herdada do seu pai. Ela relatou que, desde criança, via-o “palhando” cadeira, fazendo vassouras e tranças para o chapéu. Primeiro, descascam-se os milhos, deixa-se secarem as cascas, a fim de se obter a palha, para, depois, confeccionarem-se caixas, cestas e chapéus, por intermédio dos moldes, assentos e encostos para cadeiras, entre outros artefatos, os quais podem ser visualizados nas Figuras 189, 190, 191, 192, 193 e 194. Seu trabalho já teve o apoio das arquitetas Tina e Lui, de Porto Alegre. Quanto aos artefatos de sua coleção (Figuras 195 e 196), ela disse que tem “um sentimento muito grande” pelas coisas antigas, que já chegou a negociar um armário por 5 kg de arroz, conta. Todo seu acervo encontra-se numa casa pequena de madeira, que se localiza ao lado da casa de alvenaria, mais ampla, onde sua família mora atualmente.

Figuras 179 e 180 – Milhos descascados, e palhas prontas para a manufatura, respectivamente.



Figuras 181 e 182 – Moldes e artefatos prontos, respectivamente.



Figuras 183 e 184 – Suportes para painéis, encostos e assentos de cadeiras, e chapéu confeccionados por Ivanilde Pauletto, respectivamente.



Figuras 185 e 186 – Acervo pessoal de Ivanilde Pauletto.



Os Pauletto tentam manter as tradições por meio do cultivo da horta, da parreira, do preparo de certas comidas típicas, como a *menestra*, etc.. Ivanilde vê no neto o interesse em saber sobre

seus antepassados, inclusive, juntos, participaram de um desfile no festival de inverno de São João do Polêsine, ele cortando a trança e ela costurando o chapéu.

5.3.1.5 Depoimento de Zeferino Bridi Sachet

Os pais de Zeferino Sachet (2015), agricultor, vieram da Itália e instalaram-se em Ibarama. A casa, onde moravam, era de madeira, com porão feito de pedra e areia; ainda tinha um sótão, e a cobertura constituía-se de tabuinhas de madeira.

As famílias produziam vinho e o tomavam nos encontros festivos. Depois da construção do salão em anexo à capela São Jorge, as festividades passaram a acontecer neste local. Mais tarde, construiu-se uma cancha de bocha à entidade, a fim de fomentar as atividades de lazer. A fé católica prevalecia na comunidade.

O trabalho realizava-se manualmente, “tudo braçal”, segundo Sachet (2015). As ferramentas, por exemplo, eram confeccionadas pelos próprios imigrantes.

Quanto à comida, cozinhava-se a carne de porco picada num panelão. Depois, latas eram preenchidas com a carne, a qual se cobria com banha para conservá-la.

Sobre o artesanato, Sachet (2015) lembra que sua madrinha fazia tranças de palha para confeccionar cestas e chapéus.

Ainda segundo o entrevistado, ele produzia pipas para armazenar vinho ou cachaça; utilizava madeiras como a canjerana, que tingia a bebida de vermelho, grápia ou carvalho.

Os artefatos que compõem o acervo pessoal (Figuras 187, 188, 189 e 190) de Sachet (2015), que se encontra no porão de sua residência, têm um valor sentimental muito grande para ele, porque o fazem recordar dos seus falecidos pais.

Figuras 187 e 188 – Acervo pessoal de Zeferino Sachet.



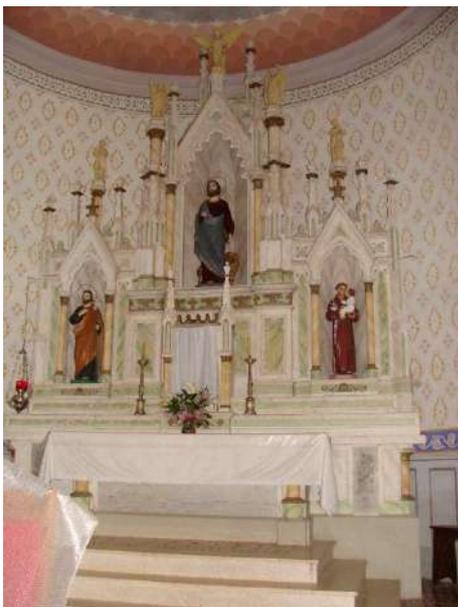
Figuras 189 e 190 – Acervo pessoal de Zeferino Sachet.



5.3.1.6 Depoimento de Claudete Vestena

Os avós de Claudete Vestena (2015), agricultora e zeladora do Museu Histórico Geringonça, quando chegaram ao Brasil, apenas com algumas roupas e, talvez, algumas ferramentas, resolveram morar na região mais montanhosa da redondeza do atual município de Faxinal do Soturno. Assim como os demais imigrantes, seus familiares tiravam a madeira do mato para construírem suas casas. Eles subiam em andaimes para cortar as tábuas, que compunham as paredes, as quais, muitas vezes, deixavam passar o vento pelas frestas, já que não havia muitos recursos para o trato do material. A cozinha era separada do restante da moradia. Nesta, ficavam os quartos e uma sala pequena; aquela tinha uma despensa em anexo. A pia e os baldes eram de madeira também; o piso era de chão batido. Depois, começou-se a utilizar “pedras de areia” para cobrir o chão. O avô de Vestena (2015) poderia ser considerado como um marceneiro, pois confeccionava muitas coisas, como mesas, cadeiras, baldes, etc.. O pai da entrevistada herdou essa habilidade de trabalhar a madeira, tirada do mato por ele mesmo, depois serrada e aplainada em casa. Assim como a família de Vestena (2015), muitas outras da comunidade tinham membros com preparo para a manufatura de objetos para a casa. Com o tempo, foram surgindo fábricas de móveis, como a marcenaria do Sari, por exemplo. Nesta, fabricou-se o altar (Figura 191) da Paróquia (Figura 192), como também o altar (Figura 193) da capela do Museu Histórico Geringonça (Figuras 194, 195 e 196), ambas localizadas em Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno.

Figuras 191 e 192 – Altar da Paróquia de Novo Treviso, esta de 1925.



Figuras 193 e 194 – Altar da capela do Museu Histórico Geringonça.



Figuras 195 e 196 – Área interna do Museu Histórico Geringonça.



Conforme Vestena (2015), sua família relacionava-se muito bem com os vizinhos. Trocavam-se ferramentas e comida quando alguém precisava. Repartia-se a carne entre os vizinhos quando um porco era abatido. De duas a três vezes por semana, a vizinhança reunia-se para fazer cantoria, comer pipoca ou conversar.

A religião estava em primeiro lugar, relatou Vestena (2015). Todo final de semana, a comunidade ia à missa. Em certas confraternizações, como na Semana Santa, frequentava-se diariamente a igreja. Em outras ocasiões, a comunidade reunia-se na “ramada”, uma espécie de galpão feito de folhas de coqueiro.

O trabalho na lavoura era árduo. As famílias, incluindo as crianças, capinavam, roçavam, tudo feito apenas com enxada e picão, e, depois, queimavam o restante do inço para poder plantar sementes de milho, feijão e trigo. O alimento que excedia o consumo próprio era vendido e, com o dinheiro alcançado, compravam outros alimentos, como café, roupas, pregos, ferramentas, por exemplo. Adquiria-se o açúcar da cana, o chamado de mascavo; a farinha, do trigo moído. A região acabou se tornando num centro comercial.

As comidas típicas da cultura italiana, servidas até hoje nas refeições dos descendentes, são representadas pela *menestra*, polenta, pão, carne de porco, risoto, mondongo, salame, *fortaia* (omelete), às vezes, acrescida de queijo, salame ou cebola. Quanto aos doces, fazia-se *crostoli* (“cueca virada”), bolacha com merengue, cuca, pudim e sagu. Vestena (2015) comentou que todas as famílias tinham parreiral, a fim de se produzir vinho.

Quando questionada sobre qual significado as coisas antigas têm para ela e seus filhos, Vestena (2015) disse que corresponde a um sentimento de orgulho, pois seus antepassados conseguiram o “pedacinho” de terra e demais aquisições com muito sacrifício. Por esse motivo, ela relatou que, se a primeira casa existisse, ela a conservaria, assim como faz com os artefatos que ainda se encontram com sua família ou aqueles que estão sob os seus cuidados no museu. A entrevistada considera, principalmente, as igrejas, além das casas de pedras, como os maiores símbolos representativos da cultura italiana. Os detalhes da arquitetura e as pinturas das primeiras citadas, segundo ela, são características dessa cultura. A partir disso, Vestena (2015) relatou que considera importante a valorização da cultura italiana, porque isso está diretamente ligado as suas origens, à história de seus antepassados, de sua família. Tal valorização se dá pela preservação das coisas que permanecem, para que também possam ser mostradas para seus filhos, netos e para as gerações que se sucederem. Isso pode ser feito, segundo ela, por meio dos museus. Concluindo a entrevista, Vestena (2015) disse que “cada artefato, cada coisa tem a sua história, o seu significado [...]. Então, [...] [preservar] é uma coisa boa [...], é um orgulho também ter [...] essas coisas, de [...] poder ver, de [...] poder explicar ‘pros’ outros”, conta ela, entusiasmada.

5.3.2 Classificação dos Artefatos

A partir da definição das categorias e subcategorias, já mencionadas, puderam-se classificar os artefatos pesquisados, conforme suas afinidades e semelhanças. Aqui, eles foram apresentados

agrupados e cada um está representado por um código, seu tipo e função principal. Quanto ao código, estabeleceu-se da seguinte maneira: cada artefato está referenciado pelas letras iniciais do nome e sobrenome do seu atual proprietário; por exemplo, o enxó (Figura 197; imagem 1 do Quadro 2, p. 162) é de propriedade de Aléssio Borin; então, usou-se “AB”, além da numeração correspondente à ordem em que esta imagem encontra-se no Apêndice C (Figura 198; ver p. 321), no caso, “Foto 2”, ficando o código, enfim, representado por “AB - 2”. Portanto, as letras, presentes nas tabelas a seguir, representam os participantes da pesquisa:

- AB = Aléssio Borin (Apêndice C)
- ZS = Zeferino Sachet (Apêndice D)
- IP = Ivanilde Pauletto (Apêndice E)
- MG = Museu Geringonça (Apêndice F)

Figura 197 – Recorte do Quadro 2 para mostrar a imagem 1 com seu código “AB - 2”.

Quadro 2 – Relação de Ferramentas Artesanais, utilizadas

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCAT.: FERR	
<p>1) AB - 2: enxó/enxadinha Função: escavar madeira, uso geral</p> 	
3) AB - 3: enxó	

Figura 198 – Recorte do Apêndice C para mostrar a ordem em que o artefato encontra-se no mesmo, ou seja, “Foto 2”.

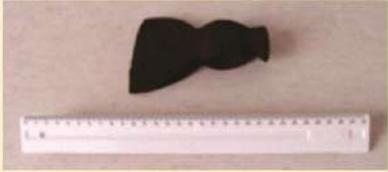
Foto 2	Descrição do
	Tipo: enxó/enx
	Função: escav
	Lugar de orige
	Data: final séc.
	Proprietário: Jc
	Partes: duas =
	Materiais: ferro
Medidas gerais	
Marcas: desga	

Nota-se que as categorias artesanal, semi-industrial e industrial correspondem aos Quadros em amarelo (Quadros 2 ao 7), rosa (Quadros 8 ao 13) e azul (Quadros 14 ao 19), respectivamente, apresentados a seguir. Tais quadros servem apenas para apresentar os artefatos, conforme os tipos e funções relatados pelos entrevistados. Nos apêndices C, D, E e F, encontra-se a descrição completa de todos os artefatos, de acordo com a listagem dos participantes informados acima.

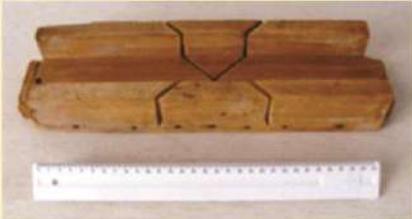
Quadro 2 – Relação de Ferramentas Artesanais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCAT.: FERRAMENTA PARA MANUFATURA	
<p>1) AB - 2: enxó/enxadinha Função: escavar madeira, uso geral</p> 	<p>2) ZS - 1: enxó Função: cavar cocho</p> 
<p>3) AB - 3: enxó Função: escavar madeira, principalmente para obtenção de gamela</p> 	<p>4) ZS - 2: enxó Função: cavoucar pipa</p> 
<p>5) AB - 30: marreta Função: cortar tijolo, cerâmica, pedra, ferro, madeira, etc.</p> 	<p>6) ZS - 11: machadinha Função: falquejar tabuinha</p> 

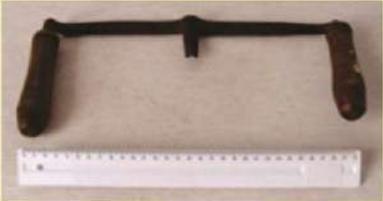
Quadro 2 – Relação de Ferramentas Artesanais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCAT.: FERRAMENTA PARA MANUFATURA	
<p>7) MG - 5: machadinha Função: cortar madeira</p> 	<p>8) IP - 4: machado Função: cortar lenhas</p> 
<p>9) MG - 7: machadinho Função: cortar tábuas para a construção de casas e móveis</p> 	<p>10) MG - 6: lâmina Função: rachar tabuinhas</p> 
<p>11) AB - 5: serra Função: cortar madeira junto da meia-esquadria</p> 	<p>12) AB - 28: serrote Função: serrar madeira</p> 

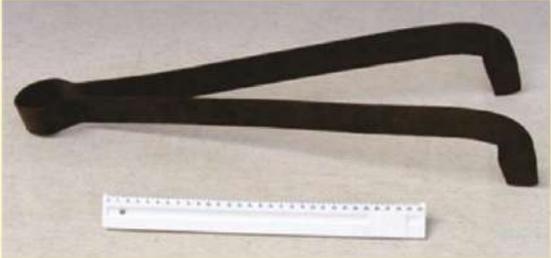
Quadro 2 – Relação de Ferramentas Artesanais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCAT.: FERRAMENTA PARA MANUFATURA	
<p>13) MG - 22: serrote Função: cortar madeira</p> 	<p>14) MG - 18: "moldadeira" Função: cortar madeira para fazer pipa</p> 
<p>15) AB - 4: meia-esquadria Função: proporcionar corte reto ou de 45°</p> 	<p>16) MG - 8: meia-esquadria Função: proporcionar corte reto ou de 45°</p> 
<p>17) AB - 23: plaina Função: aplainar madeira</p> 	<p>18) MG - 10: plaina Função: fazer cavas de abertura e moldura para janelas e quadros</p> 

Quadro 2 – Relação de Ferramentas Artesanais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCAT.: FERRAMENTA PARA MANUFATURA	
<p>19) AB - 17: alisador Função: alisar cabos de ferramentas</p> 	<p>20) MG - 9: cavador Função: fazer cavas da janela</p> 
<p>21) AB - 16: goiva Função: escavar formas arredondadas (côncavas)</p> 	<p>22) IP - 1: cunha Função: rachar toras de madeira</p> 
<p>23) ZS - 18: cunha Função: lascar madeira</p> 	<p>24) ZS - 16: cunha Função: cravar na tora de madeira para puxá-la</p> 

Quadro 2 – Relação de Ferramentas Artesanais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCAT.: FERRAMENTA PARA MANUFATURA	
<p>25) AB - 31: bigorna Função: apoiar facas, facões e gadanha para laminação; fixava/prendia na madeira; com limitador, para não se aprofundar</p> 	<p>26) ZS - 5: bigorna Função: apoiar facas, facões etc., para laminação ou afiação</p> 
<p>27) MG - 17: morsa Função: fazer molduras de quadros</p> 	<p>28) ZS - 10: pegador Função: pegar brasa</p> 
<p>29) MG - 19: cortador Função: cortar tiras de couro</p> 	<p>30) MG - 20: limpador Função: limpar e preparar couro</p> 

Quadro 2 – Relação de Ferramentas Artesanais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCAT.: FERRAMENTA PARA MANUFATURA

31) IP - 25: molde
Função: moldar chapéu



32) MG - 83: molde
Função: moldar chapéu de palha de trigo



33) AB - 40: tripé
Função: bater taxa em sola de sapato



Quadro 2 – Relação de Ferramentas Artesanais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCAT.: FERRAMENTA PARA MANUFATURA

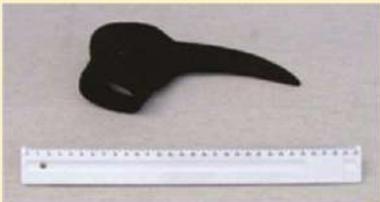
34) IP - 24: gamela
Função: conter e amaciar palha de trigo para trança com água quente



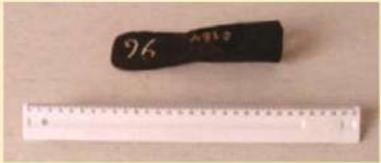
35) MG - 21: equipamento
Função: manufaturar solado de sapato



Quadro 3 – Relação de Artefatos Artesanais, utilizados em Atividades Agropecuárias

CAT.: ARTESANAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA ATIV. AGROPECUÁRIA	
<p>1) ZS - 6: picareta Função: colher/arrancar mandioca</p> 	<p>2) ZS - 3: foicinha Função: cortar trigo, aveia, pasto, etc.</p> 
<p>3) ZS - 12: foice Função: roçar capoeira (mata)</p> 	<p>4) IP - 2: foice Função: roçar campo/capoeirão</p> 
<p>5) MG - 37: foice Função: cortar cana-de-açúcar</p> 	<p>6) AB - 32: foicinha Função: cortar pasto para animais</p> 

Quadro 3 – Relação de Artefatos Artesanais, utilizados em Atividades Agropecuárias (continuação)

CAT.: ARTESANAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA ATIV. AGROPECUÁRIA	
<p>7) IP - 5: enxada Função: capinar campo/horta</p> 	<p>8) MG - 26: enxadinha Função: capinar nas lavouras</p> 
<p>9) ZS - 17: garfo Função: puxar e amontoar palha de trigo, cereais, etc.</p> 	<p>10) MG - 24: garfo/gadanho Função: juntar feno e palha</p> 
<p>11) AB - 86: guia de tropa Função: produzir som para guiar a tropa, usada no pescoço da mula ou boi mais manso</p> 	<p>12) MG - 25: cavadeira Função: abrir buraco na terra</p> 

Quadro 3 – Relação de Artefatos Artesanais, utilizados em Atividades Agropecuárias (continuação)

CAT.: ARTESANAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA ATIV. AGROPECUÁRIA	
<p>13) AB - 6: saraquí Função: abrir cova para depósito de grãos</p> 	<p>14) MG - 39: gadanho Função: colher/arrancar mandioca</p> 
<p>15) AB - 35: concha/pá grande Função: juntar/limpar grãos</p> 	<p>16) ZS - 21: pá Função: limpar grãos</p> 

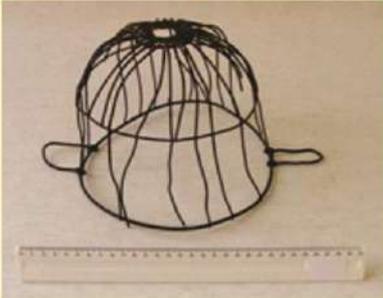
Quadro 3 – Relação de Artefatos Artesanais, utilizados em Atividades Agropecuárias (continuação)

CAT.: ARTESANAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA ATIV. AGROPECUÁRIA	
<p>17) IP - 13: concha/pá grande Função: colher/arrancar mandioca</p> 	<p>18) MG - 31: pá Função: aventar grãos</p> 
<p>19) MG - 32: molde Função: moldar pá</p> 	<p>20) IP - 12: plantadeira Função: plantar milho, feijão, arroz, etc.</p> 

Quadro 3 – Relação de Artefatos Artesanais, utilizados em Atividades Agropecuárias (continuação)

CAT.: ARTESANAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA ATIV. AGROPECUÁRIA	
<p>21) MG - 28: plantadeira Função: plantar sementes de cereais</p> 	<p>22) AB - 7: pilão e socadores Função: descascar arroz e quebrar milho</p> 
<p>23) MG - 35: pilão e socador Função: descascar arroz e debulhar milho (quirela), erva mate, etc.</p> 	<p>24) ZS - 45: pilão Função: socar grãos</p> 

Quadro 3 – Relação de Artefatos Artesanais, utilizados em Atividades Agropecuárias (continuação)

CAT.: ARTESANAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA ATIV. AGROPECUÁRIA	
<p>25) MG - 27: pá (ponta) de arado Função: parte do arado que serve para lavrar os campos</p> 	<p>26) MG - 33: descascador Função: descascar grãos (arroz)</p> 
<p>27) AB - 34: separador de sementes Função: separar as sementes do algodão</p> 	<p>28) IP - 23: focinheira Função: privar o gado de comer pasto</p> 

Quadro 3 – Relação de Artefatos Artesanais, utilizados em Atividades Agropecuárias (continuação)

CAT.: ARTESANAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA ATIV. AGROPECUÁRIA

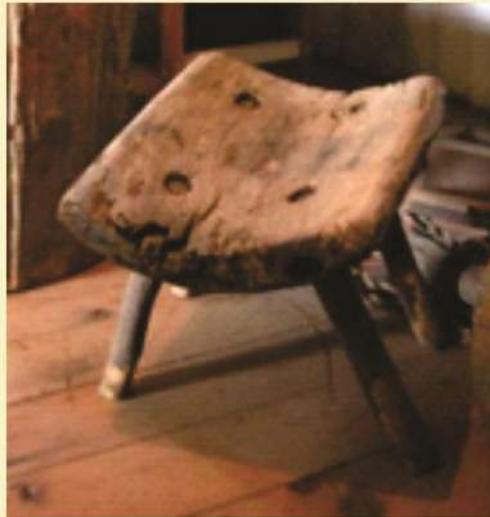
29) AB - 41: canga
Função: prender as cabeças dos bois para trabalhos agrícolas



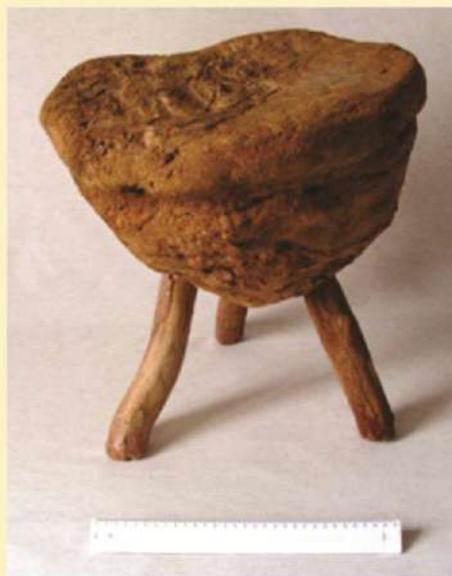
Quadro 4 – Relação de Móveis Artesanais

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: MOBILIÁRIO

1) AB - 113: banqueta
Função: proporcionar assento



2) MG - 41: banco
Função: proporcionar assento



Quadro 4 – Relação de Móveis Artesanais (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: MOBILIÁRIO

3) MG - 42: banco
Função: proporcionar assento



4) AB - 120: escrivaninha/birô
Função: apoiar pertences pessoais



Quadro 4 – Relação de Móveis Artesanais (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: MOBILIÁRIO

5) AB - 97: mesa

Função: apoiar objetos para realização de refeições e outras atividades



6) AB - 117: penteadeira

Função: apoiar pertences pessoais e objetos decorativos



Quadro 4 – Relação de Móveis Artesanais (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: MOBILIÁRIO

7) AB - 96: cama de solteiro (*branda*)
Função: móvel no qual a pessoa deita-se



8) AB - 103: berço
Função: móvel para deitar bebê



Quadro 4 – Relação de Móveis Artesanais (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: MOBILIÁRIO
<p data-bbox="555 342 965 405">9) AB - 104: "moisés" Função: cadeira para balançar bebê</p> 
<p data-bbox="539 1216 981 1279">10) AB - 112: "cofre" Função: esconderijo dentro de gavetas</p> 

Quadro 4 – Relação de Móveis Artesanais (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: MOBILIÁRIO

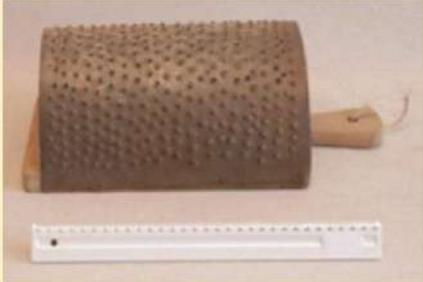
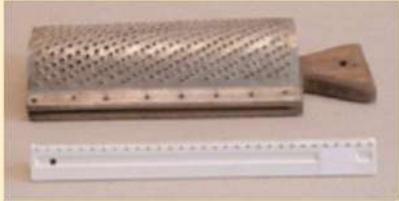
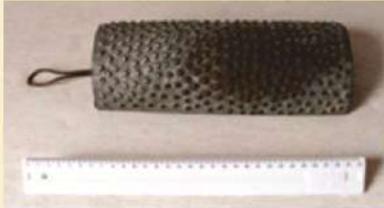
11) AB - 93: nicho
Função: expor santo



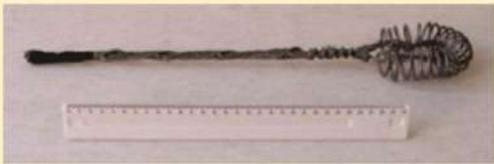
12) AB - 80: "lava-louça"
Função: lavar louças



Quadro 5 – Relação de Utensílios de Cozinha Artesanais

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA	
<p>1) AB - 63: ralador Função: ralar mandioca/queijo</p> 	<p>2) AB - 84: ralador Função: ralar queijo/batata</p> 
<p>3) IP - 26: ralador Função: ralar queijo, mandioca, entre outros alimentos</p> 	<p>4) IP - 27: ralador Função: ralar queijo, mandioca, entre outros alimentos</p> 
<p>5) MG - 44: ralador Função: ralar queijo</p> 	<p>6) AB - 49: funil Função: despejar banha/líquido em latas</p> 

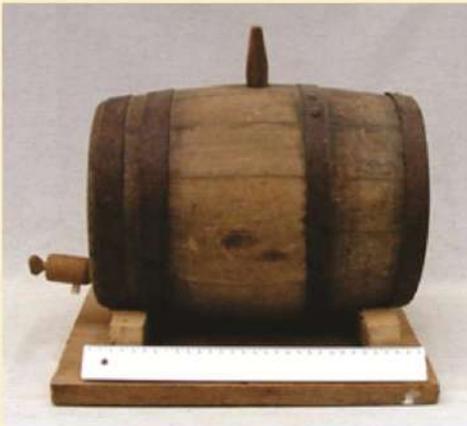
Quadro 5 – Relação de Utensílios de Cozinha Artesanais (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA	
<p>7) AB - 56: fuê Função: diluir ovos</p> 	<p>8) IP - 31: batedor Função: misturar e bater claras</p> 
<p>9) MG - 43: picador Função: picar a carne para fazer o salame</p> 	<p>10) ZS - 30: facão Função: cortar lenha, graveto, etc.</p> 
<p>11) IP - 32: afiador Função: afiar faca</p> 	<p>12) MG - 47: porta-talheres Função: armazenar talheres</p> 

Quadro 5 – Relação de Utensílios de Cozinha Artesanais (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA	
<p>13) AB - 59: tacho Função: fazer doce</p> 	<p>14) AB - 69: panela Função: cozinhar/armazenar alimentos</p> 
<p>15) MG - 58: pá Função: mexer na brasa</p> 	<p>16) AB - 79: bandeja para ovos Função: armazenar ovos</p> 
<p>17) AB - 85: cesta Função: carregar/armazenar ovos/alimentos</p> 	<p>18) IP - 15: cesta Função: armazenar ovos ou secar verduras por meio do balanço do artefato</p> 

Quadro 5 – Relação de Utensílios de Cozinha Artesanais (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA	
<p>19) AB - 73: cesta Função: armazenar ovos</p> 	<p>20) MG - 68: cesta Função: armazenar bolachas e pães</p> 
<p>21) ZS - 23: barril Função: armazenar água</p> 	<p>22) AB - 87: barrica Função: armazenar vinho</p> 
<p>23) MG - 51: barrica Função: armazenar e carregar água até a roça</p> 	<p>24) AB - 88: barrica Função: armazenar vinho</p> 

Quadro 5 – Relação de Utensílios de Cozinha Artesanais (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA

25) AB - 70: tabuleiro/tábua
Função: suporte para polenta



26) IP - 39: tábua/"polenteiro"
Função: suporte para polenta



Quadro 5 – Relação de Utensílios de Cozinha Artesanais (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA

27) AB - 81: balde
Função: armazenar líquidos/alimentos



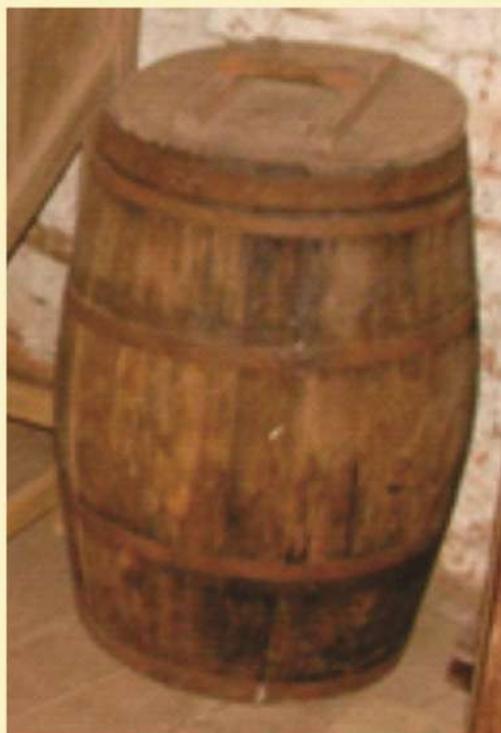
28) ZS - 25: bateadeira
Função: bater manteiga



29) IP - 41: pipa
Função: armazenar vinagre



30) AB - 64: barril
Função: depositar farinha de milho



Quadro 5 – Relação de Utensílios de Cozinha Artesanais (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA	
<p>31) MG - 87: grelha Função: apoiar alimentos para assar sobre o fogo</p> 	<p>32) MG - 69: cesta Função: armazenar pães</p> 
<p>33) IP - 38: base Função: apoiar a forma do queijo</p> 	<p>34) AB - 115: prensa (scolo) Função: retirar soro do queijo</p> 

Quadro 5 – Relação de Utensílios de Cozinha Artesanais (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA

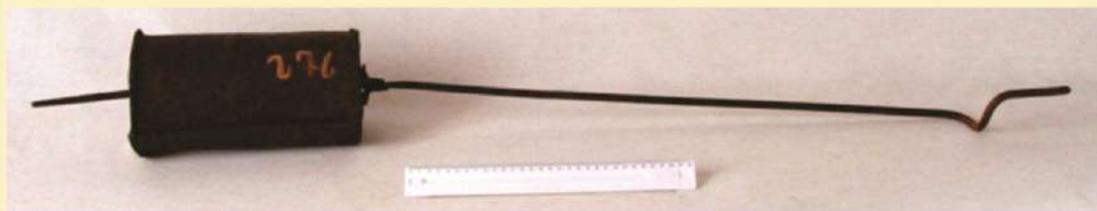
35) IP - 20: rolo
Função: espichar massa



36) IP - 21: colher de pau (*mescola*)
Função: mexer polenta



37) MG - 70: torrador
Função: torrar café em grãos



Quadro 6 – Relação de Utilidades Domésticas Artesanais

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: UTILIDADE DOMÉSTICA

1) MG - 61: parte inferior da vassoura
Função: varrer chão ou, eventualmente, parede, teto, muro, etc.



2) AB - 116: gamela/bacia
Função: lavar/armazenar roupas



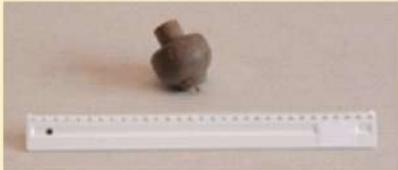
3) IP - 52: cesto
Função: carregar/armazenar roupas lavadas



Quadro 7 – Relação de Outros Tipos de Artefatos Artesanais

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: OUTRO	
<p>1) AB - 74: tamanco (<i>zoccoli</i>) Função: proteger os pés</p> 	<p>2) MG - 66: tamanco Função: proteger os pés</p> 
<p>3) MG - 67: tamanco Função: proteger os pés</p> 	<p>4) MG - 89: bengala Função: auxiliar no apoio da pessoa para caminhar</p> 
<p>5) AB - 52: isqueiro "Getúlio" Função: acender cigarro</p> 	<p>6) MG - 62: isqueiro Função: acender cigarro</p> 

Quadro 7 – Relação de Outros Tipos de Artefatos Artesanais (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: OUTRO	
<p>7) AB - 89: pião Função: brinquedo</p> 	<p>8) AB - 90: pião Função: brinquedo</p> 
<p>9) IP - 42: bocha Função: peça que compõe o jogo de bocha</p> 	<p>10) AB - 12: pedra de prumo Função: alinhar construções</p> 
<p>11) MG - 78: ratoeira Função: apanhar rato</p> 	<p>12) MG - 79: ratoeira Função: apanhar rato ou outros animais de pequeno porte</p> 

Quadro 7 – Relação de Outros Tipos de Artefatos Artesanais (continuação)

CATEGORIA: ARTESANAL / SUBCATEGORIA: OUTRO	
<p>13) ZS - 34: "cangaia" Função: carregar alimentos, objetos pessoais etc. no lombo do cavalo</p> 	<p>14) AB - 94: tabuinhas (<i>scandolle</i>) Função: cobrir casas e galpões</p> 
<p>15) MG - 60: sacola (<i>spôrta</i>) Função: armazenar e carregar alimentos ou objetos pessoais</p> 	<p>16) MG - 81: cavalete Função: auxiliar em tarefas diversas</p> 

Quadro 8 – Relação de Ferramentas Semi-Industriais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA MANUFATURA	
<p>1) AB - 22: plaina Função: aplainar madeira</p> 	<p>2) AB - 24: plaina Função: aplainar madeira</p> 
<p>3) ZS - 13: plaina manual Função: aplainar madeira</p> 	<p>4) IP - 10: plaina Função: aplainar madeira</p> 
<p>5) MG - 13: plaina Função: aplainar o fundo das pipas</p> 	<p>6) AB - 14: moldureira Função: proporcionar acabamento para rodapés, roda-forro, moldura para quadros, etc.</p> 

Quadro 8 – Relação de Ferramentas Semi-Industriais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA MANUFATURA	
<p>7) MG - 11: plaina Função: cavar madeira (macho e fêmea) para fazer frisos em molduras</p> 	<p>8) AB - 19: rebaixador (cepilho) Função: proporcionar ranhura/rebaixo de encaixe de fundo de pipas</p> 
<p>9) MG - 14: esquadro Função: traçar ângulos retos</p> 	<p>10) AB - 21: medidor Função: realizar medição</p> 
<p>11) AB - 15: serrinha Função: proporcionar cortes pequenos</p> 	<p>12) AB - 38: serra tico-tico Função: cortar madeira</p> 

Quadro 8 – Relação de Ferramentas Semi-Industriais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA MANUFATURA

13) AB - 1: furadeira
 Função: abrir pequenos orifícios em trabalhos de ourivesaria



14) ZS - 8: furadeira manual
 Função: furar madeira



15) ZS - 9: furadeira manual
 Função: furar madeira



16) AB - 10: machadinha
 Função: lascar madeira para tabuinhas



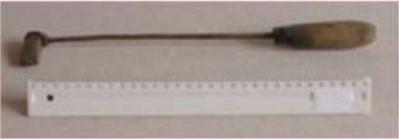
17) AB - 8: enxó
 Função: dar acabamento às tabuinhas (telhas, *scandolle*) que cobriam as casas



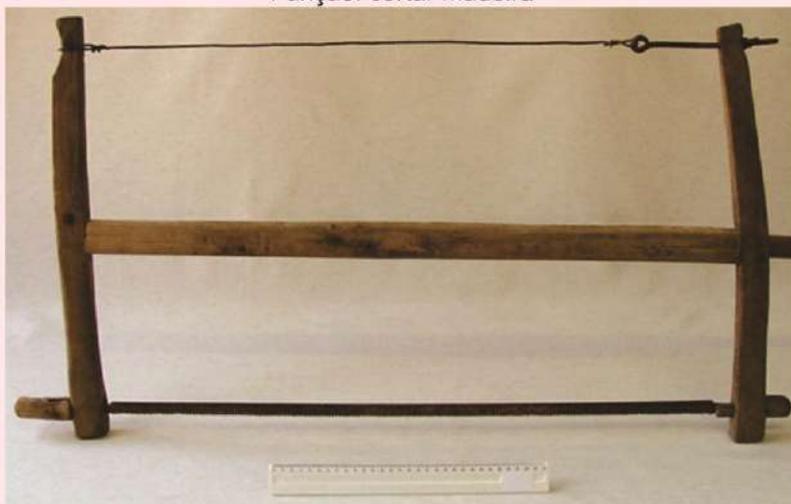
18) MG - 12: enxó
 Função: desbastar madeira para fazer gamela



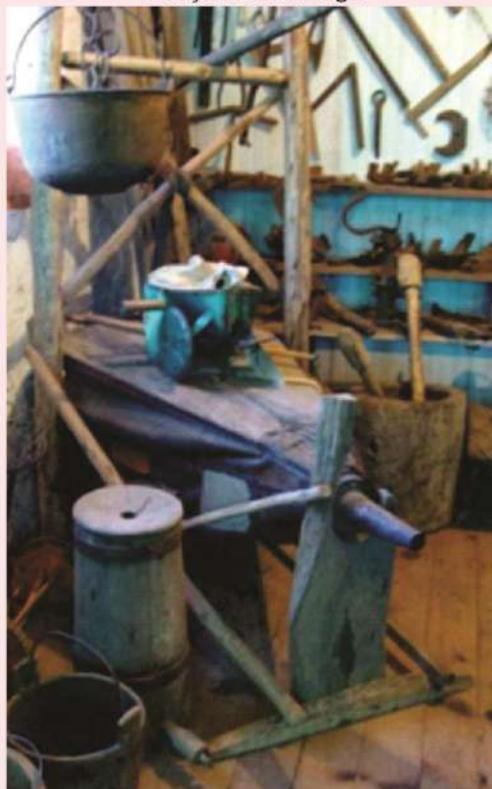
Quadro 8 – Relação de Ferramentas Semi-Industriais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA MANUFATURA	
<p>19) IP - 3: martelo Função: martelar pregos</p> 	<p>20) MG - 15: martelo Função: martelar ou arrancar pregos</p> 
<p>21) ZS - 22: cunhas presas a uma corrente Função: puxar tora de madeira</p> 	<p>22) AB - 9: soldador de estanho Função: executar soldas</p> 
<p>23) ZS - 7: soldador Função: executar soldas</p> 	<p>24) MG - 1: tigela Função: usada para fundir metal</p> 

Quadro 8 – Relação de Ferramentas Semi-Industriais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA MANUFATURA25) AB - 36: serrote
Função: cortar madeira26) IP - 9: serrote
Função: cortar madeira27) ZS - 14: plaina manual
Função: aplainar madeira

Quadro 8 – Relação de Ferramentas Semi-Industriais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA MANUFATURA28) AB - 43: fole
Função: ativar fogo29) MG - 80: roca de fiar
Função: fiar lã

Quadro 8 – Relação de Ferramentas Semi-Industriais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA MANUFATURA

30) IP - 8: serrote
Função: cortar lenha



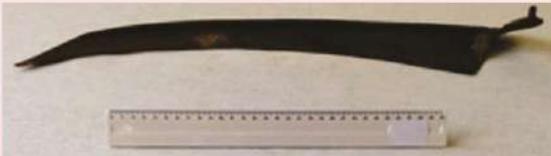
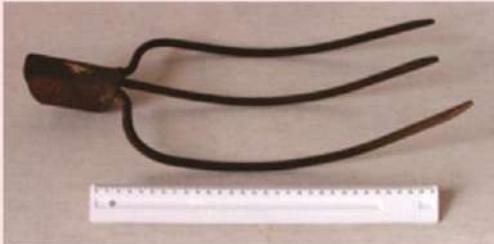
31) AB - 29: serrote
Função: desdobrar madeira/tora



32) ZS - 20: serra manual
Função: serrar tora de madeira



Quadro 9 – Relação de Artefatos Semi-Industriais, utilizados em Atividades Agropecuárias

CAT.: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA ATIV. AGROPECUÁRIA	
<p>1) IP - 7: foicinha Função: cortar soja, arroz, pasto, etc.</p> 	<p>2) MG - 38: foicinha Função: cortar trigo e aveia</p> 
<p>3) IP - 6: gadanho Função: cortar grama</p> 	<p>4) MG - 23: garfo (forca) Função: esparramar palha</p> 
<p>5) ZS - 15: "fuça-fuça" Função: abrir terra para semear</p> 	<p>6) AB - 33: funil, que compunha uma máquina a vapor, a qual acionava um moinho de milho Função: abertura para abastecer o reservatório da máquina com óleo</p> 

Quadro 9 – Relação de Artefatos Semi-Industriais, utilizados em Atividades Agropecuárias (continuação)

CAT.: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA ATIV. AGROPECUÁRIA

7) AB - 13: debulhador
Função: debulhar milho



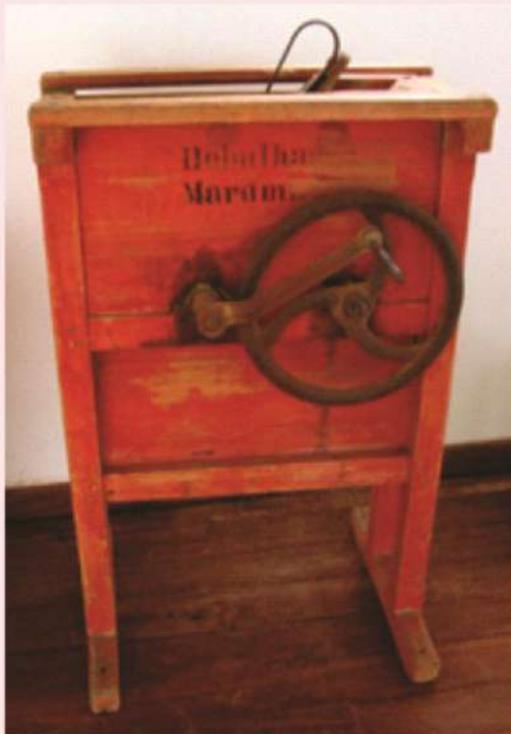
8) ZS - 41: debulhador
Função: debulhar milho



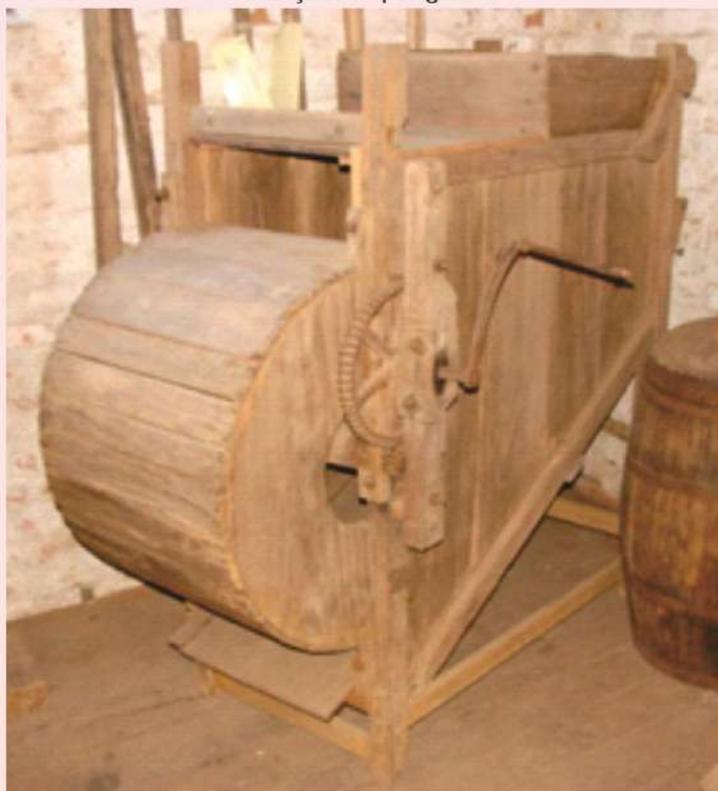
Quadro 9 – Relação de Artefatos Semi-Industriais, utilizados em Atividades Agropecuárias (continuação)

CAT.: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA ATIV. AGROPECUÁRIA

9) MG - 34: debulhador
Função: debulhar milho



10) AB - 44: ventilador
Função: limpar grãos



Quadro 9 – Relação de Artefatos Semi-Industriais, utilizados em Atividades Agropecuárias (continuação)

CAT.: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA ATIV. AGROPECUÁRIA

11) AB - 82: regador
Função: regar plantas



12) IP - 56: regador
Função: regar plantas



13) MG - 40: prensa
Função: prensar fumo



14) ZS - 44: moedor
Função: moer uvas



Quadro 10 – Relação de Móveis Semi-Industriais

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: MOBILIÁRIO	
<p>1) ZS - 43: cadeira Função: proporcionar assento</p> 	<p>2) IP - 50: cadeira Função: proporcionar assento</p> 
<p>3) IP - 51: cadeira Função: proporcionar assento</p> 	<p>4) MG - 82: cadeira Função: proporcionar assento</p> 

Quadro 10 – Relação de Móveis Semi-Industriais (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: MOBILIÁRIO

5) AB - 110: console
Função: emoldurar espelho



6) AB - 111: mesa
Função: apoiar e guardar pertences pessoais



Quadro 10 – Relação de Móveis Semi-Industriais (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: MOBILIÁRIO	
<p>7) AB - 105: parte do altar da igreja antiga Função: ornamentar o altar</p> 	<p>8) AB - 106: divisória de altar da Igreja São João Batista Função: separar o altar da nave</p> 
<p>9) AB - 107: parte do altar da Igreja São João Batista Função: ornamentar o altar</p> 	<p>10) AB - 66: oratório Função: expor santos</p> 

Quadro 10 – Relação de Móveis Semi-Industriais (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: MOBILIÁRIO

11) MG - 90: cama

Função: móvel em que a pessoa deita-se para dormir/descansar



12) AB - 95: suporte

Função: apoiar utensílios para a lavagem do rosto



Quadro 10 – Relação de Móveis Semi-Industriais (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: MOBILIÁRIO

13) AB - 92: baú
Função: armazenar roupas (guarda-roupa)



14) AB - 100: baú
Função: armazenar roupas e pertences pessoais



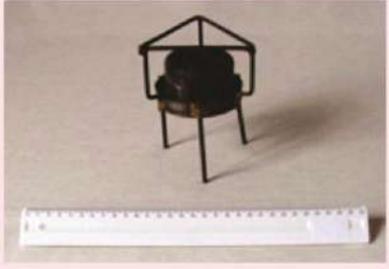
15) IP - 58: baú
Função: armazenar roupas



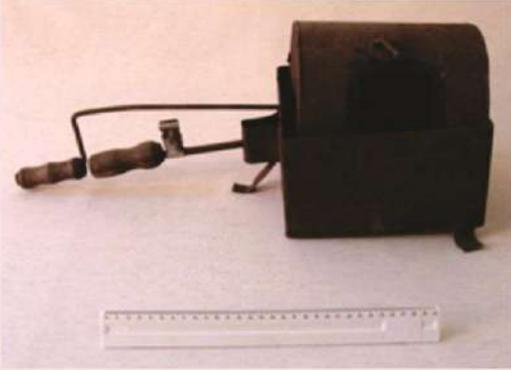
Quadro 11 – Relação de Utensílios de Cozinha Semi-Industriais

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA	
<p>1) AB - 67: panela Função: cozinhar/armazenar alimentos</p> 	<p>2) IP - 33: panela Função: cozinhar alimentos, como o feijão</p> 
<p>3) IP - 34: panela Função: cozinhar alimentos, feijão, mandioca, etc.</p> 	<p>4) MG - 53: panela Função: armazenar e cozinhar alimentos</p> 
<p>5) MG - 55: panela Função: cozinhar polenta</p> 	<p>6) IP - 30: polenta Função: cozinhar polenta</p> 

Quadro 11 – Relação de Utensílios de Cozinha Semi-Industriais (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA	
<p>7) MG - 63: panela e mexedor Função: cozinhar polenta</p> 	<p>8) IP - 29: forma Função: dar forma à cuca, ao cozinhá-la</p> 
<p>9) IP - 36: minifogareiro Função: aquecer mamadeira</p> 	<p>10) MG - 49: fogareiro Função: aquecer alimentos</p> 
<p>11) AB - 54: caneca Função: conter/armazenar líquidos</p> 	<p>12) AB - 60: moringa Função: armazenar líquidos</p> 

Quadro 11 – Relação de Utensílios de Cozinha Semi-Industriais (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA	
<p>13) AB - 55: medidor Função: medir quantidades/porções de grãos, farinha, etc.</p> 	<p>14) MG - 86: funil Função: vaziar líquido (banha, vinho, vinagre, etc.) em recipiente</p> 
<p>15) ZS - 33: grade Função: assar costela de porco, etc.</p> 	<p>16) IP - 54: torrador Função: torrar café</p> 
<p>17) IP - 16: cesta Função: armazenar ovos ou secar verduras por meio do balanço do artefato</p> 	<p>18) ZS - 24: moedor Função: moer grãos de café, pimenta, etc.</p> 

Quadro 11 – Relação de Utensílios de Cozinha Semi-Industriais (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA

19) MG - 46: escumadeira
Função: escorrer água ou azeite de alimentos



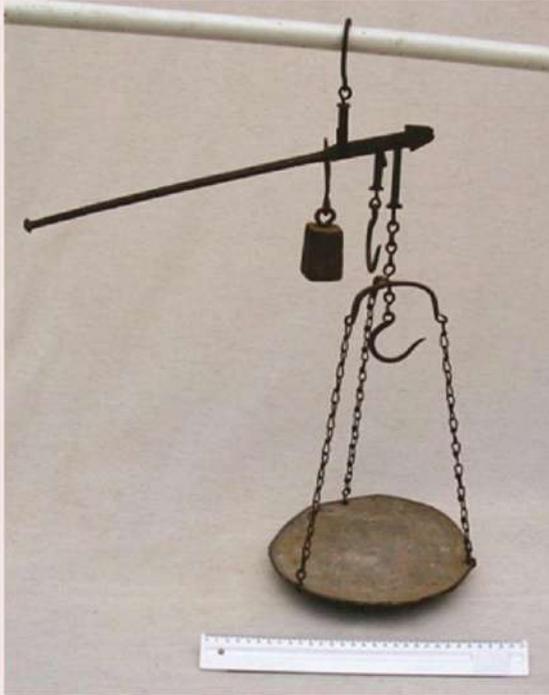
20) ZS - 39: frigideira
Função: fritar alimentos



21) MG - 74: garrafa
Função: armazenar vinagre



Quadro 11 – Relação de Utensílios de Cozinha Semi-Industriais (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA22) ZS - 37: balança
Função: pesar mantimentos23) IP - 18: balança
Função: pesar alimentos24) MG - 2: balança
Função: pesar alimentos25) AB - 114: prensa
Função: retirar banha de torresmo

Quadro 11 – Relação de Utensílios de Cozinha Semi-Industriais (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA26) ZS - 42: prensa
Função: espremer/retirar banha27) MG - 75: prensa e cabo
Função: prensar banha

Quadro 11 – Relação de Utensílios de Cozinha Semi-Industriais (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA

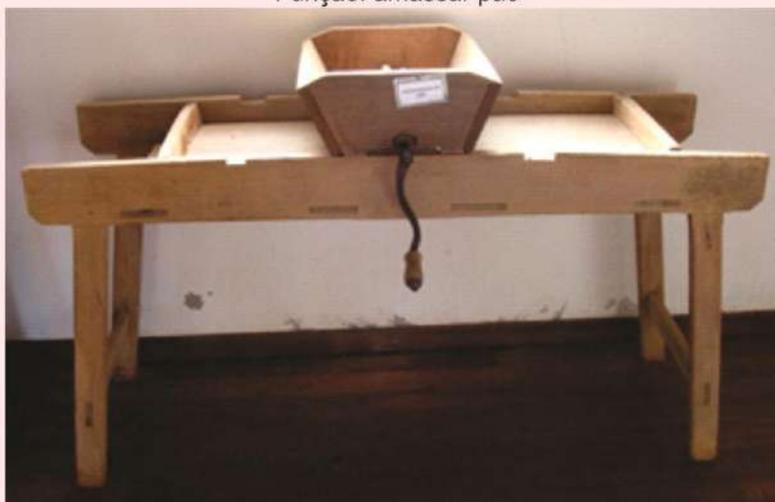
28) ZS - 29: "trampa"
Função: pendurar panela acima do fogo



29) AB - 119: simulação de um fogão à lenha
Função: cozinhar/aquecer alimentos e líquidos



30) MG - 71: amassadeira
Função: amassar pão



Quadro 12 – Relação de Utilidades Domésticas Semi-Industriais

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTILIDADE DOMÉSTICA	
<p>1) AB - 45: lampião Função: iluminar caça e passeio noturno</p> 	<p>2) MG - 65: lampião à banha ou querosene Função: iluminar ambientes</p> 
<p>3) AB - 76: pegador de mosca Função: pegar moscas</p> 	<p>4) AB - 65: chuveiro Função: proporcionar banho</p> 
<p>5) IP - 40: lavador Função: lavar roupa</p> 	<p>6) IP - 17: caixa Função: guardar documentos</p> 

Quadro 12 – Relação de Utilidades Domésticas Semi-Industriais (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTILIDADE DOMÉSTICA

11) MG - 85: "sentinela" a carboreto
Função: iluminar ambientes



Quadro 13 – Relação de Outros Tipos de Artefatos Semi-Industriais

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: OUTRO	
<p>1) AB - 61: cantil Função: armazenar líquidos; uso militar</p> 	<p>2) MG - 84: cantil Função: armazenar e transportar água</p> 
<p>3) AB - 91: carretel Função: suporte para enrolar fio, junto da vara de pescar</p> 	<p>4) AB - 77: matraca Função: produzir som; era usada na Semana Santa, para chamar a população a participar das celebrações religiosas</p> 
<p>5) AB - 58: batedor Função: emparelhar a cancha de bocha de chão batido</p> 	<p>6) AB - 50: afiador Função: afiar lâminas de barbear</p> 

Quadro 13 – Relação de Outros Tipos de Artefatos Semi-Industriais (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: OUTRO

7) AB - 42: vitrine
Função: expor produtos para venda



8) MG - 77: armadilha (gaiola e tampa)
Função: apanhar/caçar animal



Quadro 13 – Relação de Outros Tipos de Artefatos Semi-Industriais (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: OUTRO

9) MG - 72: roda

Função: proporcionar movimento à carreta



10) MG - 73: cestos e suporte

Função: transportar alimentos (milho) e pertences pessoais a cavalo



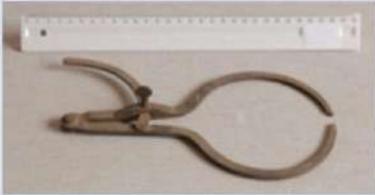
Quadro 13 – Relação de Outros Tipos de Artefatos Semi-Industriais (continuação)

CATEGORIA: SEMI-INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: OUTRO

11) ZS - 46: rebolo
Função: afiar facão, foice, enxada, etc.



Quadro 14 – Relação de Ferramentas Industriais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados

CATEGORIA: INDUSTRIAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA MANUFATURA	
<p>1) AB - 18: formão Função: proporcionar rebaixo em madeira para encaixes de dobradiças em portas/janelas</p> 	<p>2) AB - 20: paquímetro Função: marcar medidas exatas</p> 
<p>3) AB - 25: plaina Função: aplinar madeira, com regulagem para alterar ângulo de inclinação</p> 	<p>4) AB - 26: plaininha Função: aplinar madeira</p> 
<p>5) AB - 27: arco com pua/broca Função: furar madeira</p> 	<p>6) ZS - 31: arco com pua/broca Função: furar madeira</p> 

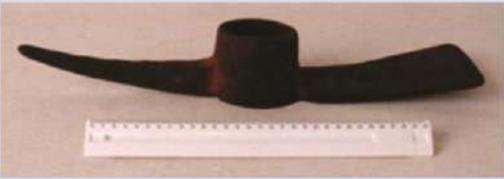
Quadro 14 – Relação de Ferramentas Industriais, utilizadas para Manufaturas ou Trabalhos Pesados (continuação)

CATEGORIA: INDUSTRIAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA MANUFATURA	
<p>7) MG - 16: arco de pua Função: furar madeira</p> 	<p>8) IP - 11: morsa Função: prensar/prender algo</p> 
<p>9) AB - 37: serra tico-tico Função: cortar madeira</p> 	<p>10) AB - 39: esmeril Função: proporcionar acabamento e afiar ferro</p> 
<p>11) IP - 57: máquina Função: tampar garrafas</p> 	

Quadro 15 – Relação de Artefatos Industriais, utilizados em Atividades Agropecuárias

CAT.: INDUSTRIAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA ATIV. AGROPECUÁRIA	
<p>1) ZS - 19: pulverizador Função: pulverizar veneno para matar formigas</p> 	<p>2) IP - 14: pulverizador Função: pulverizar veneno para matar formigas</p> 
<p>3) MG - 29: pulverizador Função: pulverizar veneno</p> 	<p>4) MG - 30: pulverizador/máquina costal Função: pulverizar veneno</p> 

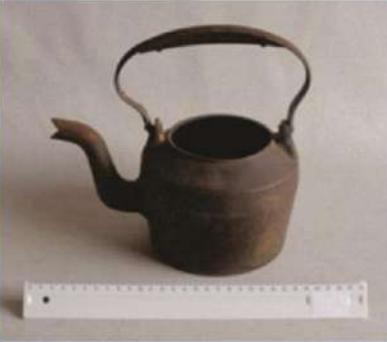
Quadro 15 – Relação de Artefatos Industriais, utilizados em Atividades Agropecuárias (continuação)

CAT.: INDUSTRIAL / SUBCAT.: ARTEFATO PARA ATIV. AGROPECUÁRIA	
<p>5) AB - 11: tesoura Função: cortar crina de cavalo</p> 	<p>6) ZS - 4: tesoura Função: cortar crina de cavalo</p> 
<p>7) MG - 36: picão Função: arrancar, lavar ou picar pedras e tocos de madeira</p> 	<p>8) ZS - 40: debulhador Função: debulhar milho</p> 
<p>IP - 47: moedor Função: moer milho (quirela) para pintos</p> 	

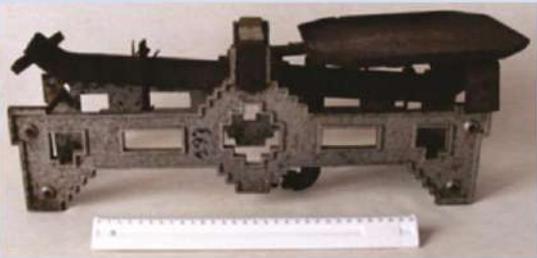
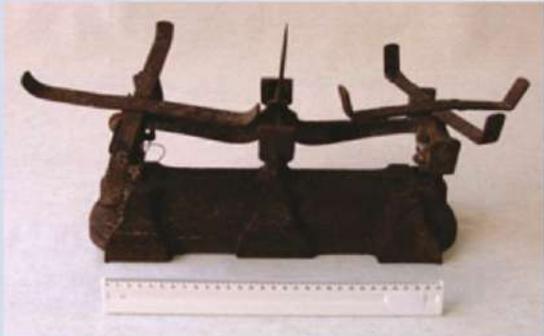
Quadro 16 – Relação de Móveis Industriais

CATEGORIA: INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: MOBILIÁRIO	
<p>1) AB - 98: cristaleira Função: armazenar e expor copos e louças</p> 	<p>2) AB - 99: roupeiro Função: armazenar roupas e pertences pessoais</p> 
<p>3) AB - 102: cadeira giratória Função: proporcionar assento</p> 	<p>4) AB - 109: cadeira de cinema Função: proporcionar assento</p> 

Quadro 17 – Relação de Utensílios de Cozinha Industriais

CATEGORIA: INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA	
<p>1) AB - 57: leiteira Função: armazenar leite/líquido</p> 	<p>2) IP - 35: bule Função: servir café, leite, etc.</p> 
<p>3) AB - 62: chaleira Função: aquecer/armazenar líquidos/água</p> 	<p>4) IP - 28: chaleira Função: aquecer água</p> 
<p>5) AB - 68: chaleira Função: aquecer/armazenar líquidos/água</p> 	<p>6) MG - 56: chaleira Função: armazenar e aquecer água</p> 

Quadro 17 – Relação de Utensílios de Cozinha Industriais (continuação)

CATEGORIA: INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA	
<p>7) MG - 57: chaleira Função: armazenar e aquecer água</p> 	<p>8) ZS - 38: chaleira Função: aquecer água</p> 
<p>9) MG - 50: fogareiro Função: aquecer alimentos</p> 	<p>10) MG - 4: peso Função: contrabalançar e indicar o peso de alimentos</p> 
<p>11) MG - 3: balança Função: pesar alimentos</p> 	<p>12) IP - 37: balança Função: pesar alimentos</p> 

Quadro 17 – Relação de Utensílios de Cozinha Industriais (continuação)

CATEGORIA: INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA	
<p>13) ZS - 27: debulhador Função: debulhar milho</p> 	<p>14) IP - 46: moedor Função: debulhar milho</p> 
<p>15) MG - 54: moedor Função: moer pimenta e milho</p> 	<p>16) MG - 52: moedor Função: moer carne</p> 
<p>17) IP - 53: moedor Função: moer café</p> 	<p>18) MG - 45: assadeira Função: amassar feijão (<i>menestra</i>)</p> 

Quadro 17 – Relação de Utensílios de Cozinha Industriais (continuação)

CATEGORIA: INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTENSÍLIO DE COZINHA	
<p>19) IP - 55: conjunto de latas Função: armazenar mantimentos</p> 	<p>20) MG - 76: cilindro Função: fazer massa seca</p> 
<p>21) ZS - 32: parte de máquina Função: fazer massa</p> 	<p>22) IP - 43: máquina Função: fazer massa</p> 

Quadro 18 – Relação de Utilidades Domésticas Industriais

CATEGORIA: INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTILIDADE DOMÉSTICA	
<p>1) AB - 71: ferro de passar roupas Função: passar roupas</p> 	<p>2) IP - 49: ferro de passar roupas Função: passar roupas</p> 
<p>3) MG - 48: ferro de passar roupa e grade Função: passar roupas à brasa e grade para apoiar o ferro</p> 	<p>4) AB - 72: ferro de passar roupas Função: passar roupas</p> 
<p>5) ZS - 35: ferro de passar roupas Função: passar roupas</p> 	<p>6) IP - 48: ferro de passar roupas Função: passar roupas</p> 

Quadro 18 – Relação de Utilidades Domésticas Industriais (continuação)

CATEGORIA: INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTILIDADE DOMÉSTICA	
<p>7) IP - 22: pinico Função: depositar/aparar urina</p> 	<p>8) MG - 88: pinico Função: depositar/aparar urina</p> 
<p>9) AB - 78: enceradeira Função: lustrar assoalho</p> 	<p>10) ZS - 49: enceradeira Função: lustrar assoalho</p> 
<p>11) AB - 5: cortador Função: cortar grama</p> 	<p>12) AB - 53: cadeado (<i>lucchetto</i>) Função: trancar portas/portões</p> 

Quadro 18 – Relação de Utilidades Domésticas Industriais (continuação)

CATEGORIA: INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTILIDADE DOMÉSTICA	
<p>13) IP - 19: bomba Função: bombear querosene para uso em lamparina</p> 	<p>14) AB - 48: lampião/maçarico Função: iluminar ambientes</p> 
<p>15) AB - 46: lamparina a querosene Função: iluminar ambientes</p> 	<p>16) ZS - 36: lamparina Função: iluminar ambientes</p> 
<p>17) AB - 47: lampião Função: iluminar ambientes</p> 	<p>18) MG - 59: lampião Função: iluminar ambientes</p> 

Quadro 18 – Relação de Utilidades Domésticas Industriais (continuação)

CATEGORIA: INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: UTILIDADE DOMÉSTICA	
<p>19) IP - 44: lampião a querosene Função: iluminar ambientes</p> 	<p>20) ZS - 28: lamparina Função: iluminar ambientes</p> 
<p>21) AB - 83: lanterna a querosene Função: iluminar ambientes</p> 	<p>22) ZS - 26: lanterna Função: iluminar ambientes</p> 
<p>23) IP - 45: lanterna Função: iluminar ambientes</p> 	<p>24) MG - 64: lampião Função: iluminar ambientes</p> 

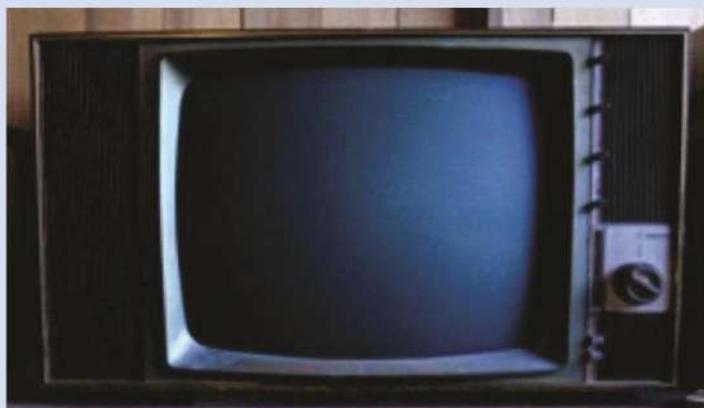
Quadro 19 – Relação de Outros Tipos de Artefatos Industriais

CATEGORIA: INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: OUTRO	
<p>1) AB - 51: máquina de cortar cabelo Função: cortar cabelo</p> 	<p>2) AB - 108: mala de garupa Função: carregar mantimentos e pertences pessoais</p> 
<p>3) MG - 91: mala de garupa Função: armazenar e transportar pertences pessoais e alimentos</p> 	<p>4) AB - 101: rádio Função: transmitir informações e proporcionar entretenimento</p> 

Quadro 19 – Relação de Outros Tipos de Artefatos Industriais (continuação)

CATEGORIA: INDUSTRIAL / SUBCATEGORIA: OUTRO

5) AB - 118: televisão (segunda ou terceira da cidade)
Função: proporcionar entretenimento



6) AB - 75: galocha
Função: proteger os pés



7) ZS - 47: bomba
Função: puxar água de poço

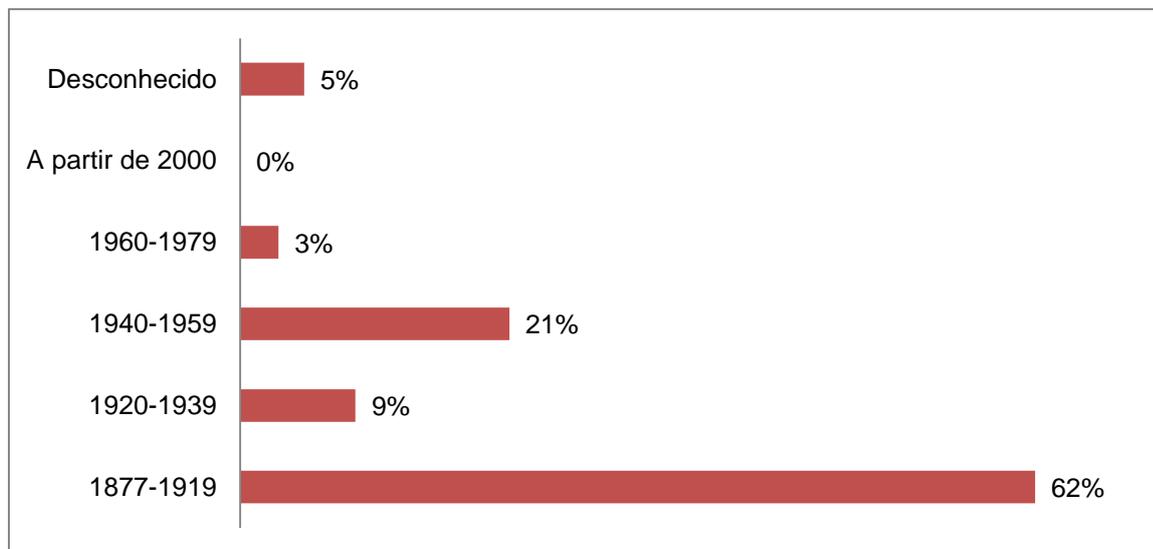


5.3.3 Análise dos Artefatos e das Narrativas

5.3.3.1 Dimensão Temporal/Espacial – Origens

Conforme o Gráfico 1, os 318 artefatos pesquisados têm, como origem, diferentes períodos, que compreendem desde o final do século XIX até o início do século XXI, exceto 5% deles, dos quais se desconhece o seu berço. Segundo seus atuais proprietários, a maioria dos artefatos (62%) foi adquirida de 1877 a 1919, ou seja, tem-se conhecimento dos mesmos desde a chegada dos primeiros imigrantes italianos na Quarta Colônia até o início do século XX. Outro montante significativo abrange os artefatos adquiridos em meados do século XX (1940-1959), somado àquele das duas décadas anteriores (1920-1939), os quais, em sua maioria, já apresentam características de produção industrial. Tais períodos coincidem com o momento de “maior surto industrial que registra a história econômica do país”, que se deu a partir de 1920 (AZEVEDO, 1996, p. 180). Provavelmente, essas peças vieram a substituir aquelas rudimentares, de acordo com o que se observa nos Quadros 20 e 21. Cabe destacar que todos os artefatos tiveram outros donos, hoje muitos já falecidos, antes de serem possuídos pelos seus atuais proprietários, como também podem ter sido por estes herdados de seus ancestrais.

Gráfico 1 – Período de Origem dos Artefatos



As plainas apresentadas no Quadro 20, a seguir, tiveram o Sr. Alexandre Marquezan (falecido) como o seu primeiro proprietário. Os dois primeiros modelos datam do início do século XX, mas a plaina “AB - 23” parece ser ainda mais antiga, bem como obtida por meio artesanal. A segunda peça, por possuir um componente em ferro com inscrição de marca e indícios de cortes realizados por máquinas, provavelmente resultou de produção semi-industrial. Já o terceiro artefato, infelizmente com data desconhecida, foi obtido por meio de fabricação industrial.

Quadro 20 – Evolução de Artefato, do Tipo “Plaina”

<p>AB - 23: plaina Função: aplainar madeira Data: início séc. XX Meio de obtenção: artesanal</p> 
<p>AB - 24: plaina Função: aplainar madeira Data: início séc. XX Meio de obtenção: semi-industrial</p> 
<p>AB - 25: plaina Função: aplainar madeira, com regulagem para alterar ângulo de inclinação Data: desconhecida Meio de obtenção: industrial</p> 

No Quadro 21, o pilão e o socador, que serviam, principalmente, para debulhar o milho a fim de se obter a quirela, têm suas origens na década de 1890. Seu primeiro proprietário foi João Cargnin, que, posteriormente, deu-os de presente de casamento a Sebastião Cargnin, além de outros donos que os possuíram na sequência. Já as outras duas peças apresentadas foram adquiridas pelo Sr. Guerino Jacomo Sachet, no início do século XX. A peça “ZS - 41” foi considerada como resultado de produção semi-industrial, diferentemente do terceiro artefato, que foi obtido por meio industrial.

Quadro 21 – Evolução de Artefato, do Tipo “Debulhador”

MG - 35: pilão e socador
 Função: descascar arroz e debulhar milho (quirela), erva mate, etc.
 Data: déc. 1890
 Meio de obtenção: artesanal



ZS - 41: debulhador
 Função: debulhar milho
 Data: início séc. XX
 Meio de obtenção: semi-industrial

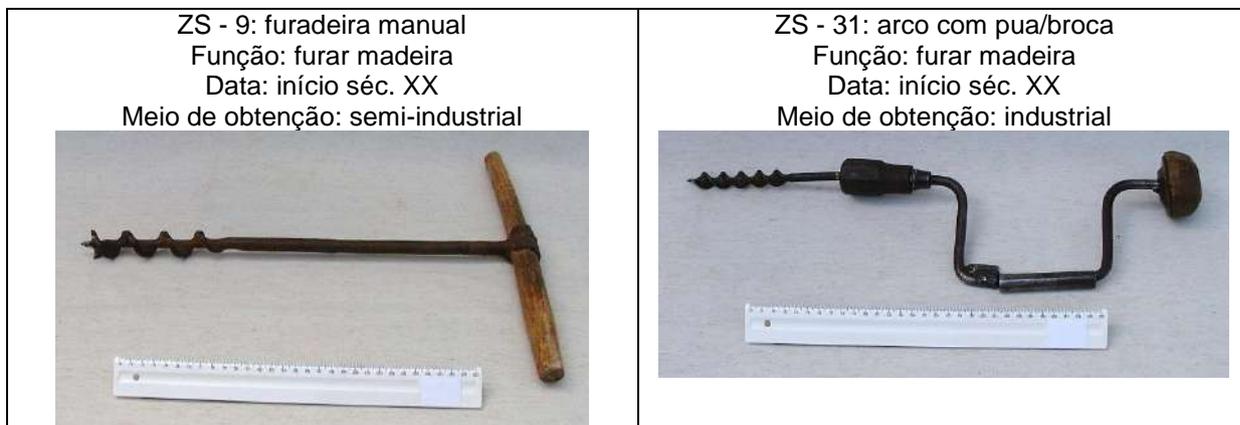


ZS - 40: debulhador
 Função: debulhar milho
 Data: início séc. XX
 Meio de obtenção: industrial



As peças apresentadas no Quadro 22 também foram adquiridas pelo Sr. Guerino Jacomo Sachet, no início do século XX. Assim, como no exemplo anterior, a peça “ZS - 9” resultou de fabricação semi-industrial, e o artefato em comparação, de produção industrial.

Quadro 22 – Evolução de Artefato, do Tipo “Furadeira”



Os três quadros anteriores mostram a evolução de um mesmo tipo de artefato no decorrer dos tempos. Inclusive, as sequências das peças apresentadas nos quadros possuíam, num primeiro momento, o mesmo dono, exceto para o artefato “MG - 35”, além dos indícios referentes aos meios de confecção, o que leva ao entendimento de que um modelo surgiu para substituir outro de feições mais rudimentares.

Algumas peças classificadas referenciam-se pela sua data exata ou o mais aproximada possível do momento em que foi dada por conhecida ou adquirida. Um dos exemplos, presentes no Quadro 23, compreende o baú vindo da Itália, trazido pelos imigrantes italianos (família Guariente) que se instalaram na Quarta Colônia, em 1878. Já a escrivaninha foi confeccionada para auxiliar nas atividades do primeiro médico da região, Dr. Guido Carlos Pazzini, no ano de 1902. Outro exemplo refere-se à amassadeira de pão, que foi adquirida, em torno dos anos de 1912 e 1913, pelas irmãs do Sagrado Coração de Maria. O lampião, também em destaque no quadro a seguir, tem a sua data de produção indeterminada, mas se garante que ele foi usado na Primeira Guerra Mundial, de acordo com as informações fornecidas pelo Museu Histórico Geringonça.

Quadro 23 – Exemplos de Artefatos com Data Exata ou Aproximada, no Período do Final do Século XIX e Início do XX

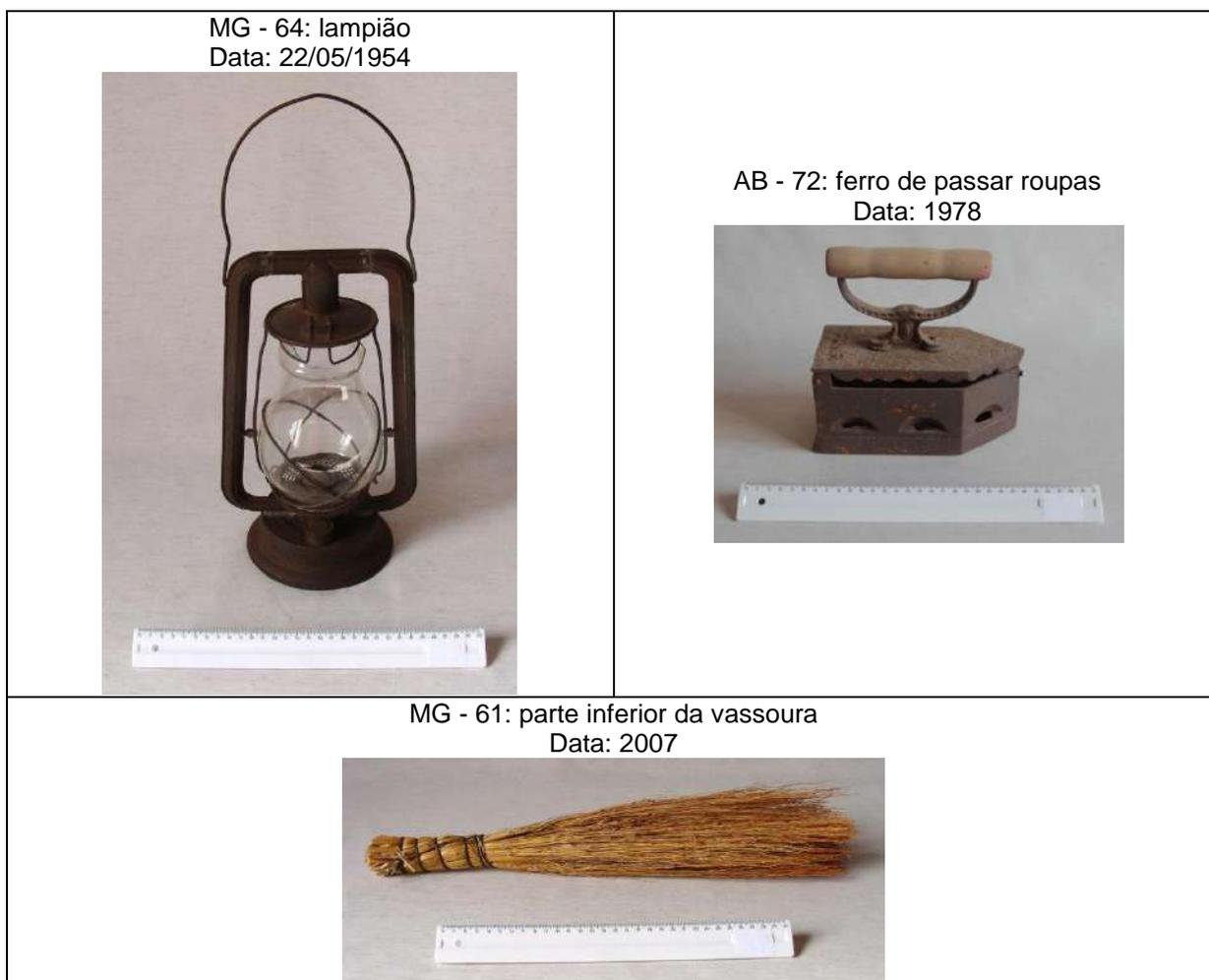
<p>AB - 92: baú Data: 1878</p> 	<p>AB - 120: escrivaninha/birô Data: 1902</p> 
<p>MG - 71: amassadeira Data: 1912/13</p> 	<p>MG - 65: lampião a banha ou querosene Data: início do século XX, usado na Primeira Guerra Mundial</p> 

O roupeiro, no Quadro 24, data de 1924, ano em que foi produzido. Já a vitrine de Genésio Ceolin (primeiro proprietário), foi confeccionada entre os anos de 1925 e 1926, para expor os produtos à venda em sua loja. Na ocasião do casamento de Genésio Sari e Élia Somavilla, em 22 de maio de 1954, estes foram presenteados com um lampião (ver Quadro 25) pelo Sr. José Zamugo. Com o mesmo propósito, o ferro de passar roupas foi dado como presente de casamento para Aléssio Borin e sua esposa Lourdes. Outro exemplo caracteriza-se pela parte inferior da vassoura, que, embora tenha sido confeccionada pelo Sr. Solenio Basso, no ano de 2007 (único artefato do século XXI referenciado na classificação), para ser exposta no Museu Histórico Geringonça, tal peça exemplifica as vassouras que foram desenvolvidas pelos imigrantes italianos e seus descendentes, desde a sua chegada à Quarta Colônia até as muitas décadas que se sucederam.

Quadro 24 – Exemplos de Artefatos com Data Exata ou Aproximada, na Década de 1920

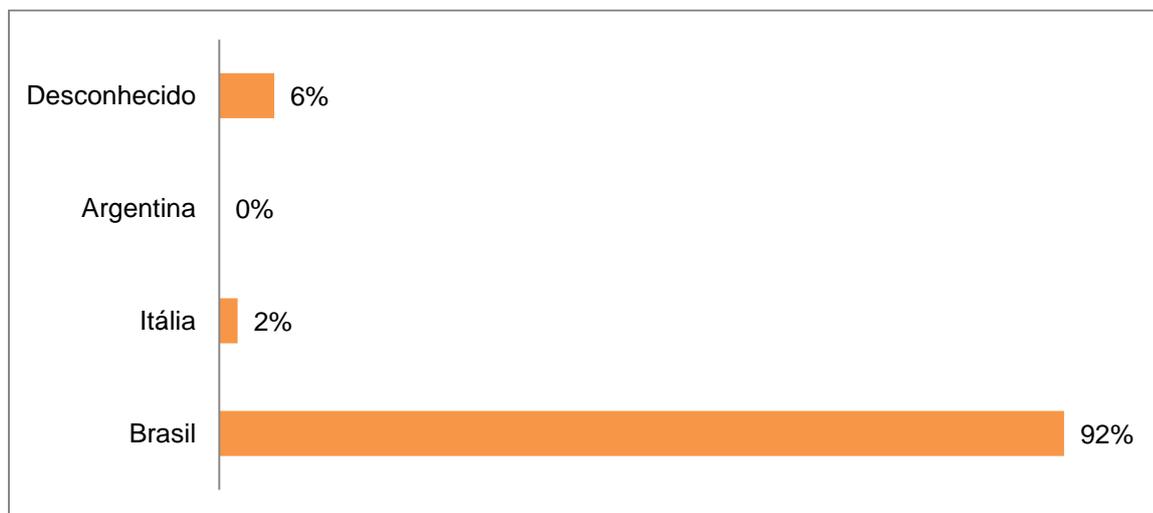


Quadro 25 – Exemplos de Artefatos com Data Exata ou Aproximada, a partir da Década de 1950



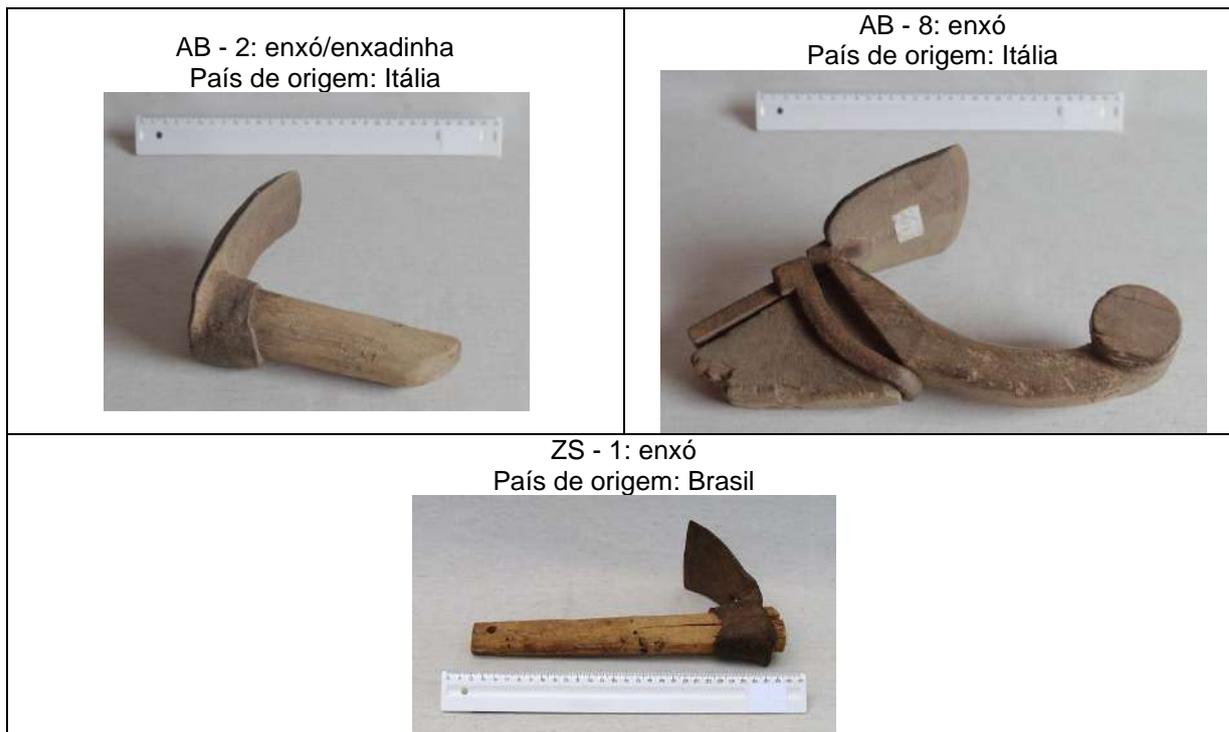
A maioria dos artefatos classificados (92%) foi adquirida no Brasil, sendo 6% do total de origem desconhecida (ver Gráfico 2). Poucas peças têm seu berço em outros países, como é o caso daquelas advindas da Itália e da Argentina, as quais podem ser observadas nos Quadros 26, 27, 28, 29 e 30, a seguir, onde tais peças foram analisadas conforme suas semelhanças e diferenças diante de artefatos adquiridos no Brasil.

Gráfico 2 – Países de Origem dos Artefatos Classificados



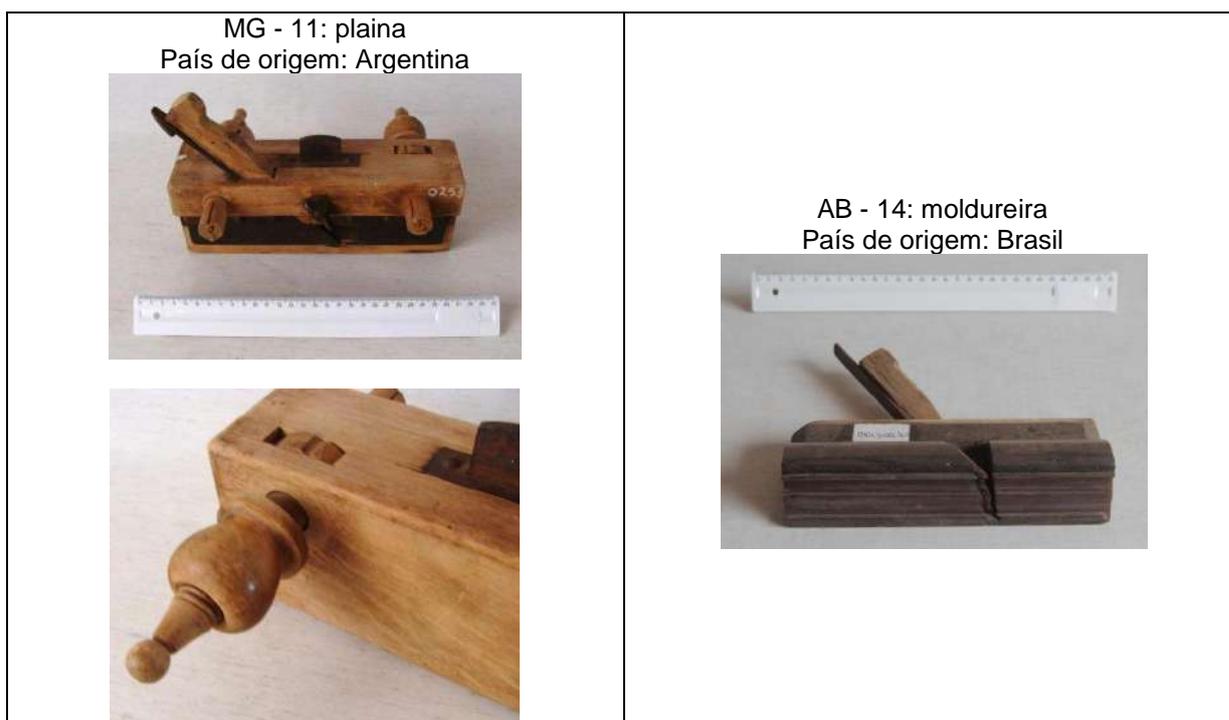
Os enxós vindos da Itália, por exemplo, apesar de possuírem a mesma função de cavar a madeira, apresentam certas características diferenciadas daquelas de artefatos de mesmo tipo adquiridos no Brasil. Comparando-se o modelo “AB - 2”, da Itália, com o “ZS - 1”, do Brasil, verificou-se que as pegas em madeira e a curvatura das lâminas assemelham-se. Já a peça “AB - 8”, também da Itália, tem características formais e estruturais completamente diferentes do artefato brasileiro, como se observa no Quadro 26. Por ser um produto um pouco mais elaborado, acredita-se que esse artefato estrangeiro tenha sido obtido por meio de produção semi-industrial, diferentemente das outras duas peças, confeccionadas de forma artesanal.

Quadro 26 – Comparativo entre Enxós da Itália e do Brasil



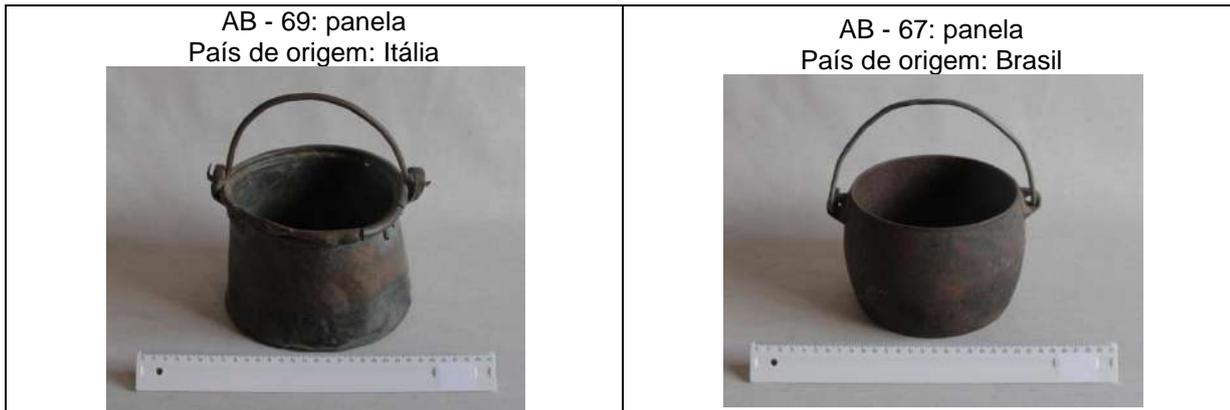
Os artefatos, no Quadro 27, apesar de terem a mesma função de cavar a madeira para proporcionar acabamento em molduras, etc., além de ambos serem compostos por madeira e ferro e obtidos por meio semi-industrial, diferem quanto as suas características formais e estruturais. Inclusive, a peça argentina possui componentes torneados não identificados em modelos brasileiros.

Quadro 27 – Comparativo entre Moldureiras da Argentina e do Brasil

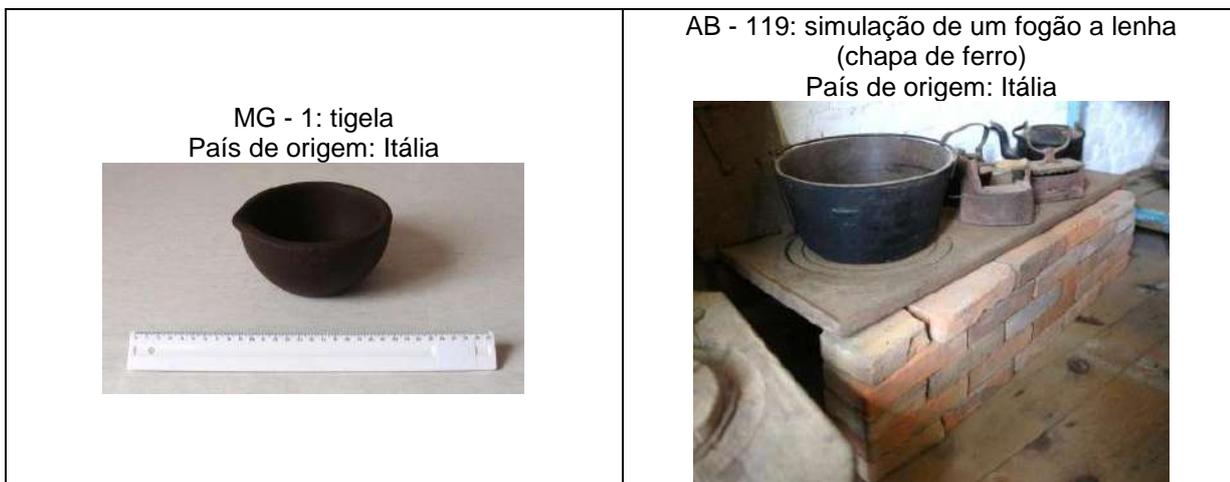


A panela "AB - 69", originária da Itália, tem em comum com o modelo "AB - 67", do Brasil, o formato da alça e o seu encaixe no recipiente (ver Quadro 28). Os diferenciais estão no material e no meio de obtenção, sendo a primeira de cobre e resultante de processo artesanal, e a segunda de ferro e produzida por meio semi-industrial. Quanto aos artefatos presentes no Quadro 29, tigela e chapa de ferro, provenientes da Itália, não foram encontrados modelos semelhantes a esses no decorrer da pesquisa de campo.

Quadro 28 – Comparativo entre Panelas da Itália e do Brasil



Quadro 29 – Artefatos oriundos da Itália



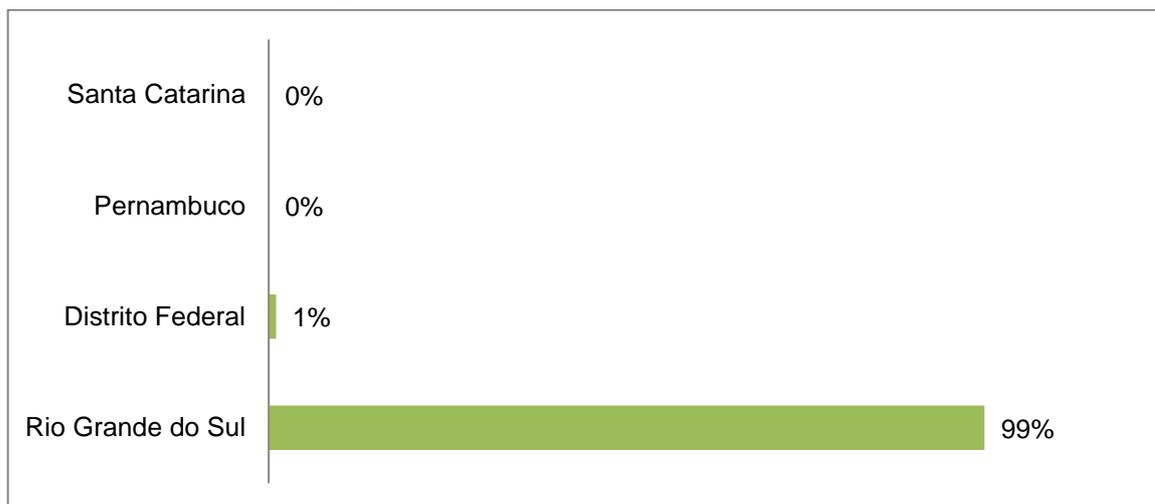
Os dois baús, um italiano e outro brasileiro, conforme relataram seus atuais proprietários (Quadro 30), são confeccionados em madeira, com travessas e cantoneiras também de madeira e metal para proteção dos artefatos. Há dobradiças, gatilhos e tranqueta nos dois modelos, apesar da diferença visível entre tais acessórios em termos de formato e estrutura. Existem resquícios de um suposto revestimento externo de estopa nos dois baús, também com a função de torná-los resistentes a danos. Ao que tudo indica, tais peças foram obtidas por fabricação semi-industrial. Talvez o baú "IP - 58" também seja proveniente da Itália.

Quadro 30 – Comparativo entre Baús da Itália e do Brasil



Quase que a totalidade dos artefatos apontados como brasileiros têm como Estado de origem o Rio Grande do Sul (99%). Apenas quatro peças procederam de outros Estados do Brasil, entre eles Distrito Federal, Pernambuco e Santa Catarina (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Estados Brasileiros de Origem dos Artefatos Classificados



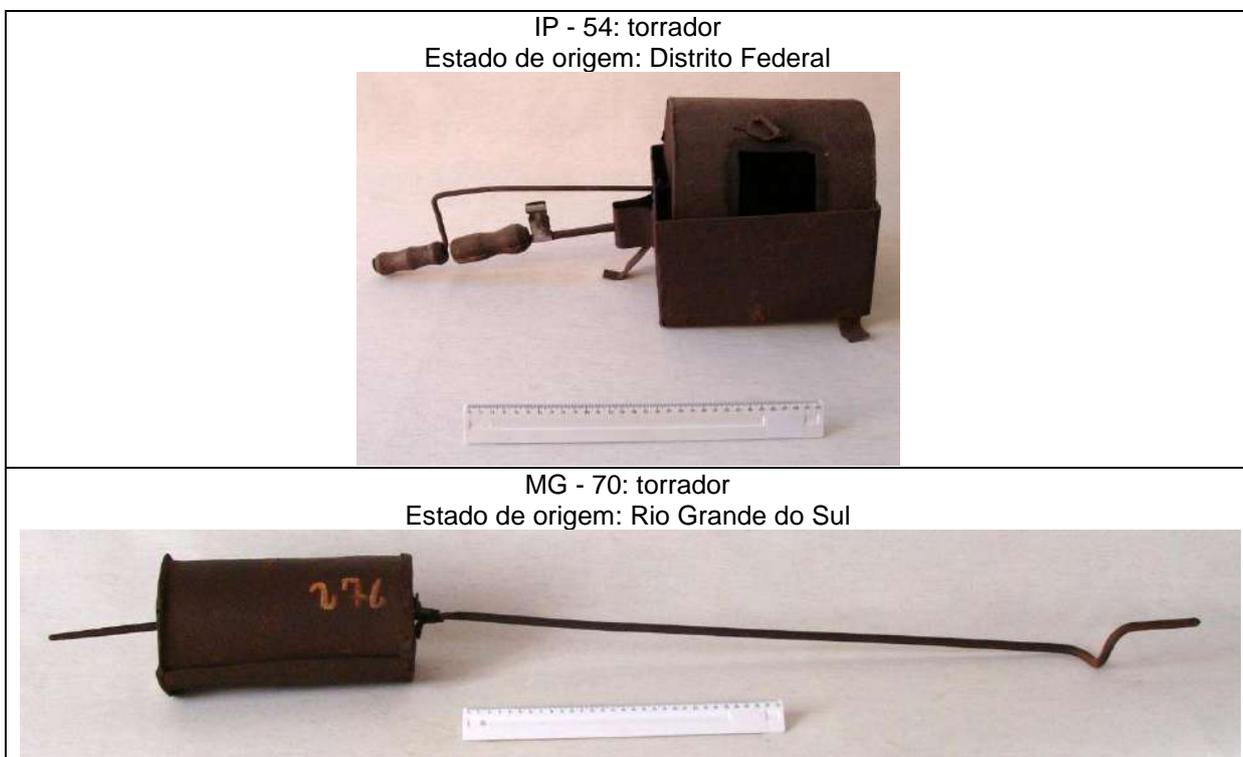
Quanto ao moedor de café advindo do Distrito Federal, esse possui aspectos formais e estruturais bem diferentes do modelo adquirido no Rio Grande do Sul (ver Quadro 31). Acredita-se

que as diferenças existam por conta dos meios de obtenção: industrial para o primeiro citado, e semi-industrial para o segundo. O mesmo aconteceu na comparação entre os torradores de café do Distrito Federal e do Rio Grande do Sul, só que o modelo do primeiro Estado mencionado foi confeccionado a partir de produção semi-industrial, enquanto que o do segundo Estado obteve-se por meio artesanal (Quadro 32).

Quadro 31 – Comparativo entre Moedores do Distrito Federal e do Rio Grande do Sul



Quadro 32 – Comparativo entre Torradores do Distrito Federal e do Rio Grande do Sul



Sobre os artefatos apontados no Quadro 33, furadeira e carretel, a seguir, não se encontrou nenhum modelo semelhante a eles e que tenha sido adquirido no Estado do Rio Grande do Sul. Há, por exemplo, outros tipos de furadeiras, que têm função diferente daquela advinda de Pernambuco. A

peça aqui apresentada serve para abrir pequenos orifícios em trabalhos de ourivesaria, apesar de o atual proprietário garantir que existem modelos como esse em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine. Por possuírem componentes torneados, ambos os artefatos foram produzidos por meio semi-industrial.

Quadro 33 – Exemplos de Artefatos advindos de Pernambuco e Santa Catarina



Conforme os Gráficos 4 e 5, quanto aos artefatos no Rio Grande do Sul, 82% deles foram dados por conhecidos ou adquiridos na região da Quarta Colônia, compreendendo os municípios de São João do Polêsine, Faxinal do Soturno, Restinga Seca, Nova Palma, Silveira Martins, Dona Francisca e Agudo. O restante originou-se das cidades de Farroupilha e Bagé, ou mantém-se sob a posse de seu proprietário em Ibarama. A maior incidência deu-se nos municípios de São João do Polêsine (35%) e Faxinal do Soturno (23%). Isso porque, no primeiro, ocorreram duas entrevistas, e no segundo, localiza-se o Museu Histórico Geringonça, onde também aconteceu a última entrevista realizada na pesquisa de campo.

Gráfico 4 – Incidência de Artefatos na Quarta Colônia e demais Cidades do Rio Grande do Sul

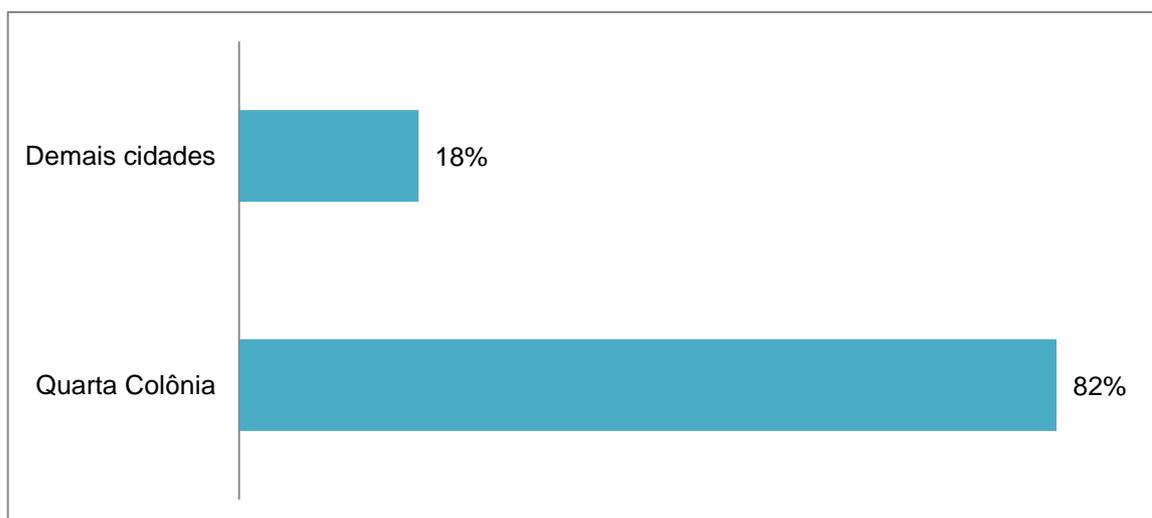
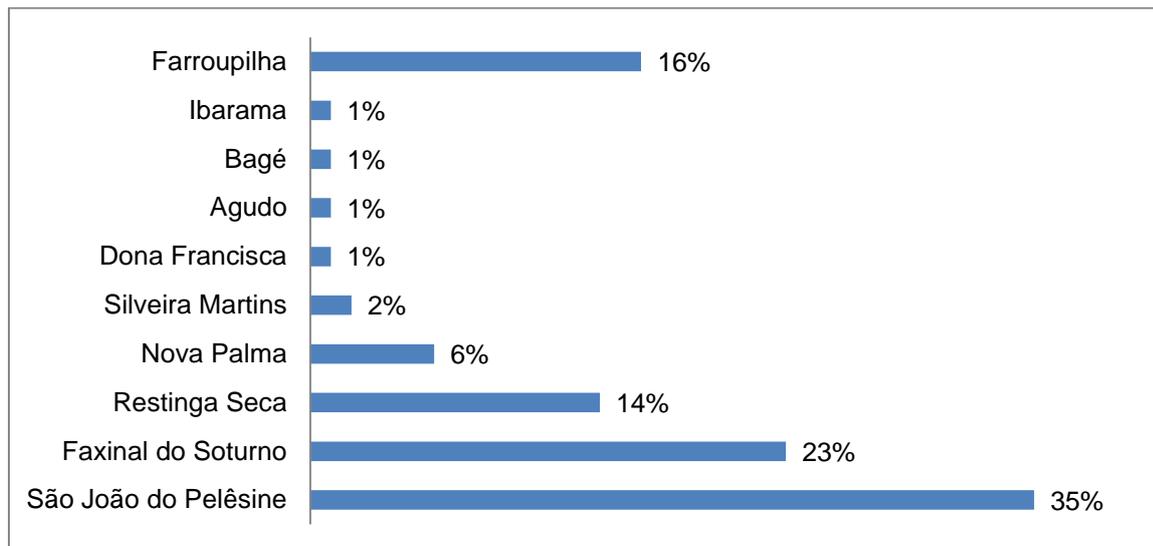


Gráfico 5 – Incidência de Artefatos em Cidades do Rio Grande do Sul



Alguns artefatos, que podem ser observados nos Quadros 34, 35, 36 e 37, por mais que tenham sido encontrados, herdados ou adquiridos dentro do Estado do Rio Grande do Sul, têm seu berço de fabricação, identificado na sua estrutura, em outros Estados do Brasil ou de fora deste país. Os produtos presentes nos Quadros 34 e 35, por exemplo, foram feitos na França e na Suécia, respectivamente, mas foram adquiridos em Nova Palma. Não se encontrou nenhum modelo parecido com o pulverizador (máquina costal) "MG - 30", exceto com características formais e estruturais completamente diferentes (ver Quadro 34), nem com o moedor de carne "MG - 52" (Quadro 35) durante a pesquisa de campo. Não se sabe também se esses produtos foram importados ou trazidos por imigrantes italianos da Europa, mas se acredita que foram obtidos por processo industrial.

Quadro 34 – Artefatos feitos no Brasil e no Exterior



Quadro 35 – Artefato feito fora do Brasil



As lanternas (lampiões), presentes nos Quadros 36 e 37, contêm a inscrição "INDÚSTRIA BRASILEIRA" na sua estrutura, comprovando que sua fabricação deu-se no Brasil, mesmo que essas tenham sido adquiridas nas cidades de Farroupilha, Restinga Seca e Faxinal do Soturno, respectivamente. Inclusive, elas aparentam ser da mesma indústria, por possuírem aspectos formais

e estruturais muito semelhantes. Não se tem informações se tais peças foram confeccionadas no Rio Grande do Sul ou fora deste Estado. Há um modelo que pode ser comparado aos demais quanto a sua função, com o propósito de iluminar ambientes, mas suas características em relação ao formato e à estrutura são um pouco distintas, além de não possuir inscrição sobre origem de fabricação.

Quadro 36 – Artefatos produzidos no Brasil

ZS - 26: lanterna
Lugar de origem: Farroupilha
Inscrição: "INDÚSTRIA BRASILEIRA"



IP - 45: lanterna
Lugar de origem: São Rafael, distrito de Restinga Seca
Inscrição: "INDÚSTRIA BRASILEIRA"



Quadro 37 – Comparativo entre Artefatos com e sem Inscrição de Procedência



Já os artefatos apresentados nos Quadros 38, 39, 40 e 41 possuem inscrições quanto a sua origem específica, ou seja, de quais cidades originaram-se, como São Leopoldo-RS, Curitiba-PR e São Paulo-SP, mesmo que eles tenham sido dados por conhecidos em municípios da Quarta Colônia. Há outros modelos semelhantes a esses e que foram classificados a partir da pesquisa de campo, que podem ser observados e comparados a partir dos quadros, a seguir, exceto em relação à peça "MG - 50" (ver Quadro 41). Todos eles foram produzidos por meio de processo industrial. O bule "IP - 35", por exemplo, possui semelhanças em relação à leiteira "AB - 57", como pega em madeira, mas difere quanto ao "bico" do recipiente (Quadro 38).

Quadro 38 – Comparativo entre Artefatos com e sem Inscrição de Procedência

<p>AB - 57: leiteira Lugar de origem: Sítio dos Melo, Faxinal do Soturno Inscrição: "SÃO LEOPOLDO"</p>  	<p>IP - 35: bule Lugar de origem: São João do Polêsine</p> 
---	---

Os dois primeiros ferros de passar roupas são provenientes de São Paulo-SP, inclusive foram fabricados pela mesma empresa ("MIMOSO"). O terceiro modelo, apesar de suas semelhanças formais e estruturais com os demais, não apresenta inscrição de procedência (ver Quadro 39).

Quadro 39 – Comparativo entre Artefatos com e sem Inscrição de Procedência



A primeira chaleira apresentada no Quadro 40 provém de São Paulo-SP. Nenhum outro modelo, apesar das semelhanças formais e estruturais, tem inscrição de procedência. As peças "AB - 62" e "MG - 56" possuem um reforço na parte central da alça para proteger a mão de possíveis queimaduras.

Quadro 40 – Comparativo entre Artefatos com e sem Inscrição de Procedência

<p>MG - 57: chaleira Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno Inscrição: "S. PAULO"</p>  	
<p>AB - 62: chaleira Lugar de origem: São João do Polêsine</p> 	<p>IP - 28: chaleira Lugar de origem: São João do Polêsine</p> 
<p>AB - 68: chaleira Lugar de origem: São João do Polêsine</p> 	<p>MG - 56: chaleira Lugar de origem: Faxinal do Soturno</p> 

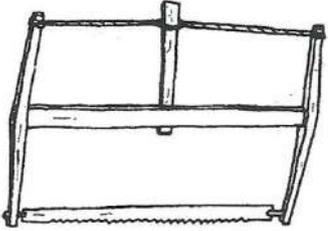
Quadro 41 – Artefato produzido em Cidade do Brasil



Como se pode perceber nos quadros a seguir, em relação aos artefatos representativos da civilização rural de *Val Leogra*, vale localizado na Região de Vêneto, na Itália, há muitas peças semelhantes a eles que foram encontradas no Rio Grande do Sul, principalmente na Quarta Colônia. A partir disso, realizou-se um comparativo entre esses grupos de artefatos, a fim de se analisar suas características funcionais, estruturais e formais, as quais não sofreram transformações significativas, pelo menos até o início do século XX, em ambas as regiões mencionadas. Em casos específicos, existem modelos que, mesmo possuindo as mesmas funções, por exemplo, podem variar quanto à estrutura e/ou à forma. Sendo assim, acredita-se que os artefatos precederam da Itália, foram copiados ou adquiridos de forma aleatória no Brasil.

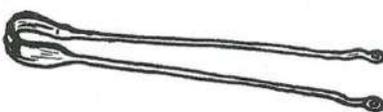
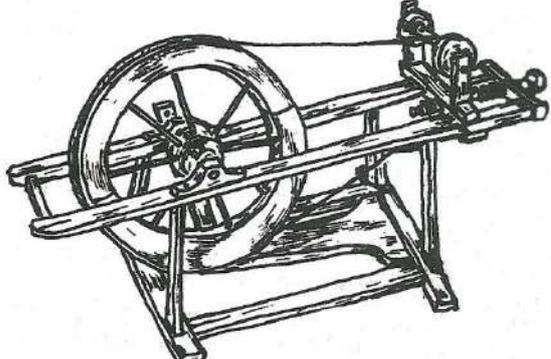
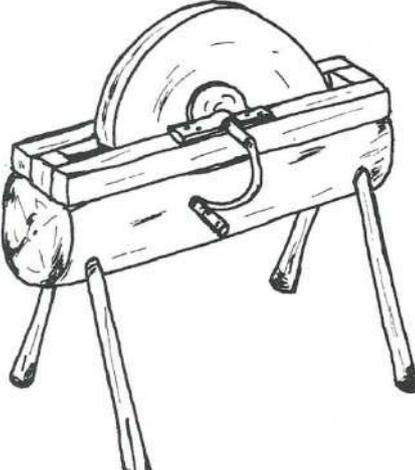
Cabe destacar que as funções descritas nos quadros foram retiradas do livro de Barsin (1986), bem como dos depoimentos dos proprietários dos artefatos presentes no Rio Grande do Sul. Em se tratando dos artefatos para manufatura ou trabalho pesado, mesmo sendo muito semelhantes, tais peças, apresentadas no Quadro 42, possuem alguns detalhes diferenciados como: a lâmina da machadinha da Quarta Colônia (QC) é mais larga que a de *Val Leogra* (VL); a lâmina do serrote da “QC” tem uma leve curvatura em relação ao de “VL”; e o serrote da “QC” possui um sistema para estender a lâmina diferente daquele de “VL”.

Quadro 42 – Comparativo entre Artefatos de *Val Leogra* e da Quarta Colônia

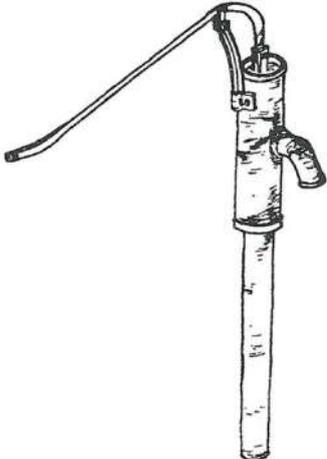
<p>Machado Função: cortar madeira</p> 	<p>MG - 5: machadinha Função: cortar madeira</p> 
<p>Serrote Função: cortar madeira</p> 	<p>IP - 8: serrote Função: cortar lenha</p> 
<p>Serra Função: cortar ramos</p> 	<p>AB - 36: serrote Função: cortar madeira</p> 

Ainda considerando os artefatos para manufatura ou trabalho pesado, todos eles, os quais apresentados nos Quadros 43 e 44, a seguir, têm características em comum, que se observaram a partir do comparativo entre os artefatos de Vêneto (V) e do Rio Grande do Sul (RS). Apenas alguns detalhes formais e estruturais se diferem, como o pegador de Farroupilha se compõe de uma chapa larga de ferro, ao contrário do pegador de "V", feito por um fio de metal em grande parte de sua estrutura; as rocas possuem aspectos estruturais diferenciados, apesar de terem a mesma finalidade; o mesmo acontece com os rebolos, ainda que esteja faltando uma parte do artefato de Farroupilha (Quadro 43), e as bombas d'água (Quadro 44). Talvez a cunha de Farroupilha tenha sua base, onde se efetuaram as marteladas, mais alargada por conta do seu próprio uso (Quadro 43).

Quadro 43 – Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul

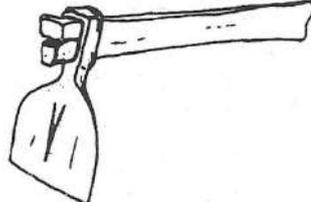
<p>Cunha Função: dividir troncos</p> 	<p>ZS - 18: cunha Função: lascar madeira</p> 
<p>Pegador Função: agarrar coisas quentes</p> 	<p>ZS - 10: pegador Função: pegar brasa</p> 
<p>Roca Função: fiar lã</p> 	<p>MG - 80: roca de fiar Função: fiar lã</p> 
<p>Rebolo Função: afiar facas e lâminas</p> 	<p>ZS - 46: rebolo Função: afiar facão, foice, enxada, etc.</p> 

Quadro 44 – Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul

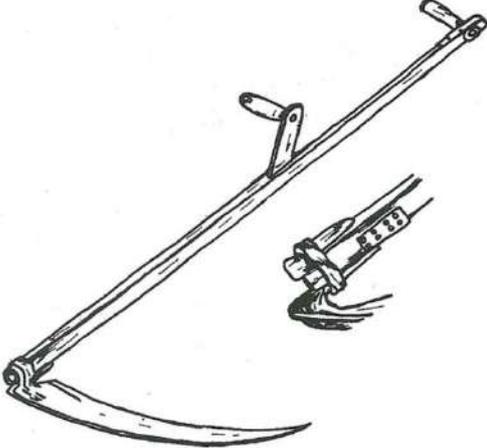
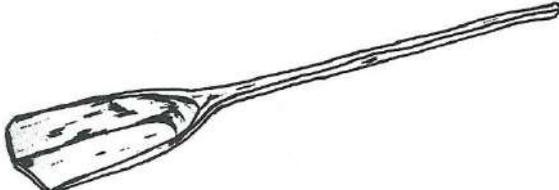
<p style="text-align: center;">Bomba d'água Função: fazer sair líquidos à superfície</p> 	<p style="text-align: center;">ZS - 47: bomba Função: puxar água de poço</p> 
---	--

Quanto aos artefatos para atividade agropecuária, apresenta-se também a incidência dos mesmos modelos de “VL” na região da “QC”. As diferenças estão presentes no formato das lâminas das enxadas e das foicinhas (Quadro 45); na haste do gadanho de feitura artesanal da “QC”, comparada àquela mais elaborada, de “VL”; na estrutura das forcas (Quadro 46). Já as pás são, praticamente, iguais (Quadro 46).

Quadro 45 – Comparativo entre Artefatos de Val Leogra e da Quarta Colônia

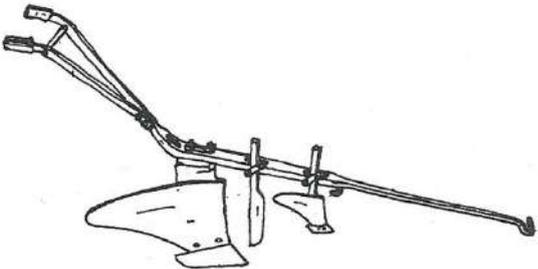
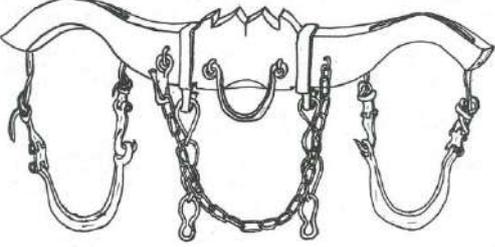
<p style="text-align: center;">Enxada Função: capinar</p> 	<p style="text-align: center;">IP - 5: enxada Função: capinar campo/horta</p> 
<p style="text-align: center;">Foicinha Função: cortar espigas e sorgo</p> 	<p style="text-align: center;">MG - 38: foicinha Função: cortar trigo e aveia</p> 

Quadro 46 – Comparativo entre Artefatos de *Val Leogra* e da Quarta Colônia

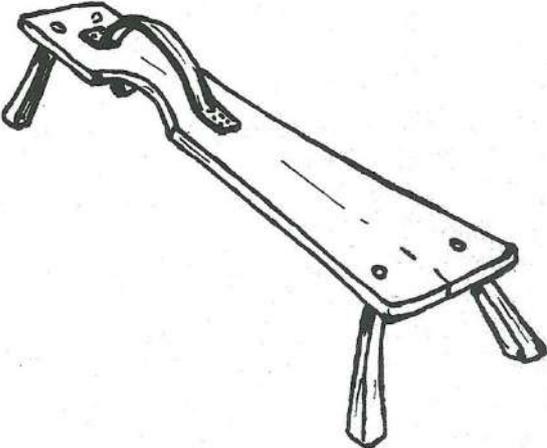
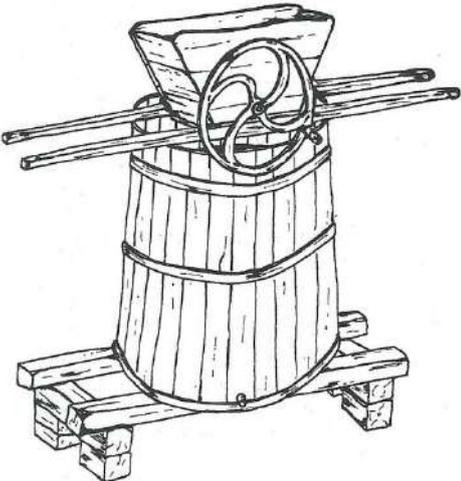
<p>Gadanha Função: cortar</p> 	<p>MG - 39: gadanho Função: cortar grama, pasto, etc.</p> 
<p>Forca Função: usar na agricultura</p> 	<p>MG - 23: garfo (<i>forca</i>) Função: esparramar palha</p> 
<p>Pá Função: mover ou recolher trigo, sorgo ou outros grãos</p> 	<p>MG - 31: pá Função: aventar grãos</p> 

Ainda quanto a artefatos utilizados em atividades agropecuárias, apresentou-se no comparativo do Quadro 47 uma parte do arado, denominada pá ou ponta deste equipamento, não encontrada de forma semelhante em “VL”, mas se sabe que possuíam a mesma finalidade. Outros exemplos que detêm a mesma função, apesar das diferenças formais e estruturais, representam-se pelas cangas e focinheiras. Tais características também foram percebidas na comparação entre os sinos e os debulhadores de “VL” e da “QC”, presentes no Quadro 48. Já os trituradores de “V” e de Farroupilha são muito semelhantes.

Quadro 47 – Comparativo entre Artefatos de *Val Leogra* e da Quarta Colônia

<p>Parte do arado Função: lavrar terra</p> 	<p>MG - 27: pá (ponta) de arado Função: parte do arado que serve para lavrar os campos</p> 
<p>Canga Função: prender os bois à carroça</p> 	<p>AB - 41: canga Função: prender as cabeças dos bois para trabalhos agrícolas</p> 
<p>Mordaça Função: privar o gado de comer durante o trabalho</p> 	<p>IP - 23: focinheira Função: privar o gado de comer pasto</p> 

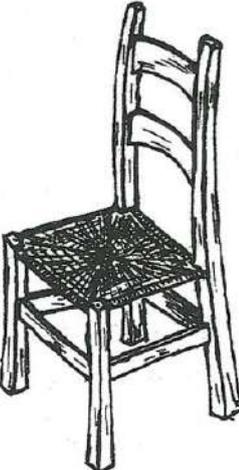
Quadro 48 – Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul

<p>Sino Função: distinguir vacas ou guiar rebanho</p> 	<p>AB - 86: guia de tropa Função: produzir som para guiar a tropa, usada no pescoço da mula ou boi mais manso</p> 
<p>Debulhador Função: separar grãos dos ramos</p> 	<p>AB - 34: separador de sementes Função: separar as sementes do algodão</p> 
<p>Triturador Função: triturar uvas</p> 	<p>ZS - 44: moedor Função: moer uvas</p> 

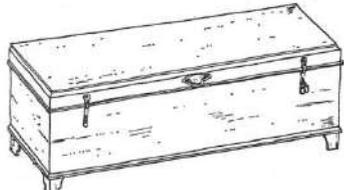
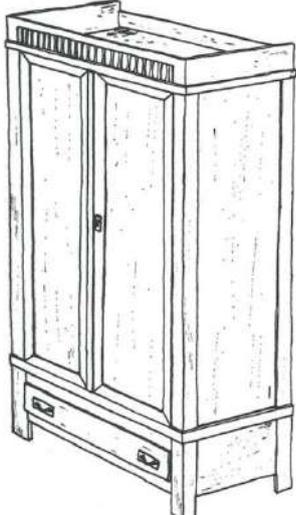
Os móveis apresentados nos Quadros 49 e 50, a seguir, possuem também suas peculiaridades, considerando o comparativo entre os artefatos das regiões já mencionadas. O banco de “VL” contém “pés” mais alongados do que aquele da “QC”; a cadeira da “QC” possui diferenciação quanto às tramas da palha do assento, bem como quanto à quantidade de travessas na parte inferior da mesma, em relação à cadeira de “VL” (Quadro 49). Já os três móveis subsequentes (Quadros 49 e

50) apresentam certa robustez, muitas vezes adornados, no caso daqueles representativos de “VL”. Contudo, o roupeiro da “QC” também contém atributos estéticos mais elaborados, o que talvez caracterize a presença de fábricas na região.

Quadro 49 – Comparativo entre Artefatos de *Val Leogra* e da Quarta Colônia

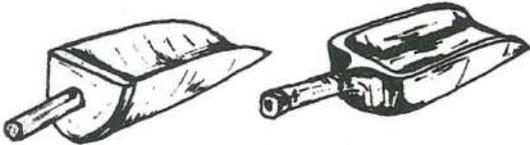
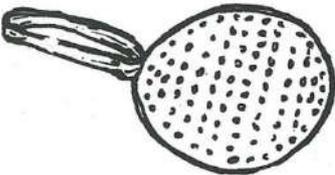
<p>Banco Função: proporcionar assento</p> 	<p>MG - 41: banco Função: proporcionar assento</p> 
<p>Cadeira Função: proporcionar assento</p> 	<p>IP - 50: cadeira Função: proporcionar assento</p> 
<p>Cama Função: móvel em que a pessoa deita-se para dormir/descansar</p> 	<p>MG - 90: cama Função: móvel em que a pessoa deita-se para dormir/descansar</p> 

Quadro 50 – Comparativo entre Artefatos de *Val Leogra* e da Quarta Colônia

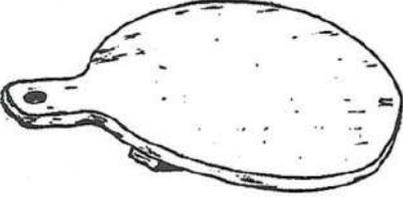
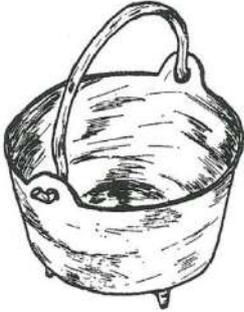
<p style="text-align: center;">Baú do enxoval Função: armazenar enxoval</p> 	<p style="text-align: center;">IP – 58: baú Função: armazenar roupas</p> 
<p style="text-align: center;">Roupeiro Função: armazenar roupas</p> 	<p style="text-align: center;">AB – 99: roupeiro Função: armazenar roupas e pertences pessoais</p> 

Sobre o comparativo entre os utensílios de cozinha de “V” e do “RS” (Quadro 51), os funis são, praticamente, iguais; já as pás, do contrário, são, completamente, diferentes, em termos formais e estruturais, inclusive uma compõe-se em madeira, a outra, em metal; as escumadeiras possuem pegas diferenciadas; as colheres de pau são semelhantes por conta de sua rusticidade; e as facas, peças mais elaboradas, também são quase iguais. Quanto aos artefatos do Quadro 52, a tábua encontrada na “QC” tem sua pega mais arredondada que a de “VL”, e esta apresenta uma travessa na sua parte inferior, diferentemente daquela; já os formatos dos caldeirões são um pouco diferentes, apesar da semelhança dos encaixes das alças nos recipientes, onde o modelo de “VL” possui três “pés” curtos de apoio, e o da “QC”, uma base circular.

Quadro 51 – Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul

<p>Funil Função: despejar o vinho em baldes</p> 	<p>AB - 49: funil Função: despejar banha/líquido em latas</p> 
<p>Pá Função: mover farinha ou outros alimentos a granel</p> 	<p>AB - 55: medidor Função: medir quantidades/porções de grãos, farinha, etc.</p> 
<p>Escumadeira Função: auxiliar na lavagem da nata</p> 	<p>MG - 46: escumadeira Função: escorrer água ou azeite de alimentos</p> 
<p>Pá de madeira Função: mexer polenta</p> 	<p>IP - 21: colher de pau (<i>méscola</i>) Função: mexer polenta</p> 
<p>Faca Função: cortar carne</p> 	<p>ZS - 30: facão Função: cortar lenha, graveto, etc.</p> 

Quadro 52 – Comparativo entre Artefatos de *Val Leogra* e da Quarta Colônia

<p>Tábua Função: despejar polenta</p> 	<p>IP - 39: tábua/"polenteiro" Função: suporte para polenta</p> 
<p>Caldeirão Função: cozinhar polenta, etc.</p> 	<p>MG - 55: panela Função: cozinhar polenta</p> 

As frigideiras, apresentadas no Quadro 53, são, praticamente, iguais. Já as três peças subsequentes exibem particularidades visivelmente diferentes, considerando-se o comparativo proposto: o bule da "QC" apresenta a localização da sua pega diferente em relação ao jarro de "VL", tendo, o recipiente do primeiro, forma cônica, e do segundo, arredondada, apesar da coincidência do recorte nas pontas dos "bicos" de ambos os artefatos; a fôrma da "QC" possui ondulações nas suas laterais, enquanto que as de "VL" são lisas, além do fundo ornamentado; o formato e o desenho da trama dos arames da cesta da "QC" diferem daquela de "VL".

Quadro 53 – Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul

<p>Frigideira Função: fritar alimentos</p> 	<p>ZS - 39: frigideira Função: fritar alimentos</p> 
<p>Jarro Função: conservar e servir líquidos</p> 	<p>IP - 35: bule Função: servir café, leite, etc.</p> 
<p>Fôrma Função: cozinhar bolos</p> 	<p>IP - 29: fôrma Função: dar forma à cuca, ao cozinhá-la</p> 
<p>Cesta Função: transportar frutas e verduras, e drenar salada</p> 	<p>IP - 15: cesta Função: armazenar ovos ou secar verduras por meio do balanço do artefato</p> 

A partir do comparativo apresentado no Quadro 54, observou-se que as cestas possuem tramas diferentes; o pilão e o socador de “VL” são menores por serem de uso doméstico, ao contrário dos artefatos da “QC”, usados em trabalhos pesados, e, por isso, são de proporções maiores; e a batedeira de “VL” contém um elo de metal a mais, circundando a parte central do recipiente, além de possuir uma travessa na parte da pega, em contrapartida, não porta uma pega superior no recipiente como apresenta o artefato da “QC”.

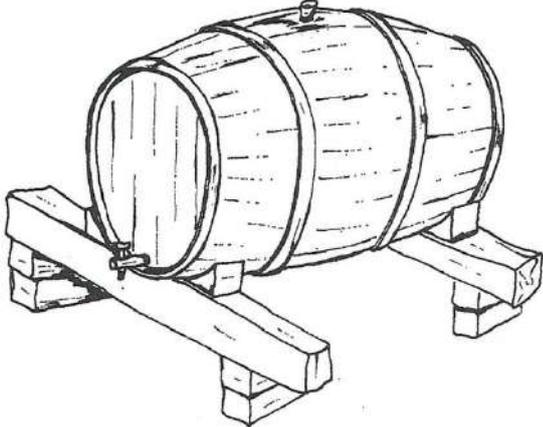
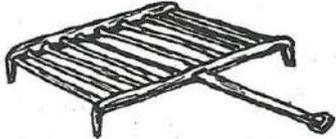
Quadro 54 – Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul

<p>Cesta de vime Função: auxiliar na colheita, armazenar e/ou transportar pães, frutas, ovos, manter a choca com os ovos, entre outras</p> 	<p>AB - 73: cesta Função: armazenar ovos</p> 
<p>Pilão e socador Função: moer o sal grosso</p> 	<p>MG - 35: pilão e socador Função: descascar arroz e debulhar milho (quirela), erva mate, etc.</p> 
<p>Batedeira Função: bater manteiga</p> 	<p>ZS - 25: bateadeira Função: bater manteiga</p> 

As três peças presentes no Quadro 55 são muito similares, porém, quanto às duas primeiras, há algumas diferenciações: acredita-se que o barril de “VL” seja maior do que o de Farroupilha, além das diferentes localizações dos elos de metal que circundam os artefatos; a haste de apoio superior

da “trampa” de Farroupilha é mais alongada que a de “VL”. Já as grelhas são muito parecidas, desconsiderando-se as deformações da peça da “QC”, provavelmente, ocorridas por conta do uso.

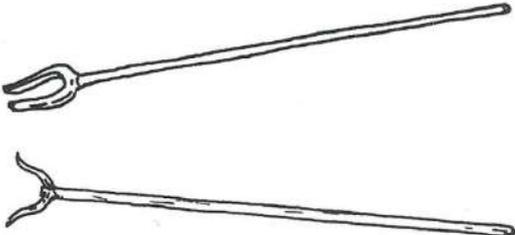
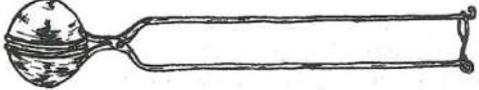
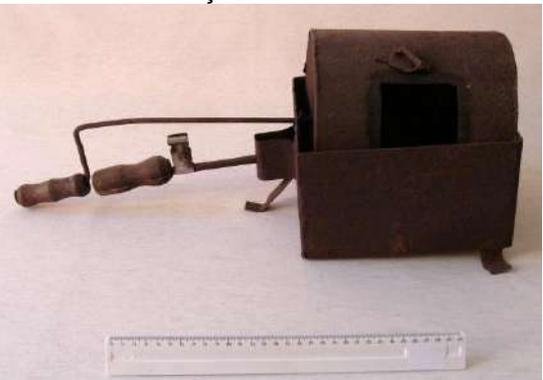
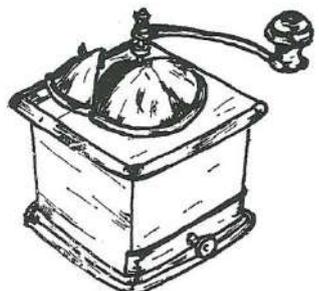
Quadro 55 – Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul

<p style="text-align: center;">Barril Função: armazenar vinho ou outros líquidos</p> 	<p style="text-align: center;">ZS - 23: barril Função: armazenar água</p> 
<p style="text-align: center;">Corrente Função: pendurar caldeirão sobre o fogo</p> 	<p style="text-align: center;">ZS - 29: “trampa” Função: pendurar a panela acima do fogo</p> 
<p style="text-align: center;">Grelha Função: assar polenta ou outros alimentos</p> 	<p style="text-align: center;">MG - 87: grelha Função: apoiar alimentos para assar sobre o fogo</p> 

No Quadro 56, os dois primeiros utensílios, apesar de possuírem a mesma funcionalidade, diferem formal e estruturalmente daqueles a que são comparados: as hastes para mexer na brasa possuem ponteiros diferentes, uma em forma de pá, as outras em forma de “dentes”; os torradores

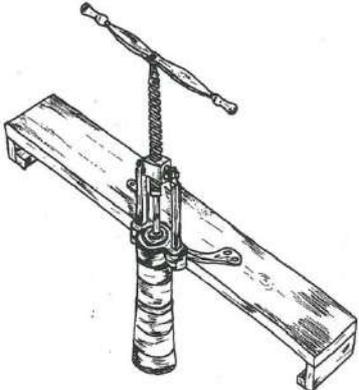
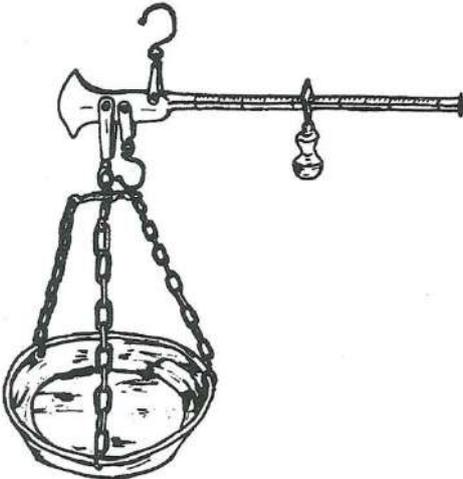
são completamente diferentes, considerando-se os aspectos citados, exceto também quanto as suas funções. Já os moedores são muito semelhantes, porém o modelo de Farroupilha não apresenta puxador na gaveta, nem pega na ponta da haste superior.

Quadro 56 – Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul

<p>Dente de leão Função: mexer na brasa</p> 	<p>MG - 58: pá Função: mexer na brasa</p> 
<p>Torradeira Função: torrar café ou outros grãos</p> 	<p>IP - 54: torrador Função: torrar café</p> 
<p>Moedor Função: moer café ou outros grãos</p> 	<p>ZS - 24: moedor Função: moer grãos de café, pimenta, etc.</p> 

No Quadro 57, a seguir, as amassadeiras são completamente diferentes, apesar de possuírem a mesma função. Já as outras peças são muito semelhantes aos artefatos a que são comparadas, talvez com alguma diferenciação em termos formais e ausência de componentes, como é o caso do gancho central sobre a bandeja da balança de Farroupilha, parte faltante naquela de “VL”.

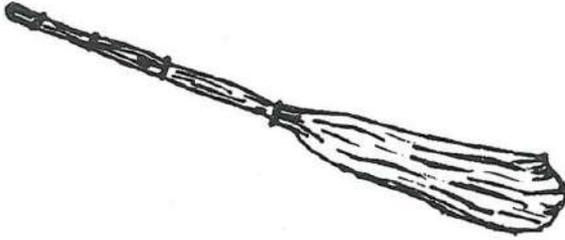
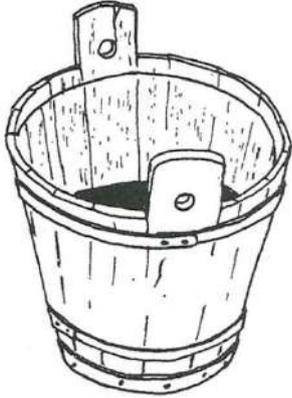
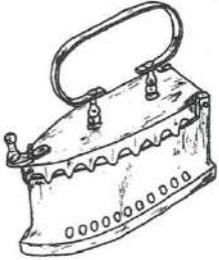
Quadro 57 – Comparativo entre Artefatos de Vêneto e do Rio Grande do Sul

<p>Máquina de amassar Função: sovar massas, como a do pão</p> 	<p>MG - 71: amassadeira Função: amassar pão</p> 
<p>Máquina de fazer macarrão Função: fazer macarrão</p> 	<p>MG - 76: cilindro Função: fazer massa seca</p> 
<p>Balança Função: pesar mercadorias</p> 	<p>ZS - 37: balança Função: pesar mantimentos</p> 

Quanto às utilidades domésticas apresentadas no Quadro 58, as três primeiras exibem características funcionais, estruturais e formais, praticamente, idênticas. Já os ferros de passar

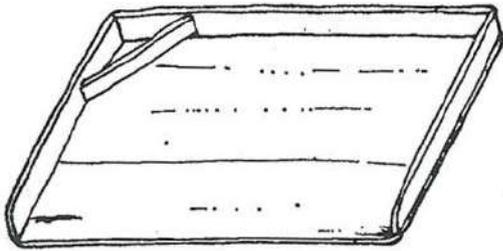
roupas, apesar de conterem a mesma quantidade de elementos, estes diferem em relação aos seus formatos, além de o artefato da “QC” conter uma pega em madeira, ausente naquele de “VL”.

Quadro 58 – Comparativo entre Artefatos de *Val Leogra* e da Quarta Colônia

<p>Vassoura Função: limpar estábulo, quintal ou varanda</p> 	<p>MG - 61: parte inferior da vassoura Função: varrer chão ou, eventualmente, parede, teto, muro, etc.</p> 
<p>Pega mosca Função: pegar moscas</p> 	<p>AB - 76: pegador de mosca Função: pegar moscas</p> 
<p>Tina Função: auxiliar na lavagem do material ou da roupa do dia</p> 	<p>AB - 81: balde Função: armazenar líquidos/alimentos</p> 
<p>Ferro de passar roupas Função: passar roupas</p> 	<p>IP - 48: ferro de passar roupas Função: passar roupas</p> 

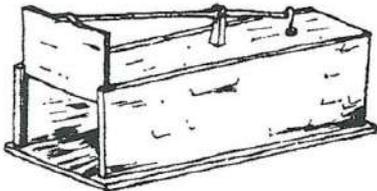
Sobre as peças do Quadro 59: as tábuas de lavar roupas diferem totalmente, em termos formais e estruturais; os lampiões são muito semelhantes em relação a tais aspectos; e as lamparinas são um pouco diferentes quanto aos seus formatos, ainda com a ausência do bulbo de vidro no modelo da "QC".

Quadro 59 – Comparativo entre Artefatos de *Val Leogra* e da Quarta Colônia

<p>Tábua de lavar roupas Função: auxiliar na lavagem de roupas</p> 	<p>IP - 40: lavador Função: lavar roupa</p> 
<p>Lampião Função: iluminar ambientes da casa ou fora dela por carroceiros</p> 	<p>AB - 83: lanterna a querosene Função: iluminar ambientes</p> 
<p>Lâmpada a gás Função: iluminar ambientes</p> 	<p>AB - 46: lamparina a querosene Função: iluminar ambientes</p> 

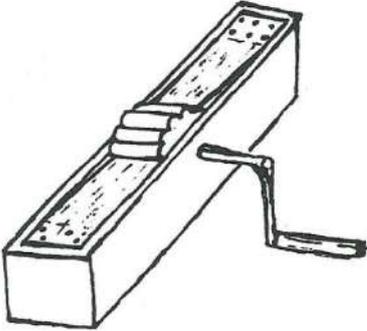
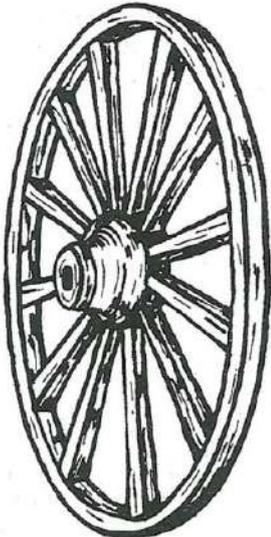
Quanto a outros tipos de artefatos (Quadro 60), as ratoeiras encontradas em “VL” e na “QC” são, completamente, díspares, apesar de possuírem a mesma função, sendo a da segunda região resultante de fazer artesanal; já as cestas são muito semelhantes, inclusive quanto à trama das palhas, porém o modelo de “VL” tem alças mais compridas do que as da “QC”.

Quadro 60 – Comparativo entre Artefatos de *Val Leogra* e da Quarta Colônia

<p>Armadilha para ratos Função: apanhar rato</p> 	<p>MG – 78: ratoeira Função: apanhar rato</p> 
<p>Cesta Função: transportar compras ou comida</p> 	<p>MG – 60: sacola (<i>spòrta</i>) Função: armazenar e carregar alimentos ou objetos pessoais</p> 

Os últimos artefatos apresentados, conforme o Quadro 61, também contam com algumas particularidades: as matracas são diferentes, até porque o desenho daquela de “VL” não exhibe detalhes significativos para que se desenvolva um comparativo mais apurado; já as rodas assemelham-se, apesar da quantidade de aros ser diferente para ambos os modelos.

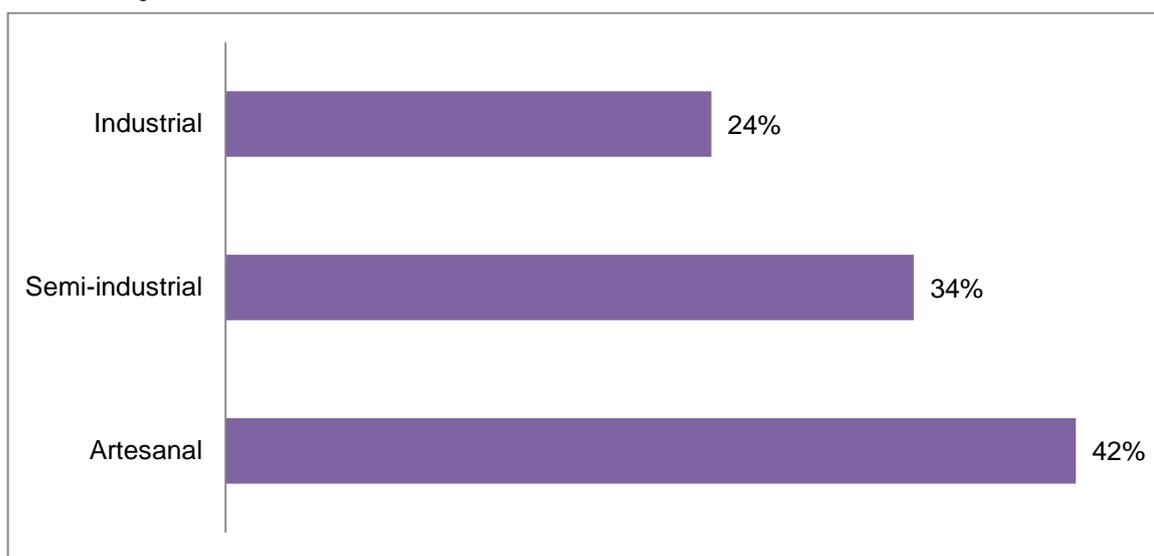
Quadro 61 – Comparativo entre Artefatos de *Val Leogra* e da Quarta Colônia

<p><i>Ràcola</i> Função: produzir barulho</p> 	<p>AB - 77: matraca Função: produzir som; era usada na Semana Santa, para chamar a população a participar das celebrações religiosas</p> 
<p>Roda Função: proporcionar movimento à carreta</p> 	<p>MG - 72: roda Função: proporcionar movimento à carreta</p> 

5.3.3.2 Dimensão Funcional/Usual/Indicial – Particularidades

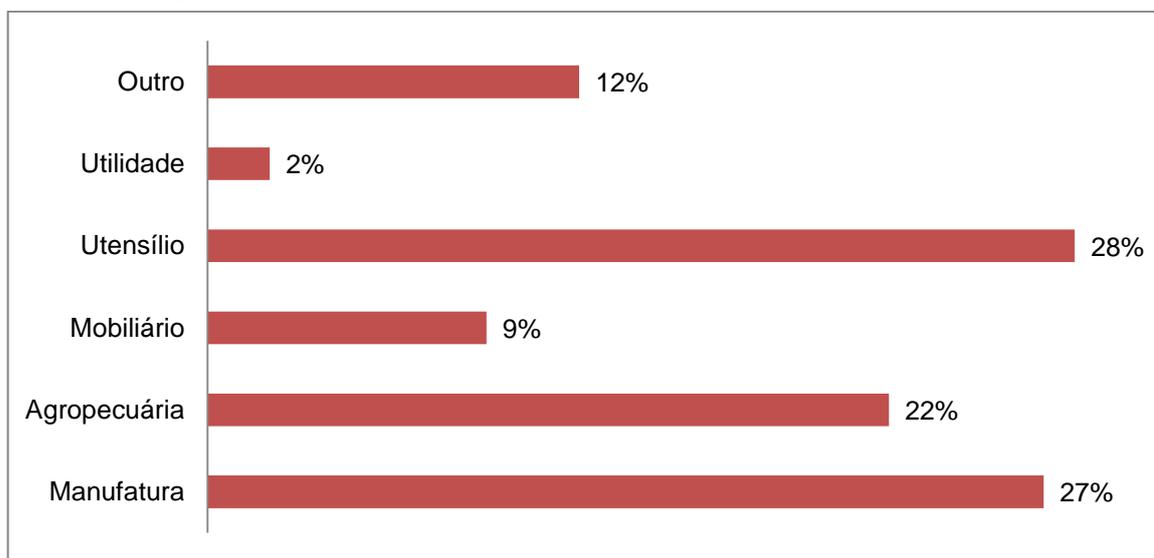
Dos 318 artefatos descritos, conforme o Gráfico 6, a maioria (42%) compreendeu aqueles de feitura artesanal, enquanto que 34% consistiram em peças de fabrico semi-industrial e 24% resultaram de processo industrial, de acordo com o que relataram seus atuais proprietários. Acredita-se que há incidência maior de modelos artesanais porque se encontram obsoletos e fora de uso, visto que foram substituídos por novas tecnologias, os quais compõem, agora, as coleções, além de outros motivos que foram abordados na próxima dimensão.

Gráfico 6 – Categorias dos Artefatos: Artesanal, Semi-Industrial e Industrial



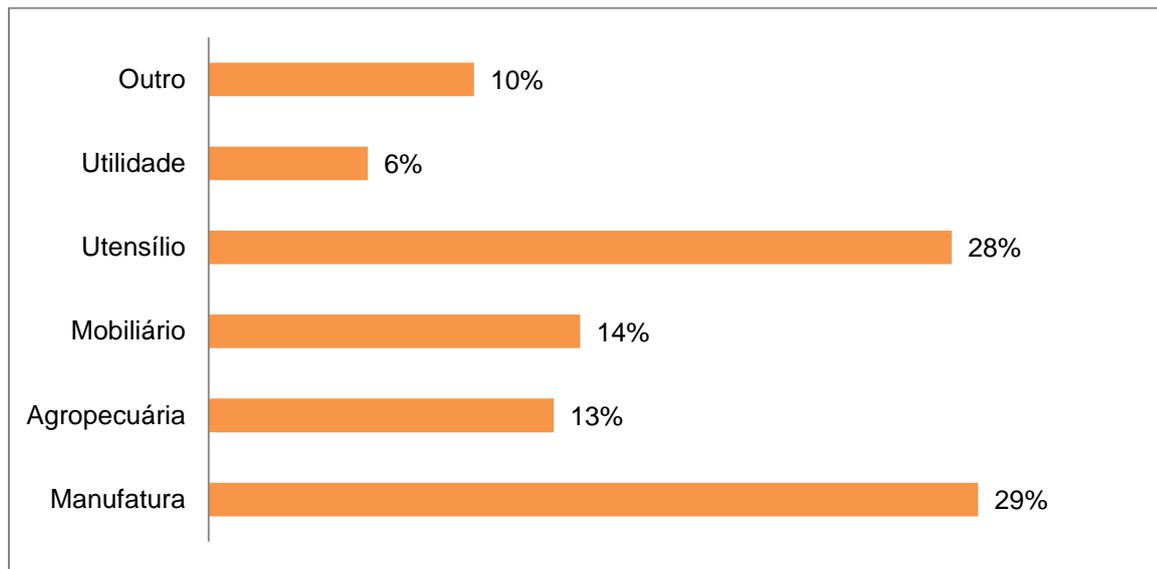
Dentre as peças obtidas por meio artesanal (ver Gráfico 7), destacaram-se os utensílios para cozinha (28%) e os artefatos para manufaturas ou trabalhos pesados (27%). Na sequência, observou-se o número expressivo também de artefatos para atividades agropecuárias (22%). Isso revelou a importância de se possuir, naquela época da chegada dos imigrantes, instrumentos para a obtenção de outros ou para a realização de tarefas árduas, bem como daqueles que serviam ao trabalho e às lidas domésticas, a fim de suprirem necessidades básicas de sobrevivência.

Gráfico 7 – Subcategorias de Artefatos obtidos por Meio Artesanal



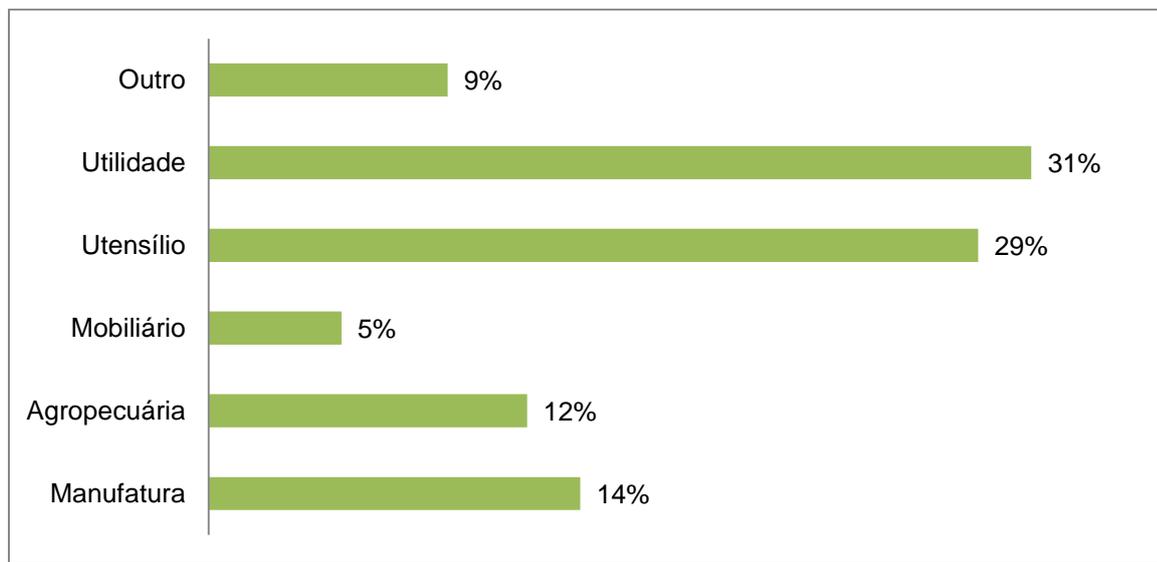
Sobre os artefatos resultantes de processo semi-industrial (Gráfico 8), ainda foram mantidos em destaque aqueles para a realização de produção manufatureira ou de trabalho pesado (29%), assim como os utensílios de cozinha (28%).

Gráfico 8 – Subcategorias de Artefatos obtidos por Meio Semi-Industrial



Já quanto aos produtos oriundos de fabrico industrial, sobressaíram-se as utilidades domésticas (31%) e os utensílios de cozinha (29%), segundo o Gráfico 9. Talvez o investimento na aquisição de artefatos de uso doméstico tenha se dado tardiamente pela falta de verba logo da chegada dos imigrantes à Quarta Colônia. Após alcançarem certo acúmulo de capital, como resultado, principalmente, do trabalho agropecuário, eles, então, passaram a adquirir produtos que facilitassem também o seu dia-a-dia.

Gráfico 9 – Subcategorias de Artefatos obtidos por Meio Industrial



Ao observar os artefatos de feitura artesanal presentes no Quadro 62, verificou-se que seus formatos e estruturas não explicitavam as funções a que se destinavam, pelo menos, ao serem comparados com os produtos disponíveis atualmente no mercado. Em particular, a descrição da função da morsa é equivocada, já que ela não proporcionava a feitura das molduras de quadros, mas

sim permitia a fixação da peça de madeira para que o detalhamento fosse realizado. O alisador e o cavador tinham funções distintas, apesar da semelhança formal e estrutural. Entende-se que a “moldadeira” e o cortador eram objetos cortantes, mas, à primeira vista, não se percebe para que serviam.

Quadro 62 – Artefatos de Feitio Artesanal com Funções visualmente Indefinidas

<p>MG - 22: serrote Função: cortar madeira</p> 	<p>MG - 17: morsa Função: fazer molduras de quadros</p> 
<p>AB - 17: alisador Função: alisar cabos de ferramentas</p> 	<p>MG - 9: cavador Função: fazer cavas da janela</p> 
<p>MG - 18: “moldadeira” Função: cortar madeira para fazer pipa</p> 	<p>MG - 19: cortador Função: cortar tiras de couro</p> 

O mesmo se notou ao se analisar os artefatos apresentados no Quadro 63, principalmente quanto ao descascador. A peça “MG - 20” mais parece com algum tipo de cortador, mas tinha como função limpar e preparar o couro. Já quanto ao item “MG - 43”, num primeiro momento, ele não é entendido como um instrumento que tinha a função específica de picar a carne para fazer o salame.

Quadro 63 – Artefatos de Feito Artesanal com Funções visualmente Indefinidas

MG - 20: limpador
 Função: limpar e preparar couro



IP - 23: focinheira
 Função: privar o gado de comer pasto



AB - 34: separador de sementes
 Função: separar as sementes do algodão



MG - 43: picador
 Função: picar a carne para fazer o salame



MG - 33: descascador
 Função: descascar grãos (arroz)



ZS - 25: bateadeira
 Função: bater manteiga

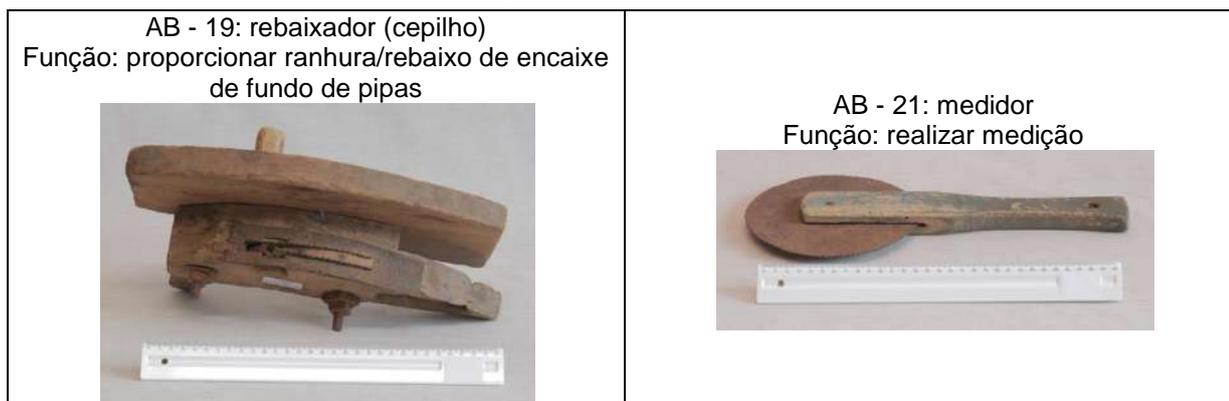


Por não se possuir também um entendimento de como seriam utilizados, dificulta-se a identificação das funções dos artefatos, obtidos por meio artesanal, apresentados no Quadros 64 e 65.

Quadro 64 – Artefatos de Feitio Artesanal com Funções visualmente Indefinidas

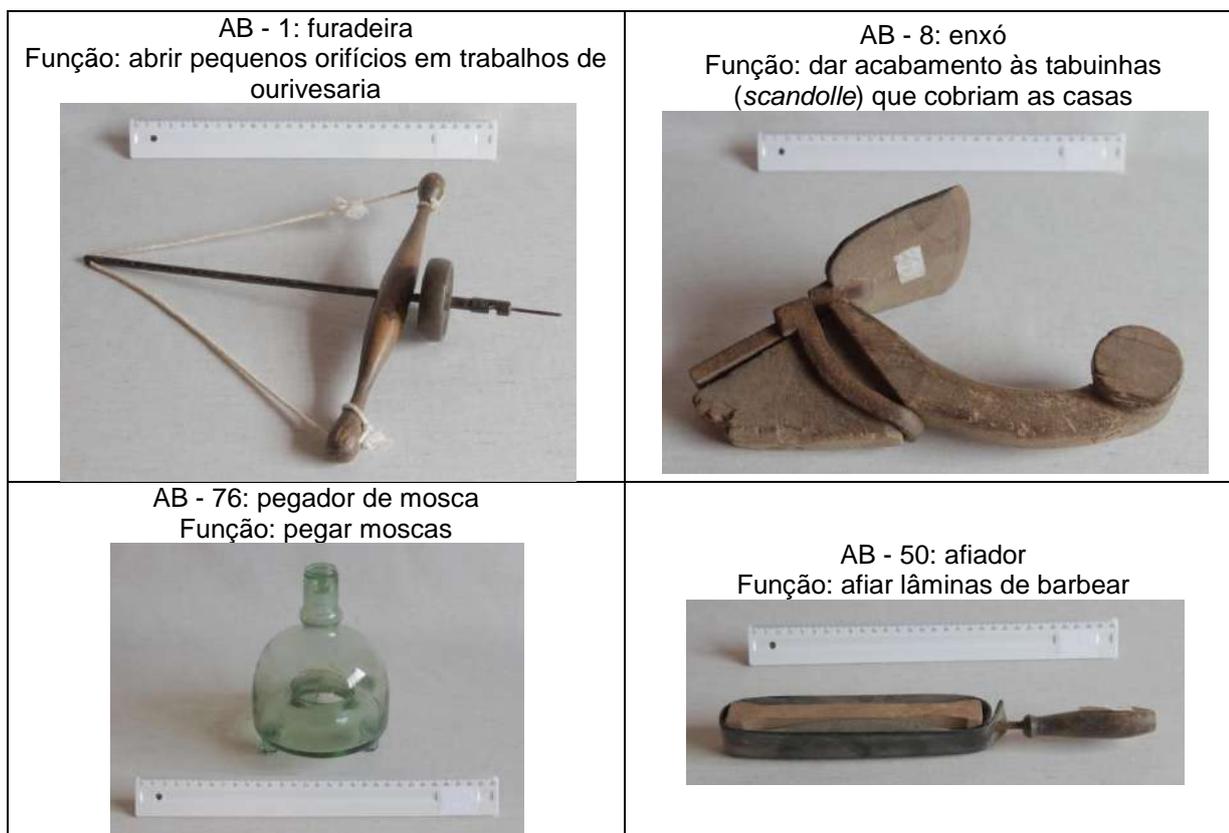
<p>AB - 115: prensa Função: retirar soro do queijo</p> 	<p>MG - 21: equipamento Função: manufaturar solado de sapato</p> 
<p>AB - 52: isqueiro "Getúlio" Função: acender cigarro</p> 	<p>MG - 62: isqueiro Função: acender cigarro</p> 
<p>MG - 78: ratoeira Função: apanhar rato</p> 	<p>MG - 79: ratoeira Função: apanhar rato</p> 
<p>AB - 12: pedra de prumo Função: alinhar construções</p> 	

Quadro 65 – Artefatos de Feitio Artesanal com Funções visualmente Indefinidas



Mesmo em se tratando de peças resultantes de processo semi-industrial (ver Quadros 66 e 67), algumas delas também não apresentaram claramente as funções a que se destinavam, apesar da descrição fornecida pelos seus atuais donos. Tem-se como exemplo o vidro com uma abertura inferior, que, para quem o desconhece, jamais o entenderia como um pegador de moscas, já que, ao ser colocado algum alimento doce sob o mesmo, isso atraía a mosca que, ao alçar voo, entrava no recipiente, podendo vir a morrer ao tocar na água acumulada na sua parte interna.

Quadro 66 – Artefatos de Feitio Semi-Industrial com Funções visualmente Indefinidas



Quadro 67 – Artefatos de Feitio Semi-Industrial com Funções visualmente Indefinidas



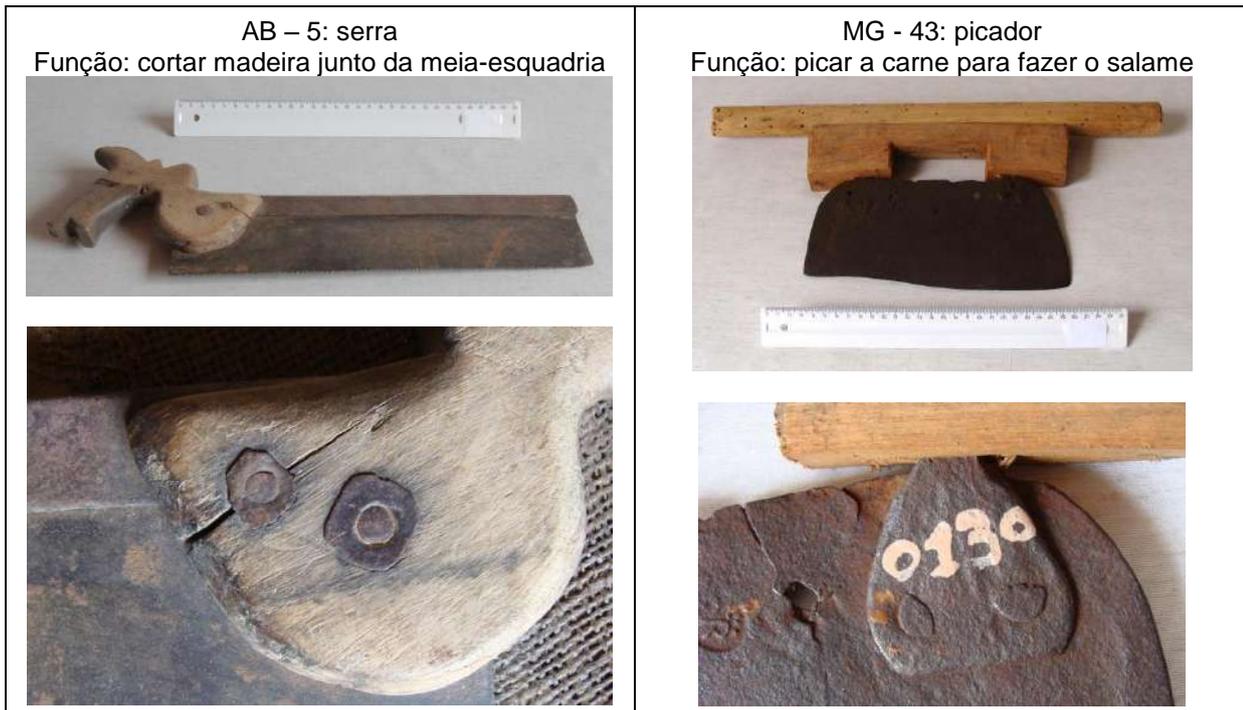
Já quanto aos artefatos industriais, esses são mais facilmente compreendidos, em relação às suas funções, visto que suas formas e estruturas assemelham-se com os produtos fabricados nos tempos atuais. Encontrou-se apenas uma exceção, referente à peça “AB - 18”, a qual possibilitava a realização de rebaiços em madeiras para o encaixe de dobradiças em portas e janelas (Quadro 68). Se tal função fosse omitida, certamente se consideraria esse modelo como algo fora do comum.

Quadro 68 – Artefato Industrial com Função visualmente Indefinida



As peças “AB - 5” e “MG - 43”, no Quadro 69, a seguir, apresentam peculiaridades relativas às arruelas e aos pinos. Provavelmente, as arruelas do primeiro artefato foram cortadas aleatoriamente, pois possuem diferentes tamanhos e são assimétricas. Os pinos, em ambos os modelos, aparentam ter sido forjados manualmente. Tais detalhes comprovam a utilização do processo artesanal como meio de obtenção.

Quadro 69 – Particularidades da Serra e do Picador



O artefato “AB - 28” possui as inscrições “SEI P” e “VAI I VOLTA”, que, segundo seu atual proprietário, significa que o dono da peça, no início do século XX, sabia para quem emprestava a mesma e aguardava a sua devolução após o uso. Quanto ao nicho “AB - 93”, este foi esculpido detalhadamente na sua parte frontal, com desenhos de ramos, folhas e flores; no entanto, o cepo de madeira, na parte de trás do objeto, foi entalhado de forma tosca. Já a peça “AB - 56”, também de feitiço artesanal, apresenta argola, na extremidade do cabo, para o artefato ser pendurado. Nota-se que o seu formato e o descompromisso com o acabamento indicam o seu meio de obtenção (Quadro 70).

Quadro 70 – Particularidades do Serrote, do Nicho e do Fuê



Considera-se a serrinha “AB - 15” ser resultado de processo semi-industrial, porque, apesar de sua pega em madeira aparentar ter sido feita artesanalmente, há um parafuso com “cabeça” hexagonal e inscrição de número “35”, além da lâmina serrilhada, o que leva a crer que tais partes foram adquiridas por meio industrial. O número, segundo o atual proprietário do artefato, talvez indique o modelo da peça, ou um número de registro para que esse elemento de união não fosse copiado. Esta mesma particularidade pode ser observada na plaina e na panela presentes também no Quadro 71. Já a furadeira manual exibe a inscrição “1 _/4”, provavelmente relacionada à polegada da broca.

Quadro 71 – Particularidades da Serrinha, da Plaina, da Panela e da Furadeira

<p>AB - 15: serrinha Função: proporcionar cortes pequenos</p>  	<p>AB - 22: plaina Função: aplainar madeira</p>  
<p>AB - 67: panela Função: cozinhar/armazenar alimentos</p>  	<p>ZS - 9: furadeira manual Função: furar madeira</p>  

Uma parte da ornamentação do altar da Igreja São João Batista demonstra o seu feitio semi-industrial, que, além dos cortes realizados por máquinas, apresenta detalhes entalhados à mão, de ramos, folhas e flores. Quanto ao artefato “ZS - 29”, ele exibe, na haste principal, duas “torções”

efetuadas manualmente no ferro durante o seu processo de fabricação, isso identificado como elemento estético-formal (Quadro 72).

Quadro 72 – Particularidades da Ornamentação do Altar e da “Trampa”



No quadro 73, exibem-se dois produtos fabricados industrialmente. A plaininha possui a inscrição do número “112”, assim como os artefatos apresentados anteriormente no Quadro 71. Já a galocha possui inscrições na sola e na parte interna do calçado, que representam a forma de uso (“LEFT”), a origem e o número do registro ou do modelo.

Quadro 73 – Particularidades da Plaininha e da Galocha



Os móveis, apresentados a seguir (Quadro 74), possuem detalhes em acessórios e partes que os compõem. Na cristaleira, há um “espelho” de fechadura com detalhes estético-formais adquiridos, provavelmente, pelo processo de gravura em metal. Quanto às inscrições de desenhos geométricos encontradas nas portas do roupeiro, por mais que o móvel tenha sido concebido utilizando-se de máquinas, acredita-se que tais peculiaridades resultaram de feitiço artesanal.

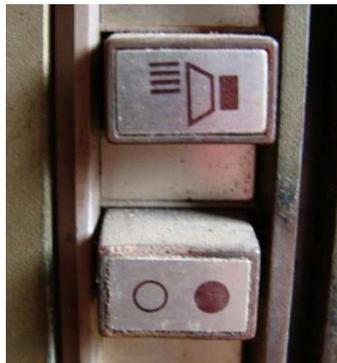
Quadro 74 – Particularidades da Cristaleira e do Roupeiro



A televisão (Quadro 75), produzida industrialmente, apresenta impressões de símbolos e marca em alguns elementos que a constituem, como botões e parte frontal. Tais detalhes são fundamentais para a compreensão do produto, pois, além de indicarem sua identidade, são informativos quanto ao funcionamento do mesmo.

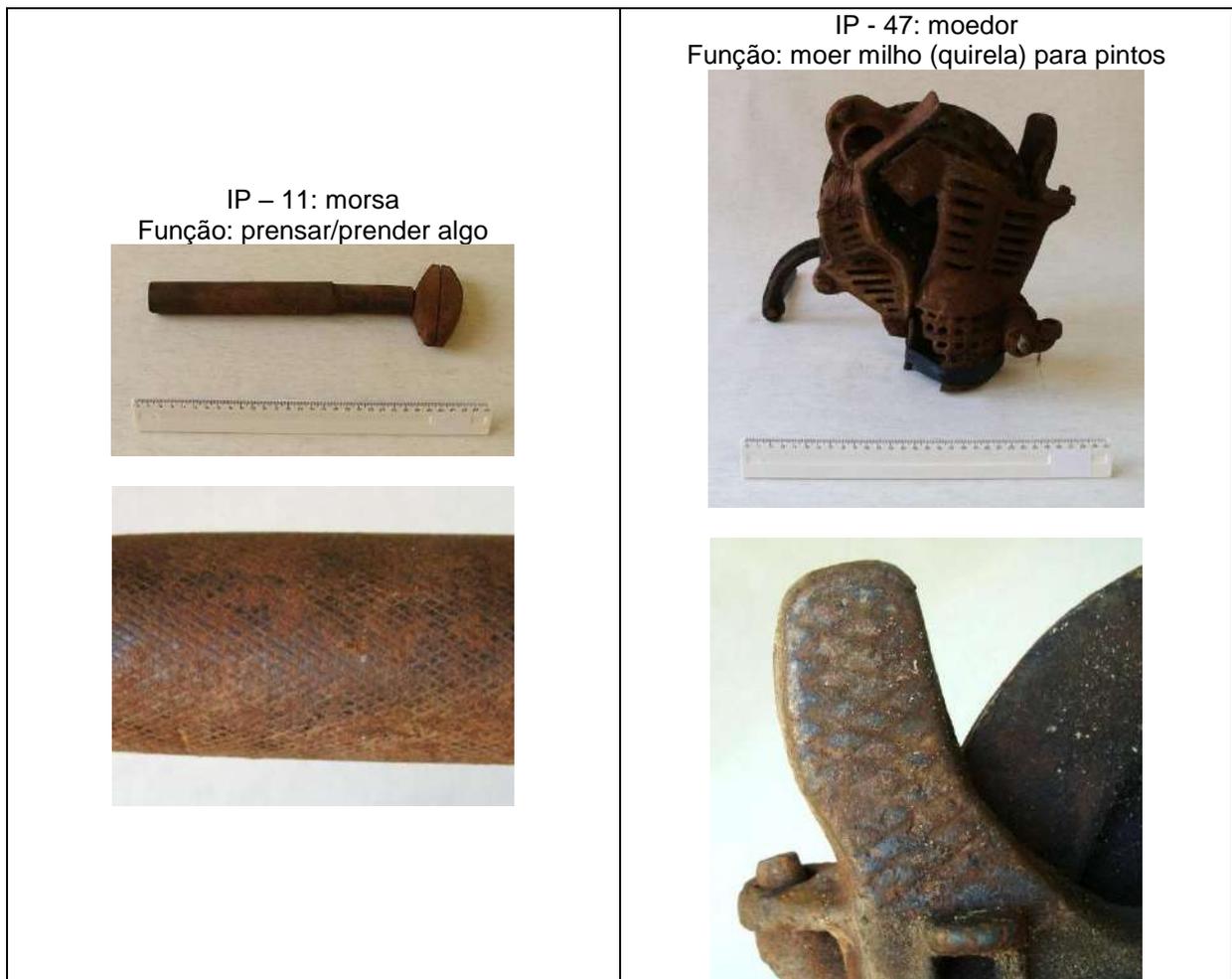
Quadro 75 – Particularidades da Televisão

AB - 118: televisão
(segunda ou terceira da cidade)
Função: proporcionar entretenimento



Os artefatos, no Quadro 76, apresentam texturas em partes importantes que os compõem, como o cabo da morsa e a haste saliente do moedor. Acredita-se que tais detalhes existem para facilitar o manuseio e, conseqüentemente, promover a segurança durante o uso.

Quadro 76 – Particularidades da Morsa e do Moedor



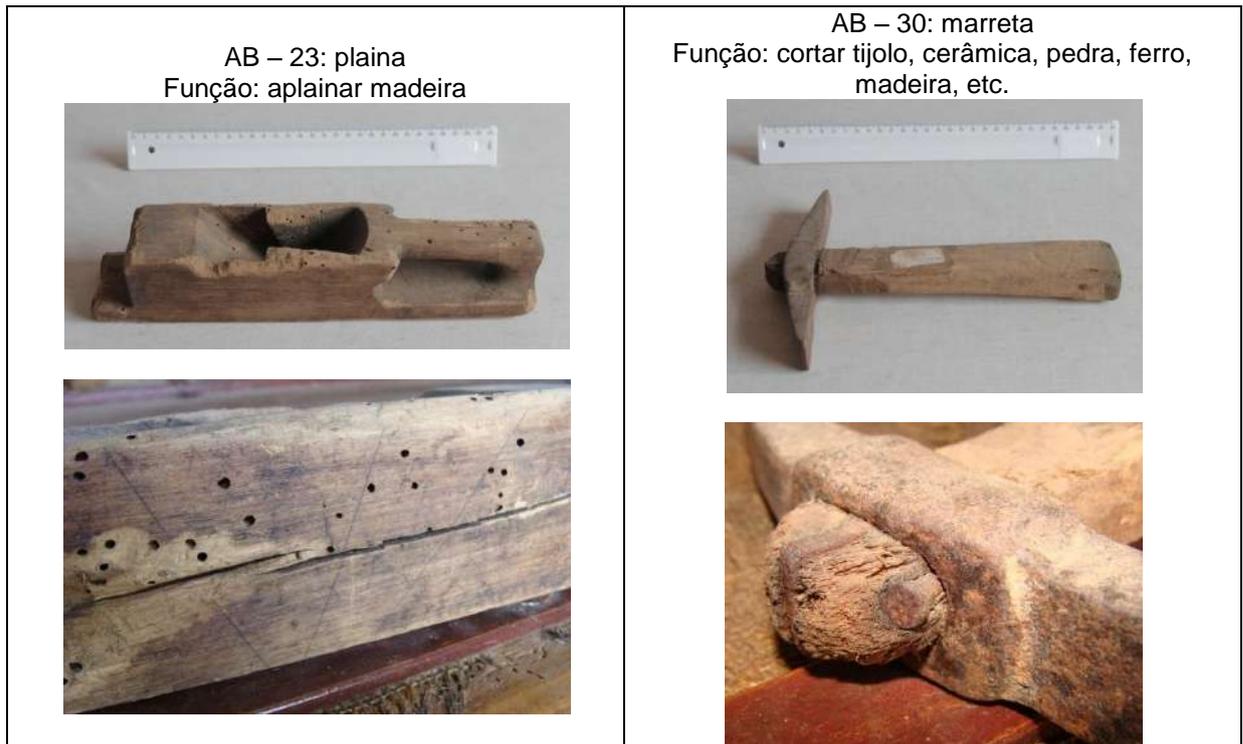
O artefato “MG - 48”, referente ao ferro de passar roupa (Quadro 77), também obtido industrialmente, é um bom exemplo que resume as várias particularidades que um mesmo produto pode conter. Seus detalhes compreendem: numeração inscrita da tampa superior, inscrição de elementos estético-formais na tampa lateral, peculiaridade da entrada de ar do reservatório e aspecto funcional da grade.

Quadro 77 – Particularidades do Ferro de Passar Roupa



A maioria dos artefatos apresentam desgastes, como amassados, degradações dos materiais, ferrugens, entre outros, pelo uso ou pelo tempo, até porque alguns deles têm mais de um século de existência, assim como furos de cupim em partes que os integram. A plaina “AB - 23”, além de ter tais características, possui linhas traçadas na sua lateral para auxiliar na realização de cortes em ângulo. Quanto à marreta “AB - 30”, acredita-se que, após um determinado tempo de uso, foi necessário acrescentar um prego para firmar o cabo à lâmina, por conta da degradação da madeira (Quadro 78).

Quadro 78 – Particularidades da Plaina e da Marreta



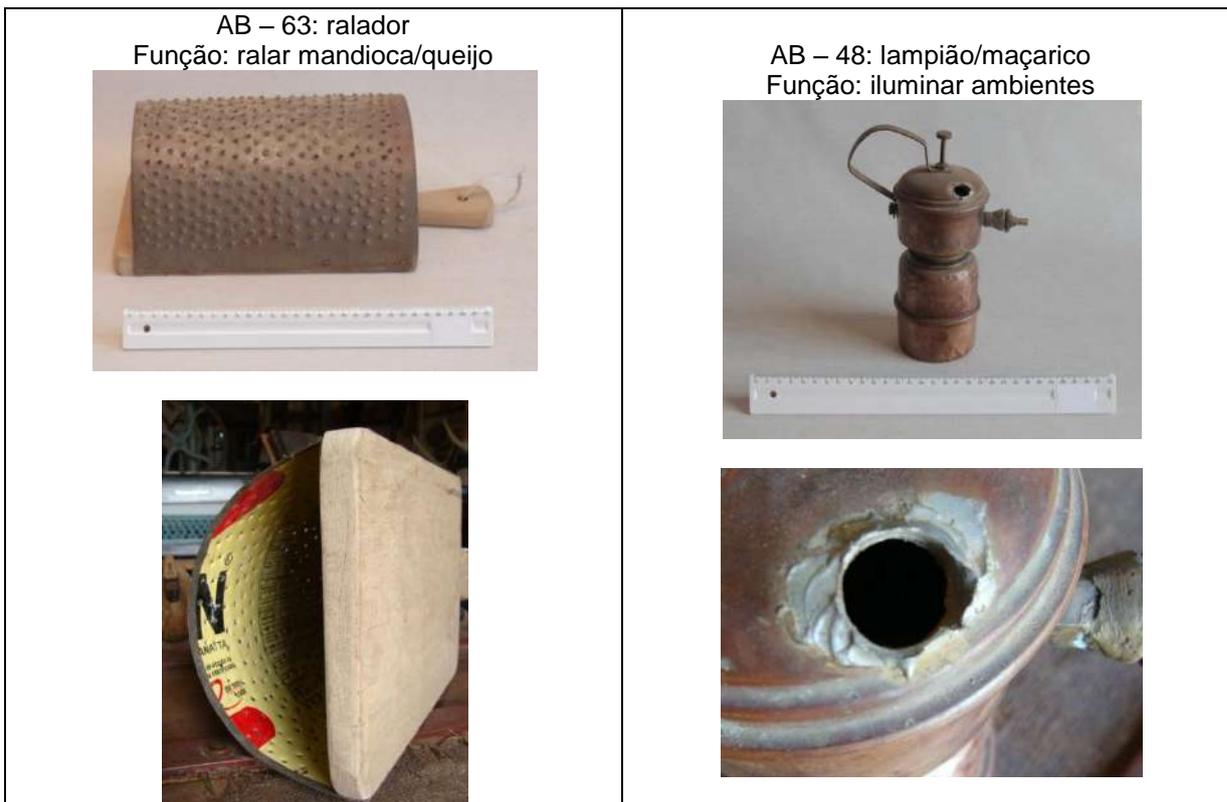
Em certas peças, também foram identificadas emendas feitas com chapas de ferro, a fim de se prolongar o seu uso. Isso pode ser observado na pá e na panela presentes no Quadro 79. Atente-se para o recorte “dentado” do remendo do segundo exemplo, talvez realizado desta forma para promover maior aderência à estrutura da panela. Já a pá “IP - 13” contém uma lâmina com o intuito de conter as fissuras na madeira, além de apresentar uma aplicação de inseticida contra cupins, acrescida de tingidor com tonalidade escura. Observa-se a fenda da pega em lugar estratégico, para facilitar o uso.

Quadro 79 – Particularidades das Pás e da Panela



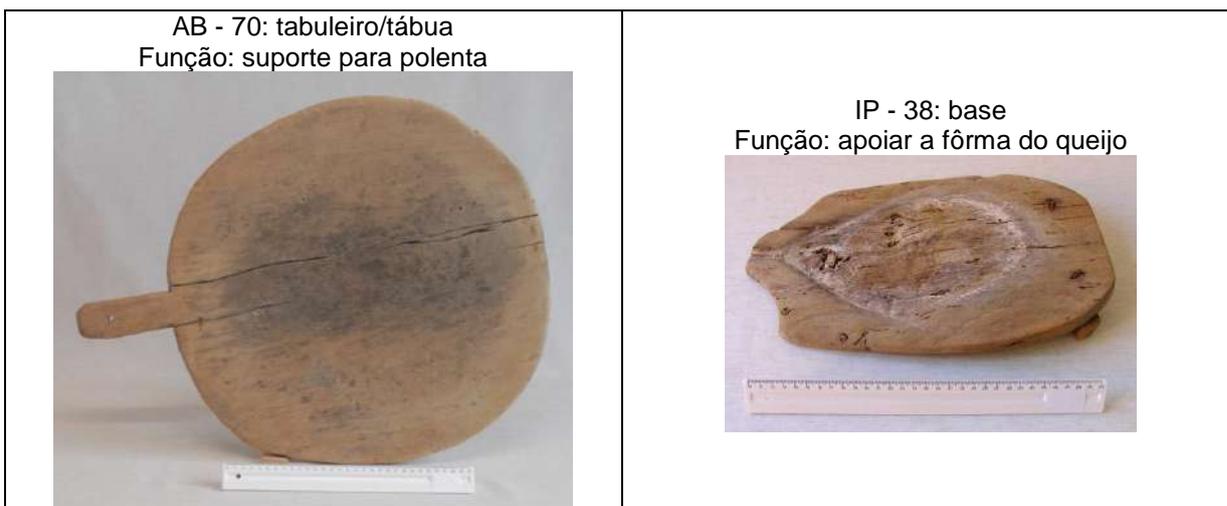
O ralador “AB - 63” contém uma lâmina reaproveitada de lata de tinta da marca Farben, perfurada com prego, que, provavelmente, veio a substituir a chapa original, ou aquelas que sucederam esta. Já o lampião “AB - 48” apresenta, em detalhe, uma tentativa frustrada de se efetuar uma solda entre alguma peça e a estrutura do produto (Quadro 80).

Quadro 80 – Particularidades do Ralador e do Lampião



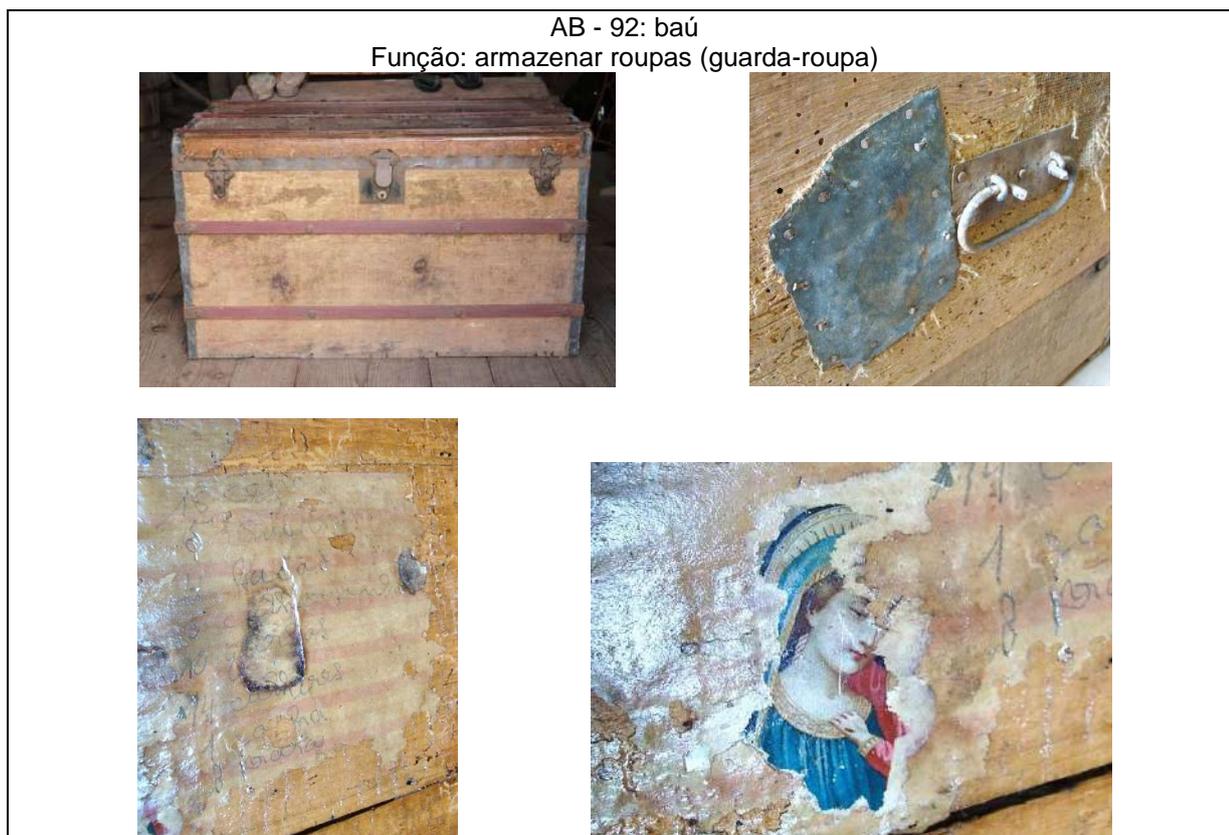
No Quadro 81, os artefatos apresentam marcas deixadas pelos alimentos que, por várias vezes, foram apoiados nos mesmos. O primeiro possui manchas escuras por ter sido suporte da polenta quente. Já a segunda peça apresenta resquícios esbranquiçados do soro dos queijos.

Quadro 81 – Particularidades da Tábua e da Base



O baú, no Quadro 82, além de apresentar desgastes, ferrugens, furos de cupim e emenda na lateral esquerda, contém uma lista de artefatos e resquícios de figuras com imagens religiosas coladas na parte interna da tampa.

Quadro 82 – Particularidades do Baú



Há artefatos que apresentam resquícios de tintas, provavelmente derramadas sobre os mesmos, como é o caso da peça “AB - 31”, ou que o seu próprio acabamento em tinta esteja se deteriorando ou perdendo espaço para a ferrugem, como se observa na serra tico-tico “AB - 37” (Quadro 83).

Quadro 83 – Particularidades da Bigorna e da Serra Tico-Tico



A marca gravada na base do batedor identifica o seu autor. No verso da peça ornamental da igreja, há a assinatura do artífice que o manufacturou, inscrita manualmente. Já na enceradeira, acredita-se que foram registradas as letras iniciais do nome do proprietário da mesma (Quadro 84).

Quadro 84 – Particularidades do Batedor e da Peça Ornamental



Os logotipos ou marcas dos artefatos “AB - 10”, “AB - 11” e “AB - 24” foram efetuados pelo processo de gravação em metal. Já a logo do debulhador foi impressa em sua estrutura por meio de serigrafia (Quadro 85).

Quadro 85 – Particularidades da Machadinha, da Tesoura, da Plaina e do Debulhador

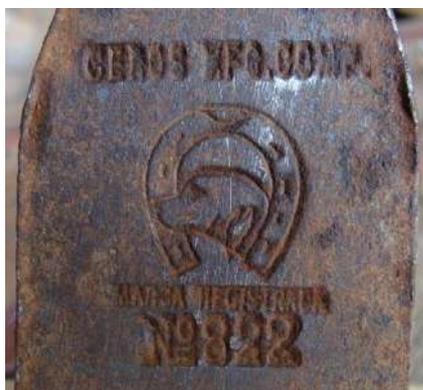
AB - 10: machadinha
Função: lascar madeira para tabuinhas



AB - 11: tesoura
Função: cortar crina de cavalo



AB - 24: plaina
Função: aplainar madeira



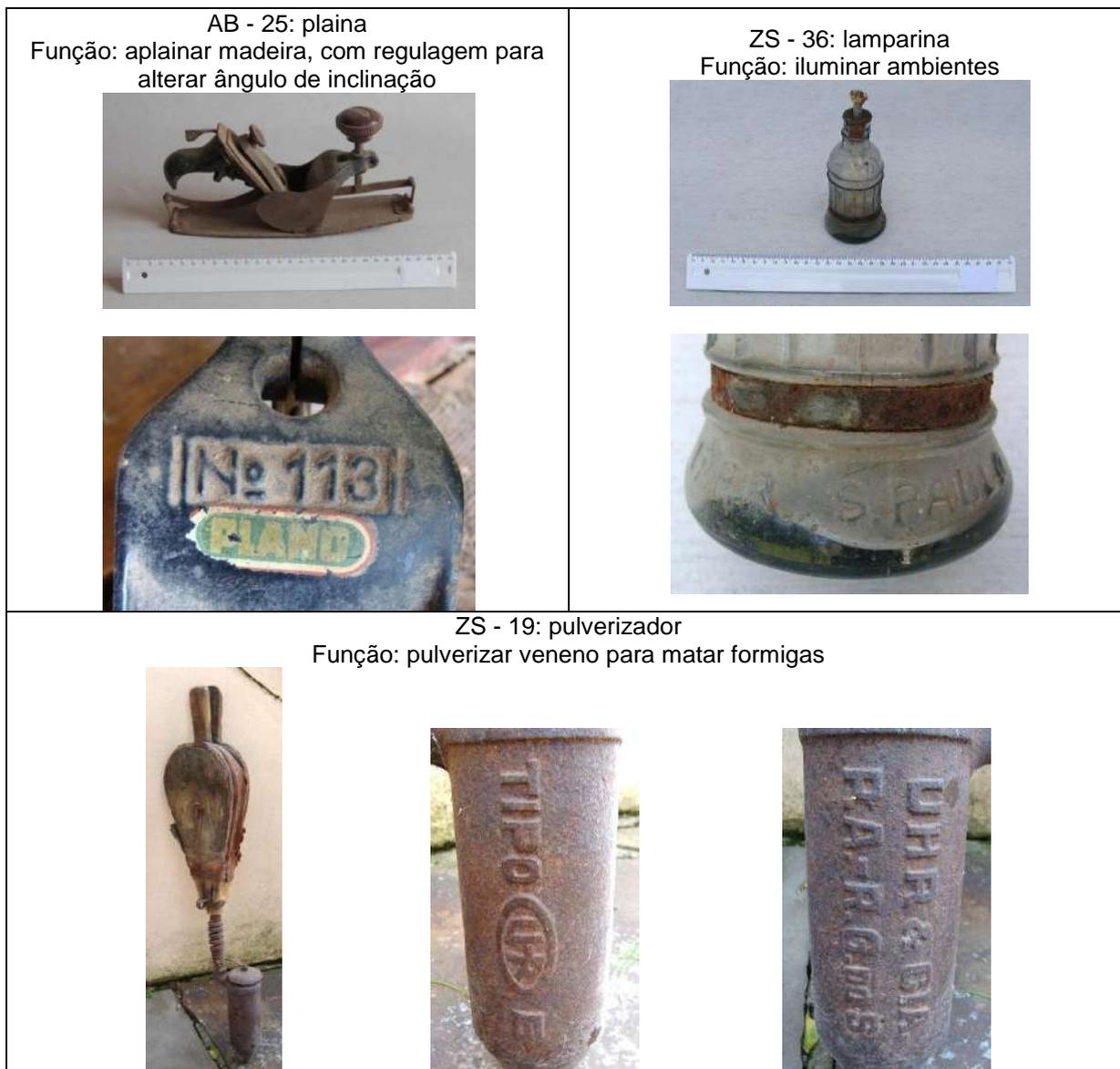
ZA - 41: debulhador
Função: debulhar milho



Acredita-se que a marca da plaina “AB - 25” também tenha sido originada de serigrafia. Já a lamparina “ZS - 36” tem sua estrutura em vidro conformada por meio de processo industrial, que compreende as etapas de fusão, moldagem e resfriamento, basicamente. Quanto ao pulverizador “ZS

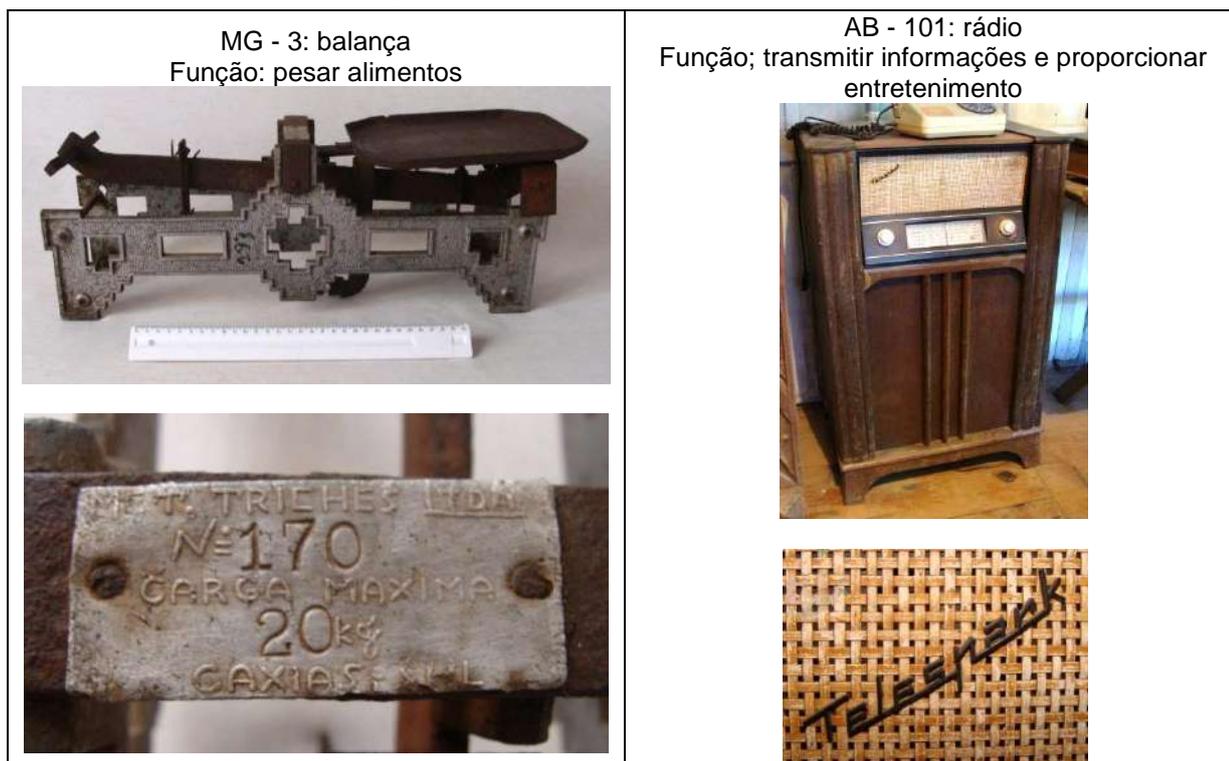
- 19", provavelmente a peça em metal tenha sido fabricada pelo método de fundição. Os dois últimos processos viabilizaram as inscrições das marcas nos produtos (Quadro 86).

Quadro 86 – Particularidades do Batedor e da Peça Ornamental



À balança "MG - 3" acrescentou-se uma chapa metálica com as inscrições de identificação, obtidas por processo de gravação. Já a marca do rádio em polímero, provavelmente adquirida por injeção, foi colada à face frontal do produto (Quadro 87).

Quadro 87 – Particularidades da Balança e do Rádio



Pelo grande número de exemplares que fazem parte desta pesquisa, selecionaram-se apenas alguns modelos para ilustrar as características mais peculiares encontradas. Há outros tantos artefatos que possuem aspectos semelhantes aos retratados aqui.

5.3.3.3 Dimensão Afetiva/Evocativa – Significados

Por meio das narrativas, foram avaliados os significados da cultura material que se dá pela relação entre pessoas e objetos. A partir desta pesquisa, percebeu-se que as coisas possuem um significado num certo momento e que este pode se transformar com o passar do tempo.

A vinda dos italianos para o Brasil representava a expectativa de alcançarem melhores condições de vida (Brasil → esperança), diferentemente da situação de pobreza e miséria que se vivia no seu país de origem, que se sucedeu após a crise econômica instaurada no momento da unificação da Itália e pelo desemprego decorrente da industrialização. Chegando ao Brasil, diferentemente do que esperavam, os imigrantes enfrentaram condições de vida em muitos aspectos semelhantes às vividas na Itália. Tanto o barracão improvisado quanto o abrigo entre as raízes de uma árvore expressavam a precariedade que os imigrantes italianos depararam-se no interior do Rio Grande do Sul (barracão/abrigo entre raízes → precariedade). Além da falta de habitação, não havia comida o bastante (alimentação → escassez), atendimento insuficiente relativo à saúde, etc.

Em meio às dificuldades de adaptação, os imigrantes italianos apegaram-se à religiosidade, o que os ajudou a enfrentá-las (religião → perseverança). A representação dessa devoção está retratada nos capitéis (capitel → pagamento de promessa/devoção) e nos objetos dispostos acima das camas, nos dormitórios (crucifixo/quadro com figuras religiosas → proteção).

Assim, as promessas de condições melhores de vida tornaram-se uma grande decepção para esse grupo social (Brasil → decepção), até que, pelo seu próprio esforço, transformado em trabalho, tornaram-se autossuficientes (trabalho → subsistência). Este foi o meio encontrado para que alcançassem melhores condições de vida (trabalho → prosperidade), podendo ser representado pelos estabelecimentos comerciais, moinhos, engenhos, oficinas e ferramentas, os quais foram planejados com vistas a suprir as necessidades domésticas (engenho/oficina → autossuficiência) e atingir o próprio sustento familiar financeiro, por consequência do desenvolvimento de serviços prestados à comunidade (engenho/oficina → progresso). O artesanato representa a preservação da tradição, referente às habilidades manuais, e de uma estética peculiar passada de geração em geração, ao mesmo tempo em que também auxiliam na renda familiar (artesanato → preservação da tradição e da estética/autossuficiência). Por conta disso, por exemplo, a alimentação passou a ser farta, como consequência do investimento nas atividades artesanais, agropecuárias e vinícolas (alimentação → fartura).

Quanto à habitação, as casas de pedra ou de madeira, inicialmente, supriram as necessidades básicas de moradia (casa de pedra ou madeira → premência/supressão de necessidade básica). Num segundo momento, elas significaram motivo de vergonha ou desprezo para os imigrantes italianos e seus descendentes, porque representavam a pobreza e todas as dificuldades vivenciadas no decorrer das primeiras décadas em que se estabeleceram nas regiões serrana e central do Rio Grande do Sul (casa de pedra ou madeira → vergonha/pobreza/desprezo), tanto que eram rebocadas, no caso das de pedra, para parecerem casas de “gente rica” da cidade (casa de pedra ou madeira com reboco → *status*) ou, assim que possível, deixaram de morar em tais construções para torná-las meramente como depósitos ou para desfazê-las com o intuito de se construir outras melhores. Seus interiores denotavam rusticidade e simplicidade (casa → rusticidade/simplicidade). Para as crianças, inclusive, tais construções eram assustadoras (casa de pedra → medo). Somente após a descoberta da região pelos turistas, no caso da serra gaúcha, é que os descendentes passaram a conservar as casas de pedra ou madeira, momento este em que começaram a valorizá-las como algo representativo da sua cultura e que os faziam lembrar seus antepassados e suas trajetórias (casa de pedra ou madeira → orgulho/preservação).

Num primeiro momento, os artefatos foram feitos pelos próprios imigrantes para atender, essencialmente, a questões funcionais (primeiro artefato → premência/supressão de necessidade básica funcional). Por representarem um período de dificuldades, tais objetos refletiam vergonha e, por isso e quando possível, foram substituídos por coisas novas e mais eficientes, as quais eram compradas ou trocadas entre as famílias, por suas produções agropecuárias (primeiro artefato → vergonha/pobreza/desprezo). Via-se, no novo material, mais utilidade, praticidade e rentabilidade para o trabalho. Especificamente sobre a aquisição de artefatos, ela denotava a busca pelo conforto e pela eficiência nos afazeres (novo artefato → conforto/eficiência). Assim como as casas de pedra ou madeira, os antigos artefatos, atualmente, são representativos do sentimento de orgulho e passaram a ser preservados (primeiro artefato → orgulho/preservação).

Assim, as possibilidades interpretativas foram agrupadas na Tabela 3, a seguir.

Tabela 3 – Possibilidades Interpretativas

OBJETO	INTERPRETAÇÃO 1	INTERPRETAÇÃO 2	INTERPRETAÇÃO 3	INTERPRETAÇÃO 4
BRASIL	- Esperança	- Decepção		
BARRACÃO/ ABRIGO ENTRE RAÍZES	- Precariedade			
ALIMENTAÇÃO	- Escassez	- Fartura		
RELIGIÃO	- Perseverança			
CAPITEL	- Pagamento de promessa - Devoção			
CRUCIFIXO/ QUADRO COM FIGURAS RELIGIOSAS	- Proteção			
TRABALHO	- Subsistência	- Prosperidade		
ENGENHO/ OFICINA	- Autossuficiência	- Progresso		
ARTESANATO	- Preservação da tradição e da estética - Autossuficiência			
CASA DE PEDRA OU MADEIRA	- Premência - Supressão de necessidade básica - Rusticidade - Simplicidade	- Vergonha - Pobreza - Desprezo - Medo	- <i>Status</i> (com reboco)	- Orgulho - Preservação
PRIMEIRO ARTEFATO	- Premência - Supressão de necessidade básica funcional	- Vergonha - Pobreza - Desprezo	- Orgulho - Preservação	
NOVO ARTEFATO	- Conforto - Eficiência			

Dessa forma, percebeu-se que os artefatos são carregados de significados e representativos da cultura material de certo grupo social num determinado tempo, os quais possuem referências que traduzem e revelam tais significados. Essas referências caracterizam-se pelas cores, formas, materiais, texturas, partes que compõem o todo, estilos que caracterizam os abrigos, as casas e seus interiores, ferramentas, artesanato, entre outros objetos representativos da cultura italiana manifestada nas colônias em questão. Eles também podem ser distinguidos por traços, marcas, sinais que indicam os modos de produção, sua origem, assim como pelas formas e posições que os objetos apresentam, por exemplo.

As entrevistas narram a trajetória das famílias, desde a vinda da Itália e sua chegada ao Brasil, passando por várias situações que ocorreram nas gerações que se sucederam. As condições ligadas a “Brasil”, “alimentação”, “casa” e “artefato”, por exemplo, sofreram transformações que geraram variadas possibilidades interpretativas pelos imigrantes e, mais tarde, por seus descendentes. Elas revelam suas angústias, anseios, esforços, conquistas, enfim, ao mesmo tempo em que contam a história desse grupo social e permitem o desenvolvimento contínuo do processo de (re)construção de sua identidade.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da crise econômica e social que atingiu a Itália no século XIX, muitos italianos do norte daquele país resolveram emigrar para a América com o intuito de atingirem melhores condições de vida. Consigo, carregaram apenas algumas mudas de roupas e poucas ferramentas, acondicionadas em baús, quando possível. Com a finalidade de povoar o extremo sul do Brasil, o governo imperial direcionou os pioneiros às três primeiras colônias, localizadas na serra gaúcha (1875), e as demais levadas à Quarta Colônia (1877), no centro do agora chamado Estado do Rio Grande do Sul. Chegando ao destino, os imigrantes decepcionaram-se com as instalações precárias e a demora na distribuição das terras, o que ocorreu somente em 1878. A partir disso, surgiram outras dificuldades: a primeira estava em abrir uma clareira na mata para poderem armar um abrigo, uma cabana; a outra condizia com a árdua tarefa de lavrar os campos para o cultivo de alimentos; isto tudo com o uso de poucas ferramentas básicas, as quais foram doadas pelo governo do Brasil ou trazidas por eles. A pesquisa de campo apresentou apenas alguns exemplares vindos da Itália, mas considera-se que, dentre os objetos classificados, há mais artefatos que foram trazidos pelos italianos, o que não é garantido simplesmente porque tais objetos já tiveram sucessivos donos ou já passaram por várias gerações, e os últimos proprietários não têm certeza sobre suas origens.

Com a abundância de material à disposição, retirado da própria região, como a madeira e a pedra (quanto ao ferro, não se identificou a procedência), e os meios de obtenção possíveis, os imigrantes deram início à construção das casas e ao desenvolvimento das lides sobre a terra. Eles tiveram que “começar do zero”, como relatou Alberti (2014). A fim de que essas tarefas tornassem-se efetivas, os imigrantes usaram da própria criatividade para confeccionar mais artefatos, muitas vezes recriados a partir de uma tradição anterior para inseri-los na nova realidade a que se submeteram.

As referências para a confecção desses objetos derivaram do contato com agentes externos ou com tecnologias mais avançadas encontradas no país de origem. Ademais, os relatos dos entrevistados acrescentaram que os imigrantes construíam seus artefatos e suas casas juntamente com o auxílio daqueles que tinham o domínio da técnica de marcenaria e carpintaria. Muitos dos imigrantes tinham um preparo para a manufatura de objetos, talvez oriundo do contato com mestres artesãos na Itália, ou eram profissionais especializados no fabrico de móveis, por exemplo, o que fez surgir marcenarias para o desenvolvimento de produtos, utilizando a madeira como matéria-prima. Nesse momento inicial, os artefatos foram feitos para atenderem ao consumo imediato, relacionado, essencialmente, a questões funcionais, as quais correspondem à premência de se possuir instrumentos para a obtenção de outros ou para a realização de tarefas árduas, bem como daqueles que serviam ao trabalho e às lidas domésticas, a fim de suprirem as necessidades básicas de sobrevivência, ou seja, eram, sobretudo, bens de produção.

A partir disso, identificou-se uma produção praticamente genuína resultante do fazer artesanal, que teve como base a tradição dos imigrantes italianos. Por conta do isolamento em terras desconhecidas, eles estiveram representados, durante algumas décadas, por uma tecnologia de baixo grau de eficácia, se comparada às de outras sociedades da época, como aquelas das metrópoles europeias; tiveram que enfrentar um regresso tecnológico significativo, fazendo uso de aparato muito rudimentar. Diante desse contexto, a tecnologia adotada pelos imigrantes e seus descendentes permaneceu inalterada, estagnada, o que manteve seus aspectos originais intactos. As características italianas do fazer, principalmente em termos estético-formais, foram representadas em algumas habitações, por exemplo, que se assemelhavam aos moldes residenciais da época na Itália.

A religiosidade, além de servir como “consolo espiritual”, representada pelas imagens e objetos espalhados pelas casas do grupo em questão, possibilitou a construção de núcleos, em torno dos quais aconteciam as atividades sociais, culturais e econômicas. Com os excedentes da produção agropecuária, que ultrapassavam o necessário para o consumo próprio, a região começou a prosperar, o que permitiu a renovação dos sistemas produtivos e a aquisição de novos artefatos. Alguns ainda eram trocados entre as famílias pertencentes à comunidade. Os imigrantes, segundo Borin (2014), viam no novo material mais praticidade e rentabilidade no trabalho a partir do seu uso. Como já mencionado, os instrumentos antigos deixaram de ser usados, isso com relação às funções a que se destinavam inicialmente, e os novos produtos para a cozinha e outros ambientes, bem como o maquinário para a plantação, por exemplo, começaram a ter mais valor. Inclusive, a aquisição daqueles do tipo industrializado foi entendida como um sinal de ascensão social. Depois de um longo período de progresso, abateu-se sobre a Quarta Colônia uma decadência na produção agrícola e um despovoamento gradativo, que, juntamente com a demora em elevar as localidades à condição de município, desaceleraram o desenvolvimento da região, o qual somente voltou a ascender em torno da década de 1980.

Assim, observou-se que, até o final da década de 1910, houve uma prevalência de material artesanal, já com a presença de alguns artefatos resultantes de processo semi-industrial. Depois desse período, os produtos que vieram a substituir aqueles rudimentares tiveram, como meio de obtenção, a produção industrial. Então, a evolução de um mesmo tipo de artefato foi observada por meio da análise realizada neste trabalho, em que peças obtidas por diferentes processos de obtenção, sejam eles artesanal, semi-industrial e industrial, eram destinadas a realizarem a mesma função.

A maioria dos artefatos classificados na pesquisa foram dados por conhecidos e foram adquiridos pelos seus atuais proprietários no Estado do Rio Grande do Sul, principalmente dentro da região da Quarta Colônia. Alguns possuem inscrições quanto a sua origem específica, as quais informam em que municípios ou Estados do Brasil, ou mesmo em outros países, foram confeccionados. Infelizmente, não se tem conhecimento de como esses objetos chegaram até tal região. Encontraram-se diferenças formais e estruturais nos artefatos oriundos de diferentes localidades, causadas, principalmente, pelos meios de obtenção das mesmas também serem diferentes. Além disso, do comparativo realizado entre as peças de *Val Leogra* e da Quarta Colônia, somente possível com o auxílio do livro “*Civiltà Rurale di una Valle Veneta: la Val Leogra*”, percebeu-

se que, mesmo possuindo as mesmas funções, elas poderiam variar quanto à estrutura e à forma. Assim, alguns desses objetos vieram da Itália, ou foram confeccionados a partir de registros de memória, o que determina a variação nas suas características, isso como decorrência dos materiais disponíveis e dos processos de obtenção possíveis na época.

Como visto anteriormente, a combinação entre os recursos da inteligência e da natureza permite a emergência de novos modos de fazer, e o processo evolutivo das sociedades se dá a partir das transformações tecnológicas, em que a criatividade é um de seus propulsores. A técnica, por sua vez, ao ser considerada como um conjunto de meios instrumentais e sociais, propicia a relação que se desenvolve entre o homem e o meio, possibilitando àquele ser a realização da sua vida e a criação do seu espaço. Ainda, ela é capaz de se universalizar, principalmente por intermédio da difusão, mas cada lugar torna-se diferente dos demais, por conta da realidade e das eventualidades que se sucedem nos mesmos. São as ações responsáveis pela “fertilização” que ocorre entre os cenários global e local.

Na medida em que os imigrantes e seus descendentes começaram a se relacionar com outras sociedades, tiveram contato com novos produtos que foram comprados para facilitar suas tarefas, suas vidas. A elaboração de artefatos pelos próprios cedeu lugar à aquisição de produtos prontos, resultantes de novas tecnologias disponíveis, muitas vezes, importados ou obtidos pelo contato com outros comércios ou indústrias presentes no Rio Grande do Sul. Não se via mais a necessidade da confecção de bens, já que havia uma gama de produtos inovadores à disposição para compra. Com isso, percebeu-se que nesse mesmo pedaço de território, compreendido pela Quarta Colônia, ocorreu a combinação de artefatos com elementos técnicos provenientes de diferentes épocas, uns mais rudimentares e outros mais evoluídos tecnicamente, como se pôde observar no comparativo entre os debulhadores apresentados no Quadro 21 (p. 240). Cabe salientar que esses artefatos desenvolvidos nessa região em específico podem ter sido criados de forma semelhante em outros lugares e tempos distintos, por outros grupos étnicos diferentes entre si. Outro destaque refere-se às unidades artesanais que existiam no Estado, as quais acabaram sendo destruídas ou incorporadas pelas empresas manufatureiras e pelas indústrias, surgidas principalmente no período entre as Guerras Mundiais, ou também perderam espaço para a importação de bens de firmas estrangeiras.

Retornando à pesquisa de campo, a maioria dos artefatos classificados compreendeu aqueles de feitura artesanal. Como já mencionado, acredita-se que há incidência maior de modelos artesanais porque se encontram obsoletos e fora de uso, visto que foram substituídos por novas tecnologias, os quais compõem, agora, as coleções, além de outros motivos que serão abordados a seguir. Outra questão observada a partir da pesquisa revelou que o investimento na aquisição de artefatos de uso doméstico deu-se tardiamente pela falta de recursos financeiros e tecnológicos logo da chegada dos imigrantes à Quarta Colônia. Após alcançarem certo acúmulo de capital, como resultado do trabalho agropecuário, eles, então, passaram a adquirir produtos que facilitassem também o seu dia a dia, principalmente quanto àqueles de cunho industrial.

Alguns artefatos não explicitaram suas funções a partir dos seus formatos e estruturas, nem de como seriam utilizados, sobretudo por terem sido obtidos por meio artesanal ou, até mesmo, semi-

industrial. Como já referido sobre os artefatos industriais, estes sim foram mais facilmente compreendidos, em relação as suas funções, visto que suas características assemelham-se com os produtos fabricados nos tempos atuais.

Contudo, os detalhes, as marcas, as particularidades de determinados artefatos transpareceram suas origens, seus fabricantes, seus meios de obtenção, suas funções e seus usos. Outros elementos foram importantes para o seu entendimento, como os atributos estético-formais e os componentes de segurança, por exemplo. Além disso, a maioria dos artefatos apresentam desgastes, como amassados, degradações dos materiais, ferrugens, entre outros, pelo uso ou pelo tempo, até porque, alguns deles têm mais de um século de existência, assim como furos de cupim em partes que os integram.

Ao analisar os artefatos sob outra perspectiva, percebeu-se que eles possuíram um significado num certo momento, e que este se transformou com o passar do tempo. Logo que as famílias começaram a prosperar, os objetos resultantes do fazer artesanal passaram a ser motivo de vergonha por representarem o período inicial de dificuldades pelo qual passaram e, por isto e quando possível, foram substituídos por novos produtos, mais confortáveis e eficientes para os seus afazeres. Segundo Alberti (2014), aos objetos antigos, então, não se dava mais importância, não se tinha o pensamento de guardá-los, eram descartados. Já outras famílias valorizavam os artefatos adquiridos e guardavam-nos. Assim, por meio das mensagens assimiladas através de suas memórias, foi sendo construída pelos descendentes uma nova rede de valores, significados e importâncias atribuídas aos objetos do seu entorno.

Nas últimas décadas, com a conquista do capital econômico, muitas famílias buscaram pela valorização cultural, por meio da preservação da obra física e da memória. A essas perspectivas, formas de glorificar o passado, somam-se novos elementos e novos significados que surgem a partir das transformações da cultura, que asseguram as suas manifestações e reinterpretações no presente.

Os objetos tornaram-se relíquias, tornaram-se coisas sagradas, os quais representam símbolo de pertencimento e referência identitária. Então, aquela vergonha sentida pelos imigrantes e seus descendentes, por conta da pobreza e da precariedade inicial vivida, cedeu lugar, a partir da década de 1990, a outra forma de interpretação desses objetos, mais prazerosa e portadora de valor, afeto e dignificação. Aqueles expostos nas casas, como coleções, possuem significados que estão em constante reelaboração, elementos esses que rememoram as experiências familiares.

Observou-se, então, que os artefatos mudaram de função. O uso cedeu lugar aos cuidados em termos de manipulação e preservação, por exemplo. Contudo, para alguns descendentes, esses artefatos cumpriram com o seu dever e não possuem mais nenhum valor, podendo ser vendidos ou descartados.

Atualmente, por proporcionarem lembranças, tais objetos passaram a ser repositórios de histórias, ao mesmo tempo em que incorporaram as histórias das pessoas. Agora, essas peças representam orgulho, como relatou a maioria dos entrevistados, em função das adversidades que seus ancestrais passaram para alcançar condições melhores de vida, além do enorme valor sentimental que sentem por tais objetos, à medida que os fazem lembrar seus antepassados. Para os

filhos e netos, pertencentes à quarta ou quinta geração de descendentes de italianos, esses artefatos despertam a curiosidade em saber para que serviam, como funcionavam, o que demonstra o interesse pelas coisas antigas e pelas vivências de seus ancestrais.

Para finalizar, os campos do artesanato e do design, embora tenham trajetórias diferentes, que em alguns momentos cruzam-se, e sejam linguagens distintas, compartilham de princípios comuns, como aqueles vinculados ao saber-fazer, por exemplo, pois a criatividade permeia em todas elas. Quanto ao fazer artesanal, o qual predominou no início da imigração, ele está intimamente ligado ao artesanato, mas se difere deste porque seguiu a tradição do imigrante italiano, num primeiro momento, e não as características locais; os artefatos destinaram-se ao consumo próprio e não para venda; foram feitos pelas famílias e não por grupos comunitários ou em âmbito empresarial. A inventividade é capaz de agregar valor aos produtos e, por isso, estabelece uma relação colaborativa entre ambas as áreas. Outro aspecto que perpassa tais âmbitos refere-se à materialização das ideias abstratas e subjetivas por meio dos projetos.

E se os objetos são capazes de serem planejados pelo ser humano, e este detém certas competências básicas em design para que possa conceber e se relacionar com os mesmos, então, aqui, entende-se o design como uma capacidade intrinsecamente humana, diferentemente do design enquanto área profissional e disciplinar recente que se afirmou progressivamente a partir da Revolução Industrial e foi reconhecido somente no século XX. Já que o problema consiste em considerar os artefatos elaborados por diferentes formas de confecção, tanto por meio artesanal, processo que se aproxima do artesanato, quanto por meio semi-industrial ou industrial, produção esta mais ligada ao ofício do design, então, definiu-se o design para muito além do que a sua profissão condiciona. Considera-se, enfim, o design como uma capacidade projetual, inerente a todo e qualquer ser humano. Os assuntos tratados no decorrer desta tese, bem como os resultados apurados, mostraram que o design já se encontrava presente nas produções que foram identificadas na região da Quarta Colônia.

CONCLUSÃO

A partir dos resultados, concluiu-se que houve dois momentos importantes de mudança em relação aos meios de obtenção de artefatos que foram encontrados na região da Quarta Colônia: o primeiro se deu logo após a chegada dos imigrantes italianos à localidade, em 1877, quando deram início a uma produção praticamente genuína resultante do fazer artesanal, para atender ao consumo imediato e às necessidades básicas de sobrevivência; enquanto que, depois de 1920, os produtos resultantes do processo industrial surgiram para substituir aqueles rudimentares. Cabe observar que artefatos obtidos por intermédio do sistema semi-industrial já circulavam desde o final do século XIX e início do século XX na região.

Dessa forma, percebeu-se a ocorrência da combinação de artefatos compostos por determinadas características, muitas vezes diferentes entre si, provenientes de tecnologias e épocas distintas. Isso fez com que os imigrantes e seus descendentes atribuíssem novos usos e significados aos primeiros objetos elaborados. Diante da análise apresentada, notou-se que, realmente, é possível compreender os elementos do acervo estudado para além de suas funções e tecnologias, pois eles são portadores de informações ainda pouco exploradas, ou seja, os artefatos devem ser entendidos como repositórios de conhecimento(s), pois contêm aspectos ligados a sua concepção, bem como valores, que servem como respostas a questões de investigação de uma cultura, do pensar e do fazer humanos. Além disso, os artefatos aqui classificados podem servir como referências para o desenvolvimento de novos produtos.

Considerando que foi atingido o objetivo principal inicialmente proposto para esta pesquisa, o qual visou analisar os artefatos trazidos, confeccionados ou adquiridos pelos imigrantes italianos e como eles se faziam presentes na vida de seus descendentes, cabe destacar que o escopo desse tema não se encerra neste trabalho, pois há várias possibilidades de outras abordagens, avanços e aprofundamentos, tais como os desdobramentos apontados a seguir:

- realizar um comparativo entre as peças rudimentares e os produtos industriais da atualidade;
- buscar informações sobre as fábricas identificadas nas inscrições dos artefatos constituintes desta pesquisa;
- aprofundar o estudo da relação de uso (manejo) dos artefatos em questão;
- levantar dados referentes aos elementos característicos das tradições e da cultura italiana, bem como da possibilidade de inserção dos mesmos à produção industrial;
- pesquisar sobre os artefatos existentes nas primeiras colônias;
- efetuar um comparativo entre os artefatos presentes na serra gaúcha e na Quarta Colônia;
- pesquisar sobre a ocorrência de fábricas de móveis na região da Quarta Colônia;
- realizar um estudo sobre os artefatos existentes nas colônias de imigração alemã no Rio Grande do Sul.

Assim, os dados levantados e sua análise aqui apresentados prestam-se a outras reflexões que poderão ser objeto de outras pesquisas e até mesmo num nível de pós-doutoramento. Desse

modo, poderá haver relevante contribuição para o entendimento das circunstâncias que envolvem a criação e a utilização de artefatos e, conseqüentemente, para o aprofundamento e ampliação da construção do conhecimento na área do design.

Com vistas a dar um retorno àqueles que contribuíram de modo fundamental para a viabilização desta pesquisa - proprietários ou guardiões das coleções, houve o cuidado de fazer chegar a eles as descrições dos artefatos analisados. Essa iniciativa representa também um profundo agradecimento pela generosidade de permitirem amplo acesso aos acervos, como por partilharem conhecimentos, tanto aqueles resgatados de suas memórias, quanto os oriundos do contato com o material precioso que se encontra sob os seus cuidados.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Adrioni Antonio. Entrevista degravada, com duração de 30 minutos. São João do Polêsine: 02 de julho de 2014.

ANTONELLO, Idê Vitoria. **Emigração na Itália e Imigração Italiana no Brasil e no Rio Grande do Sul**. Santa Maria, RS: 1996. 60 fl.

APPADURAI, Arjun. **A Vida Social das Coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Tradução de Agatha Bacelar. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008. 399 p.

ARTESANATO e Desenho Industrial: um processo contínuo. São Paulo: FIESP/CIESP. 1981. 36 p.

AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 6 ed. Brasília: UnB; Rio de Janeiro: UFRJ; 1996.

BARCELOS, Artur Henrique Franco. De Cultura Material, Memória, Perdas e Ganhos. **Métis**: história & cultura, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, p. 27-42, jul./dez. 2009.

BARSIN, Bario; et al. **Civiltà Rurale di una Valle Veneta**: la Val Leogra. Vicenza: Accademia Olimpica, 1986. 789 p.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim Vivem os Italianos**: religião, música, trabalho e lazer. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias, 1983.

_____. **Assim Vivem os Italianos**: vida, história, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Ed. da Universidade de Caxias, 1982.

BENADUCE, Gilda Maria Cabral; MANFIO, Vanessa. A Quarta Colônia de Imigração Italiana: a valorização cultural da região. In: XIV Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão – SEPE: Responsabilidade Socioambiental. **Anais**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2010. v. 1. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/sepe2010/2010/trabalhos/humanas/Completo/4596.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2014.

BIANCHI, Ana Cristina. **Avaliação de Propostas Públicas Municipais e Regionais no Âmbito do Planejamento Integrado do Turismo Sustentável na Quarta Colônia, RS, Brasil**. 2007. 161 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional), Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul, 2007. Disponível em: <<http://btd.unisc.br/Dissertacoes/AnaBianchi.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2014.

BISOGNIN, Edir Lucia; RIGHI, José Vicente; TORRI, Valmor. **Povoadores da Quarta Colônia**. Porto Alegre: EST, 2001.

BONI, Luís Alberto De; COSTA, Rovílio. **Os Italianos do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, Correio Riograndense; 1984.

BONSIEPE, Gui. **Design, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. 239 p.

BORIN, Aléssio Agostinho. Entrevista degravada, com duração de 60 minutos. São João do Polêsine: 07 de julho de 2014.

BOURDIEU, Pierre. Condição de Classe e Posição de Classe. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007a.

_____. Estrutura, Habitus e Prática. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007b.

BOZZETTI, José Pinheiro Bozzetti. **Design no Sul: uma Experiência Pessoal, um Testemunho**. In: BASTOS, Roberto; *et al* (org.). **Pensando Design**. Porto Alegre: UniRitter, 2004.

CAMINHOS de Pedra: mãos que constroem. 2013. Disponível em: <<http://www.caminhosdepedra.org.br/pt/?pg=historico>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

_____. : tempo e memória na Linha Palmeiro. Direção: Pedro Zimmermann. Produção: Angela Martins e Aletéia Selonk. Roteiro: Pedro Lucas. Bento Gonçalves: Giros Produções, 2007. 1 documentário, color.

CENTENÁRIO da Imigração Italiana: 1875-1975 - Rio Grande do Sul - Brasil. Porto Alegre: Edel, 1975. 379 p.

CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO. **Projeto de Organização e Informatização do Acervo da Quarta Colônia**. 2005. Disponível em: <<http://www.unifra.br/home/Noticia.asp?625>>. Acesso em: 06 abr. 2014.

COLÔNIAS de Imigrantes: Colônia Italiana. Direção: Belisario Franca. Produção: Taísa Mattos. Realização: SESC TV. Antônio Prado: Okna Produções, 2011. 1 documentário, color.

COSTA, Marta Sanches da; COSTA, Paulo Ferreira da. **Normas de Inventário: ciência e técnica – normas gerais**. 2010. Disponível em: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Download/Normas/NI_Ciencia_Tecnica.pdf>. Acesso em: 10 set. 2015.

COSTA, Rovílio; *et al*. **Imigração Italiana: vida, costumes e tradições**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Sulina, 1974.

CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. **Metodologia Científica**: teoria e prática. 2 ed. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2004.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Carbureto**. 2014. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/carbureto/>>. Acesso em: 18 jan. 2015.

E-BIOGRAFIAS. **Princesa Isabel**: Monarca brasileira. 2012. Disponível em: <http://www.e-biografias.net/princesa_isabel/>. Acesso em: 12 dez. 2013.

ELLWANGER, Daniele Dickow. **O Design na Produção Moveleira da Serra Gaúcha**. 2008. 295 p. Dissertação (Mestrado em Design), Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ESPERANÇA, Clarice Gontarski. Memória e Identidade: reflexão sobre os gráficos gaúchos. **Métis**: história & cultura, Caxias do Sul, v. 6, n. 12, p. 11-34, jul./dez. 2007.

FAGGIANI, Kátia. **O Poder do Design**: da ostentação à emoção. Brasília: Thesaurus, 2006. 136 p.

FALCON, Francisco José Calazans. **História Cultural**: uma visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D.. Prefácio. In: _____. **Linguagem, Identidade e Memória Social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2004.

FOLETTTO, Elisa Grigoletto. Entrevista degravada, com duração de 40 minutos. São João do Polêsine: 09 de julho de 2014.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE. **Artesanato Brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1980. 165 p.

GENFARMA. **Localização**: áreas de atuação. 2012. Disponível em: <<http://www.genfarma.com.br/web/localizacao/>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GIRON, Loraine Slomp; POZENATO, Kenia Maria Menegotto. Identidade: cultura e memória. **Métis**: história & cultura, Caxias do Sul, v. 6, n. 12, p. 137-151, jul./dez. 2007.

HEKKERT, Paul; RUSSO, Beatriz. Sobre Amar um Produto: os princípios fundamentais. In: DAMAZIO, Vera; MONT'ALVÃO, Claudia. **Design, Ergonomia e Emoção**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

HESKETT, John. **Design**. Traduzido por Márcia Leme. São Paulo: Ática, 2008.

HILBERT, Klaus. Diálogos entre Substâncias, Cultura Material e Palavras. **Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, p. 11-25, jul./dez. 2009.

HILL, Telênia. **Homem, Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. 128 p.

IACOCCA, Angelo. **Retratos da Imigração Italiana no Brasil**. Traduzido por Cipriana Leme. São Paulo: Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2011.

KURTZ, Carlos Renan. **Vale Vêneto: um pedaço da Itália no Brasil**. Porto Alegre: CORAG, [19--]. 54 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LAZZAROTTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 1986.

LÖBACH, Bernd. **Design Industrial: bases para a configuração dos produtos industriais**. 1. ed. Traduzido por Freddy Van Camp. São Paulo, SP: Edgard Blücher, 2001.

LODY, Raul; SOUZA, Marina de Mello. **Artesanato Brasileiro: madeira**. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore. 204 p.

MACHADO, Marcos Vinícios Machado; SAAD, Danielle de Souza; SAAD, Denise de Souza. Quarta Colônia de Imigração Italiana, Patrimônio Cultural e Turismo no Planalto Central do Rio Grande do Sul, no Sul do Brasil. **Revista América Patrimônio**, Patrimônio y Turismo, Santiago de Chile, n. 4, p. 54-68, segundo semestre 2012. Disponível em: <http://www.revistaamericapatrimonio.org/revista_america_patrimonio_4/files/publication.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2014.

MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. **O Desenvolvimento de Produtos Sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais**. Traduzido por Astrid de Carvalho. 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. Experiência Viva, Experiência Refletida: a memória no tempo da história. In: RAMOS, Francisco Régis Lopes; SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e (Org.). **Cultura e Memória: os usos do passado na escrita da história**. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC/Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

MOLES, Abraham Antoine. **Sociodinâmica da Cultura**. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, Ed. da USP, 1974.

MORAES, Dijon de. **Análise do Design Brasileiro: entre mimese e mestiçagem**. São Paulo, SP: Edgard Blücher, 2006. 290 p.

MOSCOVICI, Serge. Sobre a Subjetividade Social. In: SÁ, Celso Pereira de (Org.). **Memória, Imaginário e Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

NIEMEYER, Lucy. Design Atitudinal: uma abordagem projetual. In: DAMAZIO, Vera; MONT'ALVÃO, Claudia. **Design, Ergonomia e Emoção**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

OLIVEIRA, Lilian Manes de. **Non Ti Scordar di Me**: presença de italianismos no português do Brasil. São Paulo: Annablume, 2010. 240 p.

PAULETTO, Jorge e Ivanilde. Entrevista degravada, com duração de 40 minutos. São João do Polêsine: 21 de janeiro de 2015.

PEREIRA, Eloy Lacava. **O Brasil do Imigrante**. Caxias do Sul: 1974.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Burguesia Gaúcha**: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. 280 p.

_____. **RS: agropecuária colonial & industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. 216 p.

POSSAMAI, Paulo. **'Dall'Italia siamo Partiti'**: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo, RS: UFP, 2005. 268 p.

POZENATO, José Clemente. **Processos Culturais na Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 1990.

_____. **Processos Culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

RAMOS, Francisco Régis Lopes; SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. Apresentação. In: _____. **Cultura e Memória**: os usos do passado na escrita da história. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC/Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

REYES, Paulo. **Projeto por Cenários**: o território em foco. Porto Alegre: Sulina, 2015. 268 p.

RIBEIRO, Darcy. **O Processo Civilizatório**: etapas da evolução sociocultural. São Paulo: Companhia das Letras; Publifolha, 2000.

RODRIGUES, Paula Maria de Azevedo Ferreira. **Design e Conhecimento**: uma leitura antropológica dos artefactos (documento provisório). 2015. 393 p. Tese (Doutorado em Design), Universidade de Aveiro, Aveiro, 2015.

RUGIU, Antonio Santoni. **Nostalgia do Mestre Artesão**. Campinas, SP: Autores Associados. 1998. 167 p.

SÁ, Celso Pereira de. As Memórias da Memória Social. In: _____. **Memória, Imaginário e Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

SACHET, Zeferino Bridi. Entrevista degravada, com duração de 20 minutos. Ibarama: 28 de janeiro de 2015.

SAMPAIO, Roniel. **Teoria do Campo – Pierre Bourdieu**. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xCV3G_oh84c>. Acesso em: abr. 2014.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHNEIDER, Beat. **Design - Uma Introdução**: o design no contexto social, cultural e econômico. São Paulo, SP: Blucher, 2010. 299 p.

SECRETARIA DO TURISMO DO RIO GRANDE DO SUL. **Multimídia**. Disponível em: <www2.turismo.rs.gov.br/multimedia/max1233097218DSC02420.JPG>. Acesso em: 15 mar. 2015.

SERRA GAÚCHA. **Histórico da Região Uva e Vinho**. 2013. Disponível em: <<http://www.serragaucha.com/pt/paginas/historico-da-regiao-uva-e-vinho/>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

SOUZA, Célia Ferraz de. **Contrastes Regionais e Formações Urbanas**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000. 94 p.

VENDRAME, Maíra Ines. **“Lá Éramos Servos, aqui somos Senhores”**: a organização dos imigrantes italianos na ex-Colônia Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007. 322 p.

VESTENA, Claudete. Entrevista degravada, com duração de 30 minutos. Faxinal do Soturno: 27 de agosto de 2015.

WIKIPÉDIA. **Anexo**: Lista de províncias da Itália. 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_prov%C3%ADncias_da_It%C3%A1lia>. Acesso em: 12 dez. 2013.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil Meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. Santa Maria: UFSM, 2006.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Aplicado aos Descendentes de Imigrantes Italianos

Entrevista nº: _____ Data: _____ Local: _____

- Dados pessoais:

Nome: _____ Data de nasc.: _____ Sexo: () M () F

Naturalidade: _____ Nacionalidade: _____

Linha paterna e/ou materna: _____ Geração: _____ Irmãos: _____

Estado civil: _____ Filhos: _____

Cidadania italiana: _____ Desde: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Religião: _____ Praticante: _____

Vínculo com entidade(s): _____ Qual(is): _____

- Informações sobre o processo de imigração e o estabelecimento no Rio Grande do Sul, bem como sobre a cultura e os artefatos:

1. O(A) Sr.(a) possui dados relativos à história familiar anterior à chegada ao Brasil? Quais? Como obteve tais informações?
2. Conte o processo de imigração da sua família e de estabelecimento em terras gaúchas:
3. Como eram as casas?
4. Como se dava a relação entre as famílias imigrantes?
5. Narre como era mantida a cultura italiana entre seus antepassados, em termos de moral, religiosidade, trabalho, alimentação, artesanato:
6. O(A) Sr.(a) tem informações sobre o período de repressão da época de Getúlio Vargas (Estado Novo)? Como isso influenciou/interferiu na vida da sua família?
7. Como se dava a aquisição ou a fabricação de artefatos logo após o assentamento nas terras? Como isso foi ocorrendo com o passar dos anos?
8. Como as primeiras casas e os primeiros artefatos eram vistos pelas gerações que se sucederam? Quais os seus significados?

- Informações atuais sobre a cultura e os bens:

9. O que o(a) Sr.(a) considera como símbolos/elementos típicos da cultura italiana?
10. O(A) Sr.(a) considera importante a valorização da cultura italiana? Por quê?
11. Como o(a) Sr.(a) contribui para que isso aconteça?
12. Seus filhos têm apreço pela história de seus antepassados e pelas coisas antigas da família? Por quê?
13. O que os artefatos antigos representam/significam para o(a) Sr.(a)?

- Especificamente sobre o artefato:

14. Como este artefato foi fabricado/adquirido? Por quem? Onde? Quando?
15. Ele tem marcas? Quais?
16. O artefato já foi restaurado ou sofreu alguma modificação?
17. Ele está em uso?
18. Há fotos antigas do artefato? Podem ser disponibilizadas para a tese?

- Descrição do artefato:

- Tipo:
- Lugar de origem:
- Data:
- Fabricante:
- Materiais:
- Acabamentos:
- Técnicas de fabricação:
- Medidas gerais (L x A x P):
- Partes:
- Acessórios:
- Marcas:
- Ambiente em que se encontra:

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, destinado aos Descendentes de Imigrantes Italianos

Eu, _____, RG _____, abaixo qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de sujeito objeto da pesquisa, que me foi devidamente esclarecida a Pesquisa de Campo, a qual tem por finalidade complementar a tese intitulada DESIGN COMO EXPRESSÃO DA CAPACIDADE HUMANA: ESTUDO SOBRE OS ARTEFATOS PRESENTES NA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA, A PARTIR DE SUAS ORIGENS, PARTICULARIDADES E SIGNIFICADOS, trabalho em processo de desenvolvimento pelas autoras Profa. M.Sc. Daniele Dickow Ellwanger e Profa. D.Sc. Lucy Niemeyer, na Linha de Pesquisa em DESIGN, TEORIA E CRÍTICA, do curso de DOUTORADO EM DESIGN da ESCOLA SUPERIOR DE DESENHO INDUSTRIAL da UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, quanto aos seguintes aspectos:

- a. que a pesquisa objetiva analisar os artefatos trazidos, produzidos ou adquiridos pelos imigrantes italianos e como eles se fazem presentes na vida de seus descendentes;
- b. que a coleta de informações da pesquisa é feita através de filmagem e de fotografia dos artefatos, além de uma entrevista, cujo roteiro encontra-se anexado a este Termo, também por mim lido;
- c. que estará a mim assegurada a disponibilidade para esclarecimentos sobre a metodologia aplicada na pesquisa;
- d. que para mais esclarecimentos posso contatar a autora e orientadora responsável Profa. D.Sc. Lucy Niemeyer, pelo telefone (21) 99809.0628;
- e. que estará a mim garantida a total liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalidade alguma e sem prejuízo algum para mim;
- f. que o uso dos dados por mim fornecido é reservado às autoras da tese, acima mencionadas, sendo preservado o respeito ao meu anonimato;
- g. que a informação sobre os dados da pesquisa pode ser divulgada e publicada desde que cumprido o disposto no item f;
- h. que tenho ciência de possíveis desconfortos, como a apresentação e registro dos artefatos, a duração da entrevista de aproximadamente quarenta e cinco minutos e a marcação de outra entrevista, caso haja necessidade de complementação das informações coletadas.

DECLARO, portanto, que após convenientemente esclarecido pelas autoras e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente participar desta pesquisa.

, de _____ de _____

QUALIFICAÇÃO DO DECLARANTE

Nome: _____

RG: _____

Data de nascimento: ___ / ___ / _____

Sexo: M () F ()

Endereço: _____ Nº.: _____ Compl.: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Tel.: _____ Cel.: _____

E-mail: _____

Assinatura do Declarante

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências nele contidas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para a realização desta pesquisa.

, de de

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE C – Descrição dos Artefatos de Aléssio Agostinho Borin (AB)

Informações gerais:

- Todas as peças pertencentes a Aléssio Agostinho Borin, atualmente;
- Acervo pessoal exposto em dois ambientes que fazem parte de um galpão (espaço da antiga marcenaria do entrevistado), localizado na Vila Ceolin, no município de São João do Polêsine;
- A maioria das peças em ferro foi forjada a fogo, martelo e bigorna, e, aquelas em madeira, serradas; têmpera atingida a partir de choque térmico, em contato com água ou óleo fervente, para dar resistência ao metal; solda: aquecimento a carvão, martelando até soldar/unir as peças;
- A maioria das peças com acabamento rústico; aquelas em madeira, talvez, “lixadas” com pedaços de vidro;
- Medidas gerais representadas por largura (L), altura (A) e profundidade (P), em centímetros, conforme a posição dos artefatos nas imagens;
- Régua de 30 cm utilizada como referência para se fixar a proporcionalidade entre a maioria dos artefatos fotografados.

Foto 1	Descrição do artefato
	Tipo: furadeira
	Função: abrir pequenos orifícios em trabalhos de ourivesaria
	Lugar de origem: Pernambuco; peça semelhante às encontradas em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine
	Data: final séc. XIX, início séc. XX
	Proprietário: militar de Pernambuco
	Partes: cinco = broca, duas hastes, limitador e fio
	Materiais: metal, madeira e corda
	Técnica de fabricação: peça em madeira torneada
	Medidas gerais (L x A x P): 33 x 5 x 24
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 2	Descrição do artefato
	Tipo: enxó/enxadinha
	Função: escavar madeira, uso geral
	Lugar de origem: Itália
	Data: final séc. XIX
	Proprietário: José Cerezer (falecido)
	Partes: duas = lâmina e pega
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 17 x 11 x 13
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 3	Descrição do artefato
	Tipo: enxó
	Função: escavar madeira, principalmente para obtenção de gamela
	Lugar de origem: adquirido em Silveira Martins
	Data: início séc. XX
	Proprietário: José Cerezer (falecido)
	Partes: duas = lâmina (um dos lados com dentes para corte) e pega (não é a original)
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 26 x 4 x 24
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 4	Descrição do artefato
	Tipo: meia-esquadria
	Função: proporcionar corte reto ou de 45°
	Lugar de origem: adquirida em Silveira Martins
	Data: início séc. XX
	Proprietário: José Cerezer (falecido)
	Partes: treze = três ripas e dez pregos
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 35,5 x 5,5 x 9
Marcas: desgaste pelo uso/tempo	

Foto 5	Descrição do artefato
	Tipo: serra
	Função: cortar madeira junto da meia-esquadria
	Lugar de origem: adquirida em Silveira Martins
	Data: início séc. XX
	Proprietário: José Cerezer (falecido)
	Partes: seis = lâmina, dois pinos, duas arruelas (imagem em detalhe) e cabo
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 41 x 2,5 x 13
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, dobra na lâmina para resistência (parte superior) e particularidade dos pinos e arruelas (imagem em detalhe)	

Foto 6		<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: saraquá</p> <p>Função: abrir cova para depósito de grãos</p> <p>Lugar de origem: adquirido em Silveira Martins</p> <p>Data: final séc. XIX</p> <p>Proprietário: José Cerezer (falecido)</p> <p>Partes: duas = cabo e ponta em forma cônica (esquerda) ou em lâmina (direita)</p> <p>Materiais: madeira e ferro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 3,5 x 128 x 3,5 (esquerda), 3,5 x 149 x 3,5 (direita)</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e particularidade das ponteiros (imagem em detalhe)</p>
---------------	--	---

Foto 7		<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: pilão e socadores</p> <p>Função: descascar arroz e quebrar milho</p> <p>Lugar de origem: adquiridos em Silveira Martins</p> <p>Data: final séc. XIX</p> <p>Proprietário: José Cerezer (falecido)</p> <p>Partes: três = recipiente e dois socadores</p> <p>Material: madeira</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 46 x 49 x 40 (pilão), 9 x 77 x 9 (socador/esquerda), 9 x 60 x 9 (socador/direita)</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo e furos de cupim</p>
---------------	---	---

Foto 8	Descrição do artefato
	Tipo: enxó
	Função: dar acabamento às tabuinhas (<i>scandolle</i>) que cobriam as casas
	Lugar de origem: Itália
	Data: décs. 1870/80
	Proprietário: Pedro Paulo Pradela (falecido)
	Partes: três = lâmina, trava e cabo
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 29 x 11,5 x 15
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 9	Descrição do artefato
	Tipo: soldador de estanho
	Função: executar soldas
	Lugar de origem: São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Augusto Burin ¹⁰¹ (avô falecido de Aléssio Borin)
	Partes: três = haste, pega e cunha
	Materiais: cobre, madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 36,5 x 3 x 5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

¹⁰¹ Tinha um alambique, produzia cachaça/água ardente.

Foto 10	Descrição do artefato
	Tipo: machadinha
	Função: lascar madeira para tabuinhas
Lugar de origem: desconhecido	Data: desconhecida
Proprietário: Augusto Burin (avô falecido de Aléssio Borin)	Partes: duas = lâmina e pega
Materiais: ferro e madeira	Medidas gerais (L x A x P): 33,5 x 3 x 18
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim, inscrição de marca ("GFF") e de número ¹⁰² ("7") na lâmina (imagem em detalhe)

Foto 11	Descrição do artefato
	Tipo: tesoura
	Função: cortar crina de cavalo
Lugar de origem: São João do Polêsine	Data: déc. 1920
Proprietário: Augusto Burin (avô falecido de Aléssio Borin)	Partes: duas hastes e arame de segurança
Material: ferro	Medidas gerais (L x A x P): 31 x 3 x 8
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de marca ("K & M"; "GJ__STAHL") na lâmina (imagem em detalhe)

¹⁰² Geralmente, a inscrição de número na peça devia-se a um número de registro, para que a mesma não pudesse ser copiada.

Foto 12	Descrição do artefato
	Tipo: pedra de prumo
	Função: alinhar construções
	Lugar de origem: São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Fabricante e proprietário: Augusto Burin (avô falecido de Aléssio Borin)
	Partes: peça inteira; falta o barbante
	Material: pedra lascada e polida
	Medidas gerais (L x A x P): 3,5 x 4 x 3,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo	

Foto 13	Descrição do artefato
 	Tipo: debulhador
	Função: debulhar milho
	Lugar de origem: Linha Bonita, São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Augusto Burin (avô falecido de Aléssio Borin)
	Partes: várias = caixa, duas rodas, manivela, duas engrenagens
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 65 x 88 x 51
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e impressão de marca ("CLINTON") na estrutura externa (imagem em detalhe)	

Foto 14	Descrição do artefato
	Tipo: moldureira
	Função: proporcionar acabamento para rodapés, roda-forro, moldura para quadros, etc.
	Lugar de origem: adquirida em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Alexandre Marquezan ¹⁰³ (falecido), adquirida por intermédio do filho Pascoal Valídio (falecido)
	Partes: doze = estrutura, trava, lâmina e nove pregos aparentes
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 21,5 x 4 x 16
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furos de cupim
Foto 15	Descrição do artefato
	Tipo: serrinha
	Função: proporcionar cortes pequenos
	Lugar de origem: adquirida em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Alexandre Marquezan (falecido), adquirida por intermédio do filho Pascoal Valídio (falecido)
	Partes: quatro = cabo, lâmina (adaptada de outro artefato pelo proprietário), parafuso e porca
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 20 x 2,5 x 13,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim, furo para pendurar e inscrição de número ("35") na cabeça do parafuso (imagem em detalhe)	
Foto 16	Descrição do artefato
	Tipo: goiva
	Função: escavar formas arredondadas (côncavas)
	Lugar de origem: adquirida em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Alexandre Marquezan (falecido), adquirida por intermédio do filho Pascoal Valídio (falecido)
	Partes: duas = cabo e lâmina
	Materiais: madeira e ferro
Medidas gerais (L x A x P): 18,5 x 3 x 3	
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

¹⁰³ Tinha uma ferraria/marcenaria.

Foto 17	Descrição do artefato
	Tipo: alisador
	Função: alisar cabos de ferramentas
	Lugar de origem: adquirido em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Alexandre Marquezan (falecido), adquirido por intermédio do filho Pascoal Valídio (falecido)
	Partes: três = lâmina e pegas
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 27 x 3 x 12
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 18	Descrição do artefato
	Tipo: formão
	Função: proporcionar rebaixo em madeira para encaixes de dobradiças em portas/janelas
	Lugar de origem: adquirido em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Fabricante e proprietário: Alexandre Marquezan (falecido), adquirida por intermédio do filho Pascoal Valídio (falecido)
	Partes: cinco = pega, lâmina, regulador de profundidade, parafuso e porca para regulagem
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 27 x 3,5 x 5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 19	Descrição do artefato
	Tipo: rebaixador (cepilho)
	Função: proporcionar ranhura/rebaixo de encaixe de fundo de pipas
	Lugar de origem: adquirido em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início do séc. XX
	Fabricante e proprietário: Alexandre Marquezan, (falecido), adquirido por intermédio do filho Pascoal Valídio (falecido)
	Partes: várias = lâmina dentada (para corte), suporte, apoio (regulagem de profundidade), pregos, porcas
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 37 x 17 x 18
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 20	Descrição do artefato
	Tipo: paquímetro
	Função: marcar medidas exatas
	Lugar de origem: adquirido em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Alexandre Marquezan (falecido), adquirido por intermédio do filho Pascoal Valídio (falecido)
	Partes: cinco = dois pinos, duas hastes e limitador
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 22,5 x 3,5 x 13
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 21	Descrição do artefato
 	Tipo: medidor
	Função: realizar medição ¹⁰⁴
	Lugar de origem: adquirida em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Fabricante e proprietário: Alexandre Marquezan (falecido), adquirida por intermédio do filho Pascoal Valídio (falecido)
	Partes: quatro = roda/lâmina dentada, pino, arruela (imagem em detalhe) e cabo
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 36 x 2 x 16,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim, furo na lâmina (ponto de partida), furo para pendurar e resquícios de tinta ¹⁰⁵ verde no cabo (imagem em detalhe)

Foto 22	Descrição do artefato
 	Tipo: plaina
	Função: aplainar madeira
	Lugar de origem: adquirida em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Valentim Skio (falecido), adquirida por intermédio da esposa Ema
	Partes: quatro = cabo, estrutura, trava e lâmina
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 23 x 12 x 4,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de número ("30") na estrutura principal (imagem em detalhe)	

¹⁰⁴ Medição de madeira para fazer dormente (peça para base dos trilhos de trem).

¹⁰⁵ Tinta em pó utilizada antigamente.

Foto 23	Descrição do artefato
	Tipo: plaina
	Função: aplainar madeira
	Lugar de origem: adquirida em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Alexandre Marquezan (falecido), adquirida por intermédio do filho Pascoal Valídio (falecido)
	Partes: peça inteira; faltam partes
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 30 x 6 x 6
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, furos de cupim e linhas traçadas na lateral para auxiliar na realização de cortes em ângulo (imagem em detalhe)

Foto 24	Descrição do artefato
	Tipo: plaina
	Função: aplainar madeira
	Lugar de origem: adquirida em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Alexandre Marquezan (falecido), adquirida por intermédio do filho Pascoal Valídio (falecido)
	Partes: três = estrutura, trava e lâmina; vários pregos; falta cabo
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 23,5 x 11,5 x 7
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos feitos por pregos, resquício de lâmina parte inferior, inscrição de marca ("CEROS MFG.COMP."; "MARCA REGISTRADA") e de número ("822") na lâmina de ferro (imagens em detalhe)

Foto 25	Descrição do artefato
 	Tipo: plaina ¹⁰⁶
	Função: aplinar madeira, com regulação para alterar ângulo de inclinação
	Lugar de origem: adquirida em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: desconhecida
	Proprietário: Alexandre Marquezan (falecido), adquirida por intermédio do filho Pascoal Valídio (falecido)
	Partes: várias
	Materiais: variados tipos de metais e polímero
	Técnica de fabricação: industrial
	Medidas gerais (L x A x P): 26,5 x 13,5 x 6
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, impressão de marca ("PLANO") e inscrição de número ("113") no metal (imagem em detalhe)

Foto 26	Descrição do artefato
 	Tipo: plaininha
	Função: aplinar madeira
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: décs. 1920/30
	Proprietário: Luiz Cadore (falecido), adquirida por intermédio da esposa do neto Mário
	Partes: várias
	Material: ferro
	Técnica de fabricação: industrial
	Medidas gerais (L x A x P): 13,5 x 6 x 4
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de número ("102") no metal (imagem em detalhe)	

¹⁰⁶ As indústrias começaram a aparecer depois da Segunda Guerra Mundial, nas décadas de 1940 e 1950, dizia Nicolau Narcizo Borin, pai de Aléssio Borin, o que facilitou a fabricação de produtos.

Foto 27	Descrição do artefato
	Tipo: arco com pua/broca
	Função: furar madeira
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine
	Data: déc. 1940
	Proprietário: Luiz Cadore (falecido), adquirido por intermédio da esposa do neto Mário
	Partes: várias
	Materiais: madeira e ferro
	Técnica de fabricação: industrial
	Medidas gerais (L x A x P): 52 x 7 x 18
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de marca ("STANLEY") e de número ("No. 945 – 10 IN.") na haste de metal (imagens em detalhe)

Foto 28	Descrição do artefato
	Tipo: serrote
	Função: serrar madeira
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Luiz Cadore (falecido), adquirido por intermédio da esposa do neto Mário
	Partes: várias = suporte, trava, pega, pinos; falta a lâmina
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 56,5 x 2 x 14
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de palavras feita à mão ("SEI P"; "VAI I VOLTA") (imagens em detalhe)

Foto 29

Descrição do artefato
Tipo: serrote
Função: desdobrar madeira/tora
Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine, talvez vindo da Itália
Data: final séc. XIX, início séc. XX
Proprietário: Ernesto Marquezan (falecido), adquirido por intermédio do filho Celso
Partes: duas = lâmina e cabo; falta uma peça (cabo, na outra extremidade)
Material: ferro
Medidas gerais (L x A x P): 130 x 18 x 0,3 (espessura da lâmina)
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem; faziam-se marcas com barbante "sujo" com pó de carvão para guiar e serrar a madeira (corte feito na vertical)

Foto 30	Descrição do artefato
	Tipo: marreta
	Função: cortar tijolo ¹⁰⁷ , cerâmica, pedra, ferro, madeira, etc.
	Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Germano Pivetta (falecido)
	Partes: duas = cabo (não é o original) e lâmina
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 24,5 x 2,5 x 16
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e prego para firmar o cabo na lâmina (imagem em detalhe)

Foto 31	Descrição do artefato
	Tipo: bigorna
	Função: apoiar facas, facões e gadanha para laminação; fixava/prendia na madeira; com limitador, para não se aprofundar
	Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Germano Pivetta (falecido)
	Partes: duas = haste e limitador
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 38 x 5 x 11
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e resquício de tinta verde (provavelmente derramada sobre o artefato) (imagem em detalhe)

Foto 32	Descrição do artefato
	Tipo: foicinha
	Função: cortar pasto para animais
	Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Germano Pivetta (falecido)
	Partes: quatro = dois pinos, cabo e lâmina
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 37,5 x 2,5 x 14
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

¹⁰⁷ Primeiros cursos criados pelos padres e irmãos Palotinos: formavam pedreiros, oleiros, etc.. No caso das olarias, o barro (com milho) era amassado pelos porcos; depois, colocado em fôrmas de madeira para a confecção dos tijolos.

Foto 33	Descrição do artefato
	Tipo: funil, que compunha uma máquina a vapor, a qual acionava um moinho de milho
	Função: abertura para abastecer o reservatório da máquina com óleo
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine
	Data: déc. 1920
	Proprietária: Cooperativa Irmãos Felice
	Partes: várias
	Material: latão galvanizado
	Medidas gerais (L x A x P): 33 x 9,5 x 11 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 34	Descrição do artefato
	Tipo: separador de sementes
	Função: separar as sementes do algodão ¹⁰⁸
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietária: Maria Morin Bonfada (falecida), adquirido por intermédio da nora Maria Cella Bonfada
	Partes: várias = base, duas travessas (pés), dois suportes, dois cilindros, pregos; faltam as manivelas
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 54,5 x 27,5 x 23 Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furos de cupim

¹⁰⁸ Do algodão, faziam-se os acolchoados.

Foto 35	Descrição do artefato
	Tipo: concha/pá grande
	Função: juntar/limpar grãos
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: final séc. XIX, início séc. XX
	Proprietário: Pedro Pozzobon (falecido), adquirida por intermédio do filho Amante Matheo
	Partes: várias = concha e pinos; falta o cabo (foi quebrado)
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 64 x 7,5 x 24
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e emendas feitas com chapas de ferro (imagem em detalhe)	

Foto 36

**Descrição do artefato**

Tipo: serrote

Função: cortar madeira

Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine

Data: déc. 1920

Proprietário: Agostinho Pozzobon (falecido), adquirido por intermédio do filho Osmar

Partes: várias = suporte/esticador¹⁰⁹, lâmina dentada, duas pegas, arame, gancho, borboleta; ripa de madeira central servindo apenas como apoio

Materiais: madeira e lâmina de ferro

Medidas gerais (L x A x P): 89 x 44,5 x 3

Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 37

**Descrição do artefato**

Tipo: serra tico-tico

Função: cortar madeira¹¹⁰

Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine

Data: início séc. XX

Proprietário: pai de Ezidro Moisés Bortoluzzi

Partes: várias = pega, arco, parafusos, "borboletas"; falta a lâmina

Materiais: ferro e madeira

Medidas gerais (L x A x P): 28 x 2 x 25,5

Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e resquícios de tinta verde no metal (imagem em detalhe)

¹⁰⁹ Armação para "esticar" a lâmina grande.

¹¹⁰ Para fazer detalhes das fachadas das casas.

Foto 38	Descrição do artefato
	Tipo: serra tico-tico
	Função: cortar madeira
	Lugar de origem: adquirida em Várzea do Meio, distrito de Restinga Seca
	Data: início séc. XX
	Proprietário: era do avô (alemão) da esposa de Cristiano Cassol
	Partes: três = prego, suporte e lâmina dentada; faltam peças
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 43 x 3 x 29,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 39	Descrição do artefato
 	Tipo: esmeril
	Função: proporcionar acabamento e afiar ferro
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine
	Data: desconhecida
	Proprietário: Luiz Sterchi (falecido), adquirido por intermédio do filho Henrique
	Partes: várias
	Materiais: ferro, pedra e madeira
	Técnica de fabricação: industrial
	Medidas gerais (L x A x P): 23 x 17 x 17
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e aplicação de marca e de número (indecifráveis) (imagem em detalhe)	

Foto 40	Descrição do artefato
 	Tipo: tripé
	Função: bater taxa em sola de sapato
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine
	Data: desconhecida
	Proprietário: Ângelo Ceretta (tio falecido da mãe de Aléssio Borin), adquirido por intermédio de Gilson Bissacotti (comprou o terreno de Ângelo)
	Partes: peça inteira
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 15,5 x 17,5 x 12,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e resquílios de tinta vermelha (provavelmente derramada sobre o artefato) (imagem em detalhe)

Foto 41	Descrição do artefato
	Tipo: canga
	Função: prender as cabeças dos bois para trabalhos agrícolas
	Lugar de origem: adquirida no Sítio dos Melo, Faxinal do Soturno
	Data: déc. 1920
	Proprietária: família Casarin
	Partes: cinco = canga, quatro canzis e duas brochas (tiras de couro)
	Materiais: madeira e tiras de couro
	Medidas gerais (L x A x P): 140 x 60 x 9
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e furos de cupim

Foto 42	Descrição do artefato
	Tipo: vitrine
	Função: expor produtos para venda
	Lugar de origem: adquirida na Vila Ceolin, São João do Polêsine
	Data: 1925/6
	Proprietário: Genésio Ceolin (falecido), adquirida por intermédio do sobrinho Adair
	Partes: várias = estrutura, eixo, suporte, prateleiras, parafusos
	Materiais: madeira e vidro
	Medidas gerais (L x A x P): 52 x 187 x 52
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e furos de cupim	

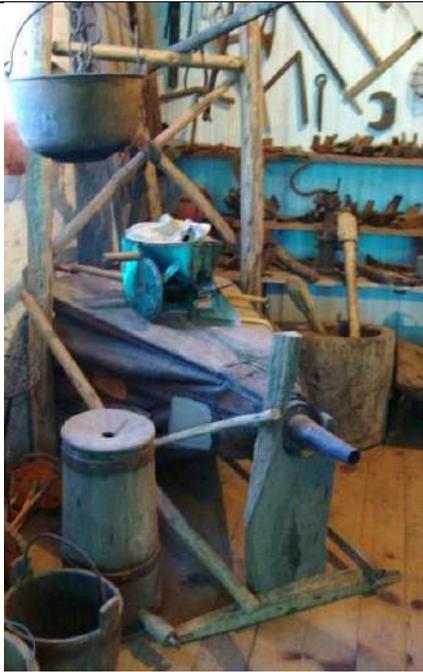
Foto 43	Descrição do artefato
	Tipo: fole
	Função: ativar fogo
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine
	Data: décs. 1920/30
	Proprietário: Luiz Esterci, adquirido por intermédio do irmão João Bisognin
	Partes: várias
	Materiais: madeira, couro e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 90 x 179 x 185
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e remendos feitos com couro (imagens em detalhe)
	
	

Foto 44	Descrição do artefato
	Tipo: ventilador
	Função: limpar grãos
	Lugar de origem: adquirido em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: início séc. XX
	Proprietária: família Rorato
	Partes: várias = estrutura, tambor, manivela, engrenagem
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 100 x 135 x 160
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furos de cupim

Foto 45	Descrição do artefato
	Tipo: lampião
	Função: iluminar caça e passeio noturno
	Lugar de origem: adquirido em Santa Maria
	Data: desconhecida
	Proprietária: família Righi ¹¹¹
	Partes: cinco = cano de lubrificação do pavio, protetor, alça, reservatório e tampo
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 16,5 x 20 x 9
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, resquícios de tinta vermelha e solda em bronze (imagens em detalhe)
	

¹¹¹ O patriarca da família era ferroviário.



Foto 46	Descrição do artefato
	Tipo: lamparina a querosene
	Função: iluminar ambientes
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Carlos Facin (falecido), adquirida por intermédio do filho Egídio (falecido)
	Partes: quatro = reservatório, alça, tampa e pavio
	Materiais: vidro, latão e tecido
	Medidas gerais (L x A x P): 9 x 13 x 7
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de marca ("ACR") na parte inferior do vidro (imagem em detalhe)	

Foto 47	Descrição do artefato
	Tipo: lampião
	Função: iluminar ambientes
	Lugar de origem: adquirido em Agudo
	Data: déc. 1940
	Proprietário: sogro de Vitorino Ciliatto (falecidos)
	Partes: várias; falta camisa de vidro
	Materiais: vidro e latão
	Medidas gerais (L x A x P): 12 x 26 x 11
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

<p>Foto 48</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: lampião/maçarico¹¹²</p> <p>Função: iluminar ambientes</p> <p>Lugar de origem: adquirido em Agudo</p> <p>Data: início séc. XX</p> <p>Proprietário: sogro de Vitorino Ciliatto (falecidos)</p> <p>Partes: quatro = reservatório, alça, pino para regular a pressão do gás, pino para acumular/impulsionar pressão</p> <p>Material: cobre¹¹³</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 15,5 x 22 x 8</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e tentativa de se efetuar solda (imagem em detalhe)</p>
---	--

<p>Foto 49</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: funil</p> <p>Função: despejar banha/líquido em latas</p> <p>Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine</p> <p>Data: desconhecida</p> <p>Proprietário: João Batista Brondani (sogro falecido de Aléssio Borin)</p> <p>Partes: três = copa, gargalo e alça com pinos</p> <p>Material: latão</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 21 x 16,5 x 16</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem</p>
---	--

<p>Foto 50</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: afiador</p> <p>Função: afiar lâminas de barbear</p> <p>Lugar de origem: desconhecido</p> <p>Data: final séc. XIX</p> <p>Fabricante: João Batista Brondani (sogro falecido de Aléssio Borin)</p> <p>Partes: quatro = faixa, pega, apoio e haste</p> <p>Materiais: couro, madeira e ferro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 31 x 3,5 x 3,5</p> <p>Acessórios: lâmina Solinge</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem</p>
---	--

¹¹² A combinação carbureto (pedra que, diluída, fica com aparência de cal) e água formava o gás acetileno (C₂H₂), altamente explosivo (DICIONÁRIO INFORMAL, 2014). Depois da chegada da energia elétrica, tal peça foi deixada de lado, abandonada, ficou fora de uso.

¹¹³ Geralmente, os utensílios em cobre eram feitos por imigrantes alemães e seus descendentes.

<p>Foto 51</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: máquina de cortar cabelo</p> <p>Função: cortar cabelo</p> <p>Lugar de origem: São João do Polêsine</p> <p>Data: décs. 1940/50</p> <p>Proprietário: Nicolau Narciso Borin (pai falecido de Aléssio Borin)</p> <p>Partes: várias = haste, porca, suporte lâmina, lâmina</p> <p>Material: aço</p> <p>Acabamento: esmaltado, cinza</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 14,5 x 4 x 7,5</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de marca (acredita-se que "Elcoro __ Extra") na parte interna de uma das hastes (imagem em detalhe)</p>
<p>Foto 52</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: isqueiro "Getúlio"</p> <p>Função: acender cigarro¹¹⁴</p> <p>Lugar de origem: desconhecido</p> <p>Data: desconhecida</p> <p>Fabricante: desconhecido</p> <p>Partes: quatro = recipiente, tampa, prego e fio</p> <p>Materiais: chifre, madeira e corda/barbante</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 13,5 x 4 x 4,5</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo</p>
<p>Foto 53</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: cadeado (<i>lucchetto</i>)</p> <p>Função: trancar portas/portões</p> <p>Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine¹¹⁵</p> <p>Data: início séc. XX</p> <p>Proprietário: Valentin Ceolin (falecido)</p> <p>Partes: três externas = chave, corpo com pinos e alça</p> <p>Acessórios: "chaveiro"</p> <p>Materiais: ferro e tecido</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 8,5 x 5 x 6</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem</p>

¹¹⁴ Um pano era transformado em cinza; com a fricção de uma pedra sobre uma lâmina de ferro, produzia-se uma faísca para acender o cigarro.

¹¹⁵ O cadeado trancava o capitel que continha a imagem de São João Batista, tendo como proprietário Giuseppe Dalmolin, devoto do santo. As terras adquiridas por Dalmolin eram de Manuel Pi, e foram agenciadas por Paulo Bortoluzzi. Os imigrantes/descendentes mais antigos chamavam a região de *polêsine*, que significa planície na Itália, região encontrada em torno do rio Pó.

Foto 54	Descrição do artefato
	Tipo: caneca
	Função: conter/armazenar líquidos
	Lugar de origem: adquirida no Sítio dos Melo, Faxinal do Soturno
	Data: desconhecida
	Proprietária: Luíza Meneghetti (sogra falecida da irmã de Aléssio Borin)
	Partes: cinco = recipiente, alça e três pinos
	Material: alumínio
	Medidas gerais (L x A x P): 13 x 8,5 x 10,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e furos de deteriorização do material	

Foto 55	Descrição do artefato
	Tipo: medidor
	Função: medir quantidades/porções de grãos, farinha, etc.
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Luiz Cadore (falecido)
	Partes: nove = recipiente, peça de fixação, alça e seis pinos
	Material: latão
	Medidas gerais (L x A x P): 12,5 x 19,5 x 8,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 56	Descrição do artefato
 	Tipo: fuê
	Função: diluir ovos
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Luiz Cadore (falecido)
	Partes: seis = cinco hastes e pega
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 30 x 8 x 8
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e particularidade do acabamento (imagem em detalhe)	

<p>Foto 57</p>  	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: leiteira</p> <p>Função: armazenar leite/líquido</p> <p>Lugar de origem: adquirida no Sítio dos Melo, Faxinal do Soturno</p> <p>Data: décs. 1930/40</p> <p>Proprietária: Maria de Lourdes Borin (irmã de Aléssio Borin)</p> <p>Partes: quatro = recipiente, pega e duas hastes</p> <p>Materiais: alumínio e madeira</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 19 x 19,5 x 14,5</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, oxidação e inscrição de marca ("ALUMÍNIO ECONÔMICO"; "SÃO LEOPOLDO") na parte inferior do recipiente (imagem em detalhe)</p>
---	--

<p>Foto 58</p>  	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: batedor</p> <p>Função: emparelhar a cancha de bocha de chão batido</p> <p>Lugar de origem: adquirido na Vila Ceolin, São João do Polêsine</p> <p>Data: décs. 1970/80</p> <p>Proprietária: Comunidade Esporte Clube Aliança</p> <p>Partes: duas = cabo e base</p> <p>Material: ferro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 32 x 9 x 16,5</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição do nome do artesão ("GILMAR MARCKESAN") na base (imagem em detalhe)</p>
--	--

<p>Foto 59</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: tacho</p> <p>Função: fazer doce</p> <p>Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine</p> <p>Data: déc. 1920</p> <p>Proprietário: Olinto Guarienti (falecido)</p> <p>Partes: três = recipiente e duas alças</p> <p>Material: cobre</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 24 x 10 x 17</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, oxidação e amassados</p>
---	--

Foto 60	Descrição do artefato
	Tipo: moringa
	Função: armazenar líquidos
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: décs. 1920/30
	Proprietário: Terêncio Gonçalves de Oliveira (falecido)
	Partes: peça inteira; falta uma tampa
	Material: alumínio
	Medidas gerais (L x A x P): 14 x 22,5 x 14
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e amassados	

Foto 61	Descrição do artefato
	Tipo: cantil
	Função: armazenar líquidos; uso militar
	Lugar de origem: adquirido em Bagé
	Data: décs. 1930/40
	Proprietário: Constante Pavanatto (falecido)
	Partes: duas = reservatório e alça/argola
	Material: alumínio
	Medidas gerais (L x A x P): 14 x 20 x 7,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e amassados	

Foto 62	Descrição do artefato
	Tipo: chaleira
	Função: aquecer/armazenar líquidos/água
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: final séc. XIX
	Proprietária: Josefina Rosso Burin (avó falecida de Aléssio Borin)
	Partes: seis = reservatório, alça/pega, reforço na pega e dois pinos; falta a tampa
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 25,5 x 23,5 x 15,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de marca e de número (indecifráveis) na parte inferior do recipiente (imagens em detalhe)

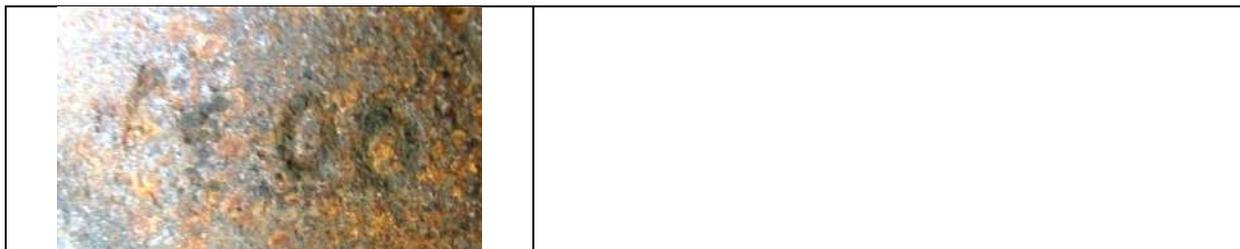


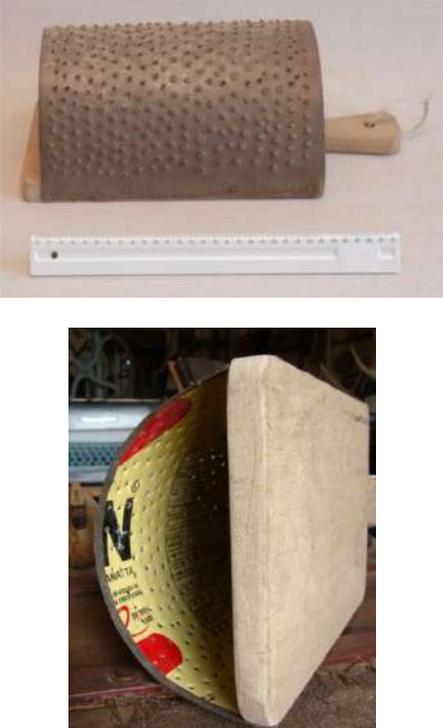
Foto 63	Descrição do artefato
	Tipo: ralador
	Função: ralar mandioca/queijo
	Lugar de origem: São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietária: Josefina Rosso Burin (avó falecida de Aléssio Borin)
	Partes: várias = base, pregos, lâmina ¹¹⁶ de lata de tinta da marca Farben trocada anteriormente à aquisição (imagem em detalhe) e fita acrescentada posteriormente à aquisição
	Materiais: madeira e latão
	Medidas gerais (L x A x P): 36,5 x 12 x 19,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e furo para pendurar na parede	

Foto 64	Descrição do artefato
	Tipo: barril
	Função: depositar farinha de milho
	Lugar de origem: São João do Polêsine
	Data: final séc. XIX
	Proprietária: Josefina Rosso Burin (avó falecida de Aléssio Borin)
	Partes: várias = ripas de madeira, cinco arcos, tampo
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 54 x 77 x 54
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furos de cupim	

¹¹⁶ Perfurada com prego.

Foto 65	Descrição do artefato
	Tipo: chuveiro
	Função: proporcionar banho
	Lugar de origem: São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Augusto Burin (avô falecido de Aléssio Borin)
	Partes: duas = recipiente e alça; torneira ¹¹⁷ acrescentada posteriormente à aquisição para demonstração
	Material: latão e arame
	Medidas gerais (L x A x P): 31,5 x 53 x 31,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de marca ("ANDRES") na lateral do recipiente (imagem em detalhe)

Foto 66	Descrição do artefato
	Tipo: oratório
	Função: expor santos
	Lugar de origem: desconhecido
	Data: desconhecida
	Fabricante: Beijamin Bisognin (falecido)
	Proprietário: Augusto Burin (avô falecido de Aléssio Borin)
	Partes: duas principais = estrutura e porta
	Materiais: madeira e vidro
	Medidas gerais (L x A x P): 36 x 43,5 x 23
Marcas: desgaste pelo uso/tempo	

¹¹⁷ Antes era uma torneira de latão.

Foto 67	Descrição do artefato
	Tipo: panela
	Função: cozinhar/armazenar alimentos
	Lugar de origem: adquirida em Dona Francisca
	Data: final séc. XIX
	Proprietária: Antonia Burin Cassol (tia falecida de Aléssio Borin)
	Partes: duas = reservatório e alça
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 20 x 20 x 17
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de número ("6" ou "9") na parte inferior externa do recipiente (imagem em detalhe)

Foto 68	Descrição do artefato
	Tipo: chaleira
	Função: aquecer/armazenar líquidos/água
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: déc. 1920
	Proprietária: Adelina Bortolotto Dalmolin
	Partes: três = reservatório, alça fixa e tampa
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 29 x 25,5 x 18
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 69	Descrição do artefato
	Tipo: panela
	Função: cozinhar/armazenar alimentos
	Lugar de origem: Itália
	Data: décs. 1870/80
	Proprietária: família Facin, adquirida por intermédio de Máximo Duvighi (era do avô deste)
	Partes: duas = reservatório e alça
	Material: cobre
	Medidas gerais (L x A x P): 20 x 25 x 18,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, oxidação, amassados e remendos interno e externo (imagens em detalhe)
	
	

Foto 70	
	
Descrição do artefato	
Tipo: tabuleiro/tábua	
Função: suporte para polenta	
Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine	
Data: início séc. XX	
Proprietária: Aurélia Refatti Cadore (falecida), adquirido por intermédio da neta	
Parte: peça inteira; ripa de madeira servindo apenas como apoio	
Material: madeira de pinho ¹¹⁸	
Medidas gerais (L x A x P): 61 x 47 x 2	
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e furo para pendurar	

¹¹⁸ Por se tratar de uma madeira “branca”, não transpõe “sabor” para o alimento.

Foto 71	Descrição do artefato
	Tipo: ferro de passar roupas ¹¹⁹
	Função: passar roupas
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine
	Data: início séc. XX, déc. 1900
	Proprietária: Aurélia Refatti Cadore (falecida), adquirido por intermédio da neta
	Partes: cinco = reservatório, tampa, protetor, pino e pega
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 23 x 19 x 12
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, particularidade da entrada de ar ¹²⁰ no reservatório, inscrição de número ("4") na tampa da entrada de ar no reservatório, tinta derramada na lateral, inscrição de desenho na parte superior e inscrições de marca ("MIMOSO") e cidade ("S PAULO") no protetor (imagens em detalhe)
	
	
	

¹¹⁹ Aquecido com brasa (carvão ou lenha) e pedacinhos de sabugo para manter o fogo aceso.

¹²⁰ Entrada de ar necessária para reativar o fogo.

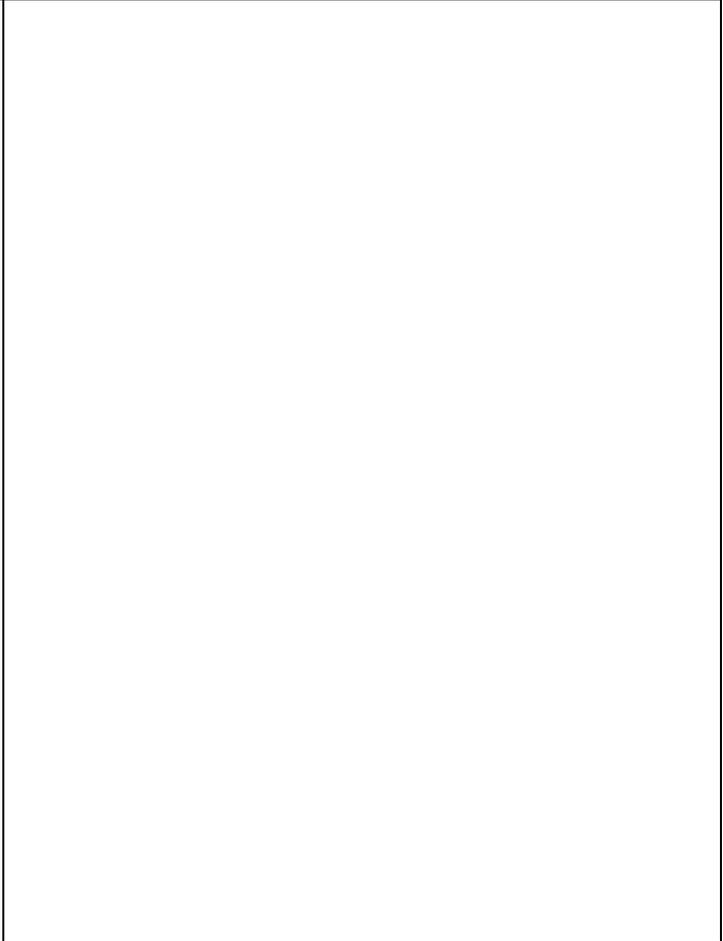


Foto 72	Descrição do artefato
	Tipo: ferro de passar roupas
	Função: passar roupas
	Lugar de origem: São João do Polêsine
	Data: 1978
	Proprietários: presente de casamento para Aléssio Borin e sua esposa Lourdes
	Partes: cinco = reservatório, tampa, suporte para a pega, pino e pega
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 20 x 19,5 x 10
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, particularidade da parte interna e das entradas de ar na parte externa do reservatório, inscrição de marca ("FAMA"), peculiaridade do suporte para a pega e resquícios de tinta vermelha na pega (imagens em detalhe)
	
	
	
	



Foto 73	Descrição do artefato
	Tipo: cesta
	Função: armazenar ovos
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: déc. 1950
	Proprietária: Luiza Meneghetti, adquirida por intermédio de Maria de Lourdes Borin Meneghetti (irmã de Aléssio Borin)
	Partes: duas = recipiente e alça
	Material: cipó
Medidas gerais (L x A x P): 20,5 x 23 x 19,5	
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e furos de cupim	

Foto 74	Descrição do artefato
	Tipo: tamanco (<i>zoccoli</i>)
	Função: proteger os pés
	Lugar de origem: adquirido no Sítio dos Melo, interior de Faxinal do Soturno
	Data: déc. 1940
	Proprietária: família Meneghetti, adquirido por intermédio de Maria Lourdes Borin Meneghetti (irmã de Aléssio Borin)
	Partes: várias = sola, cobertura, pregos
	Materiais: madeira e couro
Medidas gerais (L x A x P): 10 x 5 x 26	
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

<p>Foto 75</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: galocha</p> <p>Função: proteger os pés</p> <p>Lugar de origem: adquirida em Bagé</p> <p>Data: décs. 1950/60</p> <p>Proprietário: adquirida por intermédio de Celito Sebastião Pavanatto (cunhado de Aléssio Borin)</p> <p>Partes: duas = sola e cobertura</p> <p>Material: borracha</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 10 x 2 x 30</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, inscrições na sola ("SM", "LEFT" e "MADE IN BRAZIL") e na parte interna do solado ("MADE IN BRAZIL" e "91") (imagens em detalhe)</p>
<p>Foto 76</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: pegador de mosca</p> <p>Função: pegar moscas</p> <p>Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine</p> <p>Data: déc. 1930</p> <p>Proprietária: Rita Guariantte (falecida)</p> <p>Partes: cinco = reservatório, tampa e três pés</p> <p>Material: vidro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 13 x 17,5 x 13</p> <p>Acessórios: água com sabão ou vinagre para atrair os insetos</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo</p>

Foto 77	Descrição do artefato
	Tipo: matraca
	Função: produzir som; era usada na Semana Santa, para chamar a população a participar das celebrações religiosas
	Lugar de origem: adquirida na Vila Santos Anjos, Faxinal do Soturno
	Data: déc. 1920
	Fabricante e proprietário: Máximo Duvighi
	Partes: quatro = caixa, lâmina de madeira, manivela e cilindro dentado
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 45 x 26 x 9,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, mas se encontra relativamente nova, pela pouca utilização

Foto 78	Descrição do artefato
 	Tipo: enceradeira
	Função: lustrar assoalho
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: décs. 1940/50
	Proprietário: Valentin Ceolin (falecido), adquirida por intermédio do filho Adair
	Partes: várias = suporte para o cabo, corpo, base, pino, filamentos; falta o cabo
	Materiais: ferro, madeira e crina de cavalo
	Medidas gerais (L x A x P): 24 x 10 x 11
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de número ("3") na parte superior do artefato (imagem em detalhe)	

Foto 79	Descrição do artefato
	Tipo: bandeja para ovos
	Função: armazenar ovos
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: déc. 1920/30
	Proprietário: Rafael Felice (falecido), adquirida por intermédio do filho Jair
	Partes: somente uma parte da bandeja = seis ripas (uma delas quebrada), pedaços de arame e uma parte da lateral
	Materiais: madeira e arame
	Medidas gerais (L x A x P): 48 x 7,5 x 30
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e furo para pegar/transporte	

Foto 80	Descrição do artefato
 	Tipo: lava-louça
	Função: lavar louças
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Fabricante: José Cassol (vô Gobo, avô falecido da esposa de Aléssio Borin), adquirida por intermédio do neto Pedrinho
	Partes: três principais = bancada, bacia e estante
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 108 x 154 x 61
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e resquícios de tinta azul (imagem em detalhe)

Foto 81	Descrição do artefato
	Tipo: balde
	Função: armazenar líquidos/alimentos
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine
	Data: final séc. XIX, início séc. XX
	Fabricante: José Cassol (vô Gobo, avô falecido da esposa de Aléssio Borin)
	Proprietário: Ademir Bressa
	Partes: várias = reservatório, alça, dois arcos de ferro, pregos
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 30 x 43,5 x 28
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 82	Descrição do artefato
	Tipo: regador
	Função: regar plantas
	Lugar de origem: desconhecido
	Data: desconhecida
	Proprietário: Batista Brondani (sogro falecido)
	Partes: várias partes soldadas
	Material: latão
	Medidas gerais (L x A x P): 47 x 39 x 23
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 83	Descrição do artefato
	Tipo: lanterna a querosene
	Função: iluminar ambientes
	Lugar de origem: São João do Polêsine
	Data: décs. 1930/40
	Proprietário: Augusto Burin (avô falecido de Aléssio Borin)
	Partes: várias = estrutura, camisa de vidro, alça
	Materiais: metal e vidro
	Medidas gerais (L x A x P): 34,5 x 17,5 x 13
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrição de marca ("DIETZ" e "DIETZ JUNIOR") nas partes superior e base e de desenhos ou de escrita desconhecida também na base (imagens em detalhe)
	
	
	

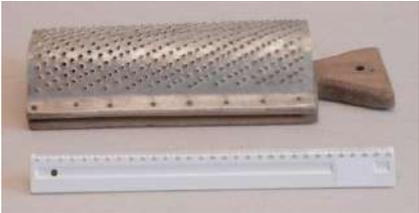
Foto 84	Descrição do artefato
	Tipo: ralador
	Função: ralar queijo/batata
	Lugar de origem: São João do Polêsine
	Data: décs. 1960/70
	Fabricante: Nicolao Borin (pai falecido de Aléssio Borin)
	Proprietária: Tereza Ceretta Borin (mãe falecida de Aléssio Borin)
	Partes: várias = base, lâmina perfurada e pregos
	Materiais: madeira e lâmina de lata ¹²¹
	Medidas gerais (L x A x P): 34 x 6,5 x 12,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furo para pendurar na parede	

Foto 85	Descrição do artefato
	Tipo: cesta ¹²²
	Função: carregar/armazenar ovos/alimentos
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: déc. 1940
	Proprietário: Luiz Pavanatto
	Partes: reservatório e alça
	Material: arame
	Medidas gerais (L x A x P): 25,5 x 28,5 x 28
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 86	Descrição do artefato
	Tipo: guia de tropa
	Função: produzir som para guiar a tropa, usada no pescoço da mula ¹²³ ou boi mais manso
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: desconhecida
	Proprietário: adquirida por intermédio de João Marzari
	Partes: tira de couro, corpo, alça e badalo
	Materiais: couro e bronze
	Medidas gerais (L x A x P): 7 x 13,5 x 6,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e oxidação	

¹²¹ Perfurada com prego.

¹²² A cesta, contendo variados alimentos, era abaixada dentro de um poço para conservá-los e mantê-los frescos por mais tempo.

¹²³ Animal mais forte, com mais resistência.

<p>Foto 87</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: barrica¹²⁴</p> <p>Função: armazenar vinho</p> <p>Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine</p> <p>Data: desconhecida</p> <p>Proprietário: Guilherme Alberti (falecido), adquirida por intermédio do neto Gildo</p> <p>Partes: várias = ripas, arcos, pinos</p> <p>Materiais: madeira e latão</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 18 x 28,5 x 18</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furo para retirar o vinho</p>
---	--

<p>Foto 88</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: barrica</p> <p>Função: armazenar vinho</p> <p>Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine</p> <p>Data: desconhecida</p> <p>Proprietário: João Facin (falecido), adquirida por intermédio da cunhada (de Aléssio Borin) Anair Brondani Giacomini (eram vizinhos)</p> <p>Partes: várias = estrutura, três arcos, tampa, torneira, pinos</p> <p>Materiais: madeira e ferro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 28 x 57,5 x 43</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furos de cupim</p>
--	---

<p>Foto 89</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: pião¹²⁵</p> <p>Função: brinquedo</p> <p>Lugar de origem: São João do Polêsine</p> <p>Data: déc. 1960</p> <p>Fabricante: Aléssio Borin</p> <p>Partes: duas = parte de um carretel e pino apontado</p> <p>Material: madeira</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 2,5 x 2,5 x 3,5</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo</p>
---	---

¹²⁴ A madeira era mergulhada na água quente, onde ficava por um determinado tempo, para, depois, ser curvada numa prensa.

¹²⁵ Recorte feito em carretel de linha.

Foto 90	Descrição do artefato
	Tipo: pião
	Função: brinquedo
	Lugar de origem: adquirido em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: décs. 1930/40
	Fabricante e proprietário: Pascoal Valídio Marquezan (falecido)
	Partes: duas = corpo torneado e ponta de ferro; falta o barbante ¹²⁶
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 6 x 6 x 7,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 91	Descrição do artefato
	Tipo: carretel
	Função: suporte para enrolar fio, junto da vara de pescar
	Lugar de origem: Chapecó-SC
	Data: décs. 1940/50
	Proprietário: Ivan Junho de Souza
	Partes: quatro = pega, carretel, parafuso com cabeçote e manivela
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 19 x 8 x 8
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

¹²⁶ Tal componente dava corda para girar o pião.

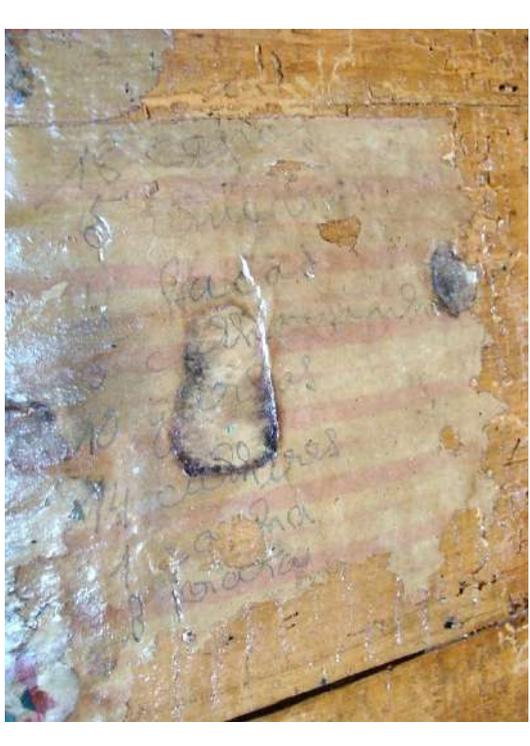
Foto 92	Descrição do artefato
	Tipo: baú
	Função: armazenar roupas (guarda-roupa)
	Lugar de origem: Itália
	Data: 1878
	Proprietário: Felice Guariente (falecido), adquirido por intermédio da neta Rita (falecida)
	Partes: várias = caixa, tampa, dobradiças, gatilhos, tranqueta; falta a chave
	Materiais: madeira e lâminas de metal
	Acabamentos: revestido com estopa (parte externa) e papel (parte interna)
	Medidas gerais (L x A x P): 92 x 55 x 51
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim, emenda na lateral externa, lista de artefatos e resquícios de figuras coladas na parte interna da tampa (imagens em detalhe)
	



Foto 93	Descrição do artefato
 	Tipo: nicho
	Função: expor santo
	Lugar de origem: desconhecido
	Data: desconhecida
	Fabricante: desconhecido
	Partes: duas = moldura e cepo escavado
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 74 x 144 x 30
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e particularidade do cepo na parte de trás (imagem em detalhe)	

Foto 94	Descrição do artefato
	Tipo: tabuinhas (<i>scandolle</i>)
	Função: cobrir casas e galpões
	Lugar de origem: adquiridas em Três Vendas, distrito de Restinga Seca
	Data: final séc. XIX
	Fabricante e proprietário: Germano Pivetta (falecido), adquiridas por intermédio do neto Marcos Pozzobon
	Partes: peças inteiras
	Materiais: madeira lascada e falquejada
	Medidas gerais (L x A x P): 74 x 70 x 5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo	

Foto 95	Descrição do artefato
	Tipo: suporte
	Função: apoiar utensílios para a lavagem do rosto
	Lugar de origem: adquirido em Três Vendas, distrito de Restinga Seca
	Data: déc. 1920
	Proprietário: Germano Pivetta, adquirido por intermédio da filha Ilba Pozzobon
	Partes: seis = quatro pés e duas prateleiras
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 42 x 79,5 x 37
	Acessórios: a jarra, a saboneteira e a bacia/gamela não fazem parte do conjunto
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo

Foto 96	Descrição do artefato
	Tipo: cama de solteiro (<i>branda</i>)
	Função: móvel no qual a pessoa deita-se
	Lugar de origem: adquirida em Silveira Martins
	Data: início séc. XX
	Proprietário: José Cerezer (falecido)
	Partes: várias = quatro pernas, duas ripas, pregos, corda
	Materiais: madeira e corda
	Medidas gerais (L x A x P): 190 x 64 x 73
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 97	Descrição do artefato
	Tipo: mesa
	Função: apoiar objetos para realização de refeições e outras atividades
	Lugar de origem: adquirida em Silveira Martins
	Data: déc. 1920
	Proprietário: José Cerezer (falecido)
	Partes: várias = bancada, cavalete, pregos
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 157 x 79 x 71
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furos de cupim	

Foto 98  	Descrição do artefato
	Tipo: cristaleira
	Função: armazenar e expor copos e louças
	Lugar de origem: adquirida na Várzea do Meio, distrito de Restinga Seca
	Data: desconhecida
	Proprietário: adquirida por intermédio de Adriano Cassol
	Partes: várias = estrutura, prateleiras, duas portas, oito vidros, moldura superior, dobradiças, fechadura
	Materiais: madeira e vidro
	Medidas gerais (L x A x P): 90 x 167 x 24
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e peculiaridade do espelho da fechadura (imagem em detalhe)

Foto 99	Descrição do artefato
 	Tipo: roupeiro
	Função: armazenar roupas e pertences pessoais
	Lugar de origem: adquirido na Vila Ceolin, São João do Polêsine
	Data: 1924
	Proprietária: Elisabeta Ceolin (falecida), adquirido por intermédio da Comunidade MTA (Mãe Três Vezes Admirável)
	Partes: várias = duas portas, duas gavetas, gavetão, estrutura
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 114 x 238 x 56
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e inscrição de desenho na porta (imagem em detalhe)

Foto 100	Descrição do artefato
	Tipo: baú
	Função: armazenar roupas e pertences pessoais
	Lugar de origem: adquirido na Várzea do Meio, distrito de Restinga Seca
	Data: início séc. XX
	Proprietário: adquirido por intermédio de Adriano Cassol
	Partes: várias = urna, tampa convexa, duas dobradiças, dois pegadores, fechadura
	Materiais: madeira e latão
	Medidas gerais (L x A x P): 94 x 54 x 48
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, resquícios de tinta marrom, uso de “tarugos” de madeira ao invés de pregos e particularidade do “cofre” na parte interna (imagens em detalhe)
	
	

Foto 101	Descrição do artefato
   	Tipo: rádio
	Função: transmitir informações e proporcionar entretenimento
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine
	Data: desconhecida
	Proprietário: Luiz Bortoluzzi, adquirido por intermédio do filho Izidro
	Partes: várias = estrutura, botões, painel de sintonia
	Materiais: madeira, plástico, vidro
	Medidas gerais (L x A x P): 58 x 93 x 44
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, "placa" com a marca e particularidade do painel e do botão (imagens em detalhe)

Foto 102	Descrição do artefato
	Tipo: cadeira giratória
	Função: proporcionar assento
	Lugar de origem: desconhecido
	Data: desconhecida
	Proprietário: dentista, adquirida por intermédio de Romoaldo Dalmolin
	Partes: várias = assento, encosto, apoios para braços, rosca/eixo, três pés
	Materiais: madeira e metal
	Medidas gerais (L x A x P): 76 x 90 x 70
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furos de cupim

Foto 103	Descrição do artefato
	Tipo: berço
	Função: móvel para deitar bebê
	Lugar de origem: adquirido na Vila Santos Anjos, Faxinal do Soturno
	Data: déc. 1970
	Proprietário: Dirceu Stona (cunhado)
	Partes: várias = cavalete, quatro rodas, cesto
	Material: vime
	Medidas gerais (L x A x P): 101 x 58 x 65 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e furos de cupim

Foto 104	Descrição do artefato
	Tipo: "moisés"
	Função: cadeira para balançar bebê
	Lugar de origem: Três Vendas, distrito de Restinga Seca
	Data: déc. 1970
	Proprietário: Eli dos Santos (falecido), adquirido por intermédio do genro Luiz Gonçalves
	Partes: várias = assento, cercado, perfil de um cavalo, rodas
	Material: vime
	Medidas gerais (L x A x P): 77 x 49 x 38 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e furos de cupim

Foto 105	Descrição do artefato
	Tipo: parte do altar da igreja antiga ¹²⁷
	Função: ornamentar o altar
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: déc. 1920
	Partes: várias = base, moldura, fundo
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 50 x 87 x 14
	<p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, resquícios de tintas nas cores marrom, verde e amarela, particularidade das folhas e inscriçao de nome do artesão (“Gaetano B__”) e data (“12-03-2012”) de restauraçao realizada por Aléssio Borin atrás do painel (imagens em detalhe)</p>

¹²⁷ Em torno do ano de 1950, a igreja antiga, construída na década de 1920, foi demolida.

Foto 106	Descrição do artefato
	Tipo: divisória de altar da Igreja São João Batista
	Função: separar o altar da nave
	Lugar de origem: São João do Polêsine
	Data: déc. 1950
	Fabricante: Sociedade dos Padres Palotinos
	Partes: várias = estrutura, duas colunas, dobradiças
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 58 x 71 x 20
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 107	Descrição do artefato
	Tipo: parte do altar da Igreja São João Batista
	Função: ornamentar o altar
	Lugar de origem: São João do Polêsine
	Data: déc. 1950
	Fabricante: Sociedade dos Padres Palotinos
	Partes: várias, inclusive dobradiças
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 76 x 75 x 21
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e particularidades das folhas e flores esculpidas (imagens em detalhe)

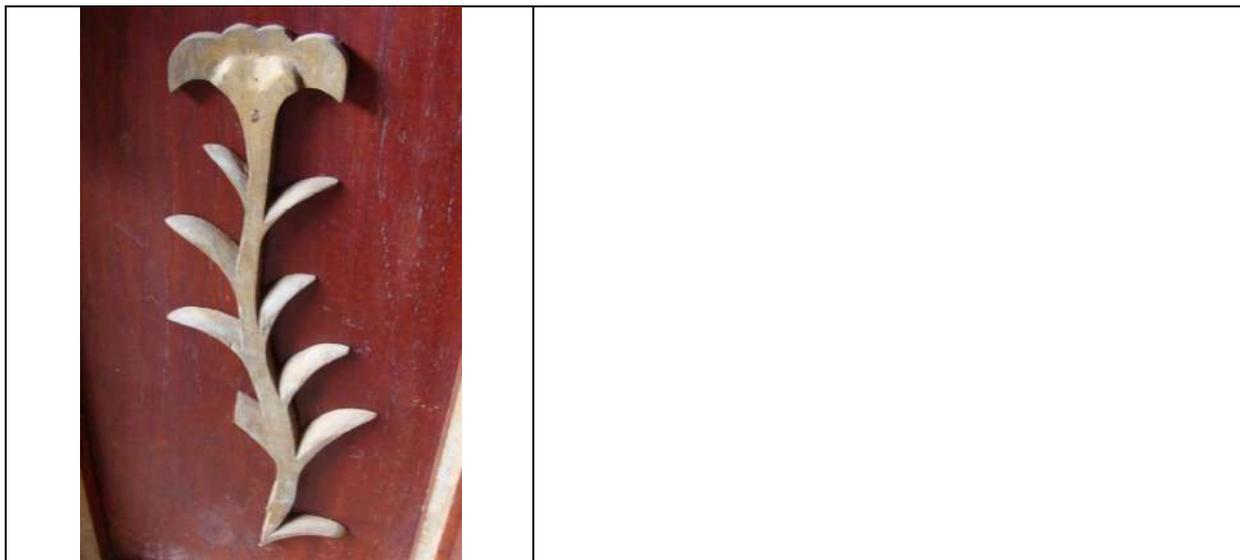


Foto 108	Descrição do artefato
	Tipo: mala de garupa
	Função: carregar mantimentos e pertences pessoais
	Lugar de origem: adquirida em Dona Francisca
	Data: décs. 1920/30
	Proprietário: Vitório Cassol (falecido), adquirida por intermédio da esposa Antônia (tia Nina, falecida, tia de Aléssio Borin)
	Partes: faixa de tecido com bolsos
	Material: tecido
	Medida (A): 53 (dobrada como na imagem)
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, presença de costura e furos

Foto 109	Descrição do artefato
	Tipo: cadeira de cinema
	Função: proporcionar assento
	Lugar de origem: adquirida em Faxinal do Soturno
	Data: décs. 1940/50
	Proprietário: José Camilo Montagner (falecido); pertenceu ao Cine Vera Cruz ¹²⁸
	Partes: várias = duas estruturas laterais (pés e braços), travessa, encosto, assento, parafusos
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 53,5 x 65,5 x 52
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

¹²⁸ Foi construído em torno das décadas de 1940 e 1950.

<p>Foto 110</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: console</p> <p>Função: emoldurar espelho</p> <p>Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine</p> <p>Data: déc. 1940</p> <p>Proprietário: Ângelo Sônego (falecido), adquirido por intermédio da filha Alice; pertenceu ao Hotel Central¹²⁹</p> <p>Partes: várias = moldura externa, moldura interna móvel (que inclina), espelho</p> <p>Materiais: madeira e espelho</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 69,5 x 90 x 8</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e resquícios de tinta azul (imagem em detalhe)</p>
--	--

<p>Foto 111</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: mesa</p> <p>Função: apoiar e guardar pertences pessoais</p> <p>Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine</p> <p>Data: déc. 1930</p> <p>Proprietário: Santo Ceolin (falecido), adquirida por intermédio da filha Bernardete</p> <p>Partes: várias = quatro pernas, gaveta, estrutura para gaveta, bancada, fechadura, pregos</p> <p>Material: madeira</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 88 x 82 x 59</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furos de cupim</p>
---	--

<p>Foto 112</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: "cofre"</p> <p>Função: esconderijo dentro de gavetas</p> <p>Lugar de origem: adquirido em Três Vendas, distrito de Restinga Seca</p> <p>Data: início séc. XX</p> <p>Proprietário: Dorvalino Dalmolin (falecido), adquirido por intermédio da filha</p> <p>Partes: sete = chapa, dois afastadores e quatro pregos</p> <p>Material: madeira</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 24 x 2,5 x 9,5</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furos de cupim</p>
--	--

¹²⁹ Foi construído na década de 1940.

Foto 113 	Descrição do artefato Tipo: banqueta Função: proporcionar assento Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine Data: déc. 1920 Proprietária: Elisena Pozzobon (falecida), adquirida por intermédio do filho Amante Matheus Partes: cinco = assento e quatro pernas Material: madeira Medidas gerais (L x A x P): 41,5 x 36 x 47 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e furos de cupim
--	--

Foto 114 	Descrição do artefato Tipo: prensa Função: retirar banha de torresmo Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine Data: final séc. XIX, início séc. XX Proprietário: Ângelo Sônego (falecido) Partes: várias = estrutura, recipiente (caixa com furos) e um eixo roscado Material: madeira Medidas gerais (L x A x P): 68 x 124 x 55 Marcas: desgaste pelo uso/tempo, furos de cupim e manchas escuras no recipiente devido ao acúmulo de gordura no mesmo
---	--

Foto 115 	Descrição do artefato Tipo: prensa (<i>scolo</i> = drenar) Função: retirar soro do queijo Lugar de origem: adquirida em Três Vendas, distrito de Restinga Seca Data: início séc. XX Proprietária: adquirida por intermédio da família Pivetta Partes: várias = estrutura, base com ranhura, arame; faltam peças Material: madeira Medidas gerais (L x A x P): 33,5 x 85 x 69 Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furos de cupim
--	--

Foto 116	Descrição do artefato
	Tipo: gamela/bacia
	Função: lavar/armazenar roupas
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Pedro Pozzobon (falecido), adquirido por intermédio do filho Amante Matheus
	Partes: peça inteira
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 64,5 x 21 x 64,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e particularidade dos remends com placas de latão na parte interna do artefato (imagem em detalhe)

Foto 117	Descrição do artefato
	Tipo: penteadeira
	Função: apoiar pertences pessoais e objetos decorativos
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Ângelo Leonardi (Campi; falecido), adquirido por intermédio do parente Arnóbio Nardi
	Partes: várias = quatro pernas, prateleira, bancada, pregos
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 79,5 x 82,5 x 42
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e resquícios de tinta marrom (imagem em detalhe)

Foto 118	Descrição do artefato
	Tipo: televisão (segunda ou terceira da cidade)
	Função: proporcionar entretenimento
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: déc. 1960
	Proprietário: Simão Dalmolin (falecido), adquirida por intermédio do filho Zulmiro
	Partes: várias = caixa, tela, moldura da tela, botões, equipamento interno
	Materiais: madeira, vidro, plástico, metal
	Medidas gerais (L x A x P): 82 x 46 x 41
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, impressão de marca ("PHILIPS") e peculiaridade de alguns dos botões presentes no aparelho (imagens em detalhe)

Foto 119	Descrição do artefato
	Tipo: simulação de um fogão à lenha
	Função: cozinhar/aquecer alimentos e líquidos
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine, original da Itália
	Data: final séc. XIX
	Proprietário: Moisés Giacomini (falecido), adquirido por intermédio do filho Vitélio
	Partes: onze = chapa e dez arcos
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 120 x 2,5 x 53
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 120	Descrição do artefato
	Tipo: escrivaninha/birô
	Função: apoiar pertences pessoais
	Lugar de origem: adquirida em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: 1902
	Proprietário: Guido Carlos Pazzini ¹³⁰ (falecido)
	Partes: várias = estrutura, duas portas, gaveta, bancada deslizante, bancada superior, puxadores, pregos
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 128 x 78 x 67
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e resquícios de tinta azul	

¹³⁰ Primeiro médico da região; faleceu em viagem a cavalo, voltando de Cachoeira do Sul.

APÊNDICE D – Descrição dos Artefatos de Zeferino Bridi Sachet (ZS)

Informações gerais:

- Todas as peças pertencentes a Zeferino Bidi Sachet, herdadas de seu pai, Guerino Jacomo Sachet;
- Por muitos anos, Guerino Sachet viveu em Farroupilha-RS, onde boa parte de seus artefatos foram adquiridos;
- A maioria das peças foi adquirida entre o final do século XIX e início do século XX;
- Poucas peças aqui apresentadas foram adquiridas, mais tarde, por Zeferino Sachet;
- Algumas peças ainda estão em uso, por Zeferino Sachet;
- Acervo pessoal exposto em um ambiente pequeno, semelhante a um depósito, em Ibarama;
- A maioria das peças com acabamento rústico;
- Medidas gerais representadas por largura (L), altura (A) e profundidade (P), em centímetros, conforme a posição dos artefatos nas imagens;
- Régua de 30 cm utilizada como referência para se fixar a proporcionalidade entre a maioria dos artefatos fotografados.

Foto 1	Descrição do artefato
	Tipo: enxó
	Função: cavar cocho
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Zeferino Sachet
	Partes: duas = cabo e lâmina
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 29 x 9 x 17 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 2	Descrição do artefato
	Tipo: enxó
	Função: cavoucar pipa
	Partes: duas = cabo e lâmina
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 43 x 3,5 x 28
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, detalhes decorativos e inscrição de marca ("LB") na parte interna da lâmina (imagem em detalhe)

Foto 3	Descrição do artefato
	Tipo: foicinha
	Função: cortar trigo, aveia, pasto, etc.
	Partes: cinco = pega, reforço da pega com sabugo de milho, dois pinos e lâmina
	Materiais: ferro e sabugo de milho
	Medidas gerais (L x A x P): 40,5 x 2,5 x 17
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e início de inscrição de marca ("POR") na lâmina (imagem em detalhe)

Foto 4	Descrição do artefato
	Tipo: tesoura
	Função: cortar crina de cavalo
	Partes: seis = duas pegas, duas lâminas e dois pinos
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 31 x 3 x 8,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de número ("Nº 3") e de marca (indecifrável) na lâmina (imagens em detalhe)

Foto 5	Descrição do artefato
	Tipo: bigorna
	Função: apoiar facas, facões, etc., para laminação ou afiação
	Partes: duas = haste e limitador
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 36,5 x 7,5 x 14
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 6	Descrição do artefato
	Tipo: picareta
	Função: colher/arrancar mandioca
	Partes: peça inteira
	Materiais: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 23,5 x 5,5 x 10,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 7	Descrição do artefato
	Tipo: soldador
	Função: executar soldas
	Partes: três = pega, haste e cunha
	Materiais: madeira, ferro e cobre
	Medidas gerais (L x A x P): 37,5 x 4 x 11
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 8	Descrição do artefato
 	Tipo: furadeira manual
	Função: furar madeira
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Zeferino Sechet
	Partes: duas = haste/broca e pega (não é a original)
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 33,5 x 3 x 24,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrição de marca (indecifrável) e de polegada ("7/8") na haste/broca (imagem em detalhe)

Foto 9	Descrição do artefato
	Tipo: furadeira manual
	Função: furar madeira
	Partes: duas = haste/broca e pega
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 47 x 3 x 36
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrição de polegada (talvez "1 _/4") e resquício de tinta azul na haste/broca (imagens em detalhe)

Foto 10	Descrição do artefato
	Tipo: pegador
	Função: pegar brasa
	Partes: peça inteira
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 55 x 10 x 14,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 11		Descrição do artefato Tipo: machadinha Função: falquejar tabuinha Partes: duas = pega e lâmina Materiais: madeira e ferro Medidas gerais (L x A x P): 34,5 x 4 x 16 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem
----------------	---	---

Foto 12		Descrição do artefato Tipo: foice Função: roçar capoeira (mata) Partes: peça inteira Material: ferro Medidas gerais (L x A x P): 57,5 x 4 x 16 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem
----------------	---	--

Foto 13	 	Descrição do artefato Tipo: plaina manual Função: aplinar madeira Partes: cinco = estrutura, cabo, trava e duas lâminas Materiais: madeira e ferro Medidas gerais (L x A x P): 26 x 13 x 11,5 Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de marca ("SCHMIDT"; restante indecifrável) na lâmina de ferro (imagem em detalhe)
----------------	---	---

Foto 14	Descrição do artefato
	Tipo: plaina manual
	Função: aplainar madeira
	Partes: quatro = estrutura, cabo (não é o original), trava e lâmina
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 70,5 x 19 x 5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de marca ("SCHIMIDT", "1858", "GARANTIL", "GUSS STAHL"; restante indecifrável) na lâmina de ferro (imagem em detalhe)

Foto 15	Descrição do artefato
	Tipo: "fuça-fuça"
	Função: abrir terra para semear
	Partes: peça inteira
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 29,5 x 3 x 27
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de número ("00") (imagem em detalhe)

Foto 16	Descrição do artefato
	Tipo: cunha
	Função: cravar na tora de madeira para puxá-la
	Partes: duas = lâmina e argola
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 27 x 5 x 9
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 17	Descrição do artefato
	Tipo: garfo
	Função: puxar e amontoar palha de trigo, cereais, etc.
	Partes: peça inteira
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 27 x 5 x 17,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 18	Descrição do artefato
	Tipo: cunha
	Função: lascar madeira
	Fabricante: Afonso Novato
	Partes: peça inteira
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 19,5 x 5 x 6,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 19	Descrição do artefato
  	Tipo: pulverizador
	Função: pulverizar veneno para matar formigas
	Partes: várias
	Materiais: madeira, couro e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 23 x 92 x 11
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de marca ("TIPO UR B", "UHR & CIA.") e de localidade ("P.A.-R.G.doS.") no recipiente para o veneno (imagens em detalhe)

Foto 20		Descrição do artefato
		Tipo: serra manual
		Função: serrar tora de madeira
		Partes: seis = duas pegas, três hastes e lâmina
		Materiais: madeira e ferro
		Medidas gerais (L x A x P): 28 x 220 x 19,5
		Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 21		Descrição do artefato
		Tipo: pá
		Função: limpar grãos
		Partes: peça inteira
		Materiais: madeira
		Medidas gerais (L x A x P): 23 x 118 x 9
		Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e emendas feitas com chapas de latão (imagem em detalhe)

Foto 22		Descrição do artefato
		Tipo: cunhas presas a uma corrente
		Função: puxar tora de madeira
		Partes: seis = duas cunhas, duas correntes, argola e gancho
		Material: ferro
		Medidas gerais (L x A x P): 10 x 80 x 8
		Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 23	Descrição do artefato
	Tipo: barril
	Função: armazenar água ¹³¹
	Partes: várias = ripas de madeira, torneira, quatro arcos, torneira, pino, suporte para apoio
	Materiais: madeira, ferro e plástico
	Medidas gerais (L x A x P): 39 x 30 x 20
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 24	Descrição do artefato
	Tipo: moedor
	Função: moer grãos de café, pimenta, etc.
	Partes: várias = manivela, sistema interno (rosca), estrutura, gaveta, pregos
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 22 x 26 x 16,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

¹³¹ Tal artefato era enterrado no chão, enquanto se trabalhava na lavoura, para manter a água fresca.

<p>Foto 25</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: batedeira</p> <p>Função: bater manteiga</p> <p>Partes: várias = ripas de madeira, dois arcos, tampa, batedor interno (não é o original)</p> <p>Materiais: madeira e ferro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 18 x 53,5 x 18</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem</p>
---	--

<p>Foto 26</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: lanterna</p> <p>Função: iluminar ambientes</p> <p>Partes: várias = estrutura, camisa de vidro, alça</p> <p>Materiais: metal e vidro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 19 x 32 x 15</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrição de marca ("TUPAN") na tampa e na base, inscrição de nacionalidade ("INDÚSTRIA BRASILEIRA") e de número ("Nº 77") na base, e resquícios de tinta branca (imagens em detalhe)</p>
---	--



Foto 27	Descrição do artefato
	Tipo: debulhador
	Função: debulhar milho
	Partes: várias = estrutura, funil, manivela, parafuso para fixação
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 33,5 x 24,5 x 15,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrição de marca ("MUNDIAL") e de número ("3") na estrutura e particularidade da pega, reforçada por um cano plástico (imagens em detalhe)



Foto 28	Descrição do artefato
	Tipo: lamparina
	Função: iluminar ambientes
	Partes: várias = base (tripé), reservatório, tampa, pavio
	Material: latão
	Medidas gerais (L x A x P): 14 x 20 x 14
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 29	Descrição do artefato
	Tipo: "trampa"
	Função: pendurar panela acima do fogo
	Partes: várias = corrente, duas hastes com ganchos
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 79 x 1 x 12
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e particularidades de uma das hastes (imagens em detalhe)



Foto 30	Descrição do artefato
	Tipo: facão
	Função: cortar lenha, graveto, etc.
	Partes: cinco = cabo, dois pinos, arame (atadura) e lâmina
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 39 x 2,5 x 5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 31	Descrição do artefato
	Tipo: arco com pua/broca
	Função: furar madeira
	Partes: várias
	Materiais: madeira e metal
	Medidas gerais (L x A x P): 52 x 7 x 16
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de marca ("SECCO") na haste (imagem em detalhe)
	

Foto 32	Descrição do artefato
   	Tipo: parte de máquina
	Função: fazer massa
	Partes: várias (faltam peças)
	Materiais: ferro e cobre
	Medidas gerais (L x A x P): 12 x 30,5 x 11,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrição de números ("N.2", "14") e de marca ("B. TRICHES CAXIAS") na estrutura (imagens em detalhe)

Foto 33	Descrição do artefato
	Tipo: grade
	Função: assar costela de porco etc.
	Partes: nove = dois suportes, seis hastes e arame
	Materiais: metais
	Medidas gerais (L x A x P): 37 x10,5 x 33,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 34	Descrição do artefato
	Tipo: "cangaia"
	Função: carregar alimentos, objetos pessoais, etc. no lombo do cavalo
	Partes: várias = seis peças e pregos
	Material: madeira (canela do brejo)
	Medidas gerais (L x A x P): 51,5 x27,5 x 25
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 35	Descrição do artefato
	Tipo: ferro de passar roupas
	Função: passar roupas
	Partes: seis = reservatório, tampa, suporte para a pega, pega, trava e base de apoio
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 22 x 18 x 9
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, peculiaridade da parte interna e das entradas de ar na parte externa do reservatório, particularidade da trava e inscrição de marca ("SANS") na lateral (imagens em detalhe)



Foto 36	Descrição do artefato
	Tipo: lamparina
	Função: iluminar ambientes
	Partes: quatro = recipiente, arco, tampa e pavio
	Materiais: vidro, latão e tecido
	Medidas gerais (L x A x P): 6,5 x 15 x 6,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de marca ("I.R.R.R.", "LAMPARINA") e de localidade/nacionalidade ("S.PAULO", "BRASIL") no recipiente (imagens em detalhe)

<p>Foto 37</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: balança</p> <p>Função: pesar mantimentos</p> <p>Partes: várias</p> <p>Materiais: ferro e alumínio</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 44 x 56 x 22</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem</p>
--	--

<p>Foto 38</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: chaleira</p> <p>Função: aquecer água</p> <p>Partes: três = reservatório, alça fixa e tampa</p> <p>Materiais: ferro e pintura na cor prata</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 27 x 19,5 x 14,5</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem</p>
---	--

<p>Foto 39</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: frigideira</p> <p>Função: fritar alimentos</p> <p>Partes: cinco = recipiente, cabo e três pinos</p> <p>Material: ferro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 64 x 13 x 33</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem</p>
---	---

Foto 40	Descrição do artefato
	Tipo: debulhador
	Função: debulhar milho
	Partes: várias (tira de borracha usada como atadura)
	Material: ferro e madeira (pega da manivela)
	Medidas gerais (L x A x P): 25 x 28 x 27
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrição de marca ("TAPAJÓZ") e resquício de líquido derramado (imagens em detalhe)

Foto 41	Descrição do artefato
	Tipo: debulhador
	Função: debulhar milho
	Partes: várias
	Materiais: madeira e ferro (fita isolante na pega)
	Medidas gerais (L x A x P): 67 x 107 x 43
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e impressão de marca ("CLINTON") na estrutura externa (imagem em detalhe)



Foto 42

**Descrição do artefato**

Tipo: prensa

Função: espremer/retirar banha

Partes: várias = estrutura, recipiente (caixa com furos), eixo roscado, pregos, arcos

Materiais: madeira e ferro

Medidas gerais (L x A x P): 51 x 105 x 25

Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 43

**Descrição do artefato**

Tipo: cadeira

Função: proporcionar assento

Partes: várias

Materiais: madeira

Medidas gerais (L x A x P): 43 x 84,5 x 39

Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e resquícios de tintas

<p>Foto 44</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: moedor</p> <p>Função: moer uvas</p> <p>Partes: várias</p> <p>Materiais: madeira e ferro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 80 x 128 x 38</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furos de cupim</p>
---	---

<p>Foto 45</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: pilão</p> <p>Função: socar grãos</p> <p>Partes: peça inteira</p> <p>Material: madeira</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 37,5 x 45,5 x 36,5</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo</p>
---	---

<p>Foto 46</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: rebolo</p> <p>Função: afiar facão, foice, enxada, etc.</p> <p>Partes: várias = manivela, eixo, pedra</p> <p>Materiais: madeira, ferro, pedra de areia</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 41 x 53 x 34</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem</p>
---	--

Foto 47	Descrição do artefato
	Tipo: bomba
	Função: puxar água de poço
	Partes: várias
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 50 x 49 x 15
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrição de marca ("UHR", "UA") e de número ("8950", "1") na estrutura (imagens em detalhe)

Foto 48	Descrição do artefato
	Tipo: cortador
	Função: cortar grama
	Partes: várias
	Materiais: madeira, plástico e metais
	Medidas gerais (L x A x P): 47,5 x 121 x 32
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, resquícios de tinta e inscrição de marca ("BOHRER") na roda (imagem em detalhe)

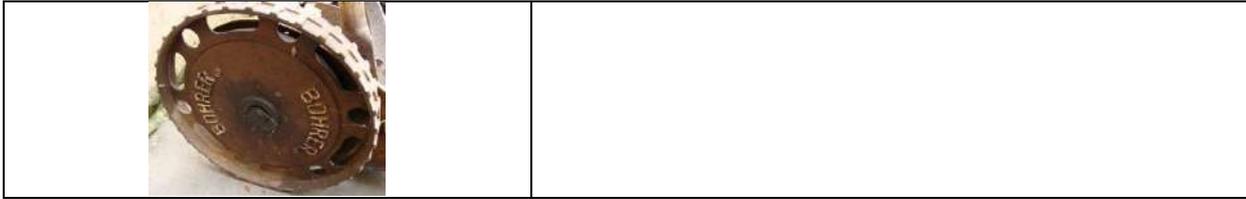


Foto 49	Descrição do artefato
	Tipo: enceradeira
	Função: lustrar assoalho
	Partes: várias = suporte para o cabo, corpo, base, pino, filamentos; falta o cabo
	Materiais: ferro, madeira e crina de cavalo
	Medidas gerais (L x A x P): 25 x 10 x 10
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de marca à mão ("Z.S.C.L.") na lateral do artefato (imagem em detalhe)

APÊNDICE E – Descrição dos Artefatos de Ivanilde Dotto Pauletto (IP)

Informações gerais:

- Todas as peças pertencentes à Ivanilde Dotto Pauletto, atualmente;
- Acervo pessoal exposto num ambiente que faz parte de uma casa localizada no mesmo terreno onde se encontra a residência principal, na cidade de São João do Polêsine;
- A maioria das peças com acabamento rústico;
- Algumas peças foram restauradas após a aquisição;
- Algumas peças ainda estão em uso;
- Medidas gerais representadas por largura (L), altura (A) e profundidade (P), em centímetros, conforme a posição dos artefatos nas imagens;
- Régua de 30 cm utilizada como referência para se fixar a proporcionalidade entre a maioria dos artefatos fotografados.

Foto 1	Descrição do artefato
	Tipo: cunha
	Função: rachar toras de madeira
	Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: final séc. XIX, início séc. XX
	Proprietário: Eugênio Mário (falecido), adquirida por intermédio do filho Valdir Mário
	Partes: peça inteira
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 24 x 8 x 9,2 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem
Foto 2	Descrição do artefato
	Tipo: foice
	Função: roçar campo/capoeirão ¹³²
	Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: final séc. XIX, início séc. XX
	Proprietário: Eugênio Mário (falecido), adquirida por intermédio do filho Valdir Mário
	Partes: lâmina inteira; falta cabo
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 40 x 4,5 x 15,5 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

¹³² Inço ou mato fino.

Foto 3	Descrição do artefato
	Tipo: martelo
	Função: martelar pregos
	Lugar de origem: adquirido em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: final séc. XIX, início séc. XX
	Proprietário: Eugênio Mário (falecido), adquirido por intermédio do filho Valdir Mário
	Partes: três = cabo, cabeça e arame
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 19 x 3,5 x 10,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e mancha branca (imagem em detalhe)

Foto 4	Descrição do artefato
	Tipo: machado
	Função: cortar lenhas
	Lugar de origem: adquirido em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: final séc. XIX, início séc. XX
	Proprietário: Eugênio Mário (falecido), adquirido por intermédio do filho Valdir Mário
	Partes: lâmina inteira; falta cabo
	Material: ferro
Medidas gerais (L x A x P): 16 x 5 x 12,5	
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

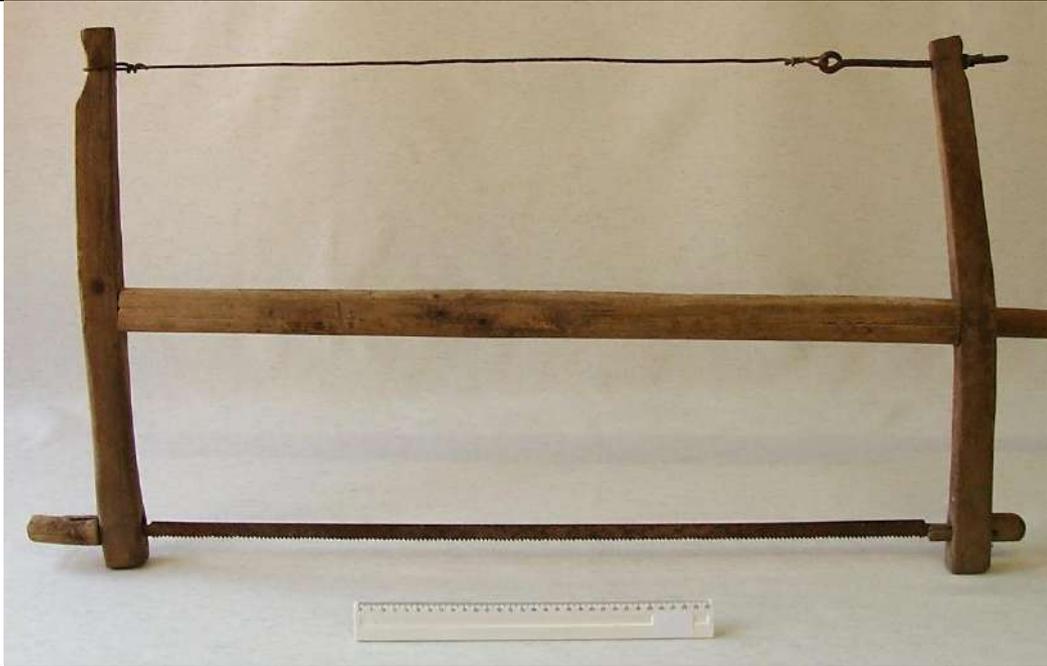
Foto 5	Descrição do artefato
	Tipo: enxada
	Função: capinar campo/horta
	Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: final séc. XIX, início séc. XX
	Proprietário: Bortolo Pauletto (falecido), adquirida por intermédio do filho Jorge (marido de Ivanilde Pauletto)
	Partes: lâmina inteira; falta cabo
	Material: ferro
Medidas gerais (L x A x P): 16,5 x 5 x 13	
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 6	Descrição do artefato
	Tipo: gadanho
	Função: cortar grama
	Lugar de origem: adquirido em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: final séc. XIX, início séc. XX
	Proprietário: Eugênio Mário (falecido), adquirido por intermédio do filho Valdir
	Partes: lâmina inteira; falta cabo
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 54,5 x 9,5 x 15,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrição de marca (indecifrável) e de número ("22") na lâmina de ferro (imagens em detalhe)
	

<p>Foto 7</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: foicinha</p> <p>Função: cortar soja, arroz, pasto, etc.</p> <p>Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca</p> <p>Data: final séc. XIX, início séc. XX</p> <p>Proprietário: Bortolo Pauletto (falecido), adquirida por intermédio do filho Jorge (marido de Ivanilde Pauletto)</p> <p>Partes: duas = cabo e lâmina</p> <p>Materiais: madeira e ferro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 39 x 5 x 22</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de marca (acima = indecifrável; abaixo = "BRASIL") na lâmina de ferro (imagem em detalhe)</p>
--	---

<p>Foto 8</p> 
<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: serrote</p> <p>Função: cortar lenha</p> <p>Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine</p> <p>Data: início séc. XX</p> <p>Proprietária: família Oliveira, adquirido por intermédio de Maria (pais falecidos)</p> <p>Partes: três = lâmina dentada e dois cabos</p> <p>Materiais: ferro e madeira</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 128 x 4 x 23</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem</p>

Foto 9

**Descrição do artefato**

Tipo: serrote

Função: cortar madeira

Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine

Data: início séc. XX

Proprietário: adquirido por intermédio de Aléssio Borin

Partes: várias = suporte/esticador, lâmina dentada, duas pegas, arame, gancho, borboleta; ripa de madeira servindo apenas como apoio

Materiais: madeira e ferro

Medidas gerais (L x A x P): 94 x 50,5 x 3,5

Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 10

**Descrição do artefato**

Tipo: plaina

Função: aplainar madeira

Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca

Data: início séc. XX

Proprietário: Bortolo Pauletto (falecido), adquirida por intermédio do filho Jorge (marido de Ivanilde Pauletto)

Partes: quatro = estrutura, cabo, lâmina e trava

Materiais: madeira e ferro

Medidas gerais (L x A x P): 25 x 14 x 7

Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de marca ("LUMINAR") na lâmina de ferro (imagem em detalhe)

Foto 11	Descrição do artefato
	Tipo: morsa Função: prensar/prender algo Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca Data: início séc. XX Proprietário: Eugênio Mário (falecido), adquirida por intermédio do filho Valdir
	Partes: aparentemente quatro Material: ferro Medidas gerais (L x A x P): 31 x 3,5 x 10 Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e peculiaridade do cabo com textura (imagem em detalhe)

Foto 12	Descrição do artefato
	Tipo: plantadeira Função: plantar milho, feijão, arroz, etc. Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca Data: início séc. XX Proprietário: Bortolo Pauletto (falecido), adquirida por intermédio do filho Jorge (marido de Ivanilde Pauletto) Partes: várias Materiais: madeira e ferro Medidas gerais (L x A x P): 49 x 89 x 14,5 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 13	Descrição do artefato
  	Tipo: concha/pá grande
	Função: limpar (abandar)/juntar grãos ou esterco
	Lugar de origem: adquirida em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine
	Data: final séc. XIX
	Proprietário: Cláudio (falecido), sogro de Cacildo Dotto (irmão falecido de Ivanilde Pauletto)
	Partes: peça inteira; vários pregos; lâmina para conter as fissuras da madeira (imagem em detalhe)
	Materiais: madeira, ferro e latão
	Medidas gerais (L x A x P): 23 x 151 x 16
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim, aplicação de inseticida contra cupins, com tingidor de tonalidade escura, e peculiaridade da pega (imagens em detalhe)

<p>Foto 14</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: pulverizador</p> <p>Função: pulverizar veneno para matar formigas</p> <p>Lugar de origem: adquirido em São Rafael, distrito de Restinga Seca</p> <p>Data: início séc. XX</p> <p>Proprietário: Bortolo Pauletto (falecido), adquirido por intermédio do filho Jorge (marido de Ivanilde Pauletto)</p> <p>Partes: várias</p> <p>Materiais: ferro, couro e madeira</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 20,5 x 95,5 x 9</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e tonalidade esverdeada por proliferação de fungos</p>
---	---

<p>Foto 15</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: cesta</p> <p>Função: armazenar ovos ou secar verduras por meio do balanço do artefato</p> <p>Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca</p> <p>Data: décs. 1930/40</p> <p>Proprietária: Marcelina Dotto (mãe falecida de Ivanilde Pauletto)</p> <p>Partes: peça inteira</p> <p>Material: ferro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 31 x 25,5 x 31,5</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem</p>
--	--

<p>Foto 16</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: cesta</p> <p>Função: armazenar ovos ou secar verduras por meio do balanço do artefato</p> <p>Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine</p> <p>Data: segunda metade do séc. XX</p> <p>Proprietária: família Cadore, adquirida por intermédio de Mário Cadore</p> <p>Partes: peça inteira; polímero nas pegas</p> <p>Materiais: ferro e polímero</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 30,5 x 21 x 17</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo e resta apenas parte das peças em polímero vermelho</p>
---	---

Foto 17	Descrição do artefato
	Tipo: caixa
	Função: guardar documentos
	Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Bortolo Pauletto (falecido), adquirida por intermédio do filho Jorge (marido de Ivanilde Pauletto)
	Partes: duas = recipiente e tampa; vários pregos
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 29,5 x 13 x 13,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo	

Foto 18	Descrição do artefato
	Tipo: balança
	Função: pesar alimentos
	Lugar de origem: adquirida em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine
	Data: final séc. XIX, início séc. XX
	Proprietário: Ernesto Dotta (falecido)
	Partes: várias; ripa de ferro servindo apenas como apoio
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 30 x 35 x 9,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 19	Descrição do artefato
	Tipo: bomba
	Função: bombear querosene para uso em lamparina ¹³³
	Lugar de origem: adquirida em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine
	Data: final séc. XIX, início séc. XX
	Proprietário: Ernesto Dotta (falecido)
	Partes: peça inteira, com soldas
	Material: latão
	Medidas gerais (L x A x P): 54 x 9 x 5,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

¹³³ Na época, por não haver energia elétrica, usava-se muito lamparina a querosene, o qual era comprado em latas grandes.

Foto 20	
	
Descrição do artefato	
Tipo: rolo	
Função: espichar massa	
Lugar de origem: adquirido em São Rafael, distrito de Restinga Seca	
Data: décs. 1930/40	
Proprietária: Marcelina Dotto (mãe falecida de Ivanilde Pauletto)	
Partes: peça inteira e arame acrescentado posteriormente à aquisição	
Material: madeira	
Medidas gerais (L x A x P): 85 (sem arame) x 6 x 5	
Marcas: desgaste pelo uso/tempo	

Foto 21	Descrição do artefato
	Tipo: colher de pau (<i>méscola</i>)
	Função: mexer polenta
	Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: início séc. XX
	Proprietária: Marcelina Dotto (mãe falecida de Ivanilde Pauletto)
	Partes: peça inteira e alça acrescentada posteriormente à aquisição
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 67,5 (sem prego e alça) x 2,5 x 2,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e marca da madeira queimada

Foto 22	Descrição do artefato
	Tipo: pinico
	Função: depositar/aparar urina
	Lugar de origem: adquirido em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Eugênio Mário (falecido), adquirido por intermédio do filho Valdir
	Partes: peça inteira; com soldas
	Material: louça
	Medidas gerais (L x A x P): 26,5 x 11,5 x 23
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 23	Descrição do artefato
	Tipo: focinheira
	Função: privar o gado de comer pasto
	Lugar de origem: adquirida em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: sogro (falecido) de Unirma Nardi
	Partes: peça inteira
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 31,5 x 17 x 23
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 24	Descrição do artefato
	Tipo: gamela
	Função: conter e amaciar palha de trigo para trança com água quente
	Lugar de origem: adquirida em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine
	Data: final séc. XIX
	Proprietário: Roberto Pivetta (falecido), adquirida por intermédio do filho Amauri (falecido)
	Partes: peça inteira
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 72 x 13 x 12
Marcas: desgaste pelo uso/tempo	

Foto 25	Descrição do artefato
	Tipo: molde
	Função: moldar chapéu
	Lugar de origem: adquirido em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: início séc. XX
	Proprietária: Marcelina Dotto (mãe falecida de Ivanilde Pauletto)
	Partes: peça inteira
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 18 x 11,5 x 16
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e furos de cupim	

Foto 26	Descrição do artefato
	Tipo: ralador
	Função: ralar queijo, mandioca, entre outros alimentos
	Lugar de origem: adquirido em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine
	Data: final séc. XIX
	Proprietário: Roberto Pivetta (falecido), adquirido por intermédio do filho Amauri (falecido)
	Partes: duas = base e lata perfurada
	Materiais: madeira e lata
	Medidas gerais (L x A x P): 35,5 x 3 x 10
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e furo para pendurar

Foto 27	Descrição do artefato
	Tipo: ralador
	Função: ralar queijo, mandioca, entre outros alimentos
	Lugar de origem: adquirido em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine
	Data: final séc. XIX
	Proprietário: Roberto Pivetta (falecido), adquirido por intermédio do filho Amauri (falecido)
	Partes: duas = base e lata perfurada Primor
	Materiais: madeira e lata
	Medidas gerais (L x A x P): 29 x 5 x 11
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e furo para pendurar	

Foto 28	Descrição do artefato
	Tipo: chaleira
	Função: aquecer água
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: avô (falecido) de Moisés Jacomini (falecido)
	Partes: peça inteira; faltam alça e tampa
	Material: ferro
Medidas gerais (L x A x P): 26,5 x 25 x 18	
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 29	Descrição do artefato
	Tipo: fôrma
	Função: dar forma à cuca ¹³⁴ , ao cozinhá-la
	Lugar de origem: adquirida em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: sogro (falecido) de Unirma Nardi
	Partes: peça inteira
	Material: latão
	Medidas gerais (L x A x P): 23,5 x 5 x 19
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

¹³⁴ Bolo com cobertura doce, geralmente de frutas, como figo, banana, uva, etc.

Foto 30	Descrição do artefato
	Tipo: panela
	Função: cozinhar polenta
	Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: início séc. XX
	Proprietária: Angela Iop Pauletto (falecida), adquirida por intermédio do filho Jorge (marido de Ivanilde Pauletto)
	Partes: peça inteira; com duas alças e quatro pés ("tetinhas")
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 23,5 x 15 x 20
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, presença de trinca e resquícios de tintas (escura e clara)

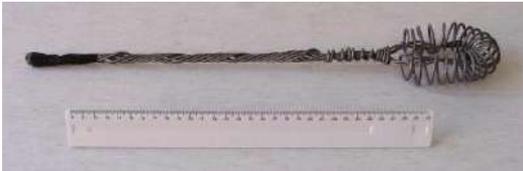
Foto 31	Descrição do artefato
	Tipo: batedor
	Função: misturar e bater claras
	Lugar de origem: adquirido em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine
	Data: final séc. XIX
	Proprietário: Roberto Pivetta (falecido), adquirido por intermédio do filho Amauri (falecido)
	Partes: peça inteira
	Materiais: arame de alumínio; presença de fita isolante na extremidade para não machucar a mão
	Medidas gerais (L x A x P): 46 x 4 x 8,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo

Foto 32	Descrição do artefato
	Tipo: afiador
	Função: afiar faca
	Lugar de origem: adquirido em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: sogro (falecido) de Unirma Nardi
	Partes: peça inteira
	Material: pedra
	Medidas gerais (L x A x P): 7,5 x 1 x 2,5 Marcas: desgaste pelo uso/tempo

Foto 33	Descrição do artefato
	Tipo: panela
	Função: cozinhar alimentos, como o feijão
	Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: início séc. XX
	Proprietária: Angela Iop Pauletto (falecida), adquirida por intermédio do filho Jorge (marido de Ivanilde Pauletto)
	Partes: duas = recipiente e alça
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 20,5 x 21 x 16,5 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 34	Descrição do artefato
	Tipo: panela
	Função: cozinhar alimentos, feijão, mandioca, etc.
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietária: sogra (falecida) de Catarina Jacomini ¹³⁵
	Partes: peça única
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 22 x 19,5 x 23
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 35	Descrição do artefato
	Tipo: bule
	Função: servir café, leite, etc.
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine
	Data: meados séc. XX
	Proprietária: família Oliveira, adquirido por intermédio de Maria (pais falecidos)
	Partes: duas = recipiente e cabo
	Materiais: alumínio e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 20,5 x 16 x 9
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo

Foto 36	Descrição do artefato
	Tipo: minifogareiro
	Função: aquecer mamadeira
	Lugar de origem: adquirido em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: meados séc. XX
	Proprietária: Marcelina Dotto (mãe falecida de Ivanilde Pauletto)
	Partes: peça inteira
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 16,5 x 6 x 9
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e inscrição de marca ("M") na parte superior do artefato (imagem em detalhe)

¹³⁵ Quando a família de Catarina estava construindo uma casa nova, encontraram a panela enterrada no terreno.

Foto 37	Descrição do artefato
	Tipo: balança
	Função: pesar alimentos
	Lugar de origem: adquirida em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine
	Data: final séc. XIX
	Proprietário: Roberto Pivetta (falecido), adquirida por intermédio do filho Amauri (falecido)
	Partes: várias
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 49 x 22,5 x 20
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrições (indecifráveis) na parte superior da base (imagens em detalhe)
	
	

Foto 38	Descrição do artefato
	Tipo: base
	Função: apoiar a fôrma do queijo
	Lugar de origem: adquirida em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine
	Data: final séc. XIX
	Proprietário: Roberto Pivetta (falecido), adquirida por intermédio do filho Amauri (falecido)
	Partes: duas = base, pregos e travessa (ângulo para escorrer o soro)
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 39 x 5 x 28,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e marca esbranquiçada do soro dos queijos	

Foto 39	Descrição do artefato
	Tipo: tábua/"polenteiro"
	Função: suporte para polenta
	Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: meados séc. XX
	Proprietária: Marcelina Dotto (mãe falecida de Ivanilde Pauletto)
	Partes: peça inteira
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 52 x 25 x 44
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e furo para pendurar	

Foto 40	Descrição do artefato
	Tipo: lavador
	Função: lavar roupa
	Lugar de origem: adquirido em Dona Francisca
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: desconhecido
	Partes: duas = estrutura e peça central
	Materiais: madeira e latão ondulado
	Medidas gerais (L x A x P): 60,5 x 38,5 x 4
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furos de cupim	

Foto 41	Descrição do artefato
	Tipo: pipa
	Função: armazenar vinagre
	Lugar de origem: adquirida em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Vitório Sartori (falecido), adquirida por intermédio do filho Dorvalino
	Partes: várias = ripas, arcos e tampa (não é a original)
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 45 x 45 x 45
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e abertura na lateral para escoar o líquido	

Foto 42	Descrição do artefato
	Tipo: bocha
	Função: peça que compõe o jogo de bocha
	Lugar de origem: adquirida em São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: adquirida por intermédio de Aléssio Borin
	Partes: peça única
	Material: madeira
Medidas gerais (L x A x P): 10 x 9 x 9	
Marcas: desgaste pelo uso/tempo	

Foto 43	Descrição do artefato
	Tipo: máquina
	Função: fazer massa
	Lugar de origem: adquirida em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: entre início e meados séc. XX
	Proprietário: sogro (falecido) de Unirma Nardi
	Partes: várias; faltam peças
	Materiais: cobre e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 29,5 x 28 x 9,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrição de marca ("ACL") na estrutura principal (imagem em detalhe)

Foto 44	Descrição do artefato
	Tipo: lampião a querosene
	Função: iluminar ambientes
	Lugar de origem: adquirido em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: Bortolo Pauletto (falecido), adquirido por intermédio do filho Jorge (marido de Ivanilde Pauletto)
	Partes: várias
	Materiais: vidro, latão e pavio de pano
	Medidas gerais (L x A x P): 10 x 24,5 x 10
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furo para pendurar na parede	

Foto 45	Descrição do artefato
	Tipo: lanterna
	Função: iluminar ambientes
	Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: meados séc. XX
	Proprietária: Marcelina Dotto (mãe falecida de Ivanilde Pauletto)
	Partes: várias = estrutura, camisa de vidro, alça
	Materiais: metal e vidro
	Medidas gerais (L x A x P): 18 x 46 x 15
	<p data-bbox="675 629 1366 752">Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrição de marca ("TUPAN") na tampa e na base, inscrição de número ("Nº 22") e de nacionalidade ("INDÚSTRIA BRASILEIRA") na base (imagens em detalhe)</p>
	
	
	



Foto 46	Descrição do artefato
	<p>Tipo: moedor</p> <p>Função: debulhar milho</p> <p>Lugar de origem: adquirido em São Rafael, distrito de Restinga Seca</p> <p>Data: início séc. XX</p> <p>Proprietário: Bortolo Pauletto (falecido), adquirido por intermédio do filho Jorge (marido de Ivanilde Pauletto)</p> <p>Partes: várias = estrutura, funil, manivela</p> <p>Material: ferro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 41,5 x 30,5 x 19</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, particularidade da pega, reforçada por um cano plástico, inscrição de marca ("MUNDIAL"), de número ("4"), na estrutura, e de marca ("M" ou "W") na cabeça do parafuso (imagens em detalhe)</p>
	
	

Foto 47	Descrição do artefato
	Tipo: moedor
	Função: moer milho (quirela) para pintos
	Lugar de origem: adquirido em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Bortolo Pauletto (falecido), adquirido por intermédio do filho Jorge (marido de Ivanilde Pauletto)
	Partes: várias
	Materiais: ferro e madeira (pega da manivela)
	Medidas gerais (L x A x P): 33 x 30 x 25,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e peculiaridade de uma das partes com textura (imagem em detalhe)

Foto 48	Descrição do artefato
	Tipo: ferro de passar roupas
	Função: passar roupas
	Lugar de origem: desconhecido
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: desconhecido
	Partes: cinco = reservatório, tampa, suporte para a pega, pino e pega; parafusos
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 20 x 18 x 9
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 49	Descrição do artefato	
	Tipo: ferro de passar roupas	
	Função: passar roupas	
	Lugar de origem: adquirido em São Rafael, distrito de Restinga Seca	
	Data: meados séc. XX	
	Proprietária: Marcelina Dotto (mãe falecida de Ivanilde Pauletto)	
	Partes: quatro = reservatório, tampa, protetor e pega	
	Materiais: ferro, latão e madeira	
	Medidas gerais (L x A x P): 22,5 x 19 x 11,5	
		Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrição de desenho na parte superior e inscrições de marca ("MIMOSO" e "AYRES FIGUEIRO & CIA") e cidade ("S PAULO") no protetor (imagens em detalhe)
		

Foto 50	Descrição do artefato
	Tipo: cadeira
	Função: proporcionar assento
	Lugar de origem: adquirida em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Ernesto Dotta (falecido)
	Partes: várias
	Materiais: madeira e palha de capim
	Medidas gerais (L x A x P): 39,5 x 84 x 39
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo

Foto 51	Descrição do artefato
	Tipo: cadeira
	Função: proporcionar assento
	Lugar de origem: adquirida em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Vitório Sartori (falecido), adquirida por intermédio do filho Dorvalino
	Partes: várias
	Materiais: madeira e palha de capim
	Medidas gerais (L x A x P): 41,5 x 82 x 37
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e resquícios de tinta verde

Foto 52	Descrição do artefato
	Tipo: cesto
	Função: carregar/armazenar roupas lavadas
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine
	Data: décs. 1970/80
	Proprietária: Ivanilde Pauletto
	Partes: peça inteira
	Material: vime descascado
	Medidas gerais (L x A x P): 51,5 x 41 x 53
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e furos de cupim

Foto 53	Descrição do artefato
	Tipo: moedor
	Função: moer café
	Lugar de origem: trazido de Brasília para São João do Polêsine
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: neta trouxe para os avós Guestti
	Partes: várias
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 30 x 26,5 x 29,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e impressão de marca ("IMP") e demais informações na lateral do funil (imagem em detalhe)



Foto 54	Descrição do artefato
	Tipo: torrador
	Função: torrar café
	Lugar de origem: trazido de Brasília para São João do Polêsine
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: neta trouxe para os avós Guestti
	Partes: várias
	Materiais: latão e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 56,5 x 22,5 x 23,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 55	Descrição do artefato
	Tipo: conjunto de latas
	Função: armazenar mantimentos
	Lugar de origem: adquirido em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: meados séc. XX
	Proprietária: Marcelina Dotto (mãe falecida de Ivanilde Pauletto)
	Partes: três recipientes com tampas
	Materiais: latão e impressão
	Medidas gerais (L x A x P): 18,5 x 21 x 18,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 56	Descrição do artefato
	Tipo: regador
	Função: regar plantas
	Lugar de origem: adquirido em São João do Polêsine
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: desconhecido
	Partes: várias partes soldadas
	Material: latão galvanizado
	Medidas gerais (L x A x P): 45 x 34 x 22,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, pouca ferrugem e inscrição de marca ("ANDRES") na parte de baixo do recipiente (imagem em detalhe)	



Foto 57	Descrição do artefato
	Tipo: máquina
	Função: tampar garrafas
	Lugar de origem: adquirida em São Rafael, distrito de Restinga Seca
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Bortolo Pauletto (falecido), adquirida por intermédio do filho Jorge (marido de Ivanilde Pauletto)
	Partes: várias
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 38,5 x 44 x 9,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e resquícios de tinta laranja no cabo (imagem em detalhe)

Foto 58	Descrição do artefato
	Tipo: baú
	Função: armazenar roupas
 	Lugar de origem: adquirido em Ribeirão, distrito de São João do Polêsine
	Data: final séc. XIX, início séc. XX
	Proprietário: sogro (falecido) de Unirma Nardi
	Partes: várias
	Materiais: madeira, ferro e juta
	Medidas gerais (L x A x P): 81 x 39,5 x 43
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, peculiaridade da cantoneira e resquícios de juta (imagens em detalhe)

APÊNDICE F – Descrição dos Artefatos do Museu Histórico Geringonça (MG)

Informações gerais:

- Todas as peças pertencentes ao Museu Histórico Geringonça, que foi inaugurado em 2007; o prédio foi doado à Prefeitura de Faxinal do Soturno pelas Irmãs da Congregação Sagrado Coração de Maria, onde havia uma escola antigamente mantida por elas; o sobrado passou por uma reforma entre os anos de 2005 e 2007; desde 1995, a Prefeitura arrecada artefatos para compor o acervo do Museu;
- O sobrado e o acervo são mantidos pela Prefeitura, tendo Claudete Vestena como zeladora;
- O Museu localiza-se no distrito de Novo Treviso, no município de Faxinal do Soturno;
- Todas as peças com acabamento rústico; algumas foram restauradas após a aquisição;
- Medidas gerais representadas por largura (L), altura (A) e profundidade (P), em centímetros, conforme a posição dos artefatos nas imagens;
- Régua de 30 cm utilizada como referência para se fixar a proporcionalidade entre a maioria dos artefatos fotografados.

Foto 1	Descrição do artefato
	Tipo: tigela
	Função: usada para fundir metal
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno; veio da Itália
	Data: final séc. XIX
	Proprietária: doada por Aurélia Cargnin (falecida)
	Partes: peça inteira
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 16 x 7,5 x 15 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 2	Descrição do artefato
	Tipo: balança
	Função: pesar alimentos
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Silvestre Ragagnin (falecida), doada pelo filho Danilo
	Partes: várias = estrutura superior com ganchos e peso, correntes, prato
	Materiais: ferro, lata
	Medidas gerais (L x A x P): 33 x 63 x 23
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e peculiaridade de marcação numérica em quilos (imagem em detalhe) madeira como suporte
	

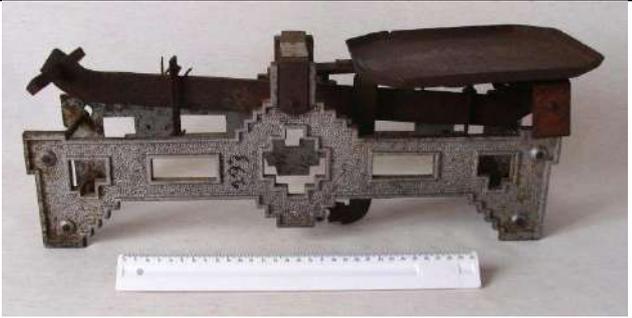
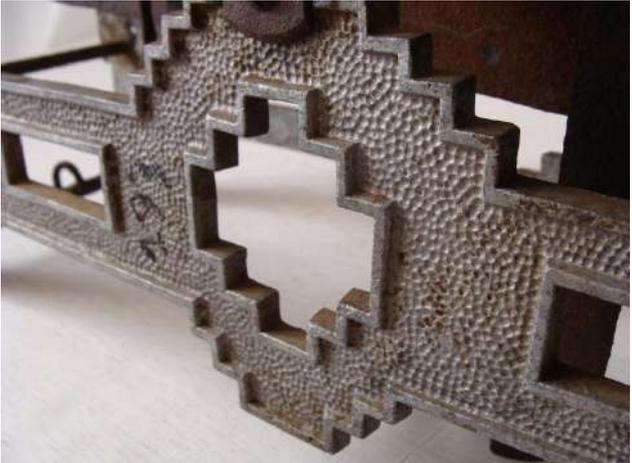
Foto 3	Descrição do artefato
	Tipo: balança
	Função: pesar alimentos
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietário: doada por Vitalino Secretti (falecido)
	Partes: várias
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 53 x 18 x 21
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrições de marca ("MET. TRICHES LTDA"), de número ("Nº170"), de carga máxima ("CARGA MÁXIMA 20 kg") e de localidade ("CAXIAS DO SUL") na parte superior da estrutura, peculiaridade estética da parte frontal da estrutura e estrutura principal pintada na cor prata (imagens em detalhe)

Foto 4	Descrição do artefato
	Tipo: peso
	Função: contrabalançar e indicar o peso de alimentos
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietária: doado pela Casa Paroquial
	Partes: peça inteira de 1 kg
	Material: ferro
Medidas gerais (L x A x P): 5 x 9 x 5	
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 5	Descrição do artefato
	Tipo: machadinha
	Função: cortar madeira
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietária: doada pela Casa Paroquial
	Partes: duas = pega e lâmina
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 31 x 3,5 x 37
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 6	Descrição do artefato
	Tipo: lâmina
	Função: rachar tabuinhas
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietário: doada por Vitalino Secretti (falecido)
	Partes: peça inteira
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 37 x 3 x 10
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 7	Descrição do artefato
	Tipo: machadinho
	Função: cortar tábuas para a construção de casas e móveis
	Lugar de origem: Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietário: doado pelo Padre Valdir Bisognin
	Partes: peça inteira; falta cabo
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 14 x 3 x 9,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e resquícios de tinta vermelha	

Foto 8	Descrição do artefato
	Tipo: meia-esquadria/esquadro
	Função: proporcionar corte reto ou de 45º
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: doada pela Casa Paroquial
	Partes: três = ripas, pregos
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 37 x 6 x 10
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 9	Descrição do artefato
	Tipo: cavador
	Função: fazer cavas da janela
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: doado por Solenio Basso (pai falecido de Claudete)
	Partes: três = duas pegas, lâmina
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 34 x 5 x 15
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 10	Descrição do artefato
 	Tipo: plaina
	Função: fazer cavas de abertura e moldura para janelas e quadros
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: José Sari (falecido), doada por pelo filho Jorge
	Partes: três = estrutura, trava, lâmina
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 26 x 35 x 15
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 11	Descrição do artefato
 	Tipo: plaina
	Função: cavar madeira (macho e fêmea) para fazer frisos em molduras
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno; confeccionada na Argentina
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: José Sari (falecido), doada pelo filho Jorge
	Partes: várias
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 25 x 18 x 19
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e peculiaridade da peça torneada (imagem em detalhe)	

Foto 12	Descrição do artefato
	Tipo: enxó
	Função: desbastar madeira para fazer gamela
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: Olinto Secretti (falecido), doado pelo filho Melchior
	Partes: duas = lâmina e cabo
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 24 x 13 x 13
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e envernização após a aquisição

Foto 13	Descrição do artefato
	Tipo: plaina
	Função: aplainar o fundo das pipas
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: doada por Valnei Sari
	Partes: duas = estrutura e pega; faltam peças
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 25,5 x 13,5 x 6
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e peculiaridade da base arredondada	

Foto 14	Descrição do artefato
	Tipo: esquadro
	Função: traçar ângulos retos
	Lugar de origem: adquirido em Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietária: doado pela Casa Paroquial
	Partes: peça inteira
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 60 x 0,1 x 24
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 15	Descrição do artefato
	Tipo: martelo
	Função: martelar ou arrancar pregos
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietária: doado pela Casa Paroquial
	Partes: duas = cabeça e cabo
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 29 x 2 x 11
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim e resquícios de tinta marrom avermelhada	

Foto 16		Descrição do artefato Tipo: arco de pua Função: furar madeira Lugar de origem: Faxinal do Soturno Data: meados séc. XX Proprietário: doado por Bonfilho Somavilla Partes: várias; falta a pua/broca Materiais: ferro e madeira Medidas gerais (L x A x P): 18 x 37 x 8 Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, resquícios de tinta vermelha e peça em madeira quebrada
----------------	---	---

Foto 17		Descrição do artefato Tipo: morsa Função: fazer molduras de quadros Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno Data: início séc. XX Proprietário: Solenio Basso (pai falecido de Claudete Vestena) Partes: várias = estrutura, manivela Materiais: madeira e ferro Medidas gerais (L x A x P): 33 x 24 x 9 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem
----------------	--	--

Foto 18		Descrição do artefato Tipo: "moldadeira" Função: cortar madeira para fazer pipa Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno Data: início séc. XX Proprietário: José Sari (falecido), doada pelo filho Jorge Partes: várias = estrutura, limitador, lâmina Materiais: madeira e ferro Medidas gerais (L x A x P): 31 x 18 x 9,5 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem
----------------	---	---

Foto 19		Descrição do artefato Tipo: cortador Função: cortar tiras de couro Lugar de origem: desconhecido Data: início séc. XX Proprietário: desconhecido Partes: várias = estrutura, lâmina Materiais: madeira e ferro Medidas gerais (L x A x P): 21 x 14 x 11 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem
----------------	---	--

Foto 20	Descrição do artefato
	Tipo: limpador
	Função: limpar e preparar couro
	Lugar de origem: desconhecido
	Data: início séc. XX
	Proprietário: desconhecido
	Partes: duas = lâmina, cabo
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 14 x 4 x 8
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 21	Descrição do artefato
	Tipo: equipamento
	Função: manufaturar solado de sapato
	Lugar de origem: Comércio, distrito de Nova Palma
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Ricardo Carginin (falecido), doado pelo filho Vicente
	Partes: várias = quatro pernas, assento para o solado, limitador, pinos, solado como exemplo, apoio para os pés, pregos
	Materiais: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 153 x 70 x 24
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e peculiaridade do suporte (imagem em detalhe)	

Foto 22	Descrição do artefato
	Tipo: serrote
	Função: cortar madeira
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno; ideia trazida da Itália
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Antonio Sartori, doado pelo filho João (falecidos)
	Partes: duas = pega/suporte, lâmina
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 32 x 3 x 9
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 23	Descrição do artefato
	Tipo: garfo (<i>forca</i>)
	Função: esparramar palha
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: doado por Aurélia Carginin, irmã do Padre Daniel (falecidos)
	Partes: quatro = três dentes e base; falta cabo
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 41,5 x 7 x 18,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e resquícios de tinta marrom

Foto 24	Descrição do artefato
	Tipo: garfo/gadanhó
	Função: juntar feno e palha
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: doado por Atilio Bellé
	Partes: peça inteira
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 19 x 5 x 21
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 25	Descrição do artefato
	Tipo: cavadeira
	Função: abrir buraco na terra
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietária: doada pela Casa Paroquial
	Partes: peça inteira
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 17 x 4 x 5,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 26	Descrição do artefato
	Tipo: enxadinha
	Função: capinar nas lavouras
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietário: doada por Danilo Ragagnin
	Partes: peça inteira; falta cabo
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 13,5 x 6 x 9
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

<p>Foto 27</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: pá (ponta) de arado</p> <p>Função: parte do arado que serve para lavrar os campos</p> <p>Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno</p> <p>Data: início séc. XX</p> <p>Proprietário: José Ragagnin, doada pelo filho Ivaldir (falecidos)</p> <p>Partes: peça inteira</p> <p>Material: ferro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 75 x 13 x 37</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem</p>
---	---

<p>Foto 28</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: plantadeira</p> <p>Função: plantar sementes de cereais</p> <p>Lugar de origem: Gramado, distrito de Nova Palma</p> <p>Data: início séc. XX</p> <p>Proprietários: doada por Vicente e Gema Cargnin</p> <p>Partes: várias</p> <p>Materiais: madeira e ferro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 40 x 76 x 15</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem</p>
--	--

Foto 29	Descrição do artefato
	Tipo: pulverizador
	Função: pulverizar veneno
	Lugar de origem: Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: Atilio Baratto (falecido)
	Partes: várias
	Materiais: madeira, couro e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 19 x 92 x 12
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e resquícios de tinta verde

Foto 30	Descrição do artefato
	Tipo: pulverizador/máquina costal
	Função: pulverizar veneno
	Lugar de origem: Gramado, distrito de Nova Palma
	Data: meados séc. XX
	Proprietários: Vicente e Gema Cargnin
	Partes: duas = reservatório, alavanca medindo 46 cm, 3 ganchos para alças, 1 saída para manga
	Materiais: cobre, ferro e metal galvanizado
	Medidas gerais (L x A x P): 45 x 45 x 17
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrições de marca ("ECLAIR VERMOREL"; "VERMOREL"; "87 SODO"; "VILLEFRANCHE"), de origem ("MADE IN FRANCE") e de números ("70422"; "40") na frente do artefato e peculiaridade de desenhos na parte superior (imagens em detalhe)



Foto 31	Descrição do artefato
	Tipo: pá
	Função: aventar grãos
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietária: doada por Jandira Braga
	Partes: peça inteira
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 21 x 142 x 7,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, furos de cupim e furo para pendurar na parede	

Foto 32	Descrição do artefato
	Tipo: molde
	Função: moldar pá
	Lugar de origem: Gramado, distrito de Nova Palma
	Data: início séc. XX
	Proprietários: Vicente e Gema Cargnin
	Partes: peça inteira
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 29 x 126 x 1
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e furo para pendurar na parede

Foto 33	Descrição do artefato
	Tipo: descascador
	Função: descascar grãos (arroz)
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietário: Gentil da Ros (falecido)
	Partes: várias
	Materiais: madeira e metal galvanizado
	Medidas gerais (L x A x P): 50 x 85 x 50
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e envernizado após a aquisição

Foto 34	Descrição do artefato
	Tipo: debulhador
	Função: debulhar milho
	Lugar de origem: Vila Cruz, distrito de Nova Palma
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: doado por Luiz Vestena (sogro falecido de Claudete Vestena)
	Partes: várias = estrutura, manivela
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 58 x 62 x 47
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, resquícios de tinta vermelha e inscrição de marca ("DEBULHADOR MARUMB..."), em preto, na frente do artefato (imagem em detalhe)

Foto 35	Descrição do artefato
	Tipo: pilão e socador
	Função: descascar arroz e debulhar milho (quirela), erva mate, etc.
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: década de 1890
	Proprietário: Sebastião Cargnin; ganhou de presente de casamento de João Cargnin (artefatos usados anteriormente por este); doados pela filha Aurélia (todos falecidos)
	Partes: duas = recipiente e socador
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 34 x 100 (com socador) x 34
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo

Foto 36	Descrição do artefato
	Tipo: picão
	Função: arrancar, lavrar ou picar pedras e tocos de madeira
	Lugar de origem: desconhecido
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: desconhecido
	Partes: peça inteira; falta cabo
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 47 x 7 x 10
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e resquícios de tinta vermelha (imagem em detalhe)

Foto 37	Descrição do artefato
	Tipo: foice
	Função: cortar cana-de-açúcar
	Lugar de origem: desconhecido
	Data: início séc. XX
	Proprietário: desconhecido
	Partes: seis = dois elos, pino, lâmina e duas peças para o cabo
	Materiais: ferro, arame e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 39 x 3 x 14
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, furos de cupim, ferrugem, furo na lâmina e cabo amarrado com dois elos de arame

Foto 38	Descrição do artefato
	Tipo: foicinha
	Função: cortar trigo e aveia
	Lugar de origem: desconhecido
	Data: início séc. XX
	Proprietário: desconhecido
	Partes: duas = lâmina, cabo e borracha (fixar a lâmina dentro do cabo)
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 42 x 4 x 32
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furo de cupim, inscrição de marca ("S.FLORIANO"), de localidade ("AUSTRIA") e de número ("4") na lâmina, e peculiaridade da lâmina serrilhada (imagens em detalhe)



Foto 39	Descrição do artefato
	Tipo: gadanho
	Função: cortar grama, pasto, etc.
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietário: doado pela Casa Paroquial
	Partes: três = cabo, pega e lâmina
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 66 x 159 x 16
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 40

**Descrição do artefato**

Tipo: prensa

Função: prensar fumo

Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno

Data: início séc. XX

Proprietário: Pio Ceolin (falecido)

Partes: várias

Materiais: madeira e ferro

Medidas gerais (L x A x P): 54,5 x 205 x 160

Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 41

**Descrição do artefato**

Tipo: banco

Função: proporcionar assento

Lugar de origem: Gramado, distrito de Nova Palma

Data: início séc. XX

Proprietário e fabricante: confeccionado, usado e doado por Vicente e Gema Cargnin

Partes: quatro = assento e três pernas

Material: madeira

Medidas gerais (L x A x P): 37 x 43 x 34

Marcas: desgaste pelo uso/tempo

<p>Foto 42</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: banco</p> <p>Função: proporcionar assento</p> <p>Lugar de origem: Gramado, distrito de Nova Palma</p> <p>Data: início séc. XX</p> <p>Proprietário e fabricante: confeccionado, usado e doado por Vicente e Gema Carginin</p> <p>Partes: quatro = assento e três pernas</p> <p>Material: madeira</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 30 x 33 x 25</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo</p>
---	---

<p>Foto 43</p>   	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: picador</p> <p>Função: picar a carne para fazer o salame</p> <p>Lugar de origem: Faxinal do Soturno</p> <p>Data: início séc. XX</p> <p>Proprietário: doado por Valdir Bisognin</p> <p>Partes: três = pega, peça intermediária e lâmina</p> <p>Materiais: madeira e ferro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 48 x 3 x 21,5</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, furos de cupim, inscrição de marca ("R") na lâmina e particularidade dos pinos (imagens em detalhe)</p>
--	--

Foto 44	Descrição do artefato
	Tipo: ralador
	Função: ralar queijo
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietária: doado por Alvina Secretti (falecida)
	Partes: duas = estrutura com alça para pendurar na parede e lâmina perforada
	Materiais: cobre e zinco
	Medidas gerais (L x A x P): 33 x 5 x 10
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 45	Descrição do artefato
	Tipo: amassadeira
	Função: amassar feijão para a <i>menestra</i>
	Lugar de origem: Trombudo, distrito de Dona Francisca
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: Francisco e Tereza Somavilla (falecidos)
	Partes: várias = estrutura, recipiente, pegas
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 26 x 11 x 8,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 46	Descrição do artefato
	Tipo: escumadeira
	Função: escorrer água ou azeite de alimentos
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietária: doada pela Casa Paroquial
	Partes: duas = cabo e concha
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 53,5 x 11,5 x 20
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 47	Descrição do artefato
	Tipo: porta-talheres
	Função: armazenar talheres
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Fabricante e proprietário: doado por João Sartori
	Partes: várias = base, travessa (acrescentada após a aquisição), pregos e cinco talheres (duas colheres e três garfos)
	Materiais: madeira e pregos
	Medidas gerais (L x A x P): 41 x 18,5 x 4
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, furo para pendurar na parede e peculiaridades dos cabos dos talheres (imagem em detalhe)



Foto 48

**Descrição do artefato**

Tipo: ferro de passar roupa e grade

Função: passar roupas à brasa e grade para apoiar o ferro

Lugares de origem: Comércio, distrito de Nova Palma; Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno

Data: início séc. XX

Proprietária: ferro doado por Graciosa Battaglin Carginin; grade doada por Alvina Secretti (falecida)

Partes: seis = reservatório, tampa, pega, pino, tampa lateral do reservatório, grade

Materiais: ferro e madeira

Medidas gerais (L x A x P): 19 x 22 x 11 e 14,5 x 2 x 9,5, respectivamente

Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrição de número ("4") na tampa, inscrição de desenho na tampa lateral, particularidade da entrada de ar do reservatório e grade (imagens em detalhe)

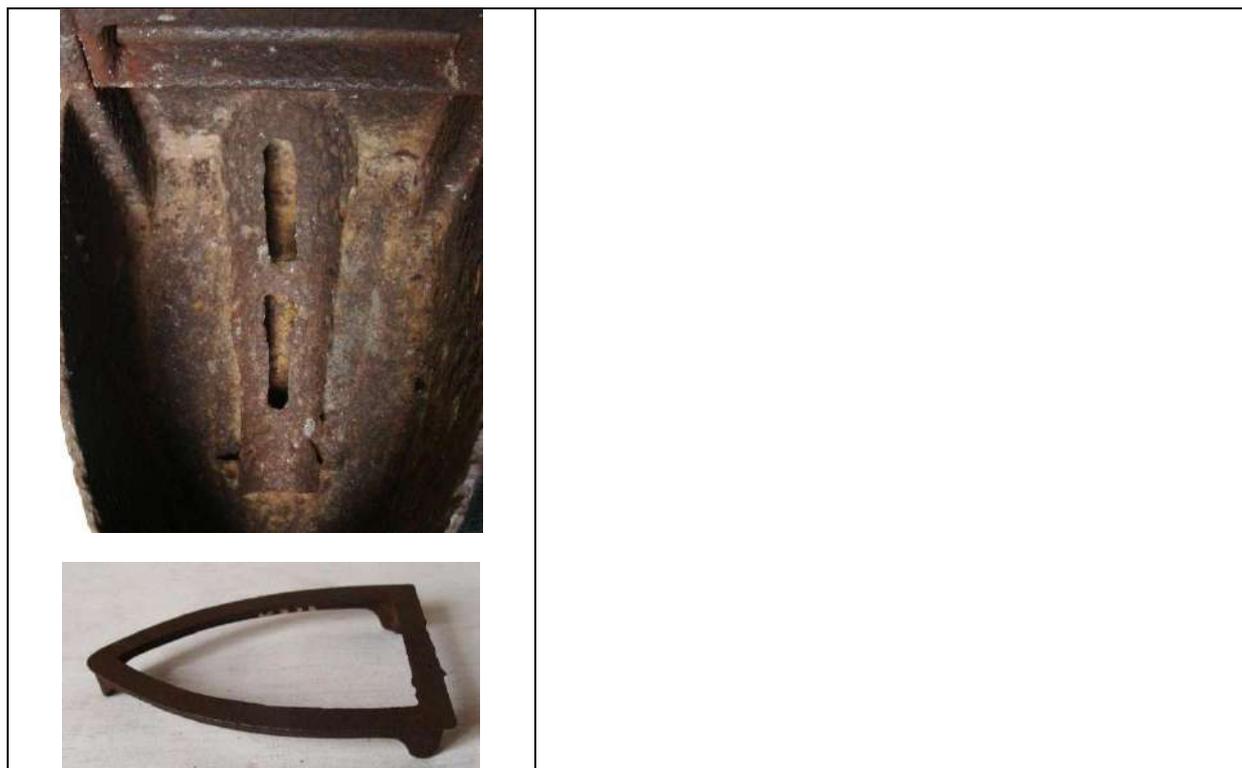


Foto 49	Descrição do artefato
	Tipo: fogareiro
	Função: aquecer alimentos
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietária: doado por Casa Paroquial
	Partes: várias = três pernas, base, reservatório e suporte
	Materiais: lata, ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 11,5 x 14,5 x 10,5
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 50	Descrição do artefato
	Tipo: fogareiro
	Função: aquecer alimentos
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietária: doado pela Casa Paroquial
	Partes: várias = recipiente, apoio para panelas e protetor
	Material: lata, ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 18 x 11 x 18
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrição de marca ("NOVIDADES PAULISTAS", "MÁRIO PINTO & FILHOS"; "MPF"; "INDÚSTRIA BRASILEIRA"; "220V"; "CURITIBA") no protetor e resquícios de tinta vermelha no reservatório (imagem em detalhe)	

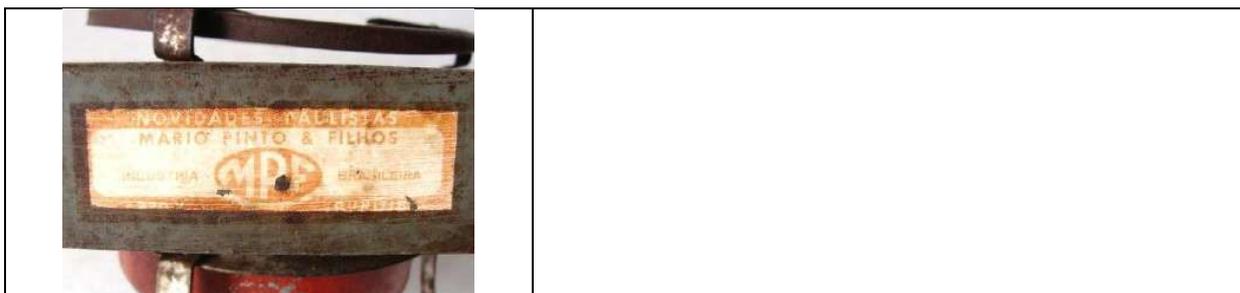


Foto 51	Descrição do artefato
	Tipo: barrica
	Função: armazenar e carregar água até a roça
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietário: doada por Solenio Basso (pai falecido de Claudete Vestena)
	Partes: várias = ripas de madeira, aros de ferro, arame e cabo de polímero
	Materiais: madeira, ferro e polímero
	Medidas gerais (L x A x P): 21 x 36 x 21
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e cabo amarelado	

Foto 52	Descrição do artefato
 	Tipo: moedor
	Função: moer carne
	Lugar de origem: Comércio, distrito de Nova Palma
	Data: início séc. XX
	Proprietária: doado por Graciosa Bataglim Cargnin
	Partes: quatro = estrutura, manivela, pega e parafuso com limitador
	Materiais: ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 29 x 11 x 26
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrições de marca ("RELIANCE"), de localidade ("MADE IN SWEDEN") e de símbolo (estrela) na lateral esquerda da estrutura, inscrições de marca ("HUSQVARNA") e de número ("8") na lateral direita da estrutura, inscrição de marca ("RELIANCE"; "HUSQVARNA"; "SWEDEN") na saída do cilindro e inscrição de código ("5 - 8 H") na parte interna do braço da manivela (imagens em detalhe)	

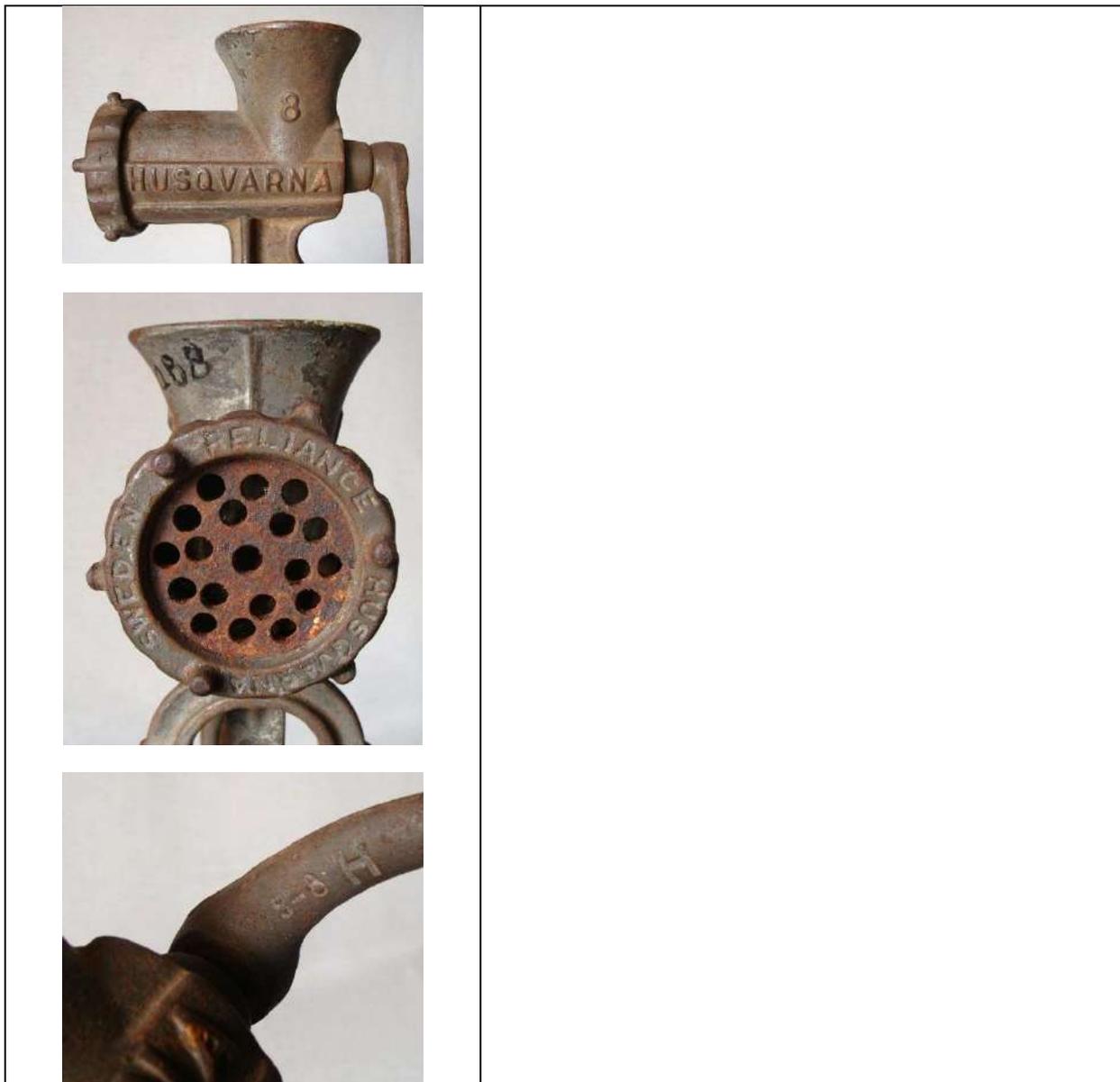


Foto 53	Descrição do artefato
	Tipo: panela
	Função: armazenar e cozinhar alimentos
	Lugar de origem: desconhecido
	Data: início séc. XX
	Proprietário: desconhecido
	Partes: duas = recipiente e alça
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 24,5 x 29 x 21
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrição de número ("Nº7") nas laterais, peculiaridade do engate da alça e furo no fundo (imagens em detalhe)	

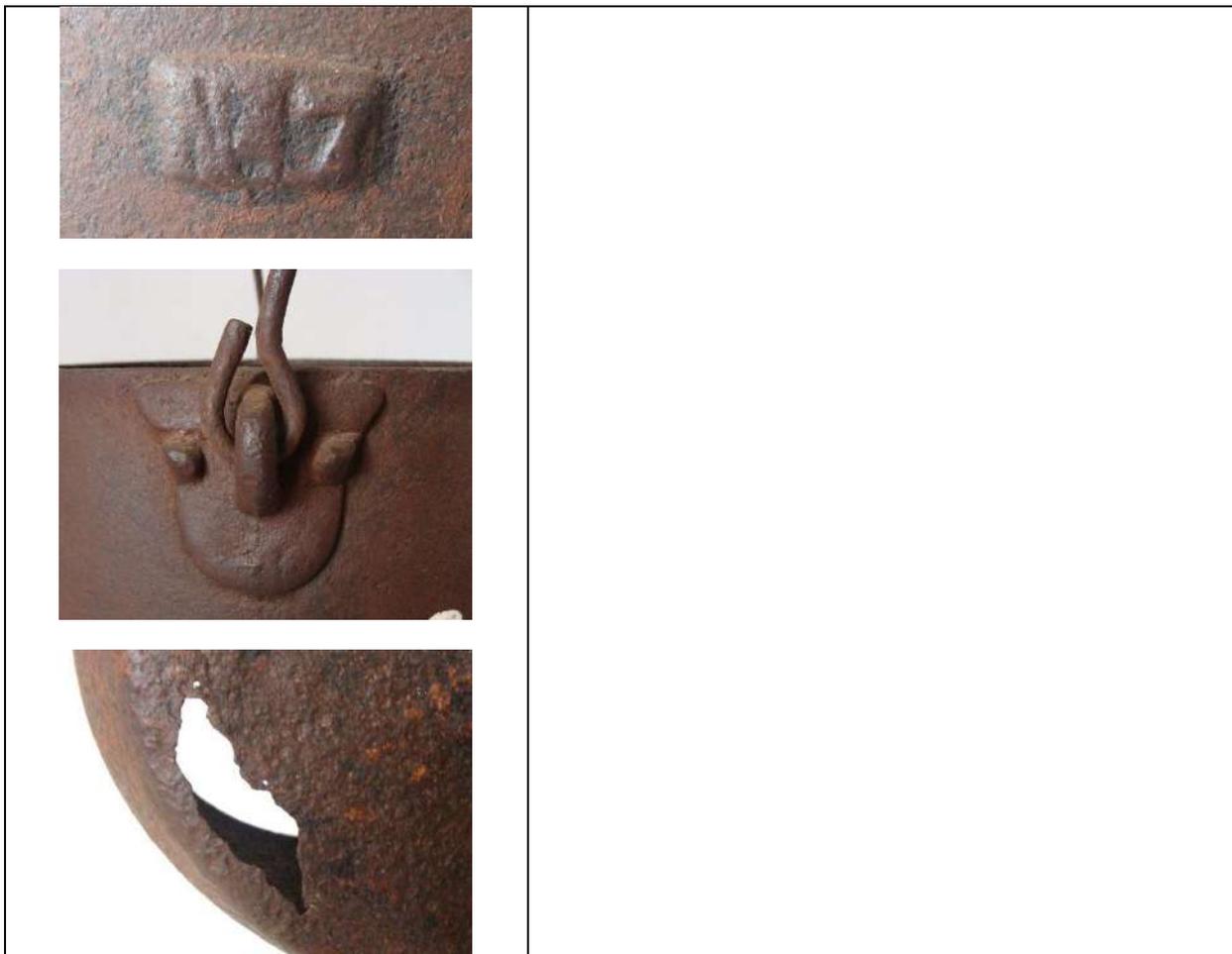


Foto 54	Descrição do artefato
	Tipo: moedor
	Função: moer pimenta e milho
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: José Ragagnin, doado pelo filho Ivaldir (falecidos)
	Partes: várias: funil, estrutura, suporte para fixação, parafuso do tipo “borboleta”
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 33,5 x 12,5 x 17
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrições de marca (“FAMA”) e de número (“3”) na estrutura (imagens em detalhe)

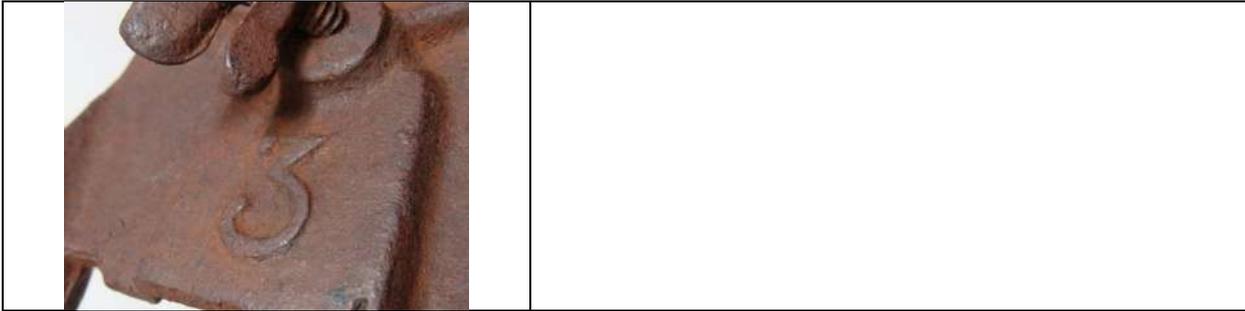


Foto 55	Descrição do artefato
	Tipo: panela
	Função: cozinhar polenta
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietária: doada por Alvina Secretti (falecida)
	Partes: três = recipiente, alça e suporte para alça
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 29 x 27 x 26,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, peculiaridades dos engates para a alça e inscrições de marca (indecifrável) e de símbolo (estrela) no fundo (imagens em detalhe)



Foto 56	Descrição do artefato
	Tipo: chaleira
	Função: armazenar e aquecer água
	Lugar de origem: Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: doada por Bonfilho Somavilla
	Partes: duas = reservatório e alça
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 31 x 30 x 23,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrições de marca ("PHENIX") e de número ("Nº5") em uma das laterais e resquícios de tinta prateada (imagens em detalhe)



Foto 57	Descrição do artefato
	<p>Tipo: chaleira</p> <p>Função: armazenar e aquecer água</p> <p>Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno</p> <p>Data: meados séc. XX</p> <p>Proprietária: doada por Aurélia Cargnin (falecida)</p> <p>Partes: peça inteira</p> <p>Material: ferro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 29 x 27 x 20</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e inscrições de marca ("SOUZA NOSCHESE"), de localidade ("S. PAULO") e de número ("N 4") na parte inferior (imagem em detalhe)</p>
	

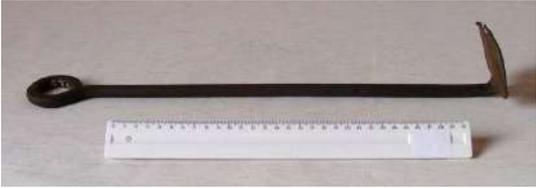
Foto 58	Descrição do artefato
	Tipo: pá
	Função: mexer na brasa
	Lugar de origem: desconhecido
	Data: início séc. XX
	Proprietário: desconhecido
	Partes: peça inteira
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 46 x 8 x 9
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 59	Descrição do artefato
	Tipo: lampião
	Função: iluminar ambiente
	Lugar de origem: desconhecido
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: desconhecido
	Partes: três = estrutura, protetor e reservatório
	Materiais: ferro (lata) e vidro
	Medidas gerais (L x A x P): 10 x 25 x 11
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrições de marca ("ROMARO LUA CHEIA") e de código ("PRTMU 584" - acredita-se ser -) no reservatório (imagens em detalhe)

Foto 60	Descrição do artefato
	Tipo: sacola (<i>spòrta</i>)
	Função: armazenar e carregar alimentos ou objetos pessoais
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietária: doada Aurélia Cargnin (falecida)
	Partes: peça inteira
	Material: palha de trigo
	Medidas gerais (L x A x P): 36 x 40 x 6
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e palhas em duas cores diferentes

Foto 61	Descrição do artefato
	Tipo: parte inferior da vassoura
	Função: varrer chão ou, eventualmente, parede, teto, muro, etc.
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: 2007
	Fabricante e proprietário: Solenio Basso (pai falecido de Claudete Vestena)
	Partes: várias = ramos de palha e arame
	Materiais: palha e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 52 x 10 x 18
Marcas: ---	

Foto 62	Descrição do artefato
	Tipo: isqueiro
	Função: acender cigarro
	Lugar de origem: Comércio, distrito de Nova Palma
	Data: início séc. XX
	Proprietário: doado por Domingos Cargnin
	Partes: peça única
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 16 x 3,5 x 6
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e possui forma de um galho	

<p>Foto 63</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: panela e mexedor</p> <p>Função: cozinhar polenta</p> <p>Lugar de origem: Gramado, distrito de Nova Palma</p> <p>Data: meados séc. XX</p> <p>Proprietário: doados por Vicente e Gema Cargnin</p> <p>Partes: várias = recipiente, manivela (mexedor ou betoneira), estrutura para a manivela, pega e alça</p> <p>Materiais: ferro e madeira</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 38 x 36 x 31</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem</p>
---	--

<p>Foto 64</p>  	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: lampião</p> <p>Função: iluminar ambiente</p> <p>Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno</p> <p>Data: 22/05/1954</p> <p>Proprietário: presente de casamento de José Zanugo ao casal Genésio Sari e Élia Somavilla</p> <p>Partes: várias = reservatório, tampa, estrutura, camisa de vidro e alça</p> <p>Materiais: ferro e vidro</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 20 x 45 x 15</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, inscrições de marca ("INDÚSTRIA BRASILEIRA", "TUPAN") e de número ("Nº 77") na parte superior do reservatório, inscrição de marca ("TUPAN") na parte superior da tampa do reservatório e inscrição de marca ("TUPAN") na parte superior da tampa da estrutura (imagens em detalhe)</p>
--	---



Foto 65	Descrição do artefato
	Tipo: lampião a banha ou querosene
	Função: iluminar ambientes
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX, usado na Primeira Guerra Mundial
	Proprietário: doado por Atilio Bellé, foi encontrado na casa do pai de Pio Ceolin
	Partes: três = base, reservatório e tampa
	Material: ferro
Medidas gerais (L x A x P): 13 x 14 x 13	
Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e desenhos inscritos no metal	

Foto 66	Descrição do artefato
	Tipo: tamanco
	Função: proteger os pés
	Lugar de origem: Gramado, distrito de Nova Palma
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: doado por Vicente e Gema Cargnin
	Fabricante: Ricardo Cargnin, tio do Padre Daniel
	Partes: várias = sola, cobertura, pregos
	Materiais: madeira e couro
	Medidas gerais (L x A x P): 27 x 6,5 x 23 (considerando o par)
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 67	Descrição do artefato
	Tipo: tamanco
	Função: proteger os pés
	Lugar de origem: Gramado, distrito de Nova Palma
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: doado por Vicente e Gema Cargnin
	Fabricante: Ricardo Cargnin, tio do Padre Daniel
	Partes: várias = sola, cobertura e pregos
	Materiais: madeira e couro
	Medidas gerais (L x A x P): 23 x 8 x 18
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 68	Descrição do artefato
	Tipo: cesta
	Função: armazenar bolachas e pães
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: Solenio Basso (pai falecido de Claudete Vestena)
	Partes: peça inteira
	Material: cipó e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 30 x 35 x 27
Marcas: desgaste pelo uso/tempo	

Foto 69	Descrição do artefato
	Tipo: cesta
	Função: armazenar pães
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: doada por Eusebio Balsan
	Partes: duas = recipiente e alça
	Material: vime e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 58 x 55 x 58
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e furos de cupim

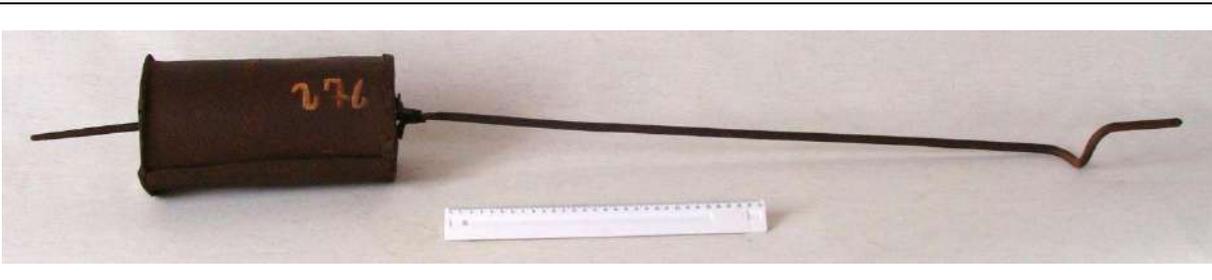
Foto 70	
	
Descrição do artefato	
Tipo: torrador	
Função: torrar café em grãos	
Lugar de origem: Novo Treviso, Faxinal do Soturno	
Data: início séc. XX	
Proprietário: doado por Ilário Ragagnin (falecido)	
Partes: três = reservatório e duas hastes	
Material: ferro	
Medidas gerais (L x A x P): 120 x 15 x 17	
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 71	Descrição do artefato
	Tipo: amassadeira
	Função: amassar pão
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: 1912/13
	Proprietárias: doada pelas irmãs do Sagrado Coração de Maria
	Partes: várias
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 146 x 92,5 x 56
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 72	Descrição do artefato
	Tipo: roda
	Função: proporcionar movimento à carreta
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietário: doada por Pio Ceolin (falecido)
	Partes: várias, com 14 aros e capacidade para 1,8 toneladas
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 141 x 141 x 36,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, resquícios de tinta branca e peculiaridade do eixo (imagem em detalhe)

<p>Foto 73</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: cestos e suporte</p> <p>Função: transportar alimentos (milho) e pertences pessoais a cavalo</p> <p>Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno</p> <p>Data: meados séc. XX</p> <p>Proprietário: doados por Solenio Basso (pai falecido de Claudete Vestena)</p> <p>Partes: várias = estrutura, dois cestos</p> <p>Materiais: madeira, taquara e cipó</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 127 x 70 x 60</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo</p>
---	---

<p>Foto 74</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: garrafa</p> <p>Função: armazenar vinagre</p> <p>Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno</p> <p>Data: meados séc. XX</p> <p>Proprietário: doada por Solenio Basso (pai falecido de Claudete Vestena)</p> <p>Partes: duas = reservatório e tampa</p> <p>Materiais: vidro e madeira</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 40 x 60 x 40</p> <p>Marcas: reflexo do ambiente e vidro esverdeado</p>
--	---

<p>Foto 75</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: prensa e cabo</p> <p>Função: prensar banha</p> <p>Lugar de origem: desconhecido</p> <p>Data: meados séc. XX</p> <p>Proprietário: desconhecido</p> <p>Partes: várias = quatro pernas, base, estrutura, manivela, lata, pregos</p> <p>Materiais: madeira, ferro e metal galvanizado</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 60 x 110 x 49</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, rebaixo na base para escorrer o excesso, envernizada após a aquisição e peculiaridade do encaixe das peças da estrutura (imagem em detalhe)</p>
---	---

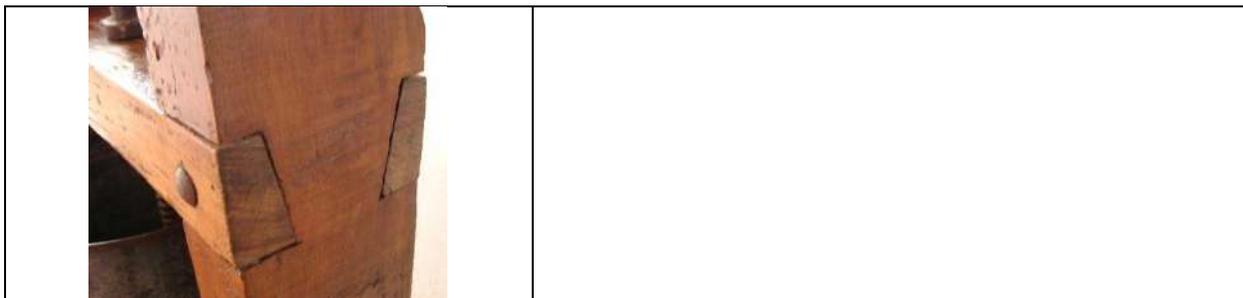


Foto 76	Descrição do artefato
	Tipo: cilindro
	Função: fazer massa seca
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: doado por Solenio Basso (pai falecido de Claudete Vestena)
	Partes: várias = cilindro, manivela, pegas, pregos
	Materiais: cobre, ferro e madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 49 x 45 x 12,5
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem

Foto 77 	Descrição do artefato Tipo: armadilha (gaiola e tampa) Função: apanhar/caçar animal Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno Data: início séc. XX Proprietário: doada por Aurélia Cargnin (falecida) Partes: várias Materiais: arame, ferro e madeira Medidas gerais (L x A x P): 54 x 76 x 115 Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem
---	---

Foto 78  	Descrição do artefato Tipo: ratoeira Função: apanhar rato Lugar de origem: Gramado, distrito de Nova Palma Data: início séc. XX Proprietários: doada por Vicente e Gema Cargnin Partes: várias = base, toca, tampa, pregos Materiais: madeira e ferro Medidas gerais (L x A x P): 27 x 21 x 18 Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, resquícios de verniz e peculiaridade da abertura (imagem em detalhe)
---	--

Foto 79	Descrição do artefato
	Tipo: ratoeira
	Função: apanhar rato ou outros animais de pequeno porte
	Lugar de origem: Gramado, distrito de Nova Palma
	Data: início séc. XX
	Proprietários: doada por Vicente e Gema Carginin
	Partes: várias = base, toca, tampa
	Materiais: madeira, ferro e alumínio
	Medidas gerais (L x A x P): 35 x 34 x 26
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem, resquícios de tinta verde e de verniz, e peculiaridade da abertura (imagem em detalhe)

Foto 80	Descrição do artefato
	Tipo: roca de fiar
	Função: fiar lã
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietário: doada por Pio Ceolin (falecido)
	Partes: várias = estrutura, roda, manivela
	Materiais: madeira e ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 113 x 77 x 73
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 81	Descrição do artefato
	Tipo: cavalete
	Função: auxiliar em tarefas diversas
	Lugar de origem: Gramado, distrito de Nova Palma
	Data: início séc. XX
	Proprietário: doado por Vicente e Gema Cargnin
	Partes: cinco = quatro pernas, bancada/travessa
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 75 x 66 x 57
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo

Foto 82	Descrição do artefato
	Tipo: cadeira
	Função: proporcionar assento
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: doada por Gentil Vendrame (falecido)
	Partes: várias = quatro pernas, travessas, encosto, corda
	Materiais: madeira e palha de capim
	Medidas gerais (L x A x P): 37 x 76 x 34
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo e resquícios de tinta verde e azul

Foto 83	Descrição do artefato
	Tipo: molde
	Função: moldar chapéu de palha de trigo
	Lugar de origem: Gramado, distrito de Nova Palma
	Data: início séc. XX
	Proprietários: doado por Vicente e Gema Cargnin
	Partes: peça inteira
	Materiais: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 16 x 17 x 15
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo

<p>Foto 84</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: cantil</p> <p>Função: armazenar e transportar água</p> <p>Lugar de origem: desconhecido</p> <p>Data: meados séc. XX</p> <p>Proprietário: desconhecido</p> <p>Partes: peça inteira</p> <p>Materiais: alumínio</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 12 x 19 x 11</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo</p>
---	--

<p>Foto 85</p>  	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: "sentinela" a carboreto</p> <p>Função: iluminar ambientes</p> <p>Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno</p> <p>Data: meados séc. XX</p> <p>Proprietárias: doada pelas Irmãs do Sagrado Coração de Maria</p> <p>Partes: várias = base, estrutura, manivela</p> <p>Materiais: latão</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 25 x 40 x 19</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e resquícios de tinta verde (imagem em detalhe)</p>
--	--

<p>Foto 86</p> 	<p>Descrição do artefato</p> <p>Tipo: funil</p> <p>Função: vaziar líquido (banha, vinho, vinagre, etc.) em recipiente</p> <p>Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno</p> <p>Data: meados séc. XX</p> <p>Proprietário: desconhecido</p> <p>Partes: peça inteira</p> <p>Material: latão</p> <p>Medidas gerais (L x A x P): 22,5 x 24 x 22,5</p> <p>Marcas: desgaste pelo uso/tempo, ferrugem e peculiaridade da emenda (imagem em detalhe)</p>
---	---



Foto 87	Descrição do artefato
	Tipo: grelha
	Função: apoiar alimentos para assar sobre o fogo
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietário: José Ragagnin, doada pelo filho Ivaldir (falecidos)
	Partes: várias
	Material: ferro
	Medidas gerais (L x A x P): 59,5 x 22 x 35
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 88	Descrição do artefato
	Tipo: pinico
	Função: depositar/aparar urina
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: doado pela Casa Paroquial
	Partes: duas = recipiente, alça
	Materiais: louça
	Medidas gerais (L x A x P): 25 x 11 x 23
Marcas: desgaste pelo uso/tempo e ferrugem	

Foto 89	Descrição do artefato
	Tipo: bengala
	Função: auxiliar no apoio da pessoa para caminhar
	Lugar de origem: Gramado, distrito de Nova Palma
	Data: início séc. XX
	Proprietários: doada por Vicente e Gema Cargnin
	Partes: peça inteira
	Material: madeira
	Medidas gerais (L x A x P): 14 x 85 x 4
Marcas: desgaste pelo uso/tempo	

Foto 90	Descrição do artefato
	Tipo: cama
	Função: móvel em que a pessoa deita-se para dormir/descansar
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: meados séc. XX
	Proprietário: doada pela família Meneguetti
	Partes: várias = cabeceira, peseira, estrutura, estrado de molas, travessas
	Materiais: madeira, arame
	Medidas gerais (L x A x P): 81 x 99,5 x 198
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo, resquícios de tingimento vermelho e de verniz, e peculiaridades da cabeceira e do estrado (imagens em detalhe)
	
	

Foto 91	Descrição do artefato
	Tipo: mala de garupa
	Função: armazenar e transportar pertences pessoais e alimentos
	Lugar de origem: Novo Treviso, distrito de Faxinal do Soturno
	Data: início séc. XX
	Proprietária: Irene Bellé (esposa de Atilio)
	Partes: peças costuradas; vários remendos
	Materiais: tecido e linha
	Medidas gerais (L x A x P): 0,3 x 50 (tecido dobrado ao meio como na foto) x 35
	Marcas: desgaste pelo uso/tempo